

Livro que deu
origem à série
BIG LITTLE LIES,
da **HBO**

intrínseca

LIANE MORIARTY

Autora de *O segredo do meu marido*

PEQUENAS GRANDES MENTIRAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Livro que deu
origem à série
BIG LITTLE LIES,
da **HBO**

intrínseca

LIANE MORIARTY

Autora de O segredo do meu marido

PEQUENAS GRANDES MENTIRAS



Liane Moriarty

Pequenas grandes mentiras

TRADUÇÃO DE
Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Liane Moriarty, 2013

TÍTULO ORIGINAL

Big Little Lies

PREPARAÇÃO

Flora Pinheiro

REVISÃO

Marcela de Oliveira

ARTE DA CAPA

© 2017 Home Box Office, Inc.

Todos os direitos reservados.

HBO® é uma marca de Home Box Office, Inc.

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-680-1

Edição digital: 2017

2ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Com amor, para Margaret

Bateu, bateu, agora vai beijar.

— CANTIGA DE PÁTIO DE ESCOLA

Escola Pública de Pirriwee
...onde vivemos e aprendemos junto ao mar!
A Pirriwee é uma ZONA LIVRE DE BULLYING!
Não praticamos bullying.
Não aceitamos sofrer bullying.
Nunca escondemos o bullying.
Temos *coragem* de falar se virmos
nossos amigos sofrendo bullying.
Dizemos NÃO aos praticantes de bullying!

1

— Pelo barulho, isso não é uma noite do concurso de perguntas na escola — disse a Sra. Patty Ponder a Maria Antonieta. — É um motim.

A gata não respondeu. Estava cochilando no sofá e não fazia questão de saber sobre concursos de perguntas.

— Não está interessada, hein? Que comam bolo! É isso que você está pensando? Eles realmente comem muito bolo, não é? Aquele monte de barraquinhas vendendo bolo. Minha nossa. Embora eu ache que nenhuma das mães coma aqueles bolos. Todas são muito magras e elegantes, não são? Que nem você.

Maria Antonieta recebeu o elogio com um sorrisinho de desdém. A piada do “que comam bolo” já era velha havia muito tempo, e ela ouvira recentemente um dos netos da Sra. Ponder dizer que era para ser “que comam brioche” e também que Maria Antonieta nunca dissera aquilo, para início de conversa.

A Sra. Ponder pegou o controle da TV e abaixou o volume de *Dancing with the Stars*. Ela havia aumentado mais cedo por causa do barulho da chuva forte, mas o aguaceiro acalmara.

Ela ouvia gritos. Berros furiosos retumbavam na noite calma e fria. A gritaria deixava a Sra. Ponder aflita, como se toda aquela fúria fosse dirigida a ela. (A Sra. Ponder fora criada por uma mãe furiosa.)

— Minha nossa. Será que estão discutindo por causa da capital da Guatemala? Sabe qual é a capital da Guatemala? Não? Nem eu. A gente devia procurar no Google. Não me dê esse sorrisinho.

Maria Antonieta fungou com desdém.

— Vamos ver o que está acontecendo — continuou a Sra. Ponder, agitada.

Ela estava nervosa e portanto agindo de modo inquieto diante da gata, como fazia com os filhos quando o marido não estava em casa à noite e ela ouvia algum barulho estranho do lado de fora.

A Sra. Ponder levantou-se com a ajuda do andador. Maria Antonieta deslizou o corpo ágil por entre as pernas da dona de modo reconfortante (a gata não estava acreditando na suposta agitação) enquanto a senhora empurrava o andador pelo corredor até os fundos

da casa.

Seu quarto de costura dava para o pátio da Escola Pública de Pirriwee.

“Mamãe, está maluca? Você não pode morar tão perto de uma escola primária”, dissera-lhe a filha quando a mulher tinha começado a pensar em comprar a casa.

Mas a Sra. Ponder adorava ouvir a algazarra das vozes das crianças ao longo do dia, e, como já não dirigia, não ligava a mínima se a rua ficava engarrafada com aqueles carros gigantesco que todos tinham nos dias atuais, com mulheres de óculos escuros enormes se inclinando por cima do volante para, aos gritos, dar informações urgentíssimas sobre o balé de Harriett e a fono de Charlie.

As mães dos dias atuais levavam o papel de mãe muito a sério. Aqueles rostinhos frenéticos. Aquelas figuras ocupadas pavoneando-se com roupas justas de ginástica ao entrar na escola. Rabos de cavalo balançando. Olhos grudados nos celulares que seguravam na palma da mão como bússolas. Era uma visão que fazia a Sra. Ponder rir. Mas de modo carinhoso. Suas três filhas, embora mais velhas, eram iguaizinhas. E eram todas muito bonitas.

“Como vai você?”, ela sempre perguntava se estava na varanda com uma xícara de chá ou regando o jardim da frente quando elas passavam.

“Ocupada, Sra. Ponder! Na correria!”, elas sempre respondiam, sem interromper o passo apressado, arrastando os filhos pelo braço. Elas eram agradáveis e simpáticas e só um pouquinho condescendentes porque não conseguiam evitar. Ela era tão velhinha! Aquelas mães eram tão ocupadas!

Os pais, e atualmente havia cada vez mais deles levando e buscando os filhos na escola, eram diferentes. Quase nunca tinham pressa, e passavam por ali num passo tranquilo e ritmado, com uma naturalidade calculada. Nada demais. Tudo sob controle, era a mensagem que tentavam transmitir. A Sra. Ponder ria carinhosamente para eles também.

Mas daquela vez parecia que os pais da Escola Pública de Pirriwee estavam se comportando mal. Ela foi até a janela e abriu a cortina de renda. A escola recentemente pagara a instalação de uma grade de proteção na janela depois que uma bola de críquete quebrara o vidro e quase nocauteara Maria Antonieta. (Um grupo de meninos do terceiro ano dera a Sra. Ponder um cartão de desculpas pintado à mão, e ela o prendera na porta da geladeira.)

Havia um prédio de arenito de dois andares do outro lado do parquinho com um salão de festas no segundo andar e uma grande varanda com vista para o mar. A Sra. Ponder comparecera a alguns eventos ali: uma palestra de uma historiadora local, um almoço

oferecido pelos Amigos da Biblioteca. Era um belíssimo salão. Às vezes, ex-alunos faziam as recepções de seus casamentos ali. Era onde ocorria o concurso de perguntas naquela noite. Estavam angariando fundos para comprar quadros interativos, o que quer que fosse isso. Naturalmente, a Sra. Ponder fora convidada. Sua proximidade da escola lhe dava um curioso status honorário, embora nenhuma de suas filhas ou netos tivesse estudado lá. Ela dissera “não, obrigada” ao convite. Não via sentido em eventos escolares sem os alunos.

As crianças se reuniam semanalmente no mesmo salão. Toda sexta-feira de manhã, a Sra. Ponder se instalava no quarto de costura com uma xícara de English Breakfast e um biscoito de gengibre. O som do canto das crianças no segundo andar do prédio sempre a fazia chorar. Ela nunca acreditara em Deus, salvo quando ouvia crianças cantando.

No momento não havia ninguém cantando.

A Sra. Ponder estava escutando muitas palavras de baixo calão. Ela não era pudica em relação a palavras de baixo calão — sua filha mais velha era bem boca suja —, mas era perturbador e desconcertante ouvir alguém gritando histericamente aquela palavra específica num lugar em que só se costumava ouvir risadas e gritos infantis.

— Vocês estão todos bêbados? — perguntou ela.

Sua janela com o vidro cheio de gotículas de chuva ficava no mesmo nível das portas de entrada do prédio, e, de repente, as pessoas começaram a sair em tropel. Holofotes iluminavam a calçada em volta da entrada como um palco preparado para uma peça. Nuvens de névoa intensificavam o efeito.

Era um espetáculo estranho.

Os pais da Escola Pública de Pirriwee tinham uma predileção esquisita por festas à fantasia. Não bastava terem uma noite normal de concurso de perguntas. Ela sabia pelo convite que algum gênio decidira torná-la uma noite de concurso de perguntas ao estilo “Audrey e Elvis”, o que significava que todas as mulheres tinham que se vestir de Audrey Hepburn e os homens, de Elvis Presley. (Este foi outro motivo que levou a Sra. Ponder a recusar o convite. Ela sempre detestara festas à fantasia.) Parecia que a interpretação mais popular de Audrey Hepburn era a de *Bonequinha de Luxo*. Todas as mulheres estavam usando vestidos pretos longos, luvas pretas e gargantilhas de pérolas. Enquanto isso, os homens haviam escolhido o visual dos últimos anos de Elvis. Usavam macacões brancos brilhantes com decotes vertiginosos. As mulheres ficaram lindas. Os coitados dos homens estavam ridículos.

Enquanto a Sra. Ponder assistia, um Elvis deu um murro no queixo de outro, que cambaleou para trás para cima de uma Audrey. Dois Elvis o agarraram por trás e o puxaram. Uma Audrey tapou a cara e virou para o lado, como se não conseguisse olhar. Alguém gritou: —

Parem com isso!

De fato. O que as suas lindas crianças pensariam?

— Será que devo chamar a polícia? — perguntou-se a Sra. Ponder em voz alta, mas então ouviu o gemido de uma sirene ao longe, ao mesmo tempo em que uma mulher na varanda começou a gritar sem parar.

Gabrielle: Não foi culpa das mães, sabe. Aquilo não teria acontecido sem os pais. Acho que *começou* com as mães. Fomos as atrizes principais, por assim dizer. As mães. Por falar nisso, odeio “mamãe”. É como se o “ma” fosse um peso a mais na palavra, deixando-a gorda. Todo mundo deveria usar apenas “mãe”. Aliás, tenho problemas com o meu corpo. Quem não tem, não é mesmo?

Bonnie: Foi apenas um terrível mal-entendido. As pessoas ficaram ofendidas, e tudo simplesmente fugiu do controle. Como costuma acontecer. A origem de todos os conflitos é o momento em que alguém se sente ofendido, não acha? Divórcios. Guerras mundiais. Ações judiciais. Bem, talvez não todas as ações judiciais. Gostaria de um chá de ervas?

Stu: Vou lhe contar exatamente por que isso aconteceu: *as mulheres não deixam as coisas para lá*. Não estou dizendo que os caras não tenham uma parte da culpa. Mas se as garotas não tivessem feito tempestade em copo d’água... E isso pode parecer machista, mas não é, é só um fato da vida. Pergunte a qualquer homem... não a algum tipinho da Nova Era intelectualoide metrossexual, um homem de verdade. Pergunte a um homem de verdade e ele lhe dirá que as mulheres são tipo as campeãs olímpicas de guardar ressentimentos. Você precisa ver a minha mulher. E ela nem é das piores.

Srta. Barnes: Pais superprotetores. Antes de eu começar na Escola Pública de Pirriwee, pensei que fosse exagero essa história de os pais se envolverem demais na criação dos filhos. Quer dizer, minha mãe e meu pai me amavam, se *interessavam* por mim quando eu era pequena, nos anos 1990, mas não eram, tipo, *obcecados* por mim.

Sra. Lipmann: É uma tragédia, e profundamente lamentável, e estamos tentando seguir em frente. Não tenho mais nada a comentar.

Carol: Eu responsabilizo o Clube do Livro Erótico. Mas é só o que eu acho.

Jonathan: Não há nada de erótico no Clube do Livro Erótico, isso até eu posso lhe dizer.

Jackie: Sabe de uma coisa? Vejo isso como uma questão feminista.

Harper: Quem disse que era uma questão feminista? Eu, hein! Vou lhe dizer o que deu início a tudo: o *incidente* no dia da orientação do

jardim de infância.

Graeme: No meu entender, isso remonta às mães que ficam em casa disputando com as mães que trabalham. Como chamam isso? A Guerra das Mães. Minha mulher não se envolveu. Ela não tem tempo para esse tipo de coisa.

Thea: Vocês, jornalistas, estão adorando a história da babá francesa. Ouvi alguém no rádio falar da “empregada francesa”, o que Juliette certamente não era. Renata também tinha uma governanta. Algumas mulheres têm sorte. Eu tenho quatro filhos, e nenhuma empregada para me ajudar! Claro, não tenho problemas com mães que trabalham, só me pergunto por que elas decidiram ter filhos, para início de conversa.

Melissa: Sabe o que acho que deixou todo mundo nervoso? Os piolhos. Ai, caramba, não me deixem começar a falar dos piolhos.

Samantha: Os piolhos? O que isso tem a ver? Quem lhe disse isso? Aposto que foi Melissa, não foi? Aquela pobre moça teve transtorno de estresse pós-traumático depois que os filhos foram infestados outra vez. Desculpe. Isso não tem graça. Não tem graça nenhuma.

Detetive Adrian Quinlan: Vou ser bem claro: isso não é um circo. É uma investigação de assassinato.

2

SEIS MESES ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

Quarenta. Madeline Martha Mackenzie estava completando quarenta anos.

— Tenho quarenta anos — disse ela em voz alta enquanto dirigia. Pronunciou a palavra em câmera lenta, como um efeito sonoro: — *Quareeenta*.

Encarou a filha pelo retrovisor. Chloe riu e imitou a mãe.

— Tenho cinco anos. *Ciiinco*.

— Quarenta! — trinou a mãe como uma cantora de ópera. — Tra la lá!

— Cinco! — trinou Chloe.

Madeline tentou uma versão em *rap*, batucando o ritmo no volante.

— Tenho quarenta, é, quarenta...

— Agora chega, mamãe — pediu Chloe, com firmeza.

— Desculpe — disse Madeline.

Ela estava levando Chloe para a orientação do jardim de infância — “Vamos nos preparar para o jardim!”. Não que Chloe precisasse de alguma orientação antes de começar a escola em janeiro. Ela já sabia muito sobre a Escola Pública de Pirriwee. Naquela manhã, na hora de saltar do carro, Chloe supervisionara o irmão, Fred, que era dois anos mais velho, mas muitas vezes parecia mais novo.

“Fred, você se esqueceu de botar a sua sacola de livros na cesta! Pronto. Bom garoto.”

Fred obedientemente jogara a sacola de livros na cesta apropriada antes de correr para dar uma gravata em Jackson. Madeline fingira não ver a gravata. Jackson provavelmente merecia. A mãe de Jackson, Renata, não vira, porque estava distraída conversando com Harper, ambas franzindo a testa com gravidade por causa do estresse de educar seus pequenos gênios. Renata e Harper frequentavam o mesmo grupo de apoio semanal para pais de crianças prodígios. Madeline imaginou todos eles sentados numa roda, torcendo as mãos, enquanto

os olhos brilhavam com o orgulho que sentiam no íntimo.

Enquanto Chloe estivesse dando ordens às outras crianças na orientação (ela era tão mandona que poderia ser considerada um prodígio, e com certeza um dia ocuparia a presidência de uma empresa), Madeline iria tomar um café e comer bolo com a amiga Celeste. Os filhos gêmeos de Celeste também iam entrar na escola no ano seguinte, portanto estariam impossíveis na orientação. (O talento dos meninos era gritar. Madeline ficava com dor de cabeça depois de cinco minutos na presença deles.) Celeste sempre comprava presentes de aniversário sofisticados e caríssimos, então seria ótimo. Depois disso, Madeline iria deixar Chloe na casa da sogra e almoçar com algumas amigas antes de todas elas correrem para buscar as crianças. O sol brilhava. Ela estava usando os seus deslumbrantes saltos agulhas novos da Dolce & Gabbana (comprados on-line, com trinta por cento de desconto). Seria um ótimo dia.

“Que comece o Festival de Madeline!”, dissera Ed, seu marido, aquela manhã, quando lhe levou café na cama. Madeline era famosa por gostar de aniversários e comemorações de todo tipo. Qualquer desculpa servia para tomar champanhe.

Mesmo assim. Quarenta.

Enquanto dirigia pelo trajeto familiar até a escola, ela pensou em sua magnífica idade. Sua opinião sobre os “quarenta” era a mesma de quando tinha quinze anos. Uma idade muito sem graça. Ilhada no meio de sua vida. Nada mais teria muita importância aos quarenta anos. A pessoa não teria sentimentos de verdade aos quarenta, estaria protegida deles por aquela idade tão antiquada.

Mulher de quarenta anos encontrada morta. Puxa vida.

Mulher de vinte anos encontrada morta. Que tragédia! Que tristeza! Encontrem o assassino!

Nos últimos tempos Madeline fora obrigada a modificar um pouco sua mentalidade ao ouvir algo no noticiário sobre a morte de uma mulher de quarenta anos. *Espere aí, essa poderia ser eu! Isso seria triste! As pessoas ficariam tristes se eu morresse! Arrasadas, até. Então, pronto, mundo obcecado pela juventude. Eu posso até ter quarenta anos, mas sou querida.*

Por outro lado, provavelmente era bastante natural ficar mais triste com a morte de uma pessoa de vinte anos do que com uma de quarenta. A de quarenta teria vivido vinte anos a mais. Por isso, se houvesse um atirador à solta, Madeline se sentiria na obrigação de se jogar na frente da pessoa de vinte anos. Levar um tiro em prol da juventude. Era muito justo.

Bem, ela se jogaria, se pudesse ter certeza de que era uma pessoa jovem legal. Não uma daquelas insuportáveis, como a jovem dirigindo o pequeno Mitsubishi azul na frente de Madeline. A garota nem se

dava o trabalho de disfarçar que estava usando o celular enquanto dirigia, provavelmente *mandando mensagens* ou atualizando o status no Facebook.

Está vendo? Aquela jovem nem notaria o atirador à solta! Estaria fitando o celular com o olhar vazio, enquanto Madeline se sacrificava por ela! Era um absurdo.

O pequeno carro parecia estar cheio de jovens. Pelo menos três atrás, movendo as cabeças para cima e para baixo, gesticulando. Aquilo era o pé de alguém? Era uma tragédia anunciada. Eles todos precisavam prestar atenção. Na semana anterior, Madeline tinha ido tomar um café rápido depois da aula de ginástica e lera uma reportagem no jornal sobre como os jovens estavam morrendo por mandar mensagens enquanto dirigiam. *A caminho. Quase chegando!* Essas eram suas últimas palavras tolas (e muitas vezes com erros de ortografia). Madeline chorara ao ver a foto da mãe desolada de uma adolescente, disparatamente mostrando o celular da filha para a câmera, como um aviso aos leitores.

— Esses idiotas — disse ela em voz alta quando o carro passou perigosamente para a outra pista.

— Quem é idiota? — perguntou a filha do banco de trás.

— A garota no carro à minha frente é uma idiota porque está dirigindo e usando o celular ao mesmo tempo — disse Madeline.

— Que nem quando você liga para o papai para dizer que a gente está atrasada? — perguntou Chloe.

— Só fiz isso uma vez! — protestou Madeline. — E fui muito cuidadosa e rápida. E eu tenho *quarenta* anos!

— Desde hoje — disse Chloe como quem sabia das coisas. — Você está fazendo quarenta anos hoje.

— Sim! E dei um telefonema rápido. Não mandei mensagem! A pessoa tem que tirar os olhos da rua para digitar. Fazer isso enquanto dirige é ilegal e muito feio, e você tem que prometer que nunca vai fazer isso quando for adolescente.

Sua voz tremeu um pouco ao imaginar Chloe adolescente dirigindo um carro.

— Mas dar um telefonema rápido a gente pode? — conferiu Chloe.

— Não! Isso é ilegal também — respondeu Madeline.

— Então quer dizer que você desobedeceu a lei — disse Chloe, com satisfação. — Como um *ladrão*.

Chloe estava apaixonada pela ideia de ladrões. Definitivamente ia sair com bad boys um dia. Bad boys em motocicletas.

— Namore apenas os bons rapazes, Chloe! — disse Madeline após um instante. — Como o papai. Os bad boys não levam café na cama, isso eu posso lhe garantir.

— Do que você está falando, mulher? — perguntou Chloe, com um

suspiro. Ela aprendera a expressão com o pai e imitava perfeitamente seu tom cansado. Como eles haviam cometido o erro de rir na primeira vez, ela continuava repetindo, usando a expressão com a frequência certa e o *timing* perfeito, de modo que eles não conseguiam deixar de rir.

Dessa vez, Madeline foi capaz de conter o riso. Ultimamente, Chloe estava no limite entre espirituosa e desagradável. Era provável que Madeline também se encontrasse no mesmo limite.

A mãe parou atrás do pequeno Mitsubishi azul no sinal vermelho. A jovem motorista *ainda* fitava o celular. Madeline buzinou. Viu a motorista olhar pelo retrovisor, enquanto todos os passageiros viravam para trás para ver.

— Largue o telefone! — berrou ela. Imitou o gesto de digitar uma mensagem batendo o dedo na palma da mão. — Isso é proibido! É perigoso!

A garota mostrou o dedo no clássico gesto ofensivo.

— Já chega! — Madeline puxou o freio de mão e ligou o pisca-alerta.

— O que você está fazendo? — perguntou Chloe.

Madeline soltou o cinto de segurança e abriu a porta do carro.

— Mas a gente tem que ir para a orientação! — exclamou a filha em pânico. — Vamos chegar atrasadas! Ai, *calamidade*!

“Ai, calamidade” era uma fala de um livro infantil que costumavam ler para Fred quando ele era pequeno. A família inteira dizia isso agora. Até os pais de Madeline pegaram o hábito, e algumas amigas dela. Era uma expressão muito contagiante.

— Está tudo bem — disse Madeline. — Isso só vai levar um segundo. Estou salvando jovens vidas.

Foi andando furiosa com seus saltos agulhas novos até o carro da garota e bateu no vidro.

A janela baixou, e a motorista passou de vulto indistinto a uma garota de verdade, branca, com uma argola reluzente no nariz e rímel mal aplicado todo empelotado. Ela olhou para Madeline com um misto de agressividade e medo.

— Qual é o seu *problema*?

Ela continuava segurando despreocupadamente o celular na mão esquerda.

— Largue esse telefone! Você pode se matar e matar os seus amigos! — disse Madeline com o mesmíssimo tom que usava com Chloe quando ela estava sendo malcriada. Enfiou a mão dentro do carro, pegou o celular e jogou-o para a garota boquiaberta no banco do carona. — Está bem? Pare com isso!

Ela ouviu a torrente de gargalhadas enquanto voltava para seu SUV. Não se importou. Sentia-se agradavelmente estimulada. Um carro

parou atrás do dela. Madeline sorriu, levantou a mão pedindo desculpas e voltou depressa para o seu carro antes que o sinal abrisse.

Seu pé falseou. Em um instante, ela estava andando direitinho, e, no seguinte, pisou em falso, virando o tornozelo em um ângulo terrivelmente errado. Ela se esborrachou de lado. Ai, calamidade!

Esse foi, quase com certeza, o instante em que a história começou.

Com um tornozelo torcido desajeitadamente.

Jane parou no sinal vermelho atrás de um SUV grande e reluzente com o pisca-alerta ligado e observou a mulher de cabelos escuros voltar depressa para o veículo. Ela usava um esvoaçante vestido de alcinha azul e sandálias bem altas de tiras, e acenou para Jane de modo amável, se desculpando. O sol da manhã bateu em um dos brincos da mulher, e o acessório brilhou como se ela tivesse sido tocada por algo celestial.

Uma perua. Mais velha que Jane, porém definitivamente uma perua. A vida inteira, Jane observara garotas assim com um interesse científico. Quem sabe com um pouquinho de espanto. Quem sabe com um pouquinho de inveja. Elas não eram necessariamente as mais bonitas, mas se enfeitavam de um jeito muito cuidadoso, como árvores de Natal, usando brincos de pingentes, pulseiras chocalhantes e echarpes inúteis. Encostavam muito no braço dos outros ao falar. A melhor amiga de Jane na escola havia sido uma perua. Jane tinha um fraco por elas.

Então a mulher caiu, como se tivessem puxado alguma coisa de debaixo dela.

— Ai — disse Jane, e desviou os olhos depressa para preservar a dignidade da mulher.

— Você se machucou, mamãe? — perguntou Ziggy do banco traseiro. Ele sempre estava muito preocupado com a possibilidade de ela se machucar.

— Não — respondeu Jane. — Aquela senhora ali se machucou. Ela tropeçou.

Jane esperou a mulher se levantar e voltar para o carro, mas ela continuava no chão. Estava com a cabeça para trás e seu rosto tinha aquela expressão contida de alguém que está sentindo muita dor. O sinal abriu, e um Mitsubishi azul pequeno que estava na frente do SUV arrancou cantando pneu.

Jane acionou a seta para ultrapassar o carro. Estavam indo para a orientação de Ziggy na escola nova, e ela não sabia direito o caminho.

Os dois estavam nervosos e fingindo não estar. Ela queria chegar lá com antecedência.

— A moça está bem? — perguntou Ziggy.

Jane sentiu aquela vertigem estranha que às vezes lhe atingia quando sua vida a distraía, e então, bem a tempo, algo (na maioria das vezes Ziggy) a fazia se lembrar da maneira adequada de um adulto normal e bem-educado se comportar.

Se não fosse por Ziggy, ela teria seguido em frente. Estava tão focada em levá-lo para a orientação do jardim de infância que teria *deixado uma mulher caída na rua, se contorcendo de dor*.

— Vou ver como ela está — disse Jane, como se essa fosse a sua intenção desde o início. Ligou o pisca-alerta e abriu a porta do carro, ciente de um sentimento de resistência egoísta. *Você é um estorvo, perua!* — Você está bem? — perguntou.

— Estou! — A mulher tentou sentar mais reta e gemeu, a mão no tornozelo. — Ai, merda. Torci o tornozelo, só isso. Sou uma *idiota*. Saltei do carro para mandar a garota na minha frente parar de digitar no celular. Bem que mereci, por bancar a inspetora de escola.

Jane se agachou ao lado dela. A mulher tinha um cabelo escuro com um belo corte na altura dos ombros e leves sardas no nariz. Havia algo esteticamente agradável naquelas sardas, como uma lembrança infantil do verão, que eram muitíssimo bem complementadas pelas ruguinhas em volta de seus olhos e pelos brincos com pingentes enormes.

A resistência de Jane desapareceu completamente.

Ela gostou da mulher. Queria ajudá-la.

(Mas, o que isso significava? Se a mulher fosse uma velha desdentada com o nariz cheio de verrugas, ela continuaria ressentida? Que injustiça. Que crueldade. Ela ia ser mais simpática com aquela mulher porque havia gostado das sardas dela.)

O vestido da mulher tinha um elaborado decote com flores bordadas. Jane conseguia ver a pele sardenta e bronzeada através das pétalas.

— Precisamos botar gelo nisso imediatamente — disse Jane. Ela entendia de lesões no tornozelo de seus tempos de *netball* e podia ver que o da mulher já estava começando a inchar. — E mantenha o pé para cima.

Ela mordeu o lábio e olhou em volta esperançosamente procurando outra pessoa. Não tinha ideia de como lidar com a logística de colocar aquilo em prática.

— É meu aniversário — anunciou a mulher com tristeza. — De quarenta anos.

— Feliz aniversário — parabenizou Jane.

Até que era fofo uma *quarentona* ainda se dar o trabalho de

mencionar que era seu aniversário.

Ela olhou para as sandálias de tiras da mulher. As unhas de seus pés estavam pintadas de um turquesa cintilante. Os saltos agulhas eram finos como palitos e perigosamente altos.

— Não me espanta que você tenha torcido o pé — disse Jane. — Ninguém conseguiria andar com essas sandálias!

— Eu sei, mas não são lindas? — A mulher virou o pé para admirá-las. — Ai! *Porra*, isso dói. Perdão. Desculpe o meu palavreado.

— Mamãe! — Uma garotinha de cabelos cacheados escuros, usando uma tiara brilhante, enfiou a cabeça para fora da janela do carro. — O que você está fazendo? Levanta! A gente vai se atrasar.

Mãe perua. Filha perua.

— Obrigada pela solidariedade, querida! — disse a mulher. Ela sorriu com amargura para Jane. — Estamos indo para a orientação de jardim de infância dela. Ela está muito empolgada.

— Na Escola Pública de Pirriwee? — perguntou Jane. Estava espantada. — Mas é para lá que eu vou. Meu filho, Ziggy, vai começar a escola ano que vem. Vamos nos mudar para cá em dezembro.

Não parecia possível que ela e a mulher tivessem algo em comum, nem que suas vidas pudessem se cruzar de alguma maneira.

— Ziggy! Como Ziggy Stardust? Que nome maravilhoso! — exclamou a mulher. — Eu sou Madeline, aliás. Madeline Martha Mackenzie. Sempre menciono o Martha por alguma razão. Não me pergunte por quê.

Ela estendeu a mão.

— Jane — apresentou-se. — Jane sem nome do meio Chapman.

Gabrielle: A escola acabou dividida. Foi, tipo, sei lá, uma guerra civil. Ou você era do Time Madeline ou do Time Renata.

Bonnie: Não, não. Que coisa horrível. Isso nunca aconteceu. Não houve *partidos*. Somos uma comunidade muito unida. Tinha muita bebida alcoólica. E era lua cheia. Todo mundo fica meio louco quando é lua cheia. Estou falando sério. É um fenômeno comprovado.

Samantha: Era lua cheia? Estava chovendo muito, me lembro disso. Meu cabelo estava todo armado.

Sra. Lipmann: Isso é ridículo e altamente difamatório. Sem comentários.

Carol: Sei que continuo reclamando do Clube do Livro Erótico, mas tenho certeza de que aconteceu alguma coisa numa das suas “reuniõezinhas”.

Harper: Olha, eu *chorei* quando soube que Emily era superdotada. Pensei: *lá vamos nós de novo!* Eu tinha passado por tudo isso antes com Sofia, então sabia o que me esperava! Renata estava no mesmo barco.

Dois filhos superdotados. Ninguém entende o estresse. Renata estava preocupada com a adaptação de Amabella na escola, querendo saber se ela seria suficientemente estimulada e assim por diante. Então aquela criança com aquele nome ridículo, aquele Ziggy, fez o que fez, e era só a manhã da orientação! Bem, ela ficou compreensivelmente muito aflita com isso. Foi assim que tudo começou.

Jane levava um livro para ler no carro enquanto Ziggy estivesse na orientação do jardim de infância, mas, em vez de ler, acompanhou Madeline Martha Mackenzie (parecia o nome de uma garotinha audaciosa de um livro infantil) a um café na orla chamado Blue Blues.

O café era um prediozinho disforme e engraçado, quase como uma caverna, bem no calçadão ao lado da Praia de Pirriwee. Madeline foi mancando descalça, sem vergonha de se apoiar no ombro de Jane, como se elas fossem velhas amigas. Aquilo dava uma sensação de intimidade. Jane sentia o cheiro do perfume de Madeline, algo cítrico e delicioso. Nenhum outro adulto encostara muito em Jane nos últimos cinco anos.

Assim que elas abriram a porta do café, um homem mais ou menos jovem saiu de trás do balcão, com os braços abertos. Estava todo de preto, tinha cabelo cacheado louro de surfista e um piercing no nariz.

— Madeline! O que houve?

— Estou gravemente ferida, Tom — explicou ela. — E é meu aniversário.

— Ai, calamidade! — exclamou Tom.

Ele piscou para Jane.

Enquanto Tom acomodava Madeline em uma mesa com sofazinhos, trazendo-lhe gelo embrulhado em um pano de prato e colocando a perna dela para cima em uma cadeira com almofada, Jane examinou o local. Era “muito encantador”, como diria sua mãe. Ao longo das paredes irregulares de um tom forte de azul, havia prateleiras cheias de livros usados. As tábuas do assoalho de madeira tinham um brilho dourado sob a luz da manhã, e Jane aspirou uma mistura inebriante de café, uma fornada de pão, mar e livros antigos. A parte da frente do café era toda envidraçada, e os assentos tinham sido dispostos de tal forma que, de qualquer lugar, o cliente podia ver a praia, como se estivesse lá para observar o mar dar um espetáculo. Quando olhou em volta, Jane sentiu aquele incômodo que muitas vezes a atingia quando estava em algum lugar novo e agradável. Ela não conseguia verbalizar

bem de outro jeito que não fosse com as palavras *Quem me dera estar aqui*. O pequeno café na orla era tão perfeito, ela queria mesmo estar lá — só que, claro, ela *estava* lá, então aquilo não fazia muito sentido.

— Jane? O que posso pedir para você? — perguntou Madeline. — Estou lhe oferecendo um café e o que mais você quiser para lhe agradecer por tudo! — Virou-se para o barista atencioso. — Tom! Essa é Jane! Ela é o meu cavaleiro de armadura reluzente. Minha cavaleira.

Jane levava Madeline e a filha para a escola, depois de estacionar, mesmo nervosa, o enorme carro de Madeline em uma rua lateral. Pegara para Chloe uma cadeirinha sobressalente no banco traseiro do SUV e a colocara no banco do seu pequeno Honda, ao lado de Ziggy.

Aquilo fora um projeto. Uma pequena crise superada.

O fato de Jane ter achado o incidente todo um pouquinho emocionante era um triste indício de sua vida sem graça.

Ziggy também ficara de olhos arregalados e inibido com a novidade de ter outra criança com ele no banco de trás do carro, especialmente uma tão animada e carismática quanto Chloe. A menininha tinha conversado sem parar o caminho inteiro, explicando tudo que Ziggy precisava saber sobre a escola, e quem seriam as professoras, e como eles tinham que lavar as mãos antes de entrar na sala de aula, usando só *uma* toalha de papel para secá-las, e onde eles se sentavam para almoçar, e que não os deixavam comer manteiga de amendoim, porque algumas pessoas tinham alergia e podiam *morrer*, e ela já tinha sua merendeira com Dora, a Aventureira na tampa, e o que a de Ziggy tinha?

— O Buzz Lightyear — respondera Ziggy na mesma hora, com educação, contando uma mentira deslavada, pois Jane ainda não havia comprado a merendeira dele, nem tinham conversado sobre a necessidade de uma. Por enquanto, ele ia para a creche três vezes por semana, e as refeições eram fornecidas lá. Preparar um almoço para a merendeira seria novidade para Jane.

Quando chegaram à escola, Madeline ficara no carro enquanto Jane levava as crianças para dentro. Na verdade, Chloe os levava para dentro, andando na frente com um passo decidido, a tiara brilhando sob o sol. A certa altura, Ziggy e Jane haviam se entreolhado como se para dizer: *Quem são essas pessoas maravilhosas?*

Jane andara um pouco nervosa com a manhã da orientação de Ziggy, ciente de que precisaria esconder o nervosismo do filho, porque ele tinha tendência a ficar ansioso. Parecia que ela estava começando um trabalho novo: seu trabalho como mãe de escola primária. Haveria regras, papelada e procedimentos a aprender.

No entanto, entrar na escola com Chloe foi como chegar com um ingresso VIP. Duas outras mães os abordaram na mesma hora.

— Chloe, cadê a sua mãe?

Depois elas se apresentaram a Jane, que tinha uma história para contar sobre o tornozelo de Madeline, e, em seguida, a professora do jardim de infância, a Srta. Barnes, quis ouvir, e Jane se viu no centro das atenções, o que era bem agradável, para ser sincera.

A escola em si era linda, encarapitada no alto do promontório, de modo que o azul do mar distante parecia estar sempre brilhando na visão periférica de Jane. As salas de aula ficavam em prédios baixos e compridos de arenito, e o parquinho arborizado parecia ter vários lugares secretos e encantadores para estimular a imaginação: esconderijos entre as árvores, trilhas cobertas até um pequeno labirinto para crianças.

Quando ela fora embora, Ziggy estava entrando em uma sala de aula de mãos dadas com Chloe, o rostinho corado e feliz, e Jane voltara para o carro, sentindo-se corada e feliz também, e lá estava Madeline no banco do carona, acenando e sorrindo encantada, como se Jane fosse sua grande amiga, e Jane sentira o alívio de alguma coisa indefinida, um relaxamento.

No momento, estava sentada ao lado de Madeline no Blue Blues e esperava o café chegar, observando o mar e sentindo o sol no rosto.

Talvez a mudança para lá fosse o começo de alguma coisa, ou o fim, o que seria melhor ainda.

— Minha amiga Celeste vai chegar daqui a pouco — informou Madeline. — Talvez você a tenha visto na escola, deixando os filhos. Dois lourinhos endiabrados. Ela é alta, loura, linda e perturbada.

— Acho que não — disse Jane. — Por que ela é perturbada, se é alta, loura e linda?

— Exatamente — concordou ela, como se isso respondesse à pergunta. — Ela também tem um marido rico igualmente deslumbrante. Eles ainda andam de mãos dadas. *E* ele é simpático. Compra presentes para *mim*. Sinceramente, não sei como ainda sou amiga dela. — Madeline olhou o relógio. — Ah, ela não tem jeito. Sempre atrasada! Enfim, vou começar seu interrogatório enquanto esperamos. — Ela se inclinou para a frente e deu toda a sua atenção a Jane. — Você é nova na península? Nunca vi você por aqui. Com filhos da mesma idade, acho que a gente teria se encontrado nas aulas de estimulação para bebês ou na hora de contar história.

— Vamos nos mudar para cá em dezembro — explicou Jane. — Estamos morando em Newton no momento, mas resolvi que seria bom morar perto da praia por uns tempos. Foi puro capricho, eu acho.

A expressão “puro capricho” lhe veio do nada, e tanto lhe agradou quanto a constrangeu.

Ela tentou transformar aquilo em uma história sobre um capricho, como se ela fosse de fato uma garota dada a essas coisas. Contou a Madeline que um dia, uns meses atrás, havia levado Ziggy à praia,

visto a placa de aluguel na frente de um prédio e pensado: *Por que não morar perto da praia?*

Não era mentira, afinal. Não exatamente.

Um dia na praia, ela ficara repetindo para si mesma, enquanto descia aquela longa estrada vertiginosa, como se alguém estivesse ouvindo os seus pensamentos, questionando os seus motivos.

A Praia de Pirriwee era uma das dez praias mais belas do mundo! Ela vira isso em algum lugar. Seu filho merecia ver uma das dez mais belas praias do mundo. Seu filho *lindo, extraordinário*. Ela continuava olhando para ele pelo retrovisor, com uma dor no peito.

Não contou a Madeline que, enquanto eles voltavam de mãos dadas para o carro, cheios de areia e com a pele grudenta, a palavra “socorro” gritava em silêncio em sua cabeça, como se ela estivesse implorando por alguma coisa: uma solução, uma cura, um alívio. Alívio de quê? Cura de quê? Solução de quê? Ela ficara ofegante. Sentira gotas de suor no alto da testa.

Foi então que vira a placa. O contrato de aluguel do apartamento em Newton estava terminando. O dois quartos ficava em um prédio feio e sem alma com tijolos aparentes, mas só a cinco minutos da praia. “E se a gente se mudasse para cá?”, perguntara ela ao filho, e os olhos dele se iluminaram, e de repente parecera que o apartamento era exatamente a solução para o que quer que houvesse de errado com ela. Uma mudança radical, diziam as pessoas. Por que ela e Ziggy não poderiam fazer uma mudança radical?

Ela não contou a Madeline que desde que Ziggy nascera ela vinha alugando apartamentos diferentes com contrato de seis meses por Sydney afora, tentando encontrar uma vida que desse certo. Não contou que, talvez o tempo todo, estivesse rondando cada vez mais perto da Praia de Pirriwee.

E não contou a Madeline que, quando saiu do escritório da imobiliária após ter assinado o contrato, notou pela primeira vez o tipo de gente que morava na península — de pele bronzeada e cabelo de praia, o tipo de pessoa que surfava antes do café da manhã, que se orgulhava de seu corpo — e então pensara nas próprias pernas branqueadas por baixo da calça jeans, e depois pensara em como seus pais ficariam nervosos ao dirigir naquela estrada sinuosa da península, o pai com os nós dos dedos brancos no volante, mas sem se queixar, e de repente Jane teve certeza de que acabara de cometer um erro terrível e imperdoável. Mas já era tarde.

— Então aqui estou eu — terminou, sem convicção.

— Você vai adorar — disse Madeline, com entusiasmo. Ajeitou o gelo no tornozelo e fez uma careta. — Ai. Você surfa? E o seu marido? Ou seu companheiro, eu devia dizer? Namorado? Namorada? Estou aberta a todas as possibilidades.

— Nada de marido — revelou Jane. — Nada de companheiro. Sou só eu. Sou mãe solteira.

— É? — disse Madeline, como se Jane tivesse acabado de anunciar algo bastante ousado e maravilhoso.

— Sou — confirmou Jane, com um sorriso bobo.

— Bem, sabe, as pessoas gostam de esquecer isso, mas *eu* fui mãe solteira — disse Madeline. Empinou o queixo, como se estivesse se dirigindo a um grupo de pessoas que discordavam dela. — O meu ex me largou quando minha filha mais velha, Abigail, era bebê. Ela está com quatorze anos. Eu também era bem jovem, como você. Tinha só vinte e seis anos. Embora me achasse mais para lá do que para cá. Foi difícil. Ser mãe solteira é *difícil*.

— Bom, eu tenho a minha mãe e...

— Ah, claro, claro. Não estou dizendo que eu não tinha apoio. Eu tinha os meus pais para me ajudar também. Mas, meu Deus, havia algumas noites, quando Abigail estava doente, ou quando eu ficava doente, ou pior, quando nós duas ficávamos doentes, e... Enfim. — Madeline parou e deu de ombros. — O meu ex se casou de novo. Eles têm uma filhinha da mesma idade de Chloe, e Nathan virou o pai do ano. Os homens costumam fazer isso quando têm uma segunda chance. Abigail acha o pai maravilhoso. Eu sou a única ainda ressentida. Dizem que não é bom guardar ressentimentos, mas sei lá, eu bem que gosto do meu ressentimento. Cuido dele como se fosse um bichinho de estimação.

— Também não gosto muito de perdoar — disse Jane.

Madeline riu e apontou a colher de chá para ela.

— Bom para você. Nunca perdoar. Nunca esquecer. É o meu lema.

Jane não conseguia perceber até que ponto a mulher estava brincando.

— Então, e o pai de Ziggy? — continuou Madeline. — Ele se envolve de alguma maneira?

Jane não pestanejou. Ela tivera cinco anos de prática. Sentiu-se ficar muito calma.

— Não. Nós não estávamos realmente juntos. — Sua fala foi dita com perfeição. — Eu nem sabia o nome dele. Foi uma... — Hora de parar. Fazer uma pausa. Desviar o olhar como se fosse incapaz de fazer contato visual. — Uma... uma relação casual.

— Você quer dizer um caso de uma noite só? — perguntou Madeline imediatamente, de um jeito solidário, e Jane quase riu, surpresa.

A maioria das pessoas, especialmente da idade de Madeline, reagia com uma expressão delicada e ligeiramente desagradável que dizia *entendi, e isso não me incomoda, mas agora classifico você como outro tipo de gente*. Jane nunca se ofendia com o desagrado delas. Também

achava aquilo desagradável. Só queria encerrar o assunto de uma vez por todas, e quase sempre era o que acontecia. Ziggy era Ziggy. Não havia pai. Bola para a frente.

“Por que você não diz simplesmente que se separou do pai?”, perguntara sua mãe no início.

“As mentiras ficam cada vez mais complicadas, mãe”, dissera Jane. Sua mãe não tinha experiência com mentiras. “Desse jeito a gente encerra o assunto.”

— Eu me lembro de casos de uma noite só — revelou Madeline com nostalgia. — As coisas que fiz nos anos 1990. Minha nossa. Espero que Chloe nunca descubra. Ai, calamidade. Foi divertido?

Jane custou um pouco a entender a pergunta. Madeline queria saber se *o caso de uma noite só tinha sido divertido*.

Por um momento, Jane voltou para o elevador, uma bolha de vidro subindo silenciosamente no centro do hotel. A mão dele segurando a garrafa de champanhe pelo gargalo. A outra nas costas dela, puxando-a para a frente. Os dois riam muito. Pequenas rugas surgiam nos cantos dos olhos dele. Ela estava fraca de tanto rir e de desejo. Cheiros caros.

Jane pigarreou.

— Acho que foi divertido.

— Desculpe — disse Madeline. — Eu fui leviana. Foi porque estava pensando na minha juventude leviana. Ou talvez porque você seja tão jovem e eu, tão velha, e eu esteja tentando ser legal. Quantos anos você tem? Se importa de eu perguntar?

— Vinte e quatro — respondeu Jane.

— Vinte e quatro. — Madeline suspirou. — Faço quarenta hoje. Eu já lhe disse isso, não? Você deve achar que nunca vai fazer quarenta, não é?

— Bem, eu *espero* fazer quarenta.

Ela já tinha notado como as mulheres de meia-idade eram obcecadas pelo assunto, sempre rindo e se queixando disso, sem nunca deixar o tópico de lado, como se o processo de envelhecimento fosse um quebra-cabeça complicado que elas estivessem tentando resolver. Por que ficavam tão desconcertadas? As amigas da mãe de Jane pareciam não ter outro assunto, pelo menos não quando falavam com ela. “Ah, você é tão jovem e linda, Jane.” (Quando obviamente ela não era. Era como se pensassem que uma coisa acompanhava a outra: se você era jovem, então era linda!) “Ah, você é tão jovem, Jane, vai conseguir consertar meu telefone/meu computador/minha câmera.” (Quando, na verdade, muitas amigas de sua mãe entendiam mais de tecnologia do que ela.) “Ah, você é tão jovem, Jane, tem muita energia.” (Mas ela estava muito, muito cansada.)

— E, olha, como você se sustenta? — perguntou Madeline de um

jeito preocupado, empertigando-se na cadeira, como se esse fosse um problema que ela precisasse resolver naquele minuto. — Você trabalha?

Jane assentiu.

— Sou autônoma e trabalho como guarda-livros *freelance*. Estou com uma boa base de clientes, muitas empresas pequenas. Sou rápida. Então entrego o trabalho depressa. Paga o aluguel.

— Garota esperta — disse Madeline, em tom de aprovação. — Eu também me sustentava quando Abigail era pequena. Quase sempre. De vez em quando Nathan se animava e enviava um cheque. Era difícil, mas também era mais ou menos gratificante, como se eu estivesse mandando um foda-se. Você entende.

— Claro — disse Jane. Mas a vida dela como mãe solteira não implicava mandar um foda-se para ninguém. Ou pelo menos não do jeito que Madeline queria dizer.

— Você com certeza vai ser uma das mães mais jovens do jardim de infância — observou Madeline. Tomou um gole de café e riu maldosamente. — Você é ainda mais jovem que a encantadora nova mulher do meu marido. Promete que não vai fazer amizade com ela? Eu cheguei primeiro.

— Tenho certeza de que nem vou encontrar com ela — respondeu Jane, confusa.

— Ah, vai — disse Madeline com uma careta. — A filha dela está começando o jardim de infância junto com Chloe. Dá para imaginar?

Jane não conseguia imaginar.

— As mães com filhos no jardim vão todas tomar café juntas, e lá estará a mulher do meu ex-marido sentada do outro lado da mesa, bebericando o chá de ervas dela. Não se preocupe, não vai ter nenhuma briga. Infelizmente é tudo muito chato, amigável e superadulto. Bonnie até me cumprimenta com um beijinho. Ela gosta de ioga, chacas e essa merda toda. Você sabe que todo mundo deveria odiar a madrastra má, não é? Pois a minha filha *adora* Bonnie. Ela é muito “calma”, sabe? O contrário de mim. Fala com uma daquelas vozes macias... doces... melodiosas que nos dão vontade de socar uma parede.

Jane riu da imitação de Madeline de uma voz doce e melodiosa.

— Você provavelmente vai fazer amizade com Bonnie — disse Madeline. — É impossível odiá-la. Sou muito boa em odiar os outros, e até eu acho difícil. Realmente tenho que me empenhar de corpo e alma.

Ela moveu o gelo no tornozelo de novo.

— Quando souber que torci o tornozelo, Bonnie vai preparar algo para eu comer. Ela adora qualquer desculpa para me trazer uma refeição caseira. Provavelmente porque Nathan contou a ela que sou

péssima cozinheira, e ela quer esfregar isso na minha cara. Mas a pior coisa em Bonnie é que tem grande chance de ela não estar realmente esfregando nada na nossa cara. Ela só é de uma simpatia anormal. Eu adoraria jogar as comidas que ela prepara no lixo, mas são gostosas demais. Meu marido e minhas filhas me matariam.

A expressão de Madeline mudou. Ela deu um sorriso caloroso e acenou.

— Ah! Ela finalmente chegou! Celeste! Aqui! Venha ver o que eu fiz!

Jane ergueu os olhos e desanimou na hora.

Aquilo não deveria ser importante. Ela sabia que não deveria. Mas a verdade era que algumas pessoas eram lindas de um jeito tão inaceitável, ofensivamente bonitas, que a deixava com vergonha. A sua inferioridade ficava evidente para o mundo ver. *Aquela* era a aparência que uma mulher devia ter. Exatamente aquela. Ela estava certa, e Jane estava errada.

Você é uma gorda feiosa, dizia insistentemente uma voz em seu ouvido com um bafo quente e fétido.

Jane estremeceu e tentou sorrir para a mulher escandalosamente linda andando em direção a elas.

—

Thea: Presumo que a essa altura você já tenha ouvido dizer que Bonnie está casada com Nathan, o ex-marido de Madeline. Então, foi complicado. Talvez você queira investigar isso. Não estou lhe dizendo como fazer o seu trabalho, é claro.

Bonnie: Isso não teve absolutamente *nada* a ver com *nada*. Nós nos damos muito bem. Hoje de manhã mesmo deixei uma lasanha vegetariana na porta deles para o pobre do marido dela.

Gabrielle: Eu era nova na escola. Não conhecia ninguém. “Ah, somos uma escola muito solidária”, me dissera a diretora. Blá-blá-blá. Vou lhe dizer, a primeira coisa que pensei quando entrei naquele parquinho no dia da orientação do jardim de infância foi *panelinha*. Panelinha, panelinha, panelinha. Não me surpreende que alguém tenha acabado morto. Ah, tudo bem. Acho que estou exagerando. Fiquei um pouquinho surpresa.

Celeste empurrou a porta de vidro do Blue Blues e logo viu

Madeline. Ela estava dividindo uma mesa com uma jovem baixinha e magra de saia jeans azul e camiseta branca lisa com decote em V. Celeste não reconheceu a moça. Ficou muito desapontada.

“Só nós duas”, dissera Madeline.

Celeste reajustou suas expectativas sobre a manhã. Respirou fundo. Nos últimos tempos, notara algo estranho acontecendo quando falava com pessoas em grupos. Não conseguia se lembrar bem de como *agir*. Ela se via pensando: *Será que ri muito alto? Será que me esqueci de rir? Será que já falei isso?*

Por alguma razão, quando eram só ela e Madeline, não tinha problema. Conhecia Madeline havia muito tempo. Sua personalidade parecia intacta quando estavam só elas duas.

Talvez ela precisasse de um tônico. Era o que sua avó teria dito. O que era um tônico?

Celeste foi ziguezagueando por entre as mesas em direção a elas. As duas ainda não a tinham visto. Estavam entretidas com a conversa. Ela via bem o perfil da moça. Era muito jovem para ter um filho na escola. Devia ser uma babá ou uma *au pair*. Provavelmente uma *au pair*. Talvez fosse europeia. E não conseguisse se comunicar direito. Isso explicaria o jeito um pouco rígido como estava sentada, como se precisasse se concentrar. Claro, talvez ela não tivesse nada a ver com a escola. Madeline transitava com desenvoltura por dezenas de círculos sociais superpostos, fazendo tanto amigos como inimigos vitalícios pelo caminho. Provavelmente mais dos últimos. Madeline amava conflitos, e nada a deixava mais feliz do que se sentir indignada.

Quando Madeline viu Celeste seu rosto se iluminou. Uma das melhores coisas na amiga era o jeito que seu rosto se transformava ao vê-la, como se não houvesse ninguém no mundo que ela preferisse ver.

— Olá, aniversariante! — exclamou Celeste.

A companheira de Madeline virou-se na cadeira. Seu cabelo

castanho estava dolorosamente preso para trás, como se ela integrasse o Exército ou a polícia.

— O que houve, Madeline? — perguntou Celeste ao chegar perto o suficiente para ver a perna dela apoiada na cadeira. Sorriu educadamente para a garota, que pareceu se encolher como se Celeste tivesse dado uma risadinha irônica, e não um sorriso. (Ih, caramba, ela *havia* sorrido para ela, não?)

— Essa é Jane — apresentou Madeline. — Ela me resgatou no meio-fio depois que torci o pé tentando salvar a vida de uns jovens. Jane, essa é Celeste.

— Oi — disse Jane.

Havia alguma coisa nua e crua no rosto de Jane, como se a pele tivesse sido esfregada com muita força. Ela estava mascando chiclete quase sem mover a mandíbula, como se fosse um segredo.

— Jane tem um filho no jardim de infância — disse Madeline quando Celeste se sentou. — Como você. Então é minha responsabilidade atualizar as duas sobre tudo que precisam saber a respeito da política escolar da Escola Pública de Pirriwee. É um campo minado, meninas. Um campo minado, eu lhes digo.

— Política escolar? — Jane franziu a testa e usou as mãos para puxar com força o rabo de cavalo, ficando com o cabelo ainda mais esticado. — Eu não vou me envolver com política escolar.

— Nem eu — concordou Celeste.

—

Jane sempre se lembraria de como fora temerária naquele dia fazendo uma provocação aos céus. “Não vou me envolver com política escolar”, dissera, e a ouviram lá em cima e não gostaram de sua atitude. Segura demais. “Vamos ver”, responderam, e então deram uma boa e velha gargalhada às suas custas.

—

O presente de aniversário dado por Celeste foi um jogo de taças de champanhe de cristal Waterford.

— Ai, meu Deus, adorei. São absolutamente deslumbrantes — disse Madeline. Tirou com cuidado uma da caixa e ergueu-a na luz, admirando o desenho intrincado de minúsculas luas. — Devem ter custado uma pequena fortuna.

Ela quase disse: *Graças a Deus você é tão rica, querida*, mas se conteve a tempo. Teria dito isso se estivessem só as duas, mas era de se imaginar que Jane, uma jovem mãe solteira, não tivesse uma

situação muito confortável e, naturalmente, era indelicado falar de dinheiro na frente dos outros. Madeline sabia disso, de verdade. (Dizia isso mentalmente para o marido, em tom defensivo, porque era ele quem vivia lhe lembrando das normas sociais que ela insistia em desrespeitar.)

Por que tinham que ficar tão cheios de dedos ao falar do dinheiro de Celeste? Parecia até que riqueza era uma doença constrangedora. Era a mesma coisa com a beleza de Celeste. Estranhos olhavam para ela do mesmo jeito furtivo com que olhavam para pessoas com um membro faltando, e se Madeline mencionasse a aparência de Celeste, a amiga reagia com algo parecido com vergonha. “Shhh”, dizia ela, olhando em volta receosa para o caso de alguém ter ouvido. Todo mundo queria ser rico e bonito, mas os ricos e bonitos de verdade tinham que fingir ser iguaizinhos às pessoas comuns. Ah, que mundo engraçado.

— Então, política escolar, meninas — disse Madeline enquanto guardava cuidadosamente a taça na caixa. — Vamos começar de cima com as Louras de Corte Chanel.

— As Louras de Corte Chanel? — Celeste estreitou os olhos como se tivesse um teste depois.

— As Louras de Corte Chanel mandam na escola. Quem quiser entrar para a Associação de Pais e Mestres tem que ter um corte chanel louro — contou Madeline, demonstrando com a mão o corte exigido. — É a lei.

Jane riu, uma risadinha seca, e Madeline se viu desesperada para fazê-la rir de novo.

— Não deve ser louro oxigenado, é claro. Deve ser um louro caro, e então você faz aquele corte típico de “mãe”, que parece um capacete.

— Você está sendo má. — Celeste deu-lhe um tapinha de leve no braço.

— Não estou! — protestou Madeline. — Adoro aquele penteado! Eu disse a Lucy Ponder que quando estiver preparada para me candidatar para a APM ela pode fazer em mim o corte chanel louro aprovado. — Ela se virou para Jane. — Lucy Ponder é a cabeleireira daqui, e é filha da senhora que mora na casa com vista para o parquinho da escola. Em Pirriwee, todo mundo se conhece.

— É mesmo? — disse Jane. Um lampejo de um sentimento tanto de esperança quanto de medo passou pelo seu rosto, e ela olhou rapidamente por cima do ombro.

— Tudo bem, estamos em segurança, nada de Louras de Corte Chanel à vista — comentou Madeline.

— Então as Louras de Corte Chanel são simpáticas? — perguntou Celeste. — Ou a gente tem que passar longe?

— Bom, elas são bem-intencionadas — disse Madeline. — Muito

bem-intencionadas. Elas são como... Hum, *como* elas são? — Tamborilou na mesa, tentando pensar na maneira correta de descrever as Louras de Corte Chanel. — Elas são como monitoras de mães. Muito empenhadas em seus papéis de mães com filhos na escola. Isso é como se fosse a religião delas. São mães fundamentalistas.

— Você está exagerando — afirmou Celeste.

— Claro que estou — concordou Madeline.

— Alguma das mães com filhos no jardim de infância é uma Loura de Corte Chanel? — perguntou Jane.

— Vejamos... — começou Madeline. — Ah, sim, Harper. Ela é a típica Loura de Corte Chanel. É da APM e tem uma filha abominavelmente superdotada com uma leve alergia a nozes. Então ela faz parte do *Zeitgeist*, sortuda.

— Ora, Madeline, não há nada de errado em ter um filho com alergia a nozes — observou Celeste.

— Eu sei — disse Madeline. Ela sabia que estava ficando muito exibida por conta do desejo de fazer Jane rir. — Estou brincando. Vamos ver. Quem mais? Tem Carol Quigley. Ela é tipo uma aprendiz de Loura de Corte Chanel. Não é loura o bastante. Ainda não pertence de fato à APM, mas faz a parte dela pela escola mantendo-a limpa. Tem mania de limpeza. Entra e sai correndo da sala de aula com um desinfetante.

— Ela não faz isso — disse Celeste.

— Faz, sim.

— E os pais?

Jane abriu um pacote de chiclete e pôs mais um furtivamente na boca como se fosse um contrabando. Ela parecia viciada em chiclete, embora não fosse possível realmente vê-la mascando. Não olhou nos olhos de Madeline quando fez a pergunta. Será que estava torcendo para conhecer um pai solteiro?

— Bem, ouvi dizer que este ano temos no jardim de infância pelo menos um pai que não trabalha — disse Madeline. — A mulher é importante no mundo corporativo. Jackie alguma coisa. Ela é CEO de um banco, acho.

— Jackie Montgomery? — sugeriu Celeste.

— Isso.

— Nossa — murmurou Celeste.

— Provavelmente nunca vamos vê-la. É difícil para as mães que trabalham em período integral. Quem mais trabalha em período integral? Ah. Renata. Ela trabalha com alguma coisa que tem a ver com finanças, ações ou, sei lá, derivativos? Isso existe? Ou vai ver ela é analista. Acho que é isso. Ela analisa coisas. Toda vez que peço a ela para me explicar o que faz, me esqueço de prestar atenção. Os filhos dela também são gênios. Óbvio.

— Então Renata é uma Loura de Corte Chanel? — perguntou Jane.

— Não, não. Ela é uma executiva. Tem uma babá em tempo integral. Acho que acabou de importar uma nova da França. Ela gosta de coisas da Europa. Não tem tempo para ajudar na escola. Tem reuniões de conselho para ir. Sempre que alguém fala com Renata, ela acabou de ir a uma reunião de conselho, ou está voltando de uma reunião de conselho, ou se preparando para uma reunião de conselho. Quer dizer, com que frequência esses conselhos se reúnem?

— Bem, depende de... — começou Celeste.

— Foi uma pergunta retórica — interrompeu Madeline. — Ela não consegue falar mais de cinco minutos sem mencionar uma reunião de conselho, exatamente como Thea Cunningham não consegue falar mais de cinco minutos sem mencionar que tem quatro filhos. Ela tem filhos no jardim também, aliás. Quatro filhos. Não consegue esquecer isso. Hum, estou sendo maldosa?

— Está — respondeu Celeste.

— Desculpe — disse Madeline. Sentia-se, sim, um pouquinho culpada. — Eu estava tentando ser divertida. A culpa é do meu tornozelo. Falando sério, é uma escola maravilhosa e todo mundo é maravilhoso e vamos todas nos divertir muito e fazer amigas maravilhosas.

Jane riu e mascou o chiclete com discrição. Ela parecia estar tomando café e mascando chiclete ao mesmo tempo. Era um pouco peculiar.

— Então, essas crianças “superdotadas e prodígios” — começou Jane. — Elas são submetidas a testes ou algo assim?

— Há todo um processo de identificação — disse Madeline. — E elas participam de programas e “oportunidades” especiais. Ficam na mesma turma, mas recebem tarefas mais difíceis, acho, e às vezes saem para ter aulas particulares com uma professora especializada. Olha, é claro que ninguém quer que o filho fique entediado na aula, esperando o resto da turma alcançá-lo. Eu entendo isso, *sim*. Só fico um pouquinho... Bem, por exemplo, ano passado, tive um pequeno desentendimento com Renata.

— Madeline *adora* um desentendimento — revelou Celeste a Jane.

— Renata de algum jeito encontrou tempo entre uma reunião de conselho e outra para pedir às professoras que organizassem uma pequena excursão só para as crianças prodígio. Era para assistir a uma peça. Bom, vamos combinar, ninguém precisa ser superdotado para gostar de *teatro*, ora bolas. Sou a gerente de marketing do Teatro da Península de Pirriwee, sabem, então foi por isso que fiquei sabendo.

— Ela ganhou, claro. — Celeste riu.

— Claro que ganhei — disse Madeline. — Consegui um desconto especial para o grupo, e todas as crianças foram, ainda arranjei

champanhe pela metade do preço para todos os pais no intervalo, e nos divertimos muito.

— Ah! Falando nisso! — exclamou Celeste. — Quase me esqueci de dar o seu champanhe! Será... Ah, sim, aqui está. — Ela vasculhou a sua volumosa cesta de palha daquele seu jeito tipicamente esbaforido e entregou uma garrafa de Bollinger. — Não posso lhe dar taças de champanhe sem champanhe.

— Vamos tomar um pouco agora!

Madeline ergueu a garrafa pelo gargalo, subitamente inspirada.

— Não, não — repreendeu Celeste. — Está maluca? É muito cedo para beber. Temos que buscar as crianças daqui a duas horas. E não está gelado.

— *Café da manhã* com champanhe! — disse Madeline. — O que importa é a escolha das palavras. Vamos tomar champanhe e suco de laranja. Meia taça cada! Durante duas horas. Jane? Você topa?

— Acho que eu poderia tomar um *golinho*. Sou fraca para bebida.

— Aposto que é, você pesa uns dez quilos — comentou Madeline.

— Vamos nos dar bem. Adoro gente fraca para bebida. Assim sobra mais para mim.

— Madeline — disse Celeste. — Deixe para outra hora.

— Mas é o Festival de Madeline — retrucou ela, triste. — E estou machucada.

Celeste revirou os olhos.

— Me dê uma taça.

—

Thea: Jane estava meio bêbada quando foi buscar Ziggy na orientação. Então, sabe, isso passa uma certa ideia, não passa? Uma jovem mãe solteira bebendo logo de manhã cedo. E mascando chiclete. Não causa uma boa primeira impressão. Só estou comentando.

Bonnie: Pelo amor de Deus, ninguém estava bêbado! Elas tomaram um café da manhã com champanhe no Blue Blues para comemorar os quarenta anos de Madeline. Só estavam um pouquinho alegres. Foi isso que fiquei sabendo, pelo menos. Na verdade não pudemos ir ao dia da orientação porque estávamos fazendo um retiro de cura em família em Byron Bay. Foi uma experiência espiritual incrível. Vocês querem que eu passe o site?

Harper: A gente viu desde o primeiríssimo dia que Madeline, Celeste e Jane eram um triozinho. Elas chegaram de braços dados como garotas de doze anos. Renata e eu não fomos convidadas para o programinha delas, embora conhecêssemos Madeline desde que os nossos filhos começaram a estudar juntos no jardim de infância, mas como eu disse a Renata aquela noite, quando estávamos saboreando o menu

degustação mais divino no Remy's (isso foi *antes* de o resto de Sydney descobrir o restaurante, aliás), eu não dei a mínima.

Samantha: Eu estava trabalhando. Stu levou Lily para a orientação. Ele mencionou que algumas mães tinham acabado de chegar de um café da manhã com champanhe. Eu disse: “Ah, é? Como elas se chamam? Aposto que eu ia gostar delas.”

Jonathan: Não vi nada. Stu e eu estávamos falando de críquete.

Melissa: Vocês não ouviram isso de mim, mas *parece* que Madeline Mackenzie ficou tão bêbada aquela manhã que caiu e torceu o pé.

Graeme: Acho que essa linha de investigação não vai dar em nada. Não vejo como um irresponsável café da manhã com champanhe poderia ter levado a assassinato e caos, você vê?

Champanhe nunca é um erro. Esse sempre fora o mantra de Madeline.

Mas, depois, Madeline se perguntou se só daquela vez poderia ter sido um errinho de julgamento. Não porque estivessem bêbadas. Não estavam. Era porque quando as três entraram na escola, rindo juntas (Madeline tinha decidido que não queria ficar no carro e deixar de ver Chloe sair, então foi pulando, pendurada nos braços delas), deixavam um rastro do inconfundível cheiro de *festa*.

As pessoas nunca gostam de perder uma festa.

Jane não estava bêbada quando chegou para buscar Ziggy na escola. Tomara no máximo três goles daquele champanhe.

Mas estava eufórica. Tinha havido alguma coisa no espocar daquela rolha de champanhe, a atmosfera travessa, o inesperado daquela manhã inteira, aquelas lindas e frágeis taças compridas refletindo a luz do sol, o barista com cara de surfista trazendo três deliciosos cupcakes com velas, o cheiro do mar, a sensação de que ela talvez estivesse fazendo amizade com aquelas duas mulheres que eram de alguma forma tão diferentes de qualquer uma de suas outras amigas: mais velhas, mais ricas, mais sofisticadas.

“Você vai fazer novas amizades quando Ziggy entrar na escola!”, sua mãe repetira com uma empolgação irritante, e Jane tinha que fazer um grande esforço para não revirar os olhos e agir como uma adolescente emburrada e nervosa mudando de escola.

A mãe de Jane tinha três melhores amigas que conhecera vinte e cinco anos atrás quando o irmão mais velho de Jane, Dane, entrou no jardim de infância. Elas saíram para tomar café naquela primeira manhã e desde então se tornaram inseparáveis.

“Não preciso de novas amigas”, dissera Jane à mãe.

“Precisa, sim. Você precisa fazer amizade com outras mães”, respondera a mãe. “Vocês se apoiam! E se entendem.” Mas Jane tentara isso com o Grupo de Mães e fracassara. Ela simplesmente não tinha qualquer afinidade com aquelas mulheres inteligentes e falantes e suas conversas efusivas sobre maridos que não “se envolviam”, reformas que não tinham terminado antes de o bebê nascer e aquela história engraçadíssima sobre como uma vez elas estavam tão ocupadas e exaustas que *saíram de casa sem um pingo de maquiagem!* (Jane, que não estava usando maquiagem na hora, nem nunca, continuou com um olhar vazio e benevolente, enquanto gritava por dentro: *Como assim, porra?*)

E, no entanto, estranhamente, teve afinidade com Madeline e Celeste, embora elas não tivessem realmente nada em comum salvo o

fato de seus filhos estarem entrando no jardim de infância, e embora Jane tivesse quase certeza de que Madeline também não saía de casa sem maquiagem, já sentia que junto com Celeste (que também não se maquiava; felizmente, sua beleza era escandalosa o suficiente sem precisar ser melhorada) podia usar isso para provocar Madeline, que acharia graça e implicaria com elas de volta, como se já fossem amigas de longa data.

Então Jane não estava preparada para o que aconteceu.

Ela não estava alerta. Estava muito ocupada começando a conhecer a Escola Pública de Pirriwee (tudo tão bonitinho e compacto; aquilo fazia a vida parecer muito administrável), aproveitando o sol e o cheiro do mar, que ainda era novo para ela. Jane estava toda animada com a ideia dos dias de Ziggy na escola. Pela primeira vez desde que ele nasceu, o peso da responsabilidade acerca da infância do filho estava mais leve. Seu novo apartamento ficava pertinho da escola. Eles iriam a pé todos os dias, passando pela praia e subindo a colina arborizada.

Em sua própria escola primária de subúrbio, ela tinha a vista de uma autoestrada de seis pistas e o cheiro de frango na brasa da loja ao lado. Não havia pequenas áreas sombreadas planejadas de forma inteligente com lindos mosaicos coloridos de golfinhos e baleias. Certamente não havia murais de cenas submarinas nem esculturas de pedra de tartarugas no meio de caixas de areia.

— Essa escola é tão bonitinha — disse Jane a Madeline enquanto ajudavam-na a ir pulando até uma cadeira. — É *mágica*.

— Eu sei. O concurso de perguntas no ano passado arrecadou dinheiro para reformar o pátio — contou Madeline. — As Louras de Corte Chanel sabem angariar fundos. O tema era “celebridades mortas”. Foi divertidíssimo. Ei, você é boa em jogos de perguntas, Jane?

— Sou excelente — informou Jane. — Jogos de perguntas e quebra-cabeças são as minhas duas especialidades.

— Quebra-cabeças? — repetiu Madeline. — Prefiro espetar alfinetes nos olhos.

Ela se sentou em um banco de madeira pintado de azul construído em volta do tronco de uma figueira-da-Austrália e pôs o pé para cima. Um grupo de outros pais logo se reuniu em volta delas, e Madeline ficou no centro das atenções, apresentando Jane e Celeste às mães com filhos mais velhos que ela já conhecia e contando a todo mundo a história de como torcera o pé ao salvar a vida de jovens.

— Típico da Madeline — disse Carol a Jane.

Carol era uma mulher de aparência suave usando um leve vestido florido com mangas bufantes e um chapelão de palha. Parecia estar indo para uma igreja branca de madeira, como uma personagem de

Os *Pioneiros*. (Carol? Era essa a que Madeline disse que gostava de fazer limpeza? Carol Limpinha.)

— Madeline simplesmente adora uma briga — acrescentou Carol. — Ela enfrenta qualquer um. Nossos filhos jogam futebol juntos, e ano passado ela discutiu com um pai gigantesco. Todos os maridos se esconderam, e Madeline estava parada pertinho assim dele, cutucando o peito do homem com o dedo assim, sem ceder um milímetro. É um milagre não ter sido morta.

— Ah, ele! O *coordenador dos menores de sete anos*. — Madeline cuspiu as palavras “coordenador dos menores de sete anos” como se fossem “*serial killer*”. — Vou odiar aquele homem até o fim dos meus dias!

Enquanto isso, Celeste estava ligeiramente de lado, conversando daquele seu jeito embaralhado, hesitante, que Jane já estava começando a reconhecer como característico dela.

— Como é mesmo o nome do seu filho? — perguntou Carol a Jane.

— Ziggy — disse Jane.

— Ziggy — repetiu Carol, insegura. — É uma espécie de nome étnico?

— Olá, olá, eu sou *Renata*!

Uma mulher de cabelo grisalho com um corte simétrico e olhos castanhos intensos por trás de vistosos óculos de armação preta apareceu na frente de Jane, com a mão estendida. Foi como ser acossada por um político. Ela disse seu nome com uma estranha ênfase, como se Jane a estivesse esperando.

— Olá! Eu sou Jane. Como vai? — Jane tentou falar com o mesmo entusiasmo. Perguntou-se se aquela era a diretora da escola.

Uma loura bem-vestida, que Jane pensou que provavelmente tinha os requisitos para ser uma das Louras de Corte Chanel de Madeline, chegou com um envelope amarelo na mão.

— Renata — disse, ignorando Jane —, recebi o relatório de ensino de que estávamos falando no jantar...

— Espere só um minutinho, Harper — pediu Renata com um toque de impaciência. Tornou a se virar para Jane. — Jane, prazer em conhecê-la! Sou a mãe de Amabella, e tenho Jackson no segundo ano. É *Amabella*, por sinal, não *Annabella*. É francês. Nós não inventamos.

Harper continuou rondando Renata, assentindo respeitosamente enquanto a mulher falava, como aquelas pessoas que ficam atrás dos políticos nas entrevistas coletivas.

— Bem, eu só queria apresentar você à babá de Amabella e Jackson, que por acaso é francesa! *Quelle coïncidence*! Essa é Juliette.

Renata indicou uma garota miúda de cabelo ruivo curto e um rosto estranhamente impactante, dominado por uma boca enorme de lábios voluptuosos. Parecia um extraterrestre muito bonito.

— Prazer em conhecê-la. — A babá estendeu a mão sem firmeza. Tinha um forte sotaque francês e parecia estar morrendo de tédio.

— Igualmente — disse Jane.

— Eu sempre acho bom as babás se conhecerem. — Renata olhou alegremente de uma para outra. — Um pequeno grupo de apoio, por assim dizer! De onde você é?

— Ela não é babá, Renata — informou Madeline do banco, sem conter o riso.

— Bem, *au pair*, então — disse Renata com impaciência.

— Renata, me escute, ela é uma das *mães* — disse Madeline. — Só é jovem, sabe, como a gente era.

Renata olhou aflita para Jane, como se desconfiasse de uma pegadinha, mas antes que Jane tivesse a chance de dizer alguma coisa (ela sentiu que devia se desculpar), alguém falou:

— Lá vêm eles!

E todos os pais avançaram em tropel quando uma professora bonitinha, loura e com covinhas, que parecia ter sido escolhida para interpretar o papel de professora de jardim de infância, acompanhou as crianças para fora da sala.

Dois garotinhos de cabelo louro saíram primeiro como se tivessem sido disparados de uma pistola e foram correndo até Celeste.

— Uf — fez Celeste quando duas cabecinhas louras bateram em sua barriga.

“Eu gostava da ideia de gêmeos até conhecer os capetinhas de Celeste”, dissera Madeline a Jane quando estavam tomando champanhe com suco de laranja, enquanto Celeste sorria de modo distraído, aparentemente sem se ofender.

Chloe saiu saltitando da sala de braço dado com duas outras menininhas que pareciam princesas. Preocupada, Jane examinou as crianças à procura de Ziggy. Será que Chloe o largara? Lá estava ele. Foi um dos últimos a sair, mas parecia feliz. Jane fez um sinal com os polegares, e Ziggy sorriu.

Houve uma comoção súbita. Todo mundo parou para olhar.

Era uma garotinha de cabelos encaracolados. A última a sair da sala. Estava soluçando, os ombros caídos, com a mão no pescoço.

— Ohh — fizeram as mães, porque ela parecia tão corajosa, digna de pena e tinha um cabelo tão bonito.

Jane observou Renata correr para ela, acompanhada em um passo mais relaxado pela babá estranha. A mãe, a babá e a professora loura bonitinha se abaixaram até a altura da garotinha para ouvi-la.

— Mamãe! — Ziggy correu para Jane, que o pegou no colo.

Parecia que não o via havia séculos, como se ambos tivessem viajado para terras distantes e exóticas. Ela enfiou o nariz no cabelo dele.

— Como foi? Divertido?

Antes que ele pudesse responder, a professora gritou:

— Será que os pais e as crianças podem prestar atenção rapidinho? Nós tivemos uma manhã muito agradável, mas precisamos ter uma conversinha. É um pouquinho séria.

As covinhas da professora estremeciam nas bochechas, como se ela tentasse guardá-las para uma hora mais apropriada.

Jane deixou Ziggy deslizar para ficar de pé no chão.

— O que está acontecendo? — perguntou alguém.

— Aconteceu alguma coisa com Amabella, eu acho — disse outra mãe.

— Ai, meu Deus — exclamou outra pessoa, baixinho. — Renata vai surtar.

— Alguém machucou Annabella... perdão, *Amabella*... e eu quero que quem quer que tenha sido venha pedir desculpas, porque a gente não machuca os amigos na escola, está bem? — disse a professora com sua voz de professora. — E, se machuca, a gente sempre pede desculpas, porque é isso que as crianças grandes do jardim de infância fazem.

Houve silêncio. As crianças ou olhavam para a professora com o rosto inexpressivo ou se balançavam para a frente e para trás, encarando os pés. Algumas delas esconderam o rosto nas saias das mães.

Um dos gêmeos de Celeste puxou a saia dela.

— Estou com fome!

Madeline foi mancando do banco embaixo da árvore até lá e ficou ao lado de Jane.

— Qual é a demora? — questionou, olhando em volta. — Eu nem sei onde Chloe está.

— Quem foi, Amabella? — perguntou Renata para a menininha. — Quem machucou você?

A menininha disse alguma coisa inaudível.

— Foi sem querer, talvez, Amabella? — sugeriu a professora desesperadamente.

— Não foi sem querer, caramba — disse Renata, irritada. Seu rosto estava vermelho de raiva justificada. — Tentaram enforcá-la. Estou vendo marcas no pescoço da minha filha. Acho que ela vai ficar com hematomas.

— Minha nossa! — exclamou Madeline.

Jane observou a professora se agachar até ficar da altura da garotinha, com o braço em volta de seus ombros, a boca perto de seu ouvido.

— Você viu o que aconteceu? — perguntou Jane a Ziggy.

Ele balançou a cabeça vigorosamente, negando.

A professora se levantou de novo e mexeu nos brincos enquanto se posicionava de frente para os pais.

— Parece que um dos meninos... hã, bem. O problema é que as crianças obviamente ainda não sabem os nomes umas das outras, e Amabella não pode me dizer que menino...

— Não vamos deixar isso passar! — interrompeu Renata.

— De jeito nenhum! — concordou sua amiga loura papagaio de pirata. *Harper*, pensou Jane, tentando decorar todos os nomes. *Harper Papagaio de Pirata*.

A professora respirou fundo.

— Não. Não vamos deixar passar. Eu me pergunto se podíamos pedir a todas as crianças... bem, na verdade, só aos meninos, para virem aqui rapidinho.

Os pais fizeram os filhos se adiantarem dando empurrõezinhos delicados nas costas deles.

— Vá até lá — disse Jane a Ziggy.

Ele agarrou sua mão e olhou para ela de um jeito suplicante.

— Estou pronto para ir para casa agora.

— Está tudo bem — tranquilizou Jane. — Vai ser rapidinho.

Ziggy foi andando e parou ao lado de um garoto que parecia um gigante comparado a ele. Era uma cabeça mais alto, com cabelo preto encaracolado e ombros grandes e fortes. Parecia um pequeno gângster.

Os meninos formaram uma fila desordenada na frente da professora. Eram uns quinze, de todas as formas físicas e tamanhos. Os gêmeos louros de Celeste estavam no final. Um deles fazia um carrinho Matchbox andar na cabeça do irmão, enquanto o outro balançava a mão como se tentasse enxotar uma mosca.

— Parece o reconhecimento dos suspeitos de um crime — comentou Madeline.

Alguém riu.

— Pare com isso, Madeline.

— Todos eles deviam virar para a frente, depois para o lado para mostrar os perfis — continuou Madeline. Ela se dirigiu a Celeste: — Se for um dos seus filhos, Celeste, ela não vai saber dizer a diferença. Vamos ter que fazer um teste de DNA. Espere... gêmeos idênticos têm o mesmo DNA?

— Pode rir, Madeline. Sua filha não é suspeita — disse outra mãe.

— Eles têm o mesmo DNA, mas impressões digitais diferentes.

— Bem, então vamos precisar tirar as impressões digitais — afirmou Madeline, olhando para Celeste.

— Shhhh — disse Jane, tentando não rir.

Morria de pena da mãe da criança prestes a ser humilhada em público.

A garotinha chamada Amabella não largava a mão da mãe. A babá

cruzou os braços e deu um passo para trás.

Amabella examinou a fila de meninos.

— Foi ele — indicou ela imediatamente. Apontou para o gangsterzinho. — Ele tentou me enforcar.

“Eu sabia”, pensou Jane.

Mas então, por algum motivo, a professora colocou a mão no ombro de Ziggy, e a menininha estava fazendo que sim com a cabeça, e Ziggy, fazendo que não.

— Não fui eu!

— Foi, sim — disse a menininha.

—

Detetive Adrian Quinlan: Está sendo realizada uma necrópsia para determinar a causa da morte, mas neste estágio posso confirmar que a vítima sofreu fraturas nas costelas direitas, destruição da pélvis, fratura da base do crânio, do pé direito e das vértebras inferiores.

Ai, calamidade, pensou Madeline.

Que maravilha. Ela havia acabado de fazer amizade com a mãe de um pequeno delinquente. O menino parecera tão bonitinho e doce no carro. Graças a Deus que ele não tinha tentado enforcar Chloe. Isso teria deixado o clima estranho. E Chloe o teria derrubado com um gancho de direita.

— Ziggy *nunca* iria... — disse Jane.

Seu rosto ficara completamente branco. Ela parecia horrorizada. Madeline viu os outros pais recuando alguns passos para formar uma roda em volta de Jane.

— Está tudo bem. — Madeline pôs uma das mãos de forma tranquilizadora no braço de Jane. — Eles são crianças! Ainda não estão civilizados!

— Com licença.

Jane passou pelas duas outras mães e entrou no meio do grupinho, como se estivesse subindo em um palco. Pôs a mão no ombro de Ziggy. Madeline sentiu pena dos dois. Jane parecia ter idade para ser sua filha. Na verdade, ela lhe lembrava um pouco Abigail: aquela mesma irritabilidade e o humor tímido e irônico.

— Puxa vida — disse Celeste ao lado de Madeline, nervosa. — Que horror.

— Eu não fiz nada — afirmou Ziggy com uma voz clara.

— Ziggy, a gente só precisa que você peça desculpas a Amabella, mais nada — disse a Srta. Barnes.

Bec Barnes fora professora de Fred quando ele estava no jardim de infância. Tinha sido o primeiro ano dela depois de formada. Ela era boa, mas ainda muito jovem e meio aflita para agradar os pais, o que era ótimo quando um dos pais era Madeline, mas não quando era Renata Klein, e em busca de vingança. Embora, justiça seja feita, qualquer pai ou mãe iria querer um pedido de desculpas se outra criança tentasse enforcar seu filho. (Provavelmente, o fato de Madeline ter feito Renata parecer boba por achar que Jane fosse uma babá não tinha ajudado. Renata não gostava de parecer boba. Seus filhos eram gênios, afinal. Ela tinha uma reputação a zelar. Reuniões

de conselho às quais comparecer.)

Jane olhou para Amabella.

— Querida, tem certeza de que foi *esse* menino que machucou você?

— Podia pedir desculpas a Amabella, por favor? Você a machucou muito — disse Renata a Ziggy. Estava falando de um jeito simpático mas firme. — Depois todos nós podemos ir para casa.

— Mas não fui eu — insistiu Ziggy. Ele falou com muita clareza e precisão e olhou nos olhos de Renata.

Madeline tirou os óculos escuros e mordeu a haste. Talvez não *tivesse sido* ele. Será que Amabella poderia ter se confundido? Mas ela era superdotada! Na verdade, era uma menininha bem encantadora. Brincava com Chloe e era muito boazinha, pois deixava a amiga mandar nela, aceitando o papel secundário em todas as brincadeiras.

— Não minta — disse, secamente, Renata a Ziggy. Ela havia abandonado a sua atitude bem-educada de “sou boazinha com os filhos dos outros mesmo quando eles machucam os meus”. — Você só precisa pedir desculpas.

Madeline viu o corpo de Jane reagir na mesma hora, instintivamente, como o bote súbito de uma cobra ou um bicho qualquer. Suas costas se endireitaram. Seu queixo se ergueu.

— Ziggy não mente.

— Bem, posso lhe garantir que *Amabella* está dizendo a verdade.

A pequena plateia ficou totalmente calada. Até as outras crianças estavam quietas, exceto os gêmeos de Celeste, que corriam um atrás do outro no parquinho, gritando alguma coisa sobre ninjas.

— Tudo bem, então parece que chegamos a um impasse aqui. — A Srta. Barnes claramente não sabia o que fazer. Tinha vinte e quatro anos, caramba.

Chloe reapareceu ao lado de Madeline, ofegante após os exercícios nas barras do brinquedo parecido com uma escada horizontal.

— Preciso ir nadar — anunciou ela.

— Shhh — fez Madeline.

Chloe suspirou

— Preciso ir nadar. *Por favor*, mamãe?

— Shhhhhhhh.

O tornozelo de Madeline doía. Aquele não estava se revelando um bom aniversário de quarenta anos, afinal. Grande Festival de Madeline... Ela realmente precisava se sentar. Em vez disso, foi mancando para o meio da cena.

— Renata, você sabe como as crianças são às vezes...

Renata virou a cabeça para fulminar Madeline com o olhar.

— O menino precisa assumir a responsabilidade pelos atos dele. Precisa ver que há *consequências*. Não pode andar por aí enforcando

outras crianças e fingir que não fez nada! Enfim, o que você tem a ver com isso, Madeline? Não meta o nariz onde não foi chamada.

Madeline ficou furiosa. Ela só estava tentando ajudar! E “não meta o nariz onde não foi chamada” era uma expressão idiota. Desde o desentendimento no ano passado, por causa da excursão ao teatro para as crianças superdotadas e talentosas, ela e Renata andavam de picuinha uma com a outra, embora oficialmente ainda fossem amigas.

Na verdade, Madeline gostava de Renata, mas, desde o início, a relação das duas fora um pouco competitiva. “Sabe, eu sou o tipo de pessoa que ficaria *louca* de tédio se tivesse que ser dona de casa”, confidenciava Renata a Madeline, e o comentário não era para ser ofensivo, pois Madeline *não era* dona de casa, ela trabalhava meio expediente, porém sempre havia a insinuação de que Renata era a inteligente, a que precisava de mais estímulo intelectual, porque tinha uma *carreira*, enquanto Madeline tinha um *emprego*.

Não ajudava o fato de o filho mais velho de Renata, Jackson, ser famoso na escola por vencer torneios de xadrez, enquanto o filho de Madeline, Fred, era conhecido por ser o único aluno na história da Escola Pública de Pirriwee com coragem suficiente para subir na gigantesca figueira-da-Austrália e depois saltar a uma distância inacreditável até o teto da sala de música para recuperar trinta e quatro bolas de tênis. (O Corpo de Bombeiros teve que ser chamado para resgatá-lo. Fred era respeitadíssimo na escola.)

— Não faz mal, mamãe.

Amabella olhou para a mãe com olhos ainda úmidos. As marcas vermelhas de dedos estavam visíveis em volta do pescoço da pobre menina.

— Faz, sim — disse Renata. Virou-se para Jane. — Por favor, faça o seu filho se desculpar.

— Renata — chamou Madeline.

— Não se meta, Madeline.

— É, acho que a gente não devia se intrometer, Madeline — disse Harper, que, como era de se esperar, estava por perto e passava a vida concordando com Renata.

— Sinto muito, mas eu simplesmente não posso obrigá-lo a pedir desculpas por uma coisa que ele diz não ter feito — argumentou Jane.

— Seu filho está mentindo — disse Renata. Seus olhos brilhavam por trás dos óculos.

— Não acho que esteja — retrucou Jane, erguendo o queixo.

— Eu só quero ir para casa agora, *por favor*, mamãe — suplicou Amabella.

Então começou a chorar para valer. A nova babá francesa de aparência esquisita, que tinha ficado calada o tempo todo, pegou-a no colo, e Amabella enroscou as pernas na cintura dela e escondeu o

rosto em seu pescoço. Uma veia pulsou na testa de Renata. Seus punhos se cerravam e se abriam.

— Isso é absolutamente... inaceitável — disse Renata para a pobre Srta. Barnes, que provavelmente se perguntava por que não haviam abordado situações semelhantes na faculdade de pedagogia.

Renata se abaixou e ficou com o rosto bem pertinho de Ziggy.

— Se encostar a mão na minha filhinha de novo, você vai se arrepender.

— *Ei!* — exclamou Jane.

Renata ignorou-a. Endireitou-se e falou com a babá:

— Vamos, Juliette.

Elas atravessaram o parquinho com um passo decidido, enquanto todos os pais fingiam estar ocupados cuidando dos filhos.

Ziggy observou-as irem embora. Olhou para a mãe, coçou o nariz e disse:

— Acho que não quero mais ir para a escola.

—

Samantha: Todos os pais têm que ir à delegacia prestar depoimento. Ainda não chegou a minha vez. Estou sofrendo com isso. Provavelmente vão achar que sou culpada. Falando sério. Eu me sinto culpada quando um carro da polícia para ao meu lado no sinal.

CINCO MESES ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— As renas comeram as cenouras!

Madeline abriu os olhos na claridade do início da manhã e viu uma cenoura meio comida que Chloe segurava diante de seu rosto. Ed, que roncava baixinho ao lado, dedicara muito tempo e atenção na noite anterior para fazer as mordidas de rena nas cenouras parecerem o mais autênticas possível. Chloe estava confortavelmente sentada na barriga de Madeline, vestindo seu pijama, o cabelo desgrehado, um sorriso enorme e olhos brilhantes bem despertos.

Madeline esfregou os olhos e olhou para o relógio. Seis horas. Provavelmente o melhor que podiam esperar.

— Acha que o Papai Noel deixou uma batata para Fred? — perguntou Chloe, esperançosa. — Porque ele se comportou muito mal esse ano!

Madeline dissera aos filhos que, caso se comportassem mal, Papai Noel poderia deixar para eles uma batata embrulhada, e os dois ficariam sempre se perguntando que presente maravilhoso a batata tinha substituído. O que Chloe mais queria de Natal era que o irmão ganhasse uma batata. Isso talvez a deixasse mais feliz do que a casa de boneca sob a árvore. Madeline havia pensado seriamente em embrulhar batatas para os filhos. Seria um grande incentivo para um bom comportamento o ano inteiro. “Lembrem-se da batata”, ela poderia dizer. Mas Ed não deixara. Ele era bonzinho demais.

— Seu irmão já se levantou? — perguntou ela a Chloe.

— Vou acordar ele! — gritou a menina, e antes que Madeline pudesse detê-la, ela já estava indo, pisando forte no corredor.

Ed se mexeu.

— Não é de manhã, é? Não é possível que já seja de manhã.

— *Bate o sino pequenino, sino de Belém!* — cantou Madeline.

— Eu lhe dou mil dólares se você parar com esse barulho — propôs Ed, pondo o travesseiro no rosto. Para um homem bonzinho, ele foi

surpreendentemente cruel em relação à cantoria dela.

— Você não tem mil dólares — disse Madeline, e engatou “Noite Feliz”.

Seu celular apitou com uma mensagem de texto, e ela o pegou na mesa de cabeceira ainda cantando.

Era Abigail. Todos os anos, a filha revezava com quem passava a véspera de Natal, e aquele era o ano de ficar com o pai, Bonnie e a meia-irmã Skye, que nascera três meses antes de Chloe e era uma garotinha de cabelos louros que andava atrás de Abigail como um cachorrinho fiel. Ela também se parecia muito com Abigail quando criança, o que deixava Madeline incomodada, e às vezes chorosa, como se algo precioso lhe tivesse sido roubado. Era óbvio que Abigail preferia Skye a Chloe e Fred, que se recusavam a idolatrá-la, e Madeline muitas vezes se via pensando: *Mas Chloe e Fred são seus irmãos de verdade, você devia gostar mais deles!*, o que tecnicamente não era verdade. Madeline achava difícil acreditar que os três estavam em pé de igualdade como meios-irmãos de Abigail.

Ela leu a mensagem: *Feliz Natal, mãe. Papai, Bonnie, Skye e eu estamos aqui no abrigo desde 5h30! Já descasquei quarenta batatas! É uma linda experiência poder contribuir assim. Me sinto muito abençoada. Beijos, Abigail.*

— Ela nunca descascou uma batata na vida — resmungou Madeline enquanto digitava a resposta: *Isso é maravilhoso, querida. Feliz Natal pra vc também. Até logo, bjs!*

Jogou o celular na mesa de cabeceira, sentindo-se exausta de repente, e fez o que pôde para conter o acesso de fúria.

Me sinto muito abençoada... Uma linda experiência.

Uma garota de quatorze anos que resmungava se lhe pediam para botar a mesa. Sua filha estava começando a falar que nem Bonnie.

— Blerg — disse em voz alta.

Bonnie fizera planos para a família toda trabalhar em um abrigo na manhã de Natal. “Eu simplesmente odeio esse *consumismo* do Natal, você não?”, dissera ela a Madeline semana passada, quando haviam se esbarrado nas lojas. Madeline estava fazendo as compras de Natal, e tinha dezenas de sacolas enroladas nos pulsos. Fred e Chloe estavam chupando pirulitos, os lábios com um tom gritante de vermelho. Enquanto isso, Bonnie carregava um bonsai em um pote, e Skye andava ao lado dela comendo uma *pera*. (“Uma pera, porra”, contara Madeline a Celeste depois. Por alguma razão, ela não conseguia superar aquela pera.)

Como Bonnie tinha conseguido arrancar o ex-marido de Madeline da cama àquela hora da manhã para fazer trabalho voluntário em um abrigo para moradores de rua? Nathan não levantara antes das oito nos dez anos em que estiveram juntos. Bonnie devia fazer boquetes

incríveis nele.

— Abigail está tendo uma “linda experiência” com Bonnie no abrigo para moradores de rua — disse Madeline a Ed.

Ed tirou o travesseiro do rosto.

— Isso é revoltante.

— Eu sei — retrucou Madeline. Era por isso que ela o amava.

— Café — ofereceu ele, solidário. — Vou trazer um café pra você.

— PRESENTES! — gritaram Chloe e Fred do corredor.

Aqueles dois não se fartavam do consumismo do Natal.

—

Harper: Dá para imaginar como deve ter sido estranho para Madeline ter a filha do ex-marido na mesma turma de jardim de infância que a própria filha? Lembro que Renata e eu conversamos sobre isso no *brunch*. Estávamos bastante preocupadas, nos perguntando de que maneira isso afetaria a dinâmica de sala de aula. Bonnie adorava fingir que elas tinham uma boa relação, é claro. “Ah, almoçamos todos juntos no Natal.” Me poupe. Eu as vi na noite do concurso de perguntas. Vi Bonnie *jogar* a bebida dela em Madeline!

O dia clareava quando Celeste acordou na manhã de Natal. Perry

dormia profundamente, e não se ouvia barulho nenhum no quarto onde os meninos dormiam. Eles tinham quase enlouquecido de empolgação com a ideia de Papai Noel encontrá-los no Canadá (cartas haviam sido enviadas ao bom velhinho avisando-o da mudança de endereço), e com os relógios biológicos todos confusos, ela e Perry tiveram dificuldade em colocá-los para dormir. Os meninos dividiam uma cama *king-size* e tinham ficado lutando naquele estado histérico em que às vezes se encontravam, em que o riso se transformava em choro e depois em riso. Perry gritara para eles do quarto ao lado: “Vão dormir”, e então tudo ficara em silêncio. Quando Celeste entrara para conferir alguns segundos depois, os dois estavam estirados de costas, braços e pernas abertos, como se a exaustão os tivesse apagado de repente.

“Venha ver isso”, dissera ela a Perry. Ele entrara no quarto e os dois ficaram observando os meninos dormindo por uns minutos antes de sorrirem e saírem na ponta dos pés para beber alguma coisa e celebrar a véspera de Natal.

Celeste deslizou para fora do edredom de plumas e foi até a janela que tinha vista para o lago congelado. Colocou a palma da mão no vidro. Ela o sentiu frio, mas o quarto estava quente. Havia uma árvore de Natal gigantesca no meio do lago, resplandecendo com luzes vermelhas e verdes. Flocos de neve caíam suavemente. Eram tão lindos que ela teve a sensação de poder saboreá-los. Quando recordasse aquele dia no futuro, ela se lembraria de seu sabor: intenso e frutado, como o vinho quente que haviam bebido.

Depois que os meninos abrissem os presentes e todos tomassem café da manhã no quarto (panquecas com xarope de bordo!), eles sairiam para brincar na neve. Fariam um boneco de neve. Perry tinha marcado um passeio de trenó. Perry postaria no Facebook fotos de todos eles se divertindo na neve. Escreveria algo como: *Os meninos têm o seu primeiro Natal branco!* Ele adorava o Facebook. Todo mundo implicava

com ele por causa disso. Banqueiro importante, bem-sucedido, postando fotos no Facebook, escrevendo comentários joviais nos *posts* de receitas das amigas da mulher.

Celeste olhou para Perry dormindo na cama. Ele sempre dormia com uma ruguinha de perplexidade na testa, como se intrigado com seus sonhos.

Assim que acordasse, ficaria desesperado para dar o presente a Celeste. Ele adorava dar presentes. Ela soube que queria se casar com Perry quando viu sua cara de ansiedade, observando a mãe abrir o presente de aniversário que ele lhe comprara. “Gostou?”, perguntara à mãe assim que ela rasgou o embrulho, e sua família toda tinha rido dele por parecer uma criança.

Celeste não precisaria fingir que havia gostado do presente. Ele escolheria algo perfeito. Ela sempre se orgulhara da habilidade para escolher bons presentes, mas Perry a superava. Em sua última viagem, ele tinha comprado uma rolha de champanhe de cristal em um tom berrante de rosa. “Bati o olho e achei a cara de *Madeline*”, dissera ele. Madeline adorou, claro.

O dia seria perfeito em todos os aspectos. As fotos do Facebook não mentiriam. Tanta alegria. A vida dela tinha tanta alegria. Isso era um fato.

Poderia esperar os filhos terminarem o ensino médio para deixar o marido.

Esta seria a hora certa. No dia em que eles terminassem as últimas provas. “Guardem as canetas”, diriam os supervisores da prova. E então Celeste daria fim ao casamento.

Perry abriu os olhos.

— Feliz Natal! — Celeste sorriu.

—

Gabrielle: Todo mundo acha que o casamento de Celeste e Perry é perfeito, mas não tenho tanta certeza disso. Na noite do concurso de perguntas, passei pelos dois ainda sentados no carro estacionado. Celeste estava linda, é claro. Eu já a vi comer carboidratos como se não houvesse amanhã. A vida é muito injusta. Enfim, eles estavam lá parados, fantasiados, só olhando para a frente, em silêncio.

Jane acordou com os gritos de “Feliz Natal!” vindos da rua.

Sentou-se na cama e puxou a camiseta. Estava molhada de suor. Ela tivera um sonho. Um pesadelo, na verdade. Estava deitada, com Ziggy parado ao seu lado, vestindo o pijama curto, sorrindo para ela, um pé em seu pescoço.

“Pare com isso, Ziggy, não consigo respirar!”, ela tentava dizer, mas ele parara de sorrir e a estudava com um interesse benevolente, como se estivesse fazendo um experimento.

Ela levou a mão ao pescoço e respirou fundo várias vezes.

Foi só um sonho. Os sonhos não querem dizer nada.

Ziggy estava na cama. As costas quentes coladas nas de Jane. Ela se virou para ficar de frente para o filho e tocou com a ponta de um dedo a pele delicada logo acima da maçã do rosto do menino.

Ele ia dormir na própria cama e acordava na dela. Ninguém se lembrava de como ele fora parar ali. Vai ver era mágica, concluíram.

“Vai ver uma bruxa boa me carrega toda noite”, dizia Ziggy, de olhos arregalados mas com um sorrisinho, porque já parara de acreditar completamente naquele tipo de coisa.

“Ele vai parar um dia”, dizia a mãe de Jane sempre que ela mencionava que toda noite Ziggy ia para sua cama. “Ele não vai continuar fazendo isso quando tiver quinze anos.”

Havia uma sarda nova no nariz de Ziggy que Jane não notara. Ele tinha três sardas no nariz agora. Elas formavam uma vela de barco.

Um dia uma mulher estaria deitada na cama ao lado dele e analisaria seu rosto adormecido. Haveria pontinhos pretos de barba despontando em seu lábio superior. Em vez daqueles ombros magros de garotinho, Ziggy teria um peito largo. Que tipo de homem seria?

“Ele vai ser um homem gentil, *encantador*, igualzinho ao seu avô”, dizia sua mãe categoricamente, como se soubesse que isso era um fato comprovado.

A mãe de Jane achava que Ziggy era a reencarnação de seu adorado pai. Ou fingia acreditar nisso. Era impossível saber até que ponto ela

estava falando sério. O avô de Jane havia morrido seis meses antes do nascimento de Ziggy, na mesma época em que sua mãe estava lendo um livro sobre um garotinho que supostamente era a reencarnação de um piloto de caça da Segunda Guerra Mundial. A ideia de que havia uma chance de o neto ser seu próprio pai ficara na cabeça dela. Ajudara-a com o luto.

E, obviamente, não havia genro para se ofender com a história de que seu filho era na verdade o avô de sua esposa.

Jane não chegava a dar corda a esse papo de reencarnação, mas também não se opunha. Talvez Ziggy fosse o vovô. Às vezes, ela identificava um leve indício do avô no rosto do filho, especialmente quando ele se concentrava. A testa se franzia da mesma forma.

Sua mãe ficara furiosa quando Jane ligara para lhe contar o que acontecera no dia da orientação.

“É um absurdo! Ziggy *nunca* enforcaria outra criança! Esse menino nunca fez mal a uma mosca. Ele é igualzinho ao seu avô. Lembra como ele não aguentava matar uma mosca? Sua avó andava de um lado para outro, gritando ‘Mate logo, Stan! Mate logo a desgraçada!’”

Fizera-se silêncio então, o que significava que a mãe de Jane fora acometida por um ataque de riso. Ela ria sem fazer barulho.

Jane esperara o ataque passar, até sua mãe finalmente voltar ao telefone e dizer com voz trêmula:

“Ah, isso me fez bem. Rir é maravilhoso para a digestão. Agora, onde estávamos? Ah, sim! Ziggy! Mas que *pestinha*! Não ele, é claro, a garotinha. Por que ela iria acusar o nosso querido Ziggy?”

“Não sei”, dissera Jane. “Mas o problema é que ela não parecia uma peste. A mãe era meio horrível, mas a filha parecia boazinha. Não uma peste.”

Ela ouviu a dúvida na própria voz, e sua mãe também.

“Mas, querida, você não pode achar que Ziggy realmente tentou *enforcar* outra criança.”

“Claro que não”, respondera Jane, e mudara de assunto.

Ela rearrumou o travesseiro e se ajeitou em uma posição mais confortável. Talvez conseguisse dormir de novo.

“Ziggy vai acordar você assim que amanhecer”, dissera sua mãe, mas o menino não parecia tão empolgado com o Natal naquele ano, e Jane se perguntou se falhara com ele de alguma forma. Ela muitas vezes tinha uma sensação inquietante de estar de alguma maneira inventando uma vida para ele, dando-lhe uma infância falsa. Esforçava-se ao máximo para criar pequenos rituais e tradições de família para aniversários e festas. “Vamos pendurar a sua meia agora!” Mas onde? Eles tinham se mudado muitas vezes para haver um lugar de praxe. No pé da cama? Na maçaneta da porta? Ela se atrapalhava, e sua voz ficava estridente e tensa. Havia algo de fraudulento naquilo.

Os rituais não eram verdadeiros como os das outras famílias, compostas por uma mãe, um pai e pelo menos um irmão. Às vezes Jane tinha a impressão de que Ziggy poderia estar concordando com a farsa por sua causa, e que conseguia ler os pensamentos dela e sabia que estava sendo enganado.

Jane observou o peito dele subindo e descendo.

Ele era tão lindo. De jeito nenhum tinha machucado aquela garotinha e mentido a respeito.

Mas todas as crianças são lindas dormindo. Até as horrorosas provavelmente ficavam lindas quando dormiam. Como ela poderia saber com certeza que não fora ele? Alguém realmente conhecia o próprio filho? Filhos eram pequenos estranhos, sempre mudando, desaparecendo e se reapresentando aos pais. Novos traços de personalidade podiam surgir da noite para o dia.

E, além disso...

Não pense nisso. Não pense nisso.

A lembrança esvoaçou como uma mariposa presa em sua mente.

Vinha se esforçando muito para se libertar desde que a menininha apontara para Ziggy. A pressão no peito de Jane. O pavor aumentando, inundando sua mente. Um grito preso em sua garganta.

As marcas eram pretas, roxas e vermelhas.

“Ela vai ficar com hematomas!”, dissera a mãe da menina.

Não, não, não.

Ziggy era Ziggy. Ele não podia. Não faria. Ela conhecia o filho.

Ele se mexeu. Suas pálpebras de veias azuladas estremeeceram.

— Adivinha que dia é hoje — disse Jane.

— Natal! — gritou Ziggy.

Ele se sentou tão depressa que bateu a cabeça no nariz de Jane e ela caiu para trás no travesseiro, as lágrimas escorrendo.

—

Thea: Sempre achei que havia alguma coisa meio estranha com aquela criança. Aquele Ziggy. Uma coisa engraçada nos olhos dele. Meninos precisam de uma figura paterna. Sinto muito, mas isso é um fato.

Stu: Deus do Céu, houve muito alvoroço por causa daquele tal de Ziggy. Eu não sabia em que acreditar.

— Você voa alto que nem esse avião, papai? — perguntou Josh.

Havia umas sete horas que estavam no voo de volta de Vancouver para Sydney. Até então, tudo bem. Nada de discussões. Perry e Celeste estavam em poltronas adjacentes no corredor, cada um com um filho de um lado, no assento da janela.

— Não. Lembra o que eu disse? Tenho que voar muito baixo para evitar ser detectado pelo radar — falou Perry.

— Ah, é.

Josh virou o rosto de novo para a janela.

— Por que você tem que evitar ser detectado pelo radar? — perguntou Celeste.

Perry balançou a cabeça, negando, e trocou um sorriso tolerante como quem diz “mulheres!” com Max, que estava sentado do outro lado de Celeste e havia se inclinado para ouvir a conversa.

— É óbvio, não é, Max?

— Isso é segredo, mamãe — explicou Max, bondosamente. — Ninguém *sabe* que o papai pode voar.

— Ah, claro — disse Celeste. — Desculpe. Bobagem minha.

— Sabe, se eu for descoberto, eles provavelmente vão querer fazer uma *bateria* de exames em mim — contou Perry. — Descobrir como desenvolvi esses superpoderes, depois vão querer me recrutar para a Força Aérea, eu teria que viajar em missões secretas.

— É, e a gente não quer isso — disse Celeste. — O papai já viaja muito.

Perry esticou o braço pelo corredor e pôs a mão sobre a dela em um pedido de desculpas silencioso.

— Você não voa de verdade — afirmou Max.

Perry ergueu as sobrancelhas, arregalou os olhos e deu de ombros discretamente.

— Não?

— Eu *acho* que não — disse Max, inseguro.

Perry piscou para Celeste sem que Max visse. Já fazia anos que ele dizia aos gêmeos que tinha habilidades secretas de voo, entrando em detalhes absurdos de como descobrira seus poderes secretos aos

quinze anos, a idade em que eles provavelmente aprenderiam a voar também, caso tivessem herdado seus poderes e comessem bastante brócolis. Os meninos nunca conseguiam perceber se ele estava falando sério ou não.

— Eu estava voando quando dei aquele grande salto de esquí ontem — contou Max. Usou a mão para demonstrar sua trajetória. — Pshhh!

— É, você estava voando — concordou Perry. — Quase fez o papai ter um ataque do coração.

Max riu.

Perry cruzou as mãos na frente do corpo e esticou as costas.

— Ai, ainda estou todo doído de tentar acompanhar vocês. São muito rápidos.

Celeste o analisou. Ele parecia bem: estava bronzeado e relaxado por conta dos últimos cinco dias esquiando e andando de trenó. Esse era o problema. Ela ainda sentia uma atração incurável, irremediável por ele.

— O que foi? — Perry olhou para ela.

— Nada.

— Boas férias, hã?

— Ótimas — concordou Celeste, sincera. — Mágicas.

— Acho que este vai ser um bom ano para nós — disse Perry. Ele a encarou. — Não acha? Agora que os meninos vão começar a escola, você deve ter um pouco mais de tempo para você mesma, e eu... — Ele parou e passou o polegar pelo braço da cadeira, como se estivesse fazendo alguma espécie de teste de controle de qualidade. Depois olhou para ela. — Vou fazer o possível para que este seja um bom ano para nós. — Ele sorriu, acanhado.

Perry fazia isso às vezes. Dizia ou fazia alguma coisa que a deixava tão boba por ele quanto naquele primeiro ano depois que se conheceram em um tedioso almoço de negócios, quando ela entendeu pela primeira vez o significado da expressão: *ficar de quatro por alguém*.

Celeste sentiu uma paz inundá-la. Uma aeromoça vinha pelo corredor, oferecendo biscoitos de chocolate assados a bordo. O cheiro era delicioso. Talvez fosse um ano realmente bom para eles.

Talvez ela *pudesse* ficar. Era sempre um alívio muito grande quando ela se permitia acreditar que podia ficar.

— Vamos à praia quando chegarmos em casa — disse Perry. — Vamos fazer um grande castelo de areia. Boneco de neve num dia. Castelo de areia no outro. Nossa, vocês têm uma vida boa, meninos.

— É — concordou Josh com um bocejo, e se espreguiçou em sua poltrona da classe executiva. — É bem boa.

Melissa: Lembro quando vi Celeste, Perry e os gêmeos na praia durante as férias escolares. Eu disse ao meu marido: “Acho que aquela é uma das mãos do jardim de infância.” Os olhos dele quase pularam das órbitas. Celeste e Perry estavam amorosos, rindo e ajudando os filhos a fazer um castelo de areia elaboradíssimo. Foi meio chato, para ser sincera. Tipo, até os *castelos de areia* deles eram melhores que os nossos.

12

Detetive Adrian Quinlan: Estamos investigando todas as possibilidades, todas as possíveis motivações.

Samantha: Então estamos, tipo, usando mesmo a palavra... “assassinato”?

—

QUATRO MESES ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— Quero marcar de brincar com Ziggy — anunciou Chloe em uma noite quente de verão no início do novo ano.

— Está bem — disse Madeline.

Seus olhos fitavam a filha mais velha, Abigail, que havia demorado um século cortando seu bife em quadradinhos precisos, e no momento empurrava os pedaços para trás e para a frente, como se estivesse criando uma espécie de mosaico complicado. Não pusera um quadradinho sequer na boca.

Ed disse baixinho para Madeline:

— Ziggy não foi o que... sabe? — Ele pôs as mãos no pescoço e arregalou os olhos.

— O que você está fazendo, papai? — Chloe riu carinhosamente. — Papai Palhaço.

— Você deveria marcar de brincar com Skye. — Abigail pousou o garfo e se dirigiu a Chloe: — Ela está muito empolgada de ser sua colega de turma.

— Isso é bom, não é? — disse Madeline em um tom forçado e meloso que ela sabia que usava sempre que a filha do ex-marido era mencionada. — Isso não é *bom*?

Ed bufou no vinho, e Madeline lhe lançou um olhar ameaçador.

— Skye é mais ou menos *minha* irmã, não é, mamãe? — perguntou Chloe.

Ao contrário da mãe, ela vibrara ao saber que ia ficar na mesma

turma de jardim de infância de Skye, e fizera essa pergunta umas quarenta mil vezes.

— Não, Skye é meia-irmã de *Abigail* — explicou Madeline com uma paciência de Jó.

— Mas eu também sou irmã de *Abigail*! — retrucou Chloe. — Então isso quer dizer que eu e Skye devemos ser irmãs! Podíamos ser gêmeas, como Josh e Max.

— Por falar nisso, você viu Celeste desde que eles voltaram do Canadá? — perguntou Ed. — Aquelas fotos que Perry postou no Facebook eram incríveis. *A gente* devia ter um Natal branco um dia. Quando ganharmos na loteria.

— *Brrr* — disse Madeline. — Eles pareciam com frio.

— Eu seria *fera* no snowboard — comentou Fred de um jeito sonhador.

Madeline deu de ombros. Fred era o seu pequeno viciado em adrenalina. Se alguma coisa podia ser escalada, ele a escalava. Ela não suportava mais vê-lo em cima do skate. Com apenas sete anos, ele rodava, girava e fazia manobras no ar como um garoto com o dobro de sua idade. Sempre que via aqueles caras tranquilos sendo entrevistados na TV sobre suas últimas aventuras de paraquedas/escalada/vamos-dar-um-jeito-de-nos-matar, ela pensava: *Lá está Fred*. Até o visual dele era adequado, com aquele cabelo desgrehado muito comprido de surfista.

— Você precisa cortar o cabelo — afirmou ela.

Fred torceu o nariz sardento, enojado com a sugestão.

— Não preciso!

— Vou ligar para a mãe do Ziggy e marcar um dia para vocês brincarem — disse Madeline a Chloe.

Ela na verdade andara pretendendo ligar para Jane desde antes do Natal, mas tinha ficado ocupada com o trabalho, e eles haviam viajado entre o Natal e o Ano-Novo. A pobre Jane não conhecia ninguém na região, e tinha parecido arrasada naquele dia depois do incidente horrível na orientação.

— Madeline, tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntou Ed, baixinho. — Parece que ele pode ser meio bruto.

— Bem, não sabemos ao certo — disse Madeline.

— Mas você disse que Amabella Klein apontou para ele na fila de suspeitos.

— Inocentes já foram identificados em reconhecimentos de suspeitos na polícia — disse Madeline a Ed.

— Se esse garoto encostar o dedo em Chloe...

— Ah, pelo amor de Deus — exclamou Madeline. — Chloe sabe se cuidar! — Olhou para o prato de *Abigail*. — Por que você não está comendo?

— Nós gostamos de Renata e Geoff — insistiu Ed. — Se a filha deles diz que esse tal de Ziggy a machucou, deveríamos ser solidários. Além disso, que tipo de nome é esse?

— Não gostamos tanto assim de Renata e Geoff. Abigail, coma a sua comida!

— Não gostamos? — perguntou Ed. — Achei que eu gostasse de Geoff.

— Você o suporta. Ele é o que observa pássaros, Ed, não o que joga golfe.

— É mesmo? — Ele parecia desapontado. — Tem certeza?

— Sim, você o está confundindo com Gareth Hajek.

— Estou? — Ed franziu a testa.

— Está. Chloe, pare de sacudir o garfo. Você quase cegou Fred. Abigail, você está doente? É por isso que não está comendo?

Abigail pousou a faca e o garfo.

— Acho que vou virar vegana — disse, solenemente. Bonnie era vegana.

— Só por cima do meu cadáver — respondeu Madeline.

Ou por cima do cadáver de alguém, afinal.

—

Thea: Você sabia que Madeline tem uma filha de quatorze anos, Abigail, do primeiro casamento? Tenho tanta pena de crianças de lares desfeitos, você não? Ainda bem que posso oferecer aos meus filhos um ambiente estável. Tenho certeza de que Madeline e Bonnie estavam brigando por causa de Abigail na noite do concurso de perguntas.

Harper: Eu realmente ouvi Madeline dizer: “Vou matar alguém antes de a noite acabar.” Achei que tivesse alguma coisa a ver com Bonnie. Não que eu esteja acusando alguém, é claro.

Bonnie: Sim, Abigail é minha enteada, e é verdade, sim, que ela tinha algumas, bem, dificuldades, coisas típicas dos adolescentes, mas Madeline e eu estávamos trabalhando em equipe para ajudá-la. Está sentindo cheiro de mirto de limão? Estou experimentando esse incenso novo. É bom para o estresse. Respire fundo. É isso aí. Não me leve a mal, mas você está com cara de quem precisa aliviar um pouquinho a tensão.

Era um dia daqueles. Já fazia algum tempo. Desde bem antes do Natal. A boca de Celeste estava seca. Sua cabeça latejava de leve. Ela acompanhou os meninos e Perry pelo pátio da escola andando rigidamente, com cuidado, como se fosse um copo alto e frágil que corria o risco de derramar.

Estava hiperconsciente de tudo: do ar quente em seus braços nus, das tiras das sandálias entre os dedos, das beiradas das folhas da figueira-da-Austrália, cada qual delineada nitidamente em contraste com o azul do céu. Era uma sensação parecida com aquela que a pessoa experimenta no início de uma paixão, de uma gravidez, ou quando dirige um carro sozinha pela primeira vez. Tudo parecia significativo.

“Você e Ed brigam?”, perguntara ela a Madeline certa vez.

“Feito cão e gato”, respondera Madeline alegremente.

Celeste conseguiu notar de alguma forma que ela estava falando de uma coisa completamente diferente.

— A gente pode primeiro mostrar ao papai o brinquedo que parece uma escada? — gritou Max.

As aulas voltavam em duas semanas, mas a loja de uniformes abriria por duas horas naquela manhã para os pais comprarem o material necessário para o novo ano. Perry tirou o dia de folga, e depois de pegarem os uniformes dos meninos eles iriam levá-los para mergulhar de snorkel.

— Claro — disse Celeste a Max.

Ele saiu correndo, e, enquanto o observava ir, ela se deu conta de que não era Max. Era Josh. Ela estava perdendo o controle. Achava que estava se concentrando muito quando, na verdade, não estava se concentrando o suficiente.

Perry passou a ponta do dedo pelo braço dela, fazendo-a estremecer.

— Você está bem? — perguntou ele.

O marido levantou os óculos, e ela pôde ver seus olhos. A parte

branca era branquíssima. Os olhos dela sempre ficavam injetados na manhã seguinte a uma discussão, mas os de Perry estavam sempre limpos e brilhantes.

— Ótima.

Ela sorriu para ele. Ele sorriu também e puxou-a para mais perto.

— Você está linda com esse vestido — disse no ouvido dela.

Era assim que sempre agiam um com o outro no dia seguinte: carinhosos e trêmulos, como se tivessem passado por algo terrível juntos, como um desastre natural, e tivessem escapado com vida por um triz.

— Papai! — gritou Josh. — Venha aqui olhar a gente!

— Estou indo! — berrou Perry.

Bateu com os punhos no peito como um gorila e correu atrás deles com as costas curvadas e os braços balançando, fazendo os barulhos do animal. Os meninos ficaram loucos de alegria e saíram correndo.

Foi só uma briga feia, disse ela a si mesma. *Todo casal briga.*

Na noite anterior, os meninos tinham ido dormir na casa da mãe de Perry.

“Façam um jantar romântico sem esses capetinhas”, dissera sua sogra.

A briga começara por causa do computador.

Ela estava verificando o horário de funcionamento da loja de uniformes quando o computador anunciou um “erro catastrófico”.

“Perry!”, gritara ela do escritório, “tem alguma coisa errada com o computador!”, e uma pequena parte de seu cérebro avisara: *Não, não conte a ele. E se ele não conseguir consertar?*

Burra, burra, burra. Ela deveria ter imaginado. Mas era tarde. Ele entrou no escritório, sorrindo.

“Chegue para lá, mulher”, dissera.

Ele é quem era bom com computadores. Gostava de resolver problemas para ela, e se tivesse conseguido resolver aquele, teria ficado tudo bem.

Mas não conseguiu.

Os minutos se passaram. Ela via pela tensão nos ombros dele que aquilo não estava indo bem.

“Não se preocupe com isso”, dissera ela. “Deixe para lá.”

“Eu consigo consertar”, respondera ele. Movia o mouse para a frente e para trás. “Sei qual é o problema. Só preciso de... *Droga.*”

Ele xingou de novo. Baixinho primeiro, depois mais alto. A voz dele era como um soco. Ela se encolhia toda vez.

E, à medida que a fúria dele foi aumentando, um tipo de fúria semelhante crescera dentro dela, porque Celeste sabia exatamente como seria o restante da noite, e como teria sido diferente se ela não tivesse cometido tal “erro catastrófico”.

O prato de frutos do mar que ela preparara ficaria ali, intocado. A pavlova iria direto para o lixo. Seria um desperdício de tempo, esforço e dinheiro. Ela odiava isso. Desperdício a deixava doente.

Então quando dissera: “Por favor, Perry, *deixe isso para lá*”, soara frustrada. Tinha sido o seu erro. Talvez, se ela tivesse falado direito. Sido mais paciente. Não dito nada.

Ele girou na cadeira para ficar de frente para ela. Seus olhos já brilhavam de raiva. Tarde demais. Ele já havia perdido as estribeiras.

E mesmo assim *ela não recuara*. Ela tinha se recusado. Continuara brigando até o fim por causa da injustiça daquilo, de como era ridículo. *Pedi que ele me ajudasse a consertar o computador. Isso não devia ser assim*, uma parte dela continuara a se enfurecer em seu íntimo, mesmo quando a gritaria começou, seu coração batendo forte e seus músculos se retesando, preparados. *Não é justo. Não é certo*.

Tinha sido ainda pior que o normal porque os meninos não estavam em casa. Eles não precisaram falar baixo, sibilar um para o outro por trás de portas fechadas. A casa era grande demais para os vizinhos ouvirem a gritaria. Era quase como se ambos houvessem se deliciado com a oportunidade de brigar à vontade.

Celeste foi então até o brinquedo que lembrava uma escada horizontal. Ficava em um canto fresco e sombreado do parquinho. Os garotos iam adorar brincar lá quando comessem a escola.

Perry erguia o corpo, usando o brinquedo para fazer barra fixa enquanto os garotos contavam. Seus ombros se moviam com graça. Ele tinha que levantar as pernas porque as barras não eram muito altas. Sempre fora atlético.

Será que havia uma parte doentia de Celeste que no fundo *gostava* de viver daquela forma e queria aquele casamento sujo e vergonhoso? Era assim que ela via seu casamento. Como se ela e Perry se envolvessem em algum tipo de prática sexual repulsiva e perversa.

E o sexo fazia parte da dinâmica.

Sempre havia sexo depois. Quando tudo acabava. Lá pelas cinco da manhã. Sexo selvagem, furioso, com lágrimas de um caindo no rosto do outro e desculpas ternas e palavras murmuradas repetidamente: *Nunca mais, juro pela minha vida, isso tem que acabar, temos que parar com isso, devíamos procurar ajuda, nunca mais*.

— Vamos — disse ela aos meninos. — Vamos para a loja de uniformes antes que feche.

Perry deixou-se cair com facilidade no chão e agarrou um gêmeo com cada braço.

— Peguei vocês!

Ela o amava tanto quanto o odiava? Odiava-o tanto quanto o amava?

“Devíamos tentar outro terapeuta”, dissera-lhe ela naquela manhã.

“Você tem razão”, concordara ele, como se aquilo fosse uma possibilidade real. “Quando eu voltar. Aí a gente fala sobre isso.”

Ele ia viajar no dia seguinte. Viena. Para uma “reunião de cúpula” que sua empresa estava patrocinando. Ele faria o discurso principal, sobre um tema complexo e global. Haveria muitos acrônimos e um jargão incompreensível, e ele estaria ali em pé com um pequeno ponteiro, movendo um ponto luminoso vermelho na apresentação de PowerPoint preparada por seu assistente executivo.

Perry viajava com frequência. Ele às vezes parecia ser uma aberração na vida dela. Um visitante. A vida real de Celeste era quando ele não estava presente. O que acontecia nunca importava muito porque ele estava sempre prestes a partir, no dia ou na semana seguintes.

Dois anos antes, eles haviam ido a uma terapeuta. Celeste se enchera de esperanças, mas tão logo viu o sofá de vinil barato e o rosto ansioso e sincero da terapeuta, soube que cometera um erro. Observou Perry avaliar sua inteligência e posição social superiores à terapeuta e soube que aquela seria a última visita deles.

Eles nunca lhe disseram a verdade. Falaram sobre como Perry achava frustrante Celeste não acordar cedo e estar sempre atrasada. Celeste disse que às vezes “Perry perdia a cabeça”.

Como podiam confessar a uma estranha o que acontecia no casamento deles? A vergonha. O comportamento vil. Eram um casal bonito. As pessoas lhes diziam isso havia anos. Eles eram admirados e invejados. Tinham todos os privilégios do mundo. Viagens internacionais. Uma bela casa. Era feio e ingrato da parte deles agir daquela maneira.

“Então parem de fazer isso”, aquela mulher simpática e ansiosa certamente teria dito, com revolta e reprovação.

Celeste também não queria lhe contar. Queria que ela adivinhasse. *Queria que ela fizesse a pergunta certa.* Mas nunca fez.

Após deixarem o consultório da terapeuta, os dois estavam tão eufóricos por terem saído dali, terminada a encenação, que foram ao bar de um hotel no meio da tarde, tomaram uma bebida e flertaram sem conseguir se largar. Na metade de sua bebida, Perry se levantou de repente, pegou a mão dela e a conduziu à recepção. Eles pediram um quarto e foram transar. Muito divertido, muito sensual. Era como se a terapeuta realmente tivesse consertado tudo. Porque, afinal, quantas pessoas casadas faziam *aquilo*? Depois, ela se sentiu péssima, sensual, mal-ajambrada e desesperada.

— Então, onde é a loja de uniformes? — perguntou Perry quando voltaram para a área principal da escola.

— Não sei — respondeu Celeste. *Como eu saberia? Por que eu deveria saber?*

— A loja de uniformes, você disse? É aqui.

Celeste se virou para trás. Era aquela mulherzinha intensa de óculos do dia da orientação. Aquela cuja filha disse que Ziggy tentou enforcá-la. A menininha de cabelo cacheado estava com ela.

— Sou Renata — apresentou-se. — Conheci você no dia da orientação ano passado. Você é amiga de Madeline Mackenzie, não é? Amabella, pare com isso. O que você está fazendo? — A garotinha segurava a camisa branca da mãe e se contorcia timidamente atrás dela. — Venha dar oi. Esses meninos estarão na sua turma. São *gêmeos idênticos*. Não é interessante? — Renata olhou para Perry, que tinha colocado os meninos no chão. — Como vocês conseguem diferenciar um do outro, caramba?

Perry estendeu a mão.

— Perry — disse. — Nós também não conseguimos diferenciar um do outro. Não temos ideia de qual é qual.

Renata apertou a mão dele com entusiasmo. As mulheres sempre gostavam de Perry. Era por causa daquele sorriso branco de Tom Cruise e o jeito de lhes dar toda a atenção.

— Muito prazer em conhecê-lo. Vieram comprar o uniforme dos meninos? Emocionante! Amabella ia vir com a babá, mas a minha reunião do conselho acabou mais cedo e decidi vir eu mesma.

Perry ficou assentindo com a cabeça enquanto ouvia, como se aquilo tudo fosse muito fascinante.

Renata baixou a voz e continuou:

— Amabella anda meio aflita desde o incidente na escola. A sua mulher lhe contou? Um garotinho tentou enforcá-la no dia da orientação. Ela ficou com hematomas no pescoço. Um garotinho chamado Ziggy. Pensamos seriamente em dar queixa na polícia.

— Que horror! — exclamou Perry. — Nossa. Coitada da sua filhinha.

— Pai-ê — chamou Max, puxando a mão do pai. — Anda logo!

— Na verdade, me desculpe — disse Renata, olhando alegremente para Celeste. — Acho que cometi uma gafe! Você e Madeline não participaram de uma festinha de aniversário com a mãe daquele garoto? Jane? É esse o nome dela? Uma menina muito jovem. Eu a confundi com uma *au pair*. Talvez vocês todas sejam amicíssimas! Ouvi dizer que estavam bebendo champanhe! De manhã!

— Ziggy? — Perry franziu a testa. — Não conhecemos ninguém que tenha um filho chamado Ziggy, conhecemos?

Celeste pigarreou.

— Conheci Jane naquele dia — explicou ela a Renata. — Ela deu uma carona para Madeline depois que minha amiga torceu o tornozelo. Ela era... bem, pareceu muito simpática.

Celeste não queria ficar associada à mãe de um menino que fazia

bullying, mas, por outro lado, tinha gostado de Jane, e a coitada pareceu ter ficado passada quando a filha de Renata apontou para Ziggy.

— Ela é uma iludida, isso sim — comentou Renata. — Ela se recusa totalmente a aceitar que seu precioso filho fez o que fez. Eu já disse a Amabella para ficar bem longe desse Ziggy. Se eu fosse você, diria aos seus meninos para evitá-lo também.

— Talvez seja uma boa ideia mesmo — concordou Perry. — Não queremos que eles encontrem más influências logo no primeiro dia. — Seu tom era leve e divertido, como se não estivesse realmente levando nada daquilo a sério, embora, conhecendo Perry, a leveza era provavelmente um disfarce.

Ele tinha uma paranoia especial com bullying por causa das experiências de sua infância. Parecia um agente do serviço secreto quando se tratava dos filhos, seus olhos se movendo com desconfiança, monitorando o parque ou o parquinho à caça de crianças agressivas, cães ferozes ou pedófilos se passando por avôs.

Celeste abriu a boca.

— Hum. — Foi tudo o que disse. *Eles têm cinco anos. Não é um exagero?*

Mas, por outro lado, havia alguma coisa em Ziggy. Ela só o vira rapidamente na escola, e não conseguira identificar muito bem o que havia no rosto dele, mas o menino tinha alguma coisa que a deixava desconfortável, algo que a enchia de desconfiança. (Mas ele era um lindo garotinho de cinco anos, igualzinho aos seus filhos! Como ela poderia se sentir daquela forma em relação a um garoto de cinco anos?)

— Mãe! Venha! — Josh deu um puxão no braço de Celeste.

— Ai!

Ela levou a mão ao ombro direito dolorido. Por um momento, a dor foi tão intensa que ela precisou conter a náusea.

— Você está bem? — perguntou Renata.

— Celeste? — chamou Perry.

Ela viu o olhar envergonhado de reconhecimento dele. Perry sabia exatamente por que tinha doído tanto. Haveria mais uma belíssima joia em sua mala quando ele voltasse de Viena. Mais uma para a sua coleção. Ela nunca a usaria, e ele nunca perguntaria por quê.

Por um momento, Celeste não conseguiu falar. Palavras fortes enchiam sua boca. Ela se imaginava deixando-as sair.

Meu marido me bate, Renata. Nunca na cara, é claro. Ele tem muita classe para isso. O seu bate em você?

E, se bate, e esta é a pergunta que realmente interessa: você revida?

— Estou bem — disse ela.

— Falei com Jane para Ziggy vir brincar aqui semana que vem. — Madeline ligou para Celeste assim que terminou de conversar com Jane. — Acho que você e os meninos também deviam vir. Para o caso de ficarmos sem assunto.

— Certo — disse Celeste. — Muito obrigada. Um convite para brincar com o garotinho que...

— Sim, sim — interrompeu Madeline. — O pequeno estrangulador. Mas, você sabe, nossos filhos não são exatamente florzinhas delicadas.

— Na verdade, esbarrei com a mãe da vítima ontem quando estávamos comprando os uniformes dos meninos — contou Celeste. — Renata. Ela está dizendo à filha para evitar Ziggy e sugeriu que eu dissesse o mesmo aos meninos.

A mão de Madeline apertou o telefone.

— Ela não tinha o direito de lhe dizer isso!

— Acho que só estava preocupada...

— Não se pode botar uma criança na lista negra quando ela ainda nem sequer entrou na escola!

— Bem, não sei, meio que dá para entender, do ponto de vista dela. Quer dizer, se isso acontecesse com Chloe, quer dizer, acho...

Madeline apertou o telefone na orelha enquanto a voz de Celeste sumia. Desde que a conhecera, a amiga tinha esse hábito. Em um segundo, estava conversando normalmente, então, de repente, ia para o mundo da lua.

Foi assim que elas se conheceram para início de conversa, porque Celeste estivera sonhando acordada. As crianças faziam aula de natação juntas. Chloe e os gêmeos estavam em uma pequena plataforma na beira da piscina enquanto a professora levava cada aluno para dar uma volta, treinando nadar cachorrinho e boiar. Madeline notara a mãe deslumbrante observando a aula, mas elas nunca se deram o trabalho de falar uma com a outra. Madeline normalmente estava ocupada vigiando Fred, que tinha quatro anos na época e era terrível. Naquele dia específico, o filho estava entretido com um sorvete, e Madeline observava Chloe dar a sua volta boiando como uma estrela-do-mar quando viu que só tinha um dos gêmeos em

pé na plataforma.

“Ei!”, gritou Madeline para a professora. “Ei!”

Ela procurou a linda mãe. A mulher estava um pouco afastada, com o olhar perdido.

“O seu filhinho!”, gritou ela.

As pessoas se viraram para olhá-la em câmera lenta. O supervisor da piscina não estava à vista.

“Porra”, disse Madeline, e pulou na água, completamente vestida, de salto agulha e tudo, e puxou Max do fundo da piscina, que tossia e cuspiu água.

Madeline gritara com todo mundo ao redor, enquanto Celeste abraçava seus dois meninos, chorando, agradecida. A escola de natação se desmanchava em pedidos de desculpas ao mesmo tempo em que respondia com evasivas chocantes. Disseram que a criança não correria perigo, mas sentiam muito que a impressão passada fosse essa e com certeza iriam rever seus procedimentos.

Ambas tiraram os filhos da escola de natação, e Celeste, que era ex-advogada, escreveu-lhes uma carta exigindo uma indenização pelos sapatos estragados de Madeline, seu vestido que só podia ser lavado a seco e, claro, o reembolso de todas as mensalidades delas.

Foi assim que se tornaram amigas. E Madeline entendeu quando Celeste a apresentou a Perry e ficou claro que só havia contado a ele que tinham se conhecido por causa das aulas de natação. Nem sempre era necessário contar a história toda ao marido.

Madeline mudou de assunto.

— Perry já foi para sabe-se-lá-aonde-ele-vai-dessa-vez? — perguntou.

A voz de Celeste de repente ficou clara e nítida de novo.

— Viena. Sim. Ele vai passar três semanas fora.

— Já está com saudades dele? — perguntou Madeline. Que piada.

Houve uma pausa.

— Celeste? — chamou Madeline.

— Eu gosto de jantar torrada — disse ela.

— Ah, sim, eu como iogurte e biscoitos de chocolate no jantar sempre que Ed viaja — contou Madeline. — Nossa, por que estou com uma cara tão cansada?

Ela estava sentada na cama do escritório/quarto de hóspedes onde sempre dobrava a roupa lavada, e acabara de vislumbrar o próprio reflexo no espelho do armário. Levantou-se da cama e foi até o espelho, com o telefone ainda na orelha.

— Talvez porque você esteja cansada — sugeriu Celeste.

Madeline pressionou a ponta do dedo embaixo do olho.

— Tive uma ótima noite de sono! — disse ela. — Todo dia eu penso: “Nossa, estou com uma cara meio cansada hoje”, e só há pouco

tempo me ocorreu que não é que eu esteja cansada, é que *essa é a minha cara agora*.

— Pepino? Não é isso que você usa para diminuir o inchaço? — perguntou Celeste, despreocupada.

Madeline sabia que Celeste não tinha o mínimo interesse em uma grande parte da vida que ela adorava: roupas, cuidados com a pele, maquiagem, perfumes, joias, acessórios. Às vezes, Madeline via a amiga com aquele cabelo louro-acobreado preso de qualquer jeito e desejava agarrá-la e *brincar com ela* como se fosse uma das Barbies de Chloe.

— Estou lamentando a perda da minha juventude — disse ela a Celeste.

A amiga bufou.

— Sei que eu não era tão bonita assim para início de conversa...

— Você continua bonita — elogiou Celeste.

Madeline fez uma careta para seu reflexo no espelho e virou de costas. Ela não queria admitir, nem para si mesma, quanto o envelhecimento de seu rosto realmente a deprimia. Queria ser superior a tais preocupações superficiais. Queria estar deprimida com a situação do mundo, não com o enrugamento de sua pele. Toda vez que via provas do envelhecimento natural de seu corpo, era tomada por uma vergonha irracional, como se não estivesse se esforçando o suficiente. Enquanto isso, Ed se tornava mais sensual a cada ano que passava, conforme as rugas em volta de seus olhos se acentuavam e seu cabelo ficava grisalho.

Ela tornou a se sentar na cama de hóspedes e começou a dobrar roupas.

— Bonnie veio buscar Abigail hoje — contou a Celeste. — Ela surgiu na porta e parecia, sei lá, uma *sueca catadora de frutas*, com aquele lenço xadrez vermelho e branco na cabeça, e Abigail saiu correndo de casa. Ela *correu*. Como se não pudesse esperar para fugir da bruxa velha da mãe dela.

— Ah — disse Celeste. — Agora eu entendi.

— Às vezes, tenho a sensação de estar perdendo Abigail. Sinto que ela vai se afastando, e quero agarrá-la e dizer: “Abigail, ele também deixou você. Ele abandonou nós duas.” Mas tenho que ser adulta. E o incrível é que acho que ela é realmente mais feliz quando está com a família idiota deles, meditando e comendo grão-de-bico.

— Com certeza não — retrucou Celeste.

— Eu sei, não é? Odeio grão-de-bico.

— É mesmo? Eu até gosto de grão-de-bico. Faz bem à saúde.

— Cale a boca. Então você vai trazer os meninos para brincarem aqui com Ziggy? Tenho a sensação de que aquela coitada da Jane vai precisar de amigas esse ano. Vamos ser amigas e tomar conta dela.

— Claro, nós vamos aí — disse Celeste. — Vou levar grão-de-bico.

—

Sra. Lipmann: Não. A escola não teve uma noite de concurso de perguntas que terminasse em carnificina antes. Acho essa pergunta ofensiva e provocadora.

— Quero morar numa casa de dois andares que nem essa — disse Ziggy enquanto eles subiam a pé a entrada de carros da casa de Madeline.

— Quer? — perguntou Jane.

Ela ajeitou a bolsa num braço. No outro, carregava um pote plástico com muffins de banana fresquinhos.

Quer uma vida como essa? Eu também gostaria muito de ter uma vida como essa.

— Você pode segurar isso para mim, por favor?

Ela entregou o pote a Ziggy para pegar mais dois chicletes na bolsa, analisando a casa enquanto fazia isso. Era uma casa de família comum, com dois andares e de tijolinhos creme. De aspecto meio desmazelado. A grama precisava ser cortada. Havia dois caiaques duplos pendurados acima do carro na garagem. Tinha pranchas de surfe e bodyboard encostadas na parede. Havia toalhas de praia penduradas na sacada. Uma bicicleta infantil fora largada no gramado da frente.

Aquela casa não tinha nada de especial. Parecia a da família de Jane. Mas a casa de Jane era menor e mais arrumada, e ficava a uma hora de carro da praia, portanto não havia tantos objetos de atividades praianas, embora tivesse o mesmo ar descontraído e simples de classe média.

Aquilo era infância.

Era bem simples. Ziggy não estava pedindo muito. Ele merecia uma vida como aquela. Se Jane não tivesse saído aquela noite, se não tivesse bebido aquela terceira tequila *slammer*, se tivesse dito “não, obrigada” quando ele deslizou para o assento ao lado do dela, se tivesse ficado em casa e terminado a faculdade de direito, arranjado um emprego, um marido, um empréstimo para comprar uma casa e feito tudo do jeito que deveria, talvez um dia ela tivesse morado na casa que deveria e sido a pessoa que deveria ser, vivendo a vida que deveria.

Mas então Ziggy não seria Ziggy. E talvez ela não tivesse filho nenhum. Lembrou-se do médico, da cara triste dele, um ano antes de

ela engravidar.

“Jane, precisa entender que vai ser muito difícil, se não impossível, você conceber.”

— Ziggy! Ziggy, Ziggy, Ziggy!

A porta da frente se abriu e Chloe, de vestido de fada e galocha, saiu correndo e arrastou o amigo pela mão.

— Você está aqui para brincar comigo, não é? Não com o meu irmão Fred.

Madeline apareceu atrás dela, usando um vestido vermelho e branco de bolinhas estilo anos 1950 de saia rodada. Tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo.

— Jane! Feliz Ano-Novo! Como vai? É muito bom ver você. Olhe, o meu tornozelo já sarou! Embora, você vá gostar de saber, eu esteja de sapato baixo.

Ficou em um pé só e girou o tornozelo, exibindo uma cintilante sapatinha vermelha.

— Como os sapatos de rubi da Dorothy — disse Jane, entregando os muffins a Madeline.

— Exatamente, não são lindos? — perguntou Madeline. Tirou a tampa do pote. — Minha nossa. Não me diga que você fez esses?

— Fiz, sim — disse Jane.

Ela podia ouvir a risada de Ziggy vindo de algum lugar do segundo andar. Seu humor melhorou ao ouvir o barulho...

— Olhe só para você, com muffins fresquinhos, e eu é que estou vestida feito uma dona de casa dos anos 1950 — comentou Madeline. — Adoro a ideia de assar alguma coisa, mas acabo não conseguindo pôr em prática. Parece que nunca tenho todos os ingredientes. Como você consegue ter toda aquela farinha e aquele açúcar e, sei lá, extrato de baunilha?

— Bem — disse Jane. — Eu compro. Em um lugar chamado supermercado.

— Aposto que você faz uma lista — observou Madeline. — E depois se lembra de levar a lista com você.

Jane reparou que os sentimentos de Madeline sobre o fato de Jane cozinhar eram semelhantes aos seus a respeito dos acessórios de Madeline: admiração confusa por um comportamento exótico.

— Celeste e os meninos vêm hoje. Ela vai acabar com os seus muffins. Chá ou café? Seria melhor a gente não tomar champanhe toda vez que se encontra, embora eu esteja aberta à negociação. Você tem alguma desculpa para comemorar?

Madeline conduziu-a para uma ampla sala com cozinha americana.

— Nenhuma — disse Jane. — Só um chá normal seria ótimo.

— Então, como vai a mudança? — perguntou Madeline. — Estávamos viajando pelo litoral quando você se mudou, do contrário,

eu teria oferecido Ed para ajudá-la. Vivo oferecendo Ed como ajudante de mudança. Ele adora.

— Sério?

— Não, não. Ele odeia. Fica muito zangado comigo. Diz: “Não sou um aparelho que você pode emprestar!” — Ela fez uma voz grossa para imitar o marido enquanto ligava a chaleira, o rabo de cavalo balançando. — Mas, sabe, ele paga para levantar peso na academia, então por que não levantar algumas caixas de graça? Pode se sentar. Desculpe a bagunça.

Jane sentou-se a uma comprida mesa de madeira coberta com os detritos da vida familiar: adesivos de bailarina, um livro com a capa virada para baixo, protetor solar, chaves, um tipo de brinquedo eletrônico, um avião feito de Lego.

— Minha família me ajudou a fazer a mudança — disse Jane. — Tem muita escada. Todo mundo ficou meio irritado comigo, mas são eles que nunca me deixam contratar uma empresa de mudança.

(“Se eu estiver *descendo* essa escada com essa maldita geladeira daqui a seis meses, eu vou...”, dissera seu irmão.)

— Leite? Açúcar? — perguntou Madeline enquanto molhava saquinhos de chá.

— Nem um nem outro. Puro mesmo. Hã, encontrei uma daquelas mãos que têm filhos no jardim de infância hoje de manhã — disse Jane a Madeline. Queria tocar no assunto do dia da orientação enquanto Ziggy não estivesse por perto. — No posto de gasolina. Acho que ela fingiu não me ver.

Ela não achava isso. Tinha certeza. A mulher virara o rosto tão depressa que parecia que tinha levado uma bofetada.

— Ah, é mesmo? — falou Madeline como se achasse graça. Serviu-se de um muffin. — Qual delas? Você lembra o nome?

— Harper — disse Jane. — Tenho quase certeza de que era Harper. Eu me lembro de chamá-la de Harper Papagaio de Pirata na minha cabeça, porque ela parecia um papagaio de pirata rondando Renata o tempo todo. Ela é uma das suas Louras de Corte Chanel, eu acho, com um rosto caído e comprido. Meio parecida com um basset hound.

Madeline riu.

— É Harper, com certeza. É, ela é muito amiga de Renata, e se orgulha disso de um modo bizarro, como se Renata fosse alguma celebridade. Ela sempre faz questão que a gente fique sabendo que ela e Renata saíram juntas. “Ah, tivemos uma noite *maravilhosa* em algum restaurante *maravilhoso*.” — Ela mordeu um pedaço do muffin.

— Acho que é por isso que Harper não quer me conhecer, então — disse Jane. — Por causa do que aconteceu...

— Jane — interrompeu Madeline. — Esse muffin está... *magnífico*.

Ela sorriu para a cara espantada de Madeline. Havia uma migalha

em seu nariz.

— Obrigada. Posso lhe dar a receita se você...

— Ai, nossa, não quero a receita, só quero *os muffins*. — Madeline tomou um grande gole do seu chá. — Sabe de uma coisa? Cadê o meu celular? Vou mandar uma mensagem para Harper agora mesmo e exigir saber por que ela fingiu não ter visto a minha nova amiga que faz muffins.

— Não se atreva! — exclamou Jane.

Madeline, ela percebeu, era uma daquelas pessoas ligeiramente perigosas que mergulhavam em defesa das amigas e provocavam ondas bem maiores que a primeira marolinha.

— Bem, não tenho o número mesmo — disse Madeline. — Se aquelas mulheres tratarem você mal por causa do que aconteceu na orientação, vou ficar furiosa. Aquilo poderia acontecer com qualquer um.

— Eu *teria* feito Ziggy se desculpar — defendeu-se Jane. Ela precisava deixar claro para Madeline que era o tipo de mãe que fazia o filho pedir desculpas. — Acreditei quando ele disse que não fez aquilo.

— Claro que acreditou — retrucou Madeline. — Garanto que ele não fez. Parece ser um amor.

— Estou cem por cento segura. Bem, noventa e nove por cento segura. Estou...

Ela parou e engoliu em seco, porque de repente estava sentindo um desejo avassalador de explicar suas dúvidas a Madeline. Contar a ela o motivo exato daquele um por cento de dúvida. Simplesmente... contar. Transformar aquilo em uma história que ela nunca dividira com ninguém. Um pacote que conteria o começo, meio e fim do acontecimento.

Era uma noite de primavera linda e quente em outubro. O ar cheirava a jasmim. Eu estava com uma rinite horrível. Dor de garganta. Olhos coçando.

Ela poderia simplesmente falar sem pensar, sem sentir, até a história chegar ao fim.

E talvez Madeline dissesse daquele seu jeito definitivo, que não aceitava discussão: *Ah, você não deve se preocupar com isso, Jane. É irrelevante! Ziggy é exatamente quem você pensa que ele é. Você é a mãe dele. Conhece o filho que tem.*

Mas e se ela fizesse o oposto? Se a dúvida que Jane estava sentindo se refletisse mesmo que por um instante no semblante de Madeline? E então? Seria a pior forma de trair Ziggy.

— Ah, Abigail! Venha comer um muffin com a gente! — Madeline ergueu os olhos quando uma adolescente entrou na cozinha. — Jane, essa é a minha filha Abigail. — Um tom artificial se insinuara na voz de Madeline. Ela largou o muffin e brincou com um de seus brincos.

— Abigail? — chamou de novo. — Essa é Jane!

Jane virou-se na cadeira.

— Oi, Abigail — disse à adolescente, que estava parada muito quieta e empertigada, com as mãos entrelaçadas à frente do corpo como se estivesse participando de uma cerimônia religiosa.

— Olá — cumprimentou Abigail, e sorriu para Jane, em um lampejo súbito e caloroso.

Tinha o mesmo sorriso brilhante de Madeline, mas fora isso, não pareciam mãe e filha. A pele e o cabelo da adolescente eram mais escuros, e suas feições, mais marcadas. O cabelo caía nas costas naquele visual largado acabei-de-acordar e ela usava um vestido marrom folgado por cima de uma legging preta. Marcas de *henna* intrincadas se estendiam das mãos até seus antebraços. A única joia que usava era uma caveira de prata pendurada em um cadarço de sapato preto no pescoço.

— Papai vem me buscar — disse Abigail.

— O quê? Não vem, não — retrucou Madeline.

— Vem, vou dormir lá hoje porque tenho aquela coisa com Louisa amanhã. A gente tem que estar lá cedo e é mais perto da casa do papai.

— É dez minutos mais perto, no máximo — protestou Madeline.

— Mas é mais fácil ir da casa do papai e da Bonnie — disse Abigail.

— A gente sai de casa mais rápido. Não vamos ficar sentados no carro esperando Fred procurar os sapatos e Chloe voltar correndo lá para dentro para buscar uma Barbie diferente ou o que for.

— Quer dizer que Skye nunca volta correndo para pegar a Barbie dela.

— Bonnie nunca deixaria Skye brincar de Barbie — retrucou Abigail, revirando os olhos, como se aquilo fosse óbvio para qualquer um. — Quer dizer, você não devia deixar Chloe brincar com essas bonecas, mãe, elas são, tipo, muito antifeministas e contribuem para expectativas não realistas sobre o corpo.

— Bem, agora é tarde para Chloe. — Madeline deu um sorriso pesaroso a Jane.

Ouviu-se uma buzina na rua.

— É ele — disse Abigail.

— Você já tinha *ligado* para ele? — questionou Madeline, corando.

— Você combinou isso sem me perguntar?

— Perguntei ao papai — disse Abigail. Ela contornou a mesa e deu um beijo no rosto de Madeline. — Tchau, mãe. — Ela se virou para Jane com um sorriso. — Prazer em conhecê-la. — Era impossível não gostar dela.

— Abigail Marie! — Madeline levantou-se da mesa. — Isso é inaceitável. Não é você quem escolhe onde vai passar a noite.

A adolescente parou. Virou-se para a mãe.

— Por que não? — perguntou. — Por que você e meu pai podem escolher de quem é a *vez de ficar comigo*? — Jane pôde ver de novo uma semelhança com Madeline no jeito que Abigail tremia de raiva. — Como se eu fosse uma *propriedade* de vocês. Como se eu fosse um carro e vocês precisassem me dividir.

— Não é assim — começou Madeline.

— É, sim — disse Abigail.

Ouviu-se outra buzina vinda da rua.

— O que está havendo? — Um homem de meia-idade entrou na cozinha, usando um traje de neoprene enrolado até a cintura, revelando um peitoral largo e muito cabeludo. Estava com um garotinho vestido exatamente da mesma maneira, só que com o peito magro e sem pelos. Ele se virou para Abigail. — Seu pai está lá na frente.

— Eu *sei* — disse Abigail. Olhou para o peitoral cabeludo do homem. — Você não devia andar em público assim. É repugnante.

— O quê? Exibindo o meu belo físico?

O homem bateu orgulhosamente um punho no peito e sorriu para Jane. Ela retribuiu o sorriso, pouco à vontade.

— Eca — exclamou Abigail. — Estou indo.

— Vamos ter uma conversinha sobre isso depois! — disse Madeline.

— Está bem.

— Não me venha com esse seu *está bem!* — gritou Madeline.

A porta da frente bateu.

— Mamãe, estou *morrendo* de fome — disse o garotinho.

— Coma um muffin — ofereceu Madeline, abatida. Ela afundou de volta na cadeira. — Jane, esse é o meu marido, Ed, e o meu filho, Fred. Ed. Fred. Fácil de lembrar.

— Porque rimam — esclareceu o menino.

— Bom dia — disse Ed, apertando a mão de Jane. — Desculpe meu visual repulsivo. Fred e eu estávamos surfando. — Ele se sentou ao lado de Madeline e envolveu-a com o braço. — Abigail andou *lhe dando trabalho*?

Madeline apoiou o rosto no ombro dele.

— Você parece um cachorro molhado e salgado.

— Que muffin *gostoso* — comentou Fred, a boca ainda cheia de bolo enquanto pegava mais um, disfarçadamente. Jane traria mais da próxima vez.

— Mamãe! A gente está precisando de vocêêê! — gritou Chloe do corredor.

— Vou andar de skate. — Fred pegou um terceiro muffin.

— Não esqueça o capacete — disseram Madeline e Ed ao mesmo tempo.

— Mamãe! — esgoelou-se Chloe.

— Estou indo! — disse Madeline. — Converse com Jane, Ed.

Ela foi para o corredor.

Jane se preparou para puxar assunto, mas Ed sorriu com naturalidade para ela, pegou um muffin e se acomodou de novo na cadeira.

— Então você é mãe do Ziggy. De onde veio esse nome?

— Meu irmão sugeriu — contou Jane. — Ele é um grande fã de Bob Marley e acho que Bob Marley chamou o filho dele de Ziggy. — Ela fez uma pausa, lembrando-se do peso milagroso do filho em seus braços, seus olhos solenes. — Gostei do fato de ser meio inusitado. Meu nome é muito sem graça.

— Jane é um nome lindo, clássico — disse Ed, categórico, fazendo-a se apaixonar só um pouquinho por ele. — *Na verdade*, “Jane” aparecia na minha lista quando estávamos escolhendo o nome da Chloe, mas perdi, e eu já tinha ganhado com Fred.

Jane reparou em uma foto de casamento na parede: Madeline usava um vestido de tule cor de champanhe, sentada no colo de Ed, ambos de olhos bem fechados, sem conseguir conter o riso.

— Como você e Madeline se conheceram? — perguntou para puxar assunto.

Ed se animou. Era obviamente uma história que ele gostava de contar.

— Eu morava em frente a ela quando éramos crianças — disse. — Madeline era vizinha de uma grande família libanesa. Eles tinham seis filhos, garotões fortes. Eu morria de medo deles. Jogavam críquete na rua, e às vezes Madeline participava do jogo. Ela saía trotando de casa, tinha metade do tamanho daqueles grandalhões, cheia de fitas no cabelo e usando umas pulseiras reluzentes, bem, você sabe como ela é, a garota mais feminina que você já viu, mas, meu Deus, ela sabia jogar críquete.

Ele largou o muffin e se levantou para demonstrar.

— Então lá vinha ela, balançando o cabelo, rodando o vestido, e pegava o taco, e em seguida, BAM! — Ele rebateu com um taco imaginário de críquete. — E os garotos caíam de joelhos segurando as cabeças.

— Você está contando de novo a história do críquete?

Madeline voltara do quarto de Chloe.

— Foi quando me apaixonei por ela — disse Ed. — Para valer. Observando da janela do meu quarto.

— Eu nem sabia que ele existia — acrescentou Madeline, despreocupada.

— Não, ela não sabia. Então crescemos e saímos de casa, e fiquei sabendo por minha mãe que Madeline tinha se casado com um babaca

— disse Ed.

— Shhh. — Madeline deu um tapa no braço dele.

— Então, anos depois, vou a um churrasco de aniversário de trinta anos de um amigo. Estava rolando um jogo de críquete no quintal dos fundos, e quem está lá rebatendo de salto agulha, toda emperiquitada, igualzinha? A pequena Madeline do outro lado da rua. Meu coração quase parou.

— É uma história muito romântica — comentou Jane.

— Eu quase não fui àquele churrasco — disse Ed.

Jane viu que os olhos dele brilhavam, embora já devesse ter contado aquela história umas cem vezes.

— E eu também quase não fui — contou Madeline. — Tive que cancelar a pedicure, e normalmente *nunca* cancelo a pedicure.

Eles sorriram um para o outro.

Jane desviou o olhar. Pegou sua xícara de chá e deu um gole, embora já não tivesse mais nada. A campainha tocou.

— É Celeste — disse Madeline.

Ótimo, pensou Jane, continuando a fingir que bebericava o chá da xícara vazia. *Agora estarei na presença do grande amor e da grande beldade.*

Tudo em volta dela era colorido: de cores fortes e vibrantes. Ela era a única coisa sem cor na casa inteira.

—

Srta. Barnes: Obviamente os pais formam seus próprios grupos sociais *fora* da escola. O conflito da noite do concurso de perguntas poderia não ter necessariamente nada a ver com o que estava acontecendo na Escola Pública de Pirriwee. Só achei que devia ressaltar isso.

Thea: Sim, bem, é claro que a Srta. Barnes diria isso, não é?

— O que você achou de Jane? — perguntou Madeline a Ed naquela noite no banheiro enquanto ele escovava os dentes e ela usava a ponta do dedo para passar um caríssimo creme para os olhos em suas “pequenas rugas de expressão”. (Ela era formada em marketing, caramba. Sabia que tinha torrado dinheiro em um vidro de esperança.) — Ed?

— Estou escovando os dentes, me dê um minutinho.

Ele enxaguou a boca, cuspiu, bateu a escova na lateral da pia. *Toc, toc, toc*. Sempre três batidas claras, decisivas, como se a escova fosse um martelo ou uma chave inglesa. Às vezes, se tivesse bebido um pouco de champanhe, ela quase morria de rir só de ver Ed bater a escova na pia.

— Jane parece ter doze anos — disse ele. — *Abigail* parece mais velha que ela. Não consigo aceitar que tenha um filho na escola como nós. — Apontou a escova de dentes para a esposa e sorriu. — Mas ela será nossa arma secreta este ano na noite do concurso de perguntas. Vai saber as respostas de todas as perguntas da Geração Y.

— Acho que talvez eu saiba mais sobre cultura pop do que Jane — comentou Madeline. — Tenho a sensação de que ela não é uma típica jovem de vinte e quatro anos. Parece quase antiquada em alguns aspectos, como alguém da geração da minha mãe.

Madeline examinou o próprio rosto, suspirou e colocou seu vidro de esperança de volta na prateleira.

— Ela não pode ser tão antiquada — argumentou Ed. — Você disse que ela engravidou depois de um caso de uma noite só.

— Mas ela foi em frente e *teve* o bebê — disse Madeline. — Isso é meio antiquado.

— Então deveria ter deixado o bebê na porta da igreja — sugeriu Ed. — Numa cestinha de filme.

— Numa o quê?

— Numa cestinha de vime. É uma palavra, não é? Vime?

— Pensei que você tivesse dito cestinha de *filme*.

— Eu disse. Estava disfarçando o meu erro. Aliás, para que tanto *chiclete*? Ela passou o dia inteiro mascando.

— Eu sei. É como se ela fosse viciada.

Ele apagou a luz do banheiro. Cada um foi para um lado da cama, acendeu a luz da cabeceira e puxou a coberta em um movimento suave, praticado e sincronizado, que provava, dependendo do estado de espírito de Madeline, ou que eles tinham o casamento perfeito ou que estavam presos a uma rotina suburbana de classe média e precisavam vender a casa e sair viajando pela Índia.

— Eu gostaria muito de dar uma repaginada no visual de Jane — refletiu Madeline enquanto Ed procurava a página em seu livro. Ele era um grande fã dos livros de mistério e assassinatos de Patricia Cornwell. — O jeito que ela prende o cabelo, todo lambido no topo da cabeça. Ela precisa de um pouco de volume.

— Volume — murmurou Ed. — Claro. É disso que ela precisa. Eu estava pensando a mesma coisa. — Ele virou uma página.

— Temos que ajudá-la a arranjar um namorado — disse Madeline.

— Seria melhor você começar a trabalhar nisso — comentou Ed.

— Eu gostaria muito de dar uma repaginada em Celeste também — confessou Madeline. — Sei que isso parece estranho. Obviamente ela é linda de qualquer jeito.

— Celeste? Linda? — disse Ed. — Nunca reparei.

— Rá, rá. — Madeline pegou seu livro, mas logo o largou. — Elas parecem muito diferentes, Jane e Celeste, mas tenho a sensação de que são meio parecidas. Não consigo dizer bem como.

Ed largou o livro também.

— Posso lhe dizer como elas são parecidas.

— Pode?

— As duas são problemáticas — revelou Ed.

— Problemáticas? Como assim?

— Não sei — disse Ed. — Simplesmente sei quando uma garota é problemática. Costumava sair com algumas desse tipo. Consigo identificar uma mulher maluca a quilômetros de distância.

— Então eu também era problemática? — perguntou Madeline. — Foi por isso que você gostou de mim?

— Não — disse Ed. Ele tornou a pegar o livro. — Você não era problemática.

— Era, sim! — protestou Madeline. Ela queria ser interessante e problemática também. — Eu estava com o coração partido quando você me conheceu.

— Existe certa diferença entre uma pessoa de coração partido e uma problemática — disse Ed. — Você estava triste e magoada. Talvez seu coração estivesse partido, mas você não. Agora, fique quieta, porque acho que estou seguindo uma pista falsa aqui, e não estou acreditando nisso, Sra. Cornwell, não estou, não.

— Hum — murmurou Madeline. — Bem, *Jane* talvez seja

problemática, mas não sei que problemas Celeste poderia ter. Ela é linda, rica, bem-casada e não tem um ex-marido roubando a filha dela.

— Ele não está tentando roubar a menina — disse Ed, voltando a olhar para o livro. — Isso é só Abigail sendo adolescente. Os adolescentes são loucos. Você sabe disso.

Madeline também pegou o seu livro.

Ela pensou em Jane e Ziggy andando pela entrada de carros de mãos dadas quando foram embora aquela tarde. O menino contava algo a Jane, a mãozinha gesticulando veementemente, e ela inclinava a cabeça para um lado, ouvindo, a outra mão segurando as chaves para abrir o carro. Madeline escutou-a dizer: “Já sei! Vamos para aquele lugar onde compramos tacos gostosos!”

Observá-los lhe trouxe uma enxurrada de lembranças dos seus anos de mãe solteira. Durante cinco anos, havia sido só ela e Abigail. Elas moravam em um pequeno apartamento em cima de um restaurante italiano. Comiam muita massa embrulhada para viagem e pão de alho de graça. (Madeline tinha engordado sete quilos.) Eram as garotas Mackenzie do número nove. Ela trocara o sobrenome de Abigail para o seu de solteira (e se recusara a mudá-lo de novo quando se casou com Ed. Havia um limite de vezes para uma mulher trocar de sobrenome sem cair no ridículo). Ela não conseguiria suportar ter Abigail andando por aí com o sobrenome do pai enquanto Nathan escolhia passar as férias de Natal deitado em uma praia em Bali com uma cabeleireirazinha de quinta categoria. Uma cabeleireira que, diga-se de passagem, nem tinha cabelo bonito, e sim raízes pretas e pontas duplas.

— Sempre achei que o castigo de Nathan por ter nos abandonado seria Abigail não amá-lo como me amava — disse ela a Ed. — Toda hora eu repetia isso para mim mesma. “Abigail não vai querer que Nathan entre com ela na igreja. Ele vai nos pagar”, eu pensava. Mas quer saber? Ele não está pagando os pecados. Agora ele tem Bonnie, que é mais amável, mais jovem e mais bonita que eu, tem uma filha nova em folha que sabe escrever o alfabeto inteiro, e ainda está conseguindo Abigail também! Ele se safou. Não se arrepende de nada.

Ela ficou admirada de ouvir sua voz ficar embargada. Achou que só estivesse zangada, mas descobriu que também se sentia magoada. Abigail já a enfurecera antes. Ela a deixara frustrada e aborrecida. Mas aquela era a primeira vez que a magoara.

— Era para ela me amar mais — disse, infantil, enquanto tentava rir, porque era uma piada, só que Madeline estava falando seriíssimo. — Achei que ela me amava mais.

Ed tornou a largar o livro e passou o braço em volta da esposa.

— Quer que eu mate o filho da mãe? Acabe com ele? Eu poderia fazer uma armação para culpar Bonnie pelo assassinato.

— Sim, por favor — disse Madeline, com o rosto enfiado no ombro dele. — Seria ótimo.

—

Detetive Adrian Quinlan: Ainda não prendemos ninguém. Mas posso afirmar que estamos convencidos de que já falamos com a pessoa ou as pessoas envolvidas.

Stu: Acho que ninguém, incluindo a polícia, tem a menor ideia de quem fez o quê.

Gabrielle: Sei lá, pensei que talvez houvesse algum tipo de etiqueta para entrega de convites de festa. Achei o que aconteceu naquele primeiro dia de aula do jardim de infância meio inapropriado.

— Sorria, Ziggy, sorria!

Ziggy finalmente sorriu, no exato momento em que o pai de Jane bocejou. Ela apertou o botão para tirar a foto e depois conferiu a tela da câmera digital. O menino e a mãe dela exibiam lindos sorrisos, enquanto seu pai tinha sido captado no meio de um bocejo: de boca aberta e com os olhos fechados. Ele estava cansado porque precisara se levantar muito cedo para sair de Granville e ir até a península ver o neto no primeiro dia de aula.

Os pais de Jane sempre dormiam tarde e acordavam tarde, e qualquer coisa que exigisse sair de casa antes das nove da manhã era um esforço tremendo. No ano anterior, seu pai aceitara a aposentadoria antecipada do emprego como funcionário público, e, desde então, ele e a mãe de Jane ficavam acordados montando seus quebra-cabeças até as três ou quatro horas da manhã.

“Nossos pais estão virando vampiros”, dissera o irmão de Jane. “Vampiros que montam quebra-cabeças.”

— Querem que o meu marido tire uma foto de todos vocês juntos? — perguntou uma mulher parada ali perto. — Eu me ofereceria para tirar, mas a tecnologia e eu não somos amigas.

Jane ergueu os olhos. A mulher estava com uma saia comprida de estampa *paisley* e regata preta. Usava pulseiras de barbante, o cabelo preso em uma trança comprida, e tinha um símbolo chinês tatuado no ombro. Ela parecia um pouco deslocada em meio aos outros pais, que estavam de roupas sociais, de praia ou de ginástica. Seu marido parecia bem mais velho do que ela e vestia short e camiseta: o traje padrão dos pais de meia-idade. Ele segurava a mão de uma menininha

minúscula de cabelo comprido maltratado que lembrava um camundongo e cujo uniforme parecia ser três números maior.

Aposto que você é Bonnie, pensou Jane de repente, lembrando-se de como Madeline descrevera a esposa do ex-marido, ao mesmo tempo em que a mulher disse:

— Meu nome é Bonnie, e esse é meu marido, Nathan, e essa é minha filhinha, Skye.

— Muito obrigada — disse Jane, entregando a câmera ao ex-marido de Madeline e indo para perto de seus pais e Ziggy.

— Digam abacaxi! — Nathan levantou a câmera.

— Hã? — perguntou Ziggy.

— Café. — A mãe de Jane bocejou.

Nathan bateu a foto.

— Pronto!

O homem devolveu a câmera, e outra menininha de cabelo cacheado marchou até a filha dele com um passo decidido. Jane sentiu-se enjoada. Reconheceu-a na mesma hora. Era a menina que acusara Ziggy de tentar enforcá-la. Amabella. Jane olhou em volta. Onde estava a mãe enfurecida?

— Como você se chama? — perguntou Amabella a Skye, com ares de importância. Carregava uma grande pilha de envelopes rosa-claros.

— Skye — sussurrou a menininha.

Ela era tão terrivelmente tímida que dava pena vê-la tentar desembuchar as palavras.

Amabella folheou os envelopes.

— Skye, Skye, Skye.

— Nossa, você já sabe ler todos esses nomes? — perguntou a mãe de Jane.

— Na verdade, eu já leio desde os três anos — disse Amabella, educadamente. Continuou folheando os envelopes. — Skye! — Ela entregou um envelope rosa. — É um convite para o meu aniversário de cinco anos. É a festa do A, porque meu nome começa com A.

— Ela já lê antes de começarem as aulas! — exclamou o pai de Jane a Nathan como se fossem velhos amigos. — Já é a primeira da turma! Deve ter tido aula particular, não acha?

— Bem, não é para contar vantagem nem nada, mas Skye já está lendo muito bem também — disse Nathan. — E a gente não acredita em aulas particulares, não é, Bon?

— Preferimos deixar o crescimento de Skye acontecer de forma orgânica — respondeu Bonnie.

— Orgânica, hein? — comentou o pai de Jane, franzindo a testa. — Como as frutas?

Amabella virou-se para Ziggy.

— Como é o seu...

Ela ficou paralisada. Uma expressão de puro pânico passou pelo seu rosto. Apertou com força os envelopes rosa junto ao peito como se para impedir que Ziggy roubasse um e, sem dizer uma palavra, deu meia-volta e saiu correndo.

— Nossa. Para que tudo isso? — perguntou a mãe de Jane.

— Ah, essa foi a menina que disse que eu machuquei ela — contou Ziggy com toda a naturalidade. — Mas eu não machuquei, vovó.

Jane olhou em volta do parquinho. Para onde quer que olhasse, via crianças com uniformes escolares grandes demais e novos em folha.

Todas tinham nas mãos um envelope rosa-claro.

—

Harper: Olha, ninguém naquela escola conhecia Renata melhor que eu. Nós éramos muito próximas. Posso lhe dizer com certeza que ela não estava querendo provar nada.

Samantha: Ai, meu Deus, é *claro* que ela estava.

Madeline estava sofrendo um ataque brutal de TPM no primeiro dia de aula de Chloe. Tentava resistir bravamente, mas era em vão. *Sou eu que escolho o meu estado de espírito*, dizia a si mesma em pé na cozinha, tomando cápsulas de onagra como se fossem Valium. (Sabia que não adiantava, era necessário tomá-las regularmente, mas ela precisava fazer alguma coisa, embora aqueles remédios idiotas não passassem de um desperdício de dinheiro.) Ela estava furiosa com o *timing* ruim. Teria adorado encontrar um jeito de culpar alguém, de preferência o ex-marido, mas não conseguia responsabilizar Nathan por seu ciclo menstrual. Sem dúvida Bonnie dançava ao luar para lidar com os altos e baixos de sua condição de mulher.

A TPM era uma experiência relativamente nova para Madeline. Outro maravilhoso aspecto do processo de envelhecimento. Ela nunca tinha acreditado muito naquilo. Então, quando chegou perto dos quarenta, seu corpo disse: *Quer dizer que você não acredita em TPM? Pois vou lhe mostrar o que é TPM. Que tal, sua vaca?*

Assim, durante um dia por mês, ela precisava fingir tudo: sua humanidade básica, seu amor pelos filhos, seu amor por Ed. Uma vez ficara horrorizada ao ouvir mulheres alegando TPM como justificativa para assassinatos. Mas ela passara a entender. Seria um grande prazer assassinar alguém em um dia como aquele! Na verdade, achava que merecia algum reconhecimento por sua extraordinária força de vontade de ainda não ter matado ninguém.

Na ida para a escola, ficou o tempo todo fazendo exercícios de respiração para ajudar a acalmar seu estado de espírito. Felizmente, Fred e Chloe não estavam brigando no banco de trás. Ed cantarolava para si mesmo enquanto dirigia, o que era meio insuportável (aquele homem tinha uma *felicidade* irritante e desnecessária), mas pelo menos ele estava com uma camisa limpa e não insistira em usar a polo apertada com a mancha de molho de tomate que ele pensava que fosse invisível. Naquele dia, a TPM não ia vencer. A TPM não estragaria aquele marco.

Não demoraram a encontrar uma vaga. As crianças saltaram do carro na primeira vez que lhes pediram.

— Feliz Ano-Novo, Sra. Ponder! — exclamou ela quando passaram andando pelo chalezinho branco revestido de madeira ao lado da escola, onde uma Sra. Ponder rechonchuda de cabelo branco estava sentada em sua cadeira dobrável com uma xícara de chá e jornal.

— Bom dia! — cumprimentou a Sra. Ponder, animada.

— Vá andando, vá andando — sibilou Madeline a Ed quando ele começou a diminuir o passo.

Ele adorava ficar batendo papo com a Sra. Ponder (ela trabalhara como enfermeira em Cingapura durante a guerra), ou com qualquer pessoa aliás, especialmente se tivesse mais de setenta anos.

— Primeiro dia de aula da Chloe! — exclamou Ed. — Grande dia!

— Ah, boa sorte — disse a Sra. Ponder.

Eles continuaram andando.

Madeline tinha o seu humor sob controle, como um cão raivoso em uma coleira curta.

O pátio da escola estava cheio de pais conversando e crianças gritando. Os pais estavam parados de pé enquanto as crianças corriam atabalhoadamente em volta deles, como bolas de gude em uma máquina de *pinball*. Havia os pais novos do jardim de infância sorrindo alegre e nervosamente. Havia as mães do sexto ano em suas rodinhas animadas e inquebráveis, seguras em suas posições de rainhas da escola. Havia as Louras de Corte Chanel afagando seus cabelos louros recém-cortados.

Ah, era lindo. A brisa do mar. Os rostinhos alegres das crianças... e, ah, porra, lá estava o ex-marido dela.

Não que ela não soubesse que Nathan estaria lá, mas era um absurdo ele parecer tão à vontade no pátio de escola de *Madeline*, tão satisfeito consigo mesmo, tão comum e com jeito de pai. E, pior, ele estava tirando uma foto de Jane e Ziggy (eles pertenciam a Madeline!) e de um casal de aspecto simpático que não parecia muito mais velho que Madeline, mas que ela sabia que deviam ser os pais de Jane. Ele era péssimo fotógrafo também. *Não confie em Nathan para captar uma recordação para você. Não confie em Nathan para nada.*

— Olha, o pai da Abigail — disse Fred. — Não vi o carro dele lá na frente.

Nathan dirigia um Lexus amarelo-canário. O pobre Fred teria gostado muito de um pai que gostasse de carros. Ed nem sabia a diferença entre os modelos.

— É a minha meia-irmã! — Chloe apontou para a filha de Nathan e Bonnie.

O uniforme escolar de Skye estava imenso, e com aqueles grandes olhos tristes e aquele cabelo ondulado comprido, louro e ralo, ela

parecia uma criancinha infeliz e abandonada de uma produção de *Os Miseráveis*. Madeline já sabia o que ia acontecer. Chloe ia adotar a garota. Skye era exatamente o tipo de menininha tímida que Madeline teria escolhido proteger quando estava na escola. Chloe convidaria Skye para a sua casa para poder brincar com o cabelo dela.

Bem naquela hora, Skye piscou várias vezes quando um fio de cabelo caiu em seus olhos, e Madeline ficou pálida. A menina piscava *igual à Abigail de antigamente* quando seu cabelo caía nos olhos. Aquilo era um pedaço da filha de Madeline, do passado e do coração dela mesma. Deveria haver uma lei proibindo ex-maridos de procriarem.

— Pela milionésima vez, Chloe — sibilou ela. — Skye é meia-irmã de Abigail, não sua!

— Respire fundo — disse Ed. — Respire fundo.

Nathan devolveu a câmera a Jane e andou em direção a eles. Seu cabelo estava mais comprido. Os fios grisalhos balançavam em sua testa como se ele fosse um Hugh Grant australiano de meia-idade. Madeline desconfiava de que ele o deixara crescer de propósito para humilhar Ed, que estava quase completamente careca.

— Maddie — cumprimentou ele. Era a única pessoa no mundo que a chamava de Maddie. No passado, isso fora um grande prazer, mas atualmente a deixava profundamente irritada. — Ed, parceiro! E a pequena, humm... É o seu primeiro dia de aula, não é? — Nathan nunca se dava o trabalho de se lembrar dos nomes dos filhos de Madeline. Ele levantou a mão para cumprimentar Fred, batendo palma com palma. — Bom dia, campeão. — Fred a traiu batendo a mão na dele.

Nathan deu um beijo no rosto de Madeline e apertou a mão de Ed com entusiasmo. Ele tinha grande prazer em ser civilizado com a ex-mulher e a família dela.

— *Nathan* — entoou Ed.

Ele tinha um jeito especial de pronunciar o nome de Nathan, com uma voz grave e arrastada e dando ênfase na segunda sílaba. Isso sempre fazia Nathan franzir de leve a testa, nunca tendo certeza se o outro estava caçoando dele ou não. Mas nem isso bastou para melhorar o humor de Madeline.

— Grande dia, grande dia — disse Nathan. — Vocês dois são veteranos, mas isso é novidade para a gente! Não tenho vergonha de dizer que fiquei meio emocionado quando vi Skye de uniforme.

Madeline não conseguiu se conter.

— Skye não é sua primeira filha a entrar na escola, Nathan — disse.

Nathan corou. Ela havia quebrado a regra tácita deles de nada de ressentimentos. Mas pelo amor de Deus. Só uma santa poderia deixar aquele comentário passar em branco. Abigail já começara a escola havia dois meses quando Nathan reparou. Ele tinha ligado no meio do

dia para bater papo. “Ela está na escola”, contara-lhe Madeline. “Escola?”, perguntara ele, surpreso. “Ela não tem idade para ir à escola, tem?”

— Falando em Abigail, Maddie, você se importa se a gente trocar os fins de semana dessa vez? — perguntou Nathan. — Vamos visitar a mãe de Bonnie em Bowarl no sábado, e Abigail odeia perder a chance de vê-la.

Bonnie surgiu do nada ao lado dele, com um sorriso angelical. Ela exibia sempre um sorriso angelical. Madeline desconfiava de que ela estava sob o efeito de drogas.

— Minha mãe e Abigail têm uma ligação muito especial — contou ela, como se Madeline fosse considerar aquela uma boa notícia.

A questão era: quem ia querer que a própria filha tivesse uma “ligação especial” com a mãe da mulher do seu ex-marido? Só Bonnie poderia pensar que alguém iria querer ouvir isso, e, no entanto, a pessoa não podia se queixar, podia? Não podia nem pensar: *cale a boca, sua vaca*, porque Bonnie não era uma vaca. Então tudo o que Madeline podia fazer era ficar ali parada, assentir e *aceitar*, enquanto seu mau humor rosnava, mordida e puxava a coleira.

— Claro — disse ela. — Sem problema.

— Papai!

Skye puxou a camisa de Nathan, e ele enganchou a filha no quadril enquanto Bonnie olhava com ternura para os dois.

“Desculpe, Maddie, mas não nasci para isso.” Foi o que Nathan dissera quando Abigail tinha três semanas e era um bebê inquieto que, desde que chegara do hospital, nunca dormira mais que trinta e dois minutos. Madeline bocejara. “Nem eu.” Ela não achou que ele quisesse dizer aquilo *literalmente*. Uma hora depois, atordoada e perplexa, ela o vira colocar as roupas na bolsa vermelha comprida de críquete, olhar de relance para a neném, como se fosse filha de outra pessoa, e ir embora. Ela jamais perdoaria nem esqueceria aquele olhar superficial que ele deu para sua linda filhinha. E, hoje em dia, essa filha era uma adolescente no ensino médio, que preparava o próprio almoço e pegava o ônibus para a escola sozinha e, ao sair, gritava por cima do ombro: “Não esquece que hoje vou dormir na casa do papai!”

— Oi, Madeline — cumprimentou Jane.

Jane estava usando de novo uma camiseta branca com decote em V (será que ela não tinha outro tipo de blusa?), a mesma saia jeans e sandálias de dedo. Seu cabelo estava preso naquele rabo de cavalo apertado de doer e, é claro, estava mascando chiclete disfarçadamente. Sua simplicidade era de alguma forma um alívio para o humor de Madeline, como se Jane fosse aquilo de que ela precisava para se sentir melhor, do mesmo modo que a gente deseja uma comida simples, mas saborosa, quando está doente.

— Jane — disse ela em tom caloroso. — Como vai? Estou vendo que você conheceu o meu encantador ex-marido e a família dele.

— Ho, ho, ho — disse Nathan, presumivelmente soando como Papai Noel porque não sabia de que outra maneira reagir à farpa “encantador ex-marido”.

Madeline sentiu a mão de Ed pousar em seu ombro, um aviso de que ela estava se aproximando muito da linha da incivilidade.

— Conheci — confirmou Jane. Seu rosto não entregava nada. — Esses são meus pais, Di e Bill.

— Olá! Seu neto é lindo.

Madeline afastou-se de Ed e apertou as mãos dos pais de Jane, que eram de alguma maneira *uns amores*, como dava para perceber só de olhar para eles.

— Na verdade, nós achamos que Ziggy é a reencarnação do meu querido pai — revelou a mãe de Jane, animada.

— Não achamos, não — contestou o pai de Jane. Olhou para Chloe, que puxava o vestido de Madeline. — E essa deve ser sua caçulinha, hã?

Chloe entregou um envelope rosa a Madeline.

— Você pode guardar isso, mamãe? É o convite da festa da Amabella. A gente tem que ir vestida de alguma coisa que comece com A. Vou vestida de princesa. — E saiu correndo.

— Pelo visto o pobrezinho do Ziggy não foi convidado para a festa — notou a mãe de Jane em voz baixa.

— Mamãe — disse Jane. — Deixe para lá.

— O quê? Ela não deveria ficar entregando convites no parquinho a menos que esteja convidando a turma inteira — observou Madeline.

Esquadrinhou o parquinho à procura de Renata e viu Celeste adentrar os portões da escola, atrasada como sempre, de mãos dadas com os gêmeos, linda de morrer. Era como se uma outra espécie tivesse aparecido na escola. Madeline viu um dos pais do segundo ano avistar Celeste, se virar para olhá-la de novo, de um jeito cômico, tropeçar e quase cair por causa de uma mochila.

E lá estava Renata, indo afobada ao encontro de Celeste e lhe entregando dois envelopes rosa.

— Vou matá-la — disse Madeline.

—

Sra. Lipmann: Olha, prefiro não dizer mais nada. Merecemos ser deixados em paz. Um dos pais está morto. A comunidade escolar inteira está de luto.

Gabrielle: Hummm, eu não diria que a comunidade escolar *inteira* está de luto. Acho que isso seria um leve exagero.

—

Celeste viu o homem tropeçar enquanto olhava para ela.

Talvez ela devesse ter um caso. Isso poderia fazer alguma coisa acontecer, empurrar seu casamento do precipício ao qual rumava inexoravelmente havia tantos anos.

Mas a ideia de estar com qualquer outro homem além de Perry lhe deixava profundamente desanimada. Ela ficaria tão entediada. Não se interessava por outros homens. Perry a fazia sentir-se viva. Se ela o deixasse, ficaria sozinha, solteira e entediada para sempre. Não era justo. Ele a estragara.

— Você está apertando muito a minha mão — disse Josh.

— É, mamãe — concordou Max.

Ela afrouxou o aperto.

— Desculpem, meninos.

Não havia sido uma boa manhã. Primeiro, Josh reclamara que a sua meia estava incomodando, e tentar ajustá-la não adiantara nada. Depois, Max não conseguia encontrar um bonequinho de Lego específico com um chapéu amarelo específico que ele exigia naquele exato momento.

Os dois tinham chorado sem parar querendo o pai. Não se importavam se ele estava do outro lado do mundo. Queriam o pai. Celeste também queria Perry. Ele teria conseguido ajustar a meia de Josh. Teria achado o boneco de Lego de Max. Sempre soubera que ia ter problemas com a rotina matinal da escola. Ela e os meninos dormiam tarde e em geral ficavam de mau humor de manhã, ao passo que Perry acordava feliz e cheio de energia. Se ele estivesse ali naquela manhã, eles teriam chegado cedo no primeiro dia de aula. Haveria risadas no carro, e não silêncio intercalado com choros e soluções da parte dos meninos.

Celeste acabara lhes dando pirulitos. Eles ainda os chupavam quando ela os tirou do carro e viu uma das mães do jardim de infância que tinha conhecido no dia da orientação passar por ela e sorrir com simpatia para os meninos, enquanto lhe lançava um olhar de reprovação.

— Olha lá Chloe e Ziggy! — disse Josh.

— Vamos matar eles! — exclamou Max.

— Meninos, não falem assim — repreendeu Celeste. Santo Deus. O que as pessoas iriam pensar?

— É matar de brincadeira, mamãe — disse Josh, amavelmente.

— Chloe e Ziggy adoram!

— Celeste! É Celeste, não é? — Uma mulher apareceu na frente dela enquanto os gêmeos saíam correndo. — Conheci você e seu marido na loja de uniformes há algumas semanas. — Ela tocou o

próprio peito. — Renata. Sou mãe de Amabella.

— Claro! Oi, Renata — cumprimentou Celeste.

— Perry não conseguiu vir hoje? — Renata olhou em volta, esperançosa.

— Ele está em Viena — explicou ela. — Viaja muito a trabalho.

— Tenho certeza que *sim* — disse Renata, como quem sabe das coisas. — Achei que o tinha reconhecido naquele dia, então o procurei no Google quando voltei para casa, e foi aí que saquei! O Perry White! Na verdade, já vi seu marido discursar algumas vezes. Também estou na área de gestão de fundos.

Que ótimo. Uma fã de Perry. Celeste muitas vezes se perguntava o que as fãs de Perry achariam se o vissem fazendo as coisas que ele fazia.

— Trouxe os convites dos meninos para a festa de aniversário de cinco anos de Amabella. — Renata lhe entregou dois envelopes rosa. — Você e Perry são mais que bem-vindos também, é claro. Seria uma boa maneira de todos os pais começarem a se conhecer!

— Maravilha. — Celeste pegou os envelopes e os guardou na bolsa.

— Bom dia! — Era Madeline, usando um daqueles seus lindos vestidos bem característicos. Suas bochechas estavam coradas e havia um brilho perigoso em seus olhos.

— Obrigada pelo convite para a festa de Amabella.

— Ai, meu Deus, Amabella está distribuindo os convites? — Renata franziu a testa e apalpou a bolsa. — *Ih*, meu Deus. Ela deve ter pegado na minha bolsa. Eu pretendia entregá-los discretamente aos pais.

— Sim, porque parece que você está convidando a turma toda menos um menino.

— Imagino que você esteja falando de Ziggy, aquele que deixou hematomas no pescoço da minha filha — disse Renata. — Ele não está na lista de convidados. Que surpresa.

— Olha só Renata — disse Madeline. — Você não pode fazer isso.

— Então me processe. — Ela lançou um olhar brilhante e maldoso a Celeste, como se tivessem feito uma piada interna.

Celeste respirou fundo. Não queria se envolver.

— Talvez eu só...

— Sinto *muito*, Renata — interrompeu Madeline, desculpando-se com um olhar altivo. — Mas Chloe não vai poder ir à festa.

— Que pena. — Ela puxou com força a alça da bolsa a tiracolo, como se estivesse ajustando uma armadura. — Sabe de uma coisa? Acho melhor encerrarmos esta conversa antes que eu diga alguma coisa da qual me arrependa. — Fez um aceno de cabeça para Celeste. — Prazer em vê-la de novo.

Madeline observou-a indo embora. Parecia revigorada.

— Agora é guerra, Celeste — disse, alegremente. — Guerra!

— Ah, Madeline — resmungou Celeste com um suspiro.

—

Harper: Sei que todas gostamos de botar Celeste em um pedestal, mas acho que nem sempre ela fez as escolhas mais nutritivas em relação à alimentação dos filhos. Vi os meninos comendo *pirulitos de café da manhã* no primeiro dia de aula!

Samantha: Os pais tendem a julgar uns aos outros. Não sei por quê. Talvez porque nenhum de nós saiba muito bem o que está fazendo. E acho que isso às vezes pode levar a conflitos. Só que normalmente não em uma proporção dessas.

Jackie: Eu, particularmente, não tenho tempo de ficar julgando outros pais. Nem interesse. Meus filhos são só uma parte da minha vida.

Detetive Adrian Quinlan: Além da investigação de assassinato, muitos pais serão processados por agressão. Estamos muito decepcionados e chocados por ver um grupo de pais agindo assim.

— **A**h, Madeline — disse Ed com um suspiro.

Ele estacionou o carro, tirou a chave da ignição e virou-se para olhar para ela.

— Você não pode fazer Chloe faltar a festa da amiga só porque Ziggy não foi convidado. É loucura.

Da escola eles tinham ido direto para a praia tomar um café rápido no Blue Blues com Jane e os pais dela. Fora a mãe de Jane quem sugerira, e a saída parecera tão importante para ela que Madeline, apesar de ter uma lista ambiciosa de afazeres para cumprir no primeiro dia de aula dos filhos, não conseguiu recusar.

— Não é, não — retrucou Madeline, embora já estivesse começando a sentir remorso.

Quando Chloe soubesse que ia perder a festa do A de Amabella, seria um inferno. A última festa de aniversário de Amabella tinha sido maravilhosa, com direito a castelo inflável, mágico e discoteca.

— Estou de muito mau humor hoje — disse ela a Ed.

— É mesmo? Eu nunca teria notado.

— Estou com saudade das crianças.

O banco traseiro do carro parecia muito vazio e silencioso. Seus olhos marejaram.

Ed deu uma gargalhada.

— Você está brincando, não está?

— Meu bebê entrou na escola — choramingou Madeline.

Chloe tinha ido para a sala de aula com um passo decidido, andando ao lado da Srta. Barnes como se fosse uma colega da professora, conversando o tempo todo, provavelmente dando algumas sugestões para a aula.

— É — disse Ed. — E já vai tarde. Acho que essas foram as palavras que você usou ontem ao telefone com a sua mãe.

— E tive que ficar lá naquele pátio, conversando educadamente com o meu maldito ex-marido! — O humor de Madeline mudou outra vez de sentimental para raivoso.

— Bom, não sei se eu usaria a palavra *educadamente* — disse Ed.

— Como se já não fosse muito difícil ser mãe solteira — comentou Madeline.

— Hã?

— Jane! Estou falando de Jane, ora. Eu me lembro do primeiro dia de aula de Abigail. Fiquei me sentindo uma aberração. Parecia que o *mundo inteiro* era casado. Todos os pais formavam casaizinhos perfeitos. Nunca me senti tão solitária.

Madeline pensou no ex-marido, parecendo bem à vontade no pátio da escola. Nathan não fazia ideia de como tinham sido para Madeline todos aqueles anos em que criara Abigail sozinha. Não que ele fosse tentar negar. Ah, não. Se ela gritasse para ele: “Foi difícil! Foi muito difícil!”, seu ex faria uma careta e uma expressão muito triste e muito compungida, só que por mais que tentasse, ele *nunca entenderia*.

Ela foi tomada por uma raiva impotente. Não havia para onde direcionar aquele sentimento a não ser diretamente para Renata.

— Então imagine só como Jane se sente quando o filho dela é o único a não ser convidado para uma festa. Imagine.

— Eu sei — concordou Ed. — Embora eu ache, depois do que aconteceu, que dá para entender o ponto de vista da Renata...

— Não dá, não! — exclamou Madeline.

— Nossa. Desculpe. Não. Claro que não. — Ed olhou pelo retrovisor. — Ah, olhe, a coitadinha da sua amiga parou atrás da gente. Vamos comer bolo com ela. Isso vai consertar as coisas.

Ele soltou o cinto de segurança.

— Se não está convidando todas as crianças da turma, não se distribui convites no parquinho — disse Madeline. — Toda mãe sabe disso. É a lei.

— Eu poderia passar o dia inteiro discutindo esse assunto — ironizou Ed. — Poderia mesmo. Não há mais nada sobre o que eu queira falar hoje do que a festa de cinco anos de Amabella.

— Cale a boca — disse Madeline.

— Pensei que não disséssemos “cale a boca” na nossa casa.

— Vá tomar no cu, então — xingou Madeline.

Ed riu. Pôs a mão no rosto dela.

— Amanhã você vai estar melhor. Sempre se sente melhor no dia seguinte.

— Eu sei, eu sei.

Madeline respirou fundo, abriu a porta e viu a mãe de Jane disparar para fora do carro da filha e vir depressa pela calçada em direção a ela, pendurando a bolsa no ombro e sorrindo com ansiedade.

— Oi! Oi! Madeline, quer andar na praia comigo um minutinho enquanto os outros pedem o nosso café?

— Mãe. — Jane veio atrás com o pai. — Você já viu a praia. E nem

gosta de praia!

Não era preciso ser superdotado ou um prodígio para perceber que a mãe de Jane queria falar a sós com Madeline.

— Mas é claro... Di.

O nome lhe ocorreu como uma dádiva.

— Vou também, então — disse Jane com um suspiro.

— Não, não, você vai para o café ajudar o seu pai a se acomodar e pedir uma coisa gostosa para mim — retrucou Di.

— Sim, porque sou um cidadão idoso trêmulo. — O pai de Jane fez uma voz trêmula de velho e segurou o braço da filha. — Me ajude, filhinha querida.

— Pode ir — disse Di com firmeza.

Madeline observou Jane avaliar se insistia ou não, antes de dar de ombros ligeiramente e desistir.

— Não demore muito — disse à mãe. — Senão o seu café vai esfriar.

— Peça para mim um expresso duplo e o bolo de chocolate com creme — informou Madeline a Ed.

Ed confirmou com a cabeça e conduziu Jane e o pai dela para dentro do Blue Blues, enquanto Madeline se abaixava para tirar os sapatos. A mãe de Jane fez o mesmo.

— O seu marido tirou o dia de folga para o primeiro dia de aula da Chloe? — perguntou Di enquanto elas andavam pela areia em direção à água. — Nossa, que claridade! — Ela estava de óculos escuros, mas protegia os olhos com as costas da mão.

— Ele é jornalista contratado do jornal local — disse Madeline. — Tem um horário muito flexível, e trabalha bastante de casa.

— Deve ser bom. Ou não? Ele pega muito no seu pé? — Di deu passos incertos pela areia. — Às vezes mando Bill ir ao supermercado comprar uma coisa de que eu não preciso, só para poder respirar um pouquinho.

— Nós gostamos — disse Madeline. — Eu trabalho três dias por semana para a Companhia de Teatro da Península de Pirriwee, então Ed pode buscar as crianças quando estou ocupada. Não ganhamos uma fortuna, mas, sabe, gostamos dos nossos trabalhos, então estamos felizes.

Meu Deus, por que estava falando de dinheiro? Era como se estivesse defendendo seu estilo de vida. (E, para ser sincera, eles não gostavam *tanto* assim de seus trabalhos.) Seria porque ela às vezes tinha a sensação de que precisava competir com executivas bem-sucedidas como Renata? Ou seria só porque andara pensando em dinheiro por causa daquela conta de luz absurda que abria de manhã cedo? A verdade era que, embora não fossem ricos, certamente não estavam passando dificuldades, e, graças às habilidades de Madeline

para fazer compras pela internet, nem o guarda-roupa dela precisava sofrer.

— Ah, sim, dinheiro. Dizem que dinheiro não compra felicidade, mas não sei, não. — Di afastou o cabelo do rosto e olhou em volta. — Essa praia é muito bonita. Não somos muito de praia, e obviamente ninguém vai querer ver *isso aqui* de biquíni! — Ela fez uma cara de nojo ao apontar para seu corpo absolutamente normal, que Madeline julgou ter mais ou menos as mesmas medidas que o seu.

— Não vejo por que não — retrucou Madeline.

Ela não tinha paciência para aquele tipo de conversa. Detestava o jeito como as mulheres estavam sempre buscando no ódio ao próprio corpo um ponto em comum.

— Mas morar perto da praia vai ser bom para Jane e Ziggy, eu acho, imagino, e, ah, sabe, eu só queria lhe agradecer, Madeline, por proteger Jane do jeito que você tem feito.

Di tirou os óculos e olhou para a mulher. Seus olhos eram azul-claros, e ela usava uma sombra rosa cintilante que não lhe caía muito bem, embora Madeline aprovasse o esforço.

— Bem, é claro — disse. — É difícil quando a gente se muda para um lugar novo e não conhece ninguém.

— Sim, e Jane já se mudou *muito* nos últimos anos. Desde que teve Ziggy, parece que não consegue parar quieta, ou fazer boas amigas, e ela me mataria por dizer isso, mas é só que não sei bem o que anda acontecendo com ela.

Di parou, olhou por cima do ombro para o café e contraiu os lábios.

— É difícil quando os filhos param de nos contar as coisas, não é? — disse Madeline, após uma pausa. — Tenho uma filha adolescente. De uma relação anterior. — Ela sempre se sentia compelida a esclarecer isso quando falava de Abigail, e depois se sentia um pouco culpada. Era como se estivesse separando Abigail de alguma maneira, classificando-a em uma categoria diferente. — Não sei por que fiquei tão chocada quando Abigail parou de me contar as coisas. É o que todo adolescente faz, não é? Mas ela era uma menininha tão aberta. Claro que Jane não é uma adolescente.

Era como se Di tivesse dado permissão à mulher para falar com franqueza. Ela virou-se para Madeline com entusiasmo.

— Eu sei! Ela tem vinte e quatro anos, é uma adulta. Mas os filhos nunca parecem adultos. O pai dela me diz que estou me preocupando à toa. É verdade que Jane está educando Ziggy muito bem, e ela se sustenta, não aceita um tostão da gente! Eu ponho dinheiro escondido nos bolsos dela, como uma batedora de carteiras. Ou uma batedora de carteiras ao contrário. Mas ela mudou. Alguma coisa mudou. Não consigo identificar o quê. Parece que está tentando esconder uma profunda infelicidade. Não sei se é depressão, drogas, um distúrbio

alimentar ou o quê. Ela está muito magrinha! Antes era bem cheinha.

— Bom — disse Madeline, pensando: *se for um distúrbio alimentar, provavelmente foi causado por você.*

— Por que estou lhe contando isso? — perguntou Di. — Você não vai mais querer ser amiga dela! Vai achar que é uma viciada em drogas! Ela não é uma viciada em drogas! Só tem três dos dez principais sinais do vício em drogas. Ou quatro, no máximo. Não se pode acreditar no que se lê na internet, afinal. — Madeline riu, e Di também. — Às vezes tenho vontade de sacudir a mão na frente dos olhos dela e dizer: “Jane, Jane, você ainda está aí?”

— Tenho quase certeza de que ela...

— Ela não namorou ninguém desde que Ziggy nasceu. Terminou com aquele menino, Zach. Todos nós adorávamos Zach, era um rapaz maravilhoso, e Jane ficou muito chateada com o rompimento, muito chateada *mesmo*, mas puxa, isso foi há o quê, uns seis anos? Ela não poderia estar triste ainda por ter terminado com Zach, poderia? Ele nem era *tão* bonito assim.

— Não sei — respondeu Madeline. Ela se perguntou, com uma ponta de pesar, se seu café estaria esfriando na mesa do Blue Blues.

— Depois, ela engravida, e supostamente Zach não é o pai, embora sempre tivéssemos nossas dúvidas, mas ela foi categórica afirmando que ele *não* era o pai. Disse isso várias vezes. Foi um caso de uma noite só, contou. Não tinha como entrar em contato com o pai. Bem, sabe, ela estava na metade do curso de artes com ênfase em direito, não era o ideal, mas tudo acontece por um motivo, não acha?

— Claro — concordou Madeline, que não acreditava nem um pouco naquilo.

— Um médico disse a Jane que ela provavelmente teria muita dificuldade para engravidar, então pareceu que aquela gravidez era para ser. Então meu querido pai morreu durante a gravidez de Jane e é por isso que parecia que a alma dele poderia ter voltado no...

— *Manhê!* Madeline!

A mãe de Jane se sobressaltou, e as duas se viraram e viram Jane parada no calçadão em frente ao Blue Blues, acenando freneticamente.

— O café de vocês está pronto!

— Desculpe — disse Di enquanto voltavam pela praia. — Eu falo demais. Dá para você fazer o favor de esquecer tudo o que eu disse? É só que quando vi que o coitadinho do Ziggy não tinha sido convidado para a festa de aniversário daquela menina, tive vontade de chorar. Tenho andado muito emotiva, e, além disso, nós tivemos que acordar tão cedo hoje que estou me sentindo meio atordoada. Eu não era assim, costumava ser bem durona. É a idade, tenho cinquenta e oito. Minhas amigas estão iguais, saímos para almoçar outro dia, somos amigas desde que nossos filhos entraram no jardim de infância!

Falamos sobre como nos sentimos feito meninas de quinze anos, chorando à toa.

Madeline parou de andar.

— Di — chamou.

Di virou-se nervosa para ela, como se estivesse prestes a levar uma bronca.

— Sim?

— Vou ficar de olho em Jane — disse ela. — Prometo.

—

Gabrielle: Parte do problema foi que Madeline meio que *adotou* Jane. Parecia uma irmã mais velha superprotetora e maluca. Se fizéssemos alguma crítica à Jane, por mais leve que fosse, Madeline ficava rosnando para nós que nem um cão raivoso.

Eram onze horas da manhã do primeiro dia da vida escolar de Ziggy.

Será que ele já tinha tomado o chá da manhã? Será que estaria comendo a maçã com o queijo e os biscoitos de água e sal? O potinho com passas? Jane sentiu um aperto no peito ao imaginá-lo abrindo a merendeira nova com todo o cuidado. Onde ele se sentaria? Com quem conversaria? Ela esperava que Chloe e os gêmeos estivessem brincando com ele, mas os dois poderiam muito bem estar ignorando Ziggy. Não era como se um dos gêmeos fosse se aproximar dele, estender a mão e dizer: “Olá! Seu nome é Ziggy, não é? A gente se conheceu há umas semanas brincando na casa de uma menina. Como vai?”

Ela se levantou da mesa da sala de jantar onde estava trabalhando e esticou os braços acima da cabeça. Ele estaria bem. Todas as crianças iam para a escola. Elas sobreviviam. Aprendiam as regras da vida.

Jane foi até a cozinha minúscula do novo apartamento e ligou a chaleira para preparar uma xícara de chá que não estava muito a fim de tomar. Era só uma desculpa para dar um tempo na contabilidade da Serviços de Hidráulica do Pete Perfeito. Pete podia ser um encanador perfeito, mas não era lá tão bom em manter a papelada em ordem. A cada trimestre ela recebia uma caixa de sapatos cheia de papéis amassados, borrados e com um cheiro estranho: faturas, contas e recibos de cartão de crédito, a maioria dos quais não serviria para nada. Ela podia imaginar Pete esvaziando os bolsos, catando com a mão gorda todos os recibos espalhados no console do carro, andando pela casa atrás de qualquer pedaço de papel que pudesse encontrar antes de enfiar tudo em uma caixa de sapatos com um grande suspiro de alívio. Missão cumprida.

Ela voltou para a mesa da sala de jantar e pegou o recibo seguinte. A mulher de Pete Perfeito gastara trezentos e trinta e cinco dólares com a esteticista, onde desfrutara de uma “limpeza de pele clássica”, “pedicure de luxo” e depilação na virilha. Que sorte para a mulher de

Pete Perfeito. Em seguida havia um bilhete de autorização não assinado para uma excursão escolar ao Zoológico Taronga no ano anterior. No verso do bilhete, uma criança escrevera a lápis de cera roxo: ODEIO O TOM!!!

Jane examinou o bilhete de autorização.

Poderei/não poderei participar da excursão na qualidade de pai/mãe voluntário/a.

A mulher de Pete Perfeito já marcara “não poderei”. Estaria muito ocupada depilando a virilha.

Ela amassou o recibo e o bilhete de autorização e voltou para a cozinha.

Ela poderia ser uma mãe voluntária se Ziggy algum dia participasse de uma excursão. Afinal, era por isso que inicialmente decidira ser guarda-livros, para ser “flexível” para o filho, e “conciliar maternidade e carreira”, embora sempre se sentisse tola e uma farsa quando dizia coisas assim, como se não fosse realmente mãe, como se toda a sua vida não passasse de uma fraude.

Seria divertido participar de novo de uma excursão escolar. Ela ainda se lembrava da empolgação. Os doces no ônibus. Jane poderia observar disfarçadamente Ziggy interagir com as outras crianças. Ter certeza de que ele era normal.

Claro que ele era normal.

Ela pensou de novo, como fizera durante a manhã inteira, nos envelopes rosa-claros. Tantos deles! Não tinha importância ele não ter sido convidado para a festa. Ele era muito pequeno para ficar magoado, e as crianças ainda nem se conheciam, de qualquer forma. Era bobagem pensar naquilo.

Mas a verdade era que estava profundamente magoada por Ziggy, e se sentia responsável de alguma forma, como se ela tivesse estragado tudo. Sentira-se pronta para esquecer o incidente no dia da orientação, mas no momento o assunto não saía da sua cabeça.

A chaleira ferveu.

Se Ziggy realmente tivesse machucado Amabella, e se voltasse a fazer uma coisa como aquela, nunca seria convidado para festa nenhuma. As professoras chamariam Jane para uma reunião. Ela precisaria levá-lo a um psicólogo.

Teria que revelar em voz alta todos os seus medos secretos em relação a Ziggy.

Sua mão tremeu ao servir a água quente na xícara.

“Se Ziggy não for convidado, Chloe também não vai”, dissera Madeline no café aquela manhã.

“Por favor, não faça isso”, dissera Jane. “Você só vai piorar as coisas.”

Mas Madeline limitou-se a erguer as sobranceiras e dar de ombros.

“Eu já avisei Renata.”

Jane ficara horrorizada. Assim Renata teria mais motivos para não gostar dela. Jane arranjaría uma *inimiga*. A última vez que tivera alguma coisa parecida com um inimigo, estava no primário. Nunca lhe passara pela cabeça que mandar o filho para a escola seria como voltar à escola também.

Talvez devesse tê-lo obrigado a pedir desculpas naquele dia, e se desculpado também. “Desculpe”, poderia ter dito a Renata. “Desculpe mesmo. Ele nunca fez nada parecido. Pode deixar que isso não vai se repetir.”

Mas não adiantava. Ziggy dissera que não tinha feito aquilo. Ela não poderia ter reagido de forma diferente.

Levou a xícara de chá para a mesa da sala de jantar, sentou-se diante do computador e desembulhou mais um chiclete.

Certo. Bem, ela se ofereceria como voluntária em todas as atividades da escola. Aparentemente, o envolvimento dos pais fazia bem à educação dos filhos (embora sempre tivesse desconfiado de que isso era propaganda promovida pelas escolas). Jane tentaria fazer amizade com as outras mães, além de Madeline e Celeste, e se esbarrasse com Renata, seria educada e simpática.

“Isso tudo vai ser esquecido em uma semana”, dissera seu pai no café aquela manhã quando discutiam sobre a festa.

“Ou vai explodir”, retrucara Ed, o marido de Madeline. “Agora que a minha mulher está envolvida.”

A mãe de Jane rira como se conhecesse Madeline e suas propensões havia anos. (Sobre o que elas tinham passado tanto tempo conversando na praia? Jane se encolheu mentalmente de vergonha ao imaginar a mãe revelando todas as suas preocupações em relação à vida da filha: *Ela não arranja um namorado! Está tão magrinha! Não quer fazer um corte de cabelo decente!*)

Madeline ficara brincando com a pesada pulseira de prata no braço.

“Bum!”, dissera ela de repente, e girara as mãos em direções opostas para demonstrar uma explosão, os olhos arregalados. Jane rira, mesmo enquanto pensava: *Ótimo! Virei amiga de uma louca.*

A única razão pela qual Jane tivera uma inimiga no primário foi por assim ter sido decretado por uma menina bonitinha e carismática chamada Emily Berry, que sempre usava prendedores vermelhos de joaninha no cabelo. Seria Madeline a versão de quarenta anos de Emily Berry? Champanhe em vez de limonada. Batom vermelho-vivo em vez de brilho labial sabor morango. O tipo de garota que alegremente criava problemas e as pessoas ainda assim gostavam dela.

Jane balançou a cabeça de um lado para outro para organizar as ideias. Aquilo era ridículo. Ela era adulta. Não ia parar na sala da diretora como se tivesse dez anos. (Emily tinha ficado na cadeira ao

lado de Jane, chutando as suas pernas, mascarando chiclete e sorrindo para ela sempre que a diretora desviava o olhar, como se aquilo tudo fosse uma grande brincadeira.)

Certo. Foco.

Ela pegou o documento seguinte da caixa de sapatos de Pete, o Encanador, e segurou-o com a ponta dos dedos. O papel estava meio grudento. Era uma fatura de um fornecedor atacadista de materiais hidráulicos. *Muito bem, Pete. Esse realmente tem relação com a sua empresa.*

Ela pôs as mãos no teclado. *Vamos. Pronto, preparar, já.* Para que a parte de seu trabalho envolvendo inserção de dados rendesse e fosse minimamente suportável, ela precisava ser rápida. A primeira vez que um contador lhe passara um trabalho, ele lhe dissera que levaria de seis a oito horas. Ela fizera em quatro e cobrara-lhe seis. Com o tempo, ficara ainda mais rápida. Era como jogar no computador, vendo se podia bater o recorde a cada vez.

Não era o trabalho dos seus sonhos, mas ela gostava de transformar um monte de papéis confusos em fileiras organizadas de números. Adorava ligar para os clientes, em sua maioria pequenas empresas como a de Pete, e lhes dizer que encontrara uma nova dedução. E o melhor de tudo: orgulhava-se de sustentar sozinha a ela e a Ziggy, mesmo que isso significasse às vezes trabalhar noite adentro enquanto ele dormia.

Não era a carreira com a qual sonhara quando era uma ambiciosa adolescente de dezessete anos, mas no momento achava difícil se lembrar de já ter sido inocente e audaciosa o suficiente para sonhar com certo estilo de vida, como se a pessoa pudesse escolher como as coisas seriam.

Uma gaivota guinchou, e, por um momento, Jane ficou confusa com o barulho.

Bem, ela escolhera *aquilo*. Escolhera morar perto da praia, como se tivesse tanto direito quanto qualquer pessoa. Poderia recompensar a si mesma por duas horas de trabalho com um passeio na praia. Um passeio na praia no meio do dia. Poderia voltar ao Blue Blues, comprar um café e depois tirar uma foto pretensamente artística da xícara apoiada em uma cerca com o mar ao fundo e postá-la no Facebook com a legenda: *Pausa do trabalho! Que sorte!* As pessoas escreveriam: *Inveja!*

Se exibisse no Facebook como sua vida era perfeita, talvez também começasse a acreditar.

Ou poderia até postar: *Que ódio!!! Ziggy foi o único da turma a não ser convidado para uma festa de aniversário! Grrrr.* E todo mundo escreveria coisas consoladoras, tipo: *Como assim?* e *Ai, coitadinho do Ziggy!*

Ela poderia reduzir seus medos, transformá-los em pequenas atualizações de status inócuas que apareceriam na linha do tempo de seus amigos.

Então ela e Ziggy seriam pessoas normais. Talvez ela até saísse com alguém. Deixaria a mãe feliz.

Jane pegou o celular e leu a mensagem que sua amiga Anna lhe mandara no dia anterior.

Sabe o Greg? O meu primo q vc conheceu qdo a gente tinha 15 anos? Tá morando em Syd. Quer seu tel pra te convidar p/ uma bebida! OK? (Ele está mto gato. Tem os meus genes! Rsrs.) Bj.

Certo.

Ela se lembrava de Greg. Ele era tímido. Baixinho. Ruivo. Tinha feito uma piada boba que ninguém entendeu, e depois, quando todo mundo perguntou “Hein? Hã?”, ele disse: “Deixem para lá!” O episódio ficara na sua cabeça porque ela sentira pena dele.

Por que não?

Ela sobreviveria a uma bebida com Greg.

Estava na hora. Ziggy já ia para a escola. Ela morava perto da praia.

Respondeu a mensagem: *Ok. Bj.*

Tomou um gole de chá e colocou as mãos no teclado.

Seu corpo reagiu. Ela nem estava pensando na mensagem. Estava pensando nos recibos de Pete, o Encanador, para ralos e tampas.

Uma violenta onda de náusea a fez se curvar, a testa encostada na mesa. Tapou a boca com a mão. O sangue fugiu da sua cabeça. Ela sentia o cheiro. Podia jurar que era real, que estava ali no apartamento.

Às vezes, se Ziggy mudava de humor muito depressa, de repente, passando de alegre a furioso, ela sentia aquele cheiro nele.

Jane se endireitou um pouco, prestes a vomitar, e pegou o celular. Digitou a mensagem para Anna com os dedos trêmulos: *Mudei de ideia! Não dê o meu número!*

A resposta foi quase imediata:

Tarde demais. ☺

—

Thea: Ouvi dizer que Jane teve um “caso” com um dos pais. Não sei qual. Só sei que não era o meu marido.

Bonnie: Não teve, não.

Carol: Sabiam que tinha um *homem* no Clube do Livro Erótico delas? Não o meu marido, graças a Deus. Ele só lê a *Golf Australia*.

Jonathan: Sim, eu era o homem no suposto Clube do Livro Erótico, só que isso era só uma brincadeira. Era um clube do livro. Um clube do livro absolutamente normal.

Melissa: Jane não teve um caso com o pai que ficava em casa?

Gabrielle: Não foi Jane que teve o caso! Sempre pensei que ela fosse evangélica. Sapato baixo, nada de joias nem de maquiagem. Mas com um corpo bonito! Nem um grama de gordura. Era a mãe mais magra da escola. Nossa, estou com fome. Já experimentaram a dieta 5:2? Hoje é meu dia de fazer jejum. Estou morrendo de fome.

Celeste chegou cedo para buscar os meninos na escola. Só pensava

naqueles corpinhos tão pequenos e no momento muito breve em que as mãos dos dois agarrariam o pescoço dela de um jeito sufocante, possessivo, e ela beijaria suas cabecinhas quentes, duras e cheirosas antes de eles escapulirem. Mas Celeste sabia que provavelmente estaria gritando com os filhos menos de quinze minutos depois. Estariam cansados e agitados. Ela só conseguira fazê-los dormir às nove da noite, no dia anterior. Muito tarde. Era uma péssima mãe. “Vão dormir!”, acabara gritando. Ela sempre tinha problemas para botá-los na cama a uma hora razoável, a não ser quando o marido estava em casa. Os gêmeos ouviam Perry.

Ele era um bom pai. Um bom marido também. Na maior parte do tempo.

“Você precisa criar uma rotina para a hora de dormir”, dissera seu irmão ao telefone mais cedo, lá de Auckland, e Celeste respondera: “Ah, que ideia revolucionária! Eu nunca teria pensado nisso!”

Quando seus filhos dormiam bem, os pais atribuíam isso ao fato de serem bons pais, e não à sorte. Eles seguiam todas as regras, e estava provado que regras funcionavam. Celeste, portanto, não devia estar seguindo as regras. E ela nunca poderia provar que estavam errados! Os dois continuariam convencidos até o fim de seus dias.

— Oi, Celeste.

Ela levou um susto.

— Jane!

Apertou a mão no peito. Como sempre, andara sonhando acordada e não ouvira os passos. Incomodava-a o jeito como ficava dando pulos de susto como uma louca quando alguém aparecia.

— Desculpe — disse Jane. — Não tive intenção de assustar você.

— Como foi o seu dia? — perguntou Celeste. — Conseguiu trabalhar bastante?

Ela sabia que Jane se sustentava sendo guarda-livros. Celeste a imaginava sentada a uma mesa organizada em seu pequeno

apartamento simples (não estivera lá, mas conhecia o prédio de tijolos na rua Beaumont, perto da praia, e imaginava que o interior seria desprovido de enfeites, como Jane. Nada de frescura. Nada de bibelôs). A simplicidade da vida dela era tão atraente. Só ela e Ziggy. Um garotinho sossegado e doce (tirando o estranho incidente do enforcamento, é claro) de cabelo escuro. Nada de brigas. A vida seria calma e descomplicada.

— Consegui trabalhar um pouco — respondeu Jane. Ela fazia pequenos movimentos com a boca, mastigando o chiclete. — Tomei café hoje de manhã com meus pais, Madeline e Ed. Depois o dia meio que passou voando.

— O dia passa muito rápido — concordou Celeste, embora o dela tivesse se arrastado.

— Você vai voltar a trabalhar agora que as crianças estão na escola? — perguntou Jane. — O que você fazia antes de ter os gêmeos?

— Eu era advogada — disse Celeste. *Eu era outra pessoa.*

— Hum. Eu deveria ter sido advogada — comentou Jane.

Havia um tom sombrio e triste na voz dela que Celeste não conseguiu interpretar direito.

Elas pegaram o caminho relvado que passava por uma casinha revestida de madeira que quase parecia fazer parte da escola.

— Eu não gostava muito — confessou Celeste.

Aquilo era verdade? Ela odiava o estresse. Atrasava-se todos os dias. Mas será que já não tinha gostado bastante de alguns aspectos do trabalho? O destrinchamento cuidadoso de uma questão jurídica. Como matemática, mas com palavras.

— Eu não poderia voltar a exercer a profissão — disse Celeste. — Não com os meninos. Às vezes acho que poderia dar aulas. De direito. Mas também não tenho certeza se isso me interessa muito.

Ela perdera a coragem de trabalhar, como perdera a coragem de esqui.

Jane estava calada. Provavelmente pensando que Celeste era uma madame.

— Eu tenho sorte — disse Celeste. — Não preciso trabalhar. Perry é... bem, ele é gestor de fundos multimercados.

Ela estava parecendo uma exibida, quando tinha tentado parecer agradecida. Conversar com mulheres sobre trabalho às vezes era muito tenso. Se Madeline estivesse presente, diria: “Perry ganha uma fortuna, por isso Celeste pode aproveitar a vida.” Em seguida, teria dado uma volta de cento e oitenta graus típica de Madeline e dito algo sobre como educar gêmeos não era bem aproveitar a vida e que Celeste provavelmente trabalhava mais que Perry.

Perry gostava de Madeline. Dizia que ela era “ousada”.

— Tenho que começar a fazer exercícios enquanto Ziggy está na escola — disse Jane. — Estou muito fora de forma. Fico sem fôlego só de subir uma ladeirinha. É terrível. Todo mundo por aqui é tão em forma e saudável.

— Eu não sou — retrucou Celeste. — Não faço exercício nenhum. Madeline vive no meu pé para eu ir à academia com ela. Ela é louca por aquelas aulas, mas eu odeio academias.

— Eu também — disse Jane, fazendo uma careta. — Homens grandes suados.

— Devíamos ir caminhar juntas enquanto as crianças estão na escola — sugeriu Celeste. — Em volta do promontório.

Jane lhe deu um breve sorriso tímido, um pouco surpresa.

— Eu adoraria.

Harper: Supostamente, Jane e Celeste eram grandes amigas, não eram? Bem, obviamente nem tudo eram flores, porque eu entreouvi uma conversa na noite do concurso de perguntas, bem por acaso. Deve ter sido só minutos antes de tudo acontecer. Eu estava indo para a varanda respirar um pouco de ar puro — bem, para fumar um cigarro, se você precisa saber, porque estava com umas coisas na cabeça —, enfim, Jane e Celeste estavam lá, e Celeste dizia: “Eu sinto muito. Sinto muito mesmo.”

Faltava mais ou menos uma hora para Madeline buscar as crianças na escola quando Samira, sua chefe no Teatro de Pirriwee, ligou para discutir o marketing da produção de *Rei Lear*. Logo antes de desligar (finalmente! Madeline não era paga pelo tempo que perdia com esses telefonemas, e, se sua chefe se oferecesse para pagar, ela teria dito não, mas, mesmo assim, seria bom ter a oportunidade de recusar com elegância), Samira mencionou que tinha “um monte” de ingressos de cortesia na primeira fila do Disney On Ice, se Madeline quisesse.

— Para quando? — perguntou Madeline, consultando o calendário.

— Hum, vamos ver. Sábado, 28 de fevereiro, às quatorze horas.

Não havia nada marcado no calendário, mas tinha alguma coisa familiar naquela data. Madeline pegou a bolsa e encontrou o envelope rosa que Chloe lhe dera aquela manhã.

A festa do A de Amabella era às quatorze horas, sábado, 28 de fevereiro. Madeline sorriu.

— Eu adoraria.

Thea: Os convites para o aniversário de Amabella foram entregues *primeiro*. Mas então, naquela mesma tarde, Madeline distribuiu ingressos de graça para o Disney On Ice, como se fosse a rainha da cocada preta.

Samantha: Aqueles ingressos custavam uma fortuna, e Lily estava louca para ir. Não me dei conta de que era no mesmo dia da festa de Amabella, mas, por outro lado, Lily nem conhecia Amabella, então me senti mal, mas não tão mal assim.

Jonathan: Eu sempre digo que a melhor parte de ser um pai que fica em casa é deixar para trás toda a política de escritório. Aí, no primeiro dia de aula, eu me envolvo em uma guerra entre essas duas mulheres!

Bonnie: Nós fomos à festa de Amabella. Acho que Madeline se esqueceu de nos dar um dos ingressos do show da Disney. Deve ter só se esquecido.

Detetive Adrian Quinlan: Estamos falando com os pais sobre *tudo* o que aconteceu naquela escola. Posso garantir que não seria a primeira vez que uma pequena briga levou à violência.

TRÊS MESES ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

Celeste e Perry estavam sentados no sofá, bebendo vinho, comendo trufas Lindt e vendo o terceiro episódio seguido de *The Walking Dead*. Os meninos dormiam. A casa estava em silêncio, a não ser pelo som de passos vindo da TV. O personagem principal estava andando na floresta, com uma faca na mão. Um zumbi surgiu de detrás de uma árvore, o rosto preto e em decomposição, arreganhando os dentes, fazendo aquele barulho gutural que, pelo visto, os zumbis fazem. Os dois se assustaram e gritaram. Perry derramou um pouco do vinho. Ele passou a mão no respingo em sua camisa.

— Quase morri de susto!

O homem na tela enfiou a faca no crânio do zumbi.

— Pegou! — exclamou Celeste.

— Dá um *pause* porque vou pegar mais vinho para a gente — disse Perry.

Celeste pegou o controle remoto e apertou *pause* no DVD.

— Essa está ainda melhor que a última temporada.

— Eu sei — disse Perry. — Apesar de achar que isso me faz ter pesadelos.

Ele trouxe a garrafa de vinho do aparador.

— Nós vamos à festa de aniversário de alguma criança amanhã? — perguntou enquanto enchia a taça dela. — Encontrei Mark Whittaker no Catalinas hoje por acaso, e pareceu que ele achava que íamos. Disse que a mãe da aniversariante mencionou que havíamos sido convidados. Renata alguma coisa. Aliás, conheci alguma Renata naquele dia em que fui à escola com você?

— Conheceu — confirmou Celeste. — Nós fomos convidados para a festa de Amabella. Mas não vamos.

Ela não estava se concentrando. Esse era o problema. Não teve tempo de preparar. Estava curtindo o vinho, o chocolate e os zumbis. Perry tinha voltado havia menos de uma semana. Ele sempre ficava

muito carinhoso e alegre depois de uma viagem. Especialmente quando saía do país. Isso de alguma maneira o purificava. Seu rosto sempre parecia mais brando, seus olhos, mais brilhantes. As camadas de frustração levariam semanas para tornar a se acumular de novo. As crianças estavam impossíveis aquela noite. “A mamãe vai ter um descanso hoje à noite”, dissera Perry aos meninos mais cedo, e se encarregara sozinho de toda a rotina de banho, escovar os dentes, contar histórias, enquanto ela ficava sentada no sofá, lendo seu livro e bebendo uma Surpresa de Perry. Era um coquetel que ele inventara alguns anos antes. Tinha gosto de chocolate, creme, morangos e canela, e toda mulher para quem ele preparava ficava louca pela bebida. “Dou os meus filhos em troca da receita”, dissera Madeline a Perry uma vez.

Perry encheu a própria taça.

— Por que não vamos?

— Vou levar os meninos ao Disney On Ice. Madeline arranjou ingressos grátis, estamos indo em grupo.

Celeste partiu mais um pedaço de chocolate. Tinha mandado uma mensagem para Renata se desculpando, mas não recebeu resposta. Como era a babá que levava e buscava as crianças na escola quase sempre, ela não via Renata desde o primeiro dia de aula. Sabia que estava tomando partido de Madeline e Jane ao recusar o convite, mas, bem, ela *estava* do lado de Madeline e Jane. E era só uma festa de aniversário de cinco anos. Não era uma questão de vida ou morte.

— Quer dizer que não sou bem-vindo nesse programa da Disney? — perguntou Perry, tomando um gole de vinho.

Então ela sentiu. Na barriga. Um apertozinho. Mas o tom dele estava descontraído. Divertido. Se ela tomasse cuidado, ainda poderia salvar a noite.

Largou o chocolate.

— Desculpe — disse. — Achei que você gostaria de passar um tempinho sozinho. Pode ir à academia.

Perry parou diante dela, ainda com a garrafa na mão. Sorriu.

— Passei três semanas fora. Vou viajar de novo sexta-feira que vem. Por que eu precisaria de um tempo sozinho?

Ele não estava com uma voz ou expressão zangada, mas ela sentia algo no ar, como uma descarga elétrica antes de uma tempestade. Os pelos de seu braço se arrepiaram.

— Desculpe — repetiu ela. — Eu não pensei.

— Já enjoou de mim?

Ele parecia magoado. *Estava* magoado. Ela tinha se precipitado. Deveria ter pensado melhor. Perry vivia procurando provas de que ela não o amava de verdade. Era como se ele esperasse por uma, e depois ficava bravo quando julgava estar certo.

Ela ia se levantar do sofá, mas esse gesto transformaria aquilo em um confronto. Às vezes, se agisse normalmente, conseguia colocá-los de volta nos trilhos. Em vez de ficar de pé, ela olhou para ele.

— Os meninos nem conhecem essa menininha. E eu quase nunca os levo para ver espetáculos ao vivo. Essa pareceu simplesmente a melhor opção.

— Bem, por que você não os leva a espetáculos ao vivo? — perguntou Perry. — A gente não precisa de ingressos grátis! Por que não disse a Madeline para dar os ingressos a alguém que realmente precisasse deles?

— Não sei. Não foi uma questão de dinheiro.

Ela não tinha pensado naquilo. Estava privando outra mãe de um ingresso grátis. Deveria ter considerado que Perry estaria de volta e iria querer passar um tempo com os meninos, mas ele viajava tanto que Celeste estava acostumada a fazer planos sem considerá-lo.

— Sinto muito — disse, com toda a calma. Ela sentia mesmo, mas era em vão, porque ele nunca acreditaria nela. — Provavelmente eu devia ter escolhido a festa. — Levantou-se. — Vou tirar as lentes. Meus olhos estão coçando.

Celeste fez menção de passar por ele. O marido a agarrou pelo braço. Seus dedos a apertavam.

— Ei — disse ela. — Isso dói.

Fazia parte do jogo a sua reação inicial ser sempre de indignação e surpresa, como se aquilo nunca tivesse acontecido, como se ele talvez não soubesse o que estava fazendo.

Ele apertou com mais força.

A dor acendeu a raiva dela. A raiva estava sempre ali: um reservatório de combustível inflamável. Celeste ouviu a própria voz ficar estridente e histérica. Como se fosse uma mulher barraqueira e escandalosa.

— Perry, não tem nada demais! Não faça tempestade em copo d'água!

Porque já não se tratava mais da festa. Tratava-se de todas as outras vezes. Ele apertou mais. Dava a impressão de que era uma decisão consciente: quanto exatamente queria machucá-la.

Doía, mas nem tanto.

Ele a empurrou, apenas com força o bastante para ela cambalear para trás desajeitadamente.

Então Perry recuou e ergueu o queixo, respirando forte, os braços caídos ao lado do corpo. Esperou para ver o que ela faria em seguida.

Havia tantas opções.

Às vezes, ela tentava reagir como adulta: “Isso é inaceitável.”

Às vezes, gritava.

Às vezes, se afastava.

Às vezes, revidava. Socava-o e chutava-o como costumava fazer com seu irmão mais velho. Por alguns minutos, ele deixava, como se fosse o que quisesse, como se fosse aquilo de que precisasse, antes de lhe agarrar os pulsos. Ela não era a única que acordava com hematomas no dia seguinte. Já os vira no corpo de Perry. Celeste era tão ruim quanto ele. Tão doente quanto ele.

“Não quero saber quem começou!”, era o que ela sempre dizia às crianças.

Nenhuma das opções era eficaz.

“Se você fizer isso de novo, eu vou embora”, dissera ela depois da primeira vez, e falava absolutamente sério, nossa, falava mesmo. Sabia direitinho como devia agir naquela situação. Os meninos tinham apenas oito meses. Perry chorou. Ela chorou. Ele prometeu. Jurou pela vida dos filhos. Estava desconsolado. Comprou-lhe a primeira das muitas joias que ela nunca usaria.

Uma semana depois do aniversário de dois anos dos gêmeos, aconteceu de novo. Pior que da primeira vez. Ela ficou arrasada. O casamento tinha acabado. Ela ia sair de casa. Não havia dúvida alguma. Mas naquela mesma noite, os meninos acordaram com uma tosse horrível. Era crupe. No dia seguinte, Josh ficou tão mal que o pediatra chamou a ambulância. Josh passou três dias na UTI. Os hematomas roxos no quadril esquerdo de Celeste pareceram ridiculamente irrelevantes quando havia um médico na sua frente dizendo: “Acho que devíamos entubá-lo.”

Tudo que ela queria era ver o filho bem... E então, ele *ficou* bem, sentando na cama, pedindo com a voz ainda rouca daquele tubo horrível para ouvir The Wiggles e ver o irmão. Ela e Perry ficaram eufóricos de alívio e, alguns dias depois, levaram Josh do hospital para casa. Perry foi para Hong Kong, e o momento para tomar uma atitude dramática havia passado.

E o fato incontestável por trás de sua indecisão era: ela amava Perry. Ainda estava apaixonada. Ainda tinha uma queda pelo marido. Ele a fazia feliz e a divertia. Ela ainda gostava de conversar com ele, de assistir à televisão com ele, de ficar na cama com ele em manhãs frias e chuvosas. Ela ainda o desejava.

Mas cada vez que não o largava, ela lhe dava permissão para fazer aquilo de novo. Sabia disso. Era uma mulher culta, com opções, lugares para ir, família e amigos que a apoiariam, advogados que poderiam representá-la. Não temia que ele a matasse se ela tentasse largá-lo. Não temia que ele lhe tirasse as crianças.

Uma das mães da escola, Gabrielle, muitas vezes batia papo com ela no parquinho depois da escola enquanto seu filho e os meninos de Celeste brincavam de ninjas.

“Vou começar uma dieta nova amanhã”, dissera ela a Celeste na

véspera. “Provavelmente vou acabar não seguindo o regime: e então vou me odiar ainda mais.” Ela olhou Celeste de cima a baixo e disse: “Você não tem ideia do que estou falando, tem, magricela?” *Na verdade eu tenho*, pensara Celeste. *Sei exatamente o que você quer dizer.*

Ela tocou o braço e se conteve para não chorar. Não poderia usar aquele vestido sem mangas no dia seguinte.

— Não sei por quê...

Ela parou. *Não sei por que eu fico. Não sei por que mereço isso. Não sei por que você faz isso, por que nós fazemos, por que isso continua acontecendo.*

— Celeste — chamou ele, rouco, e ela pôde ver a raiva deixando o corpo dele. O DVD recomeçou. Perry pegou o controle remoto e desligou a TV. — Meu Deus. Eu sinto muito.

O rosto dele estava murcho de arrependimento.

Estava acabado. Não haveria mais recriminações sobre a festa. Na verdade, haveria o contrário. Ele seria carinhoso e solícito. Nos próximos dias, até viajar de novo, mulher nenhuma seria tratada com mais carinho que Celeste. Parte dela gostaria daquilo: da sensação trêmula, chorosa, de ter sido tratada injustamente.

Ela deixou a mão cair.

Poderia ser muito pior. Ele raramente batia no rosto. Ela nunca quebrara um braço ou uma perna ou precisara levar pontos. Seus hematomas podiam sempre ser escondidos com uma gola rulê, mangas ou calças compridas. Ele nunca encostara um dedo nas crianças. Os meninos nunca viam. Podia ser pior. Ah, muito pior. Ela tinha lido artigos sobre as verdadeiras vítimas de violência doméstica. Aquilo era terrível. Era real. O que Perry fazia não contava. Era café-pequeno, o que tornava a coisa mais humilhante, porque era muito... brega. Muito infantil e vulgar.

Ele não a traía. Não jogava. Não bebia em excesso. Não a ignorava, como seu pai fazia com sua mãe. Isso seria pior. Ser ignorada. Invisível.

A raiva de Perry era uma doença. Uma doença mental. Ela via como aquilo o dominava, como ele tentava ao máximo resistir. Quando estava sob o efeito daquele sentimento, ficava com os olhos vermelhos e vidrados, como se estivesse drogado. As coisas que dizia não faziam sentido. Não era ele. A raiva não era ele. Será que Celeste o largaria se ele tivesse um tumor no cérebro e o tumor afetasse a sua personalidade? Claro que não.

Era só um pequeno problema em um relacionamento de resto perfeito. Toda relação tinha pequenos problemas. Seus altos e baixos. Era como ser mãe. Toda manhã, os meninos subiam na cama dela para ganhar um chamego, e no início era uma delícia, mas então, mais ou menos uns dez minutos depois, eles começavam a brigar, e era

terrível. Seus filhos eram umas gracinhas encantadoras. Eram uns bichinhos selvagens.

Ela nunca deixaria Perry, assim como não podia deixar os meninos.

O marido abriu os braços.

— Celeste?

Ela virou a cabeça, chegou para o lado, mas não havia mais ninguém para consolá-la. Só ele. O verdadeiro ele. Ela deu um passo à frente e encostou a cabeça em seu peito.

—

Samantha: Nunca vou esquecer quando Perry e Celeste chegaram na noite do concurso de perguntas. Houve aquele murmúrio na sala. Todo mundo parou para olhar.

— Não é FANTÁSTICO? — perguntou Madeline para Chloe quando elas se sentaram em seus assentos realmente espetaculares em frente ao enorme rink de patinação. — A gente sente o frio do gelo! Brrr! Ah! Está ouvindo a música? Quero saber onde as princesas...

Chloe estendeu o braço e tapou delicadamente a boca da mãe.

— Shhh.

Madeline sabia que estava falando demais porque se sentia ansiosa e um pouco culpada. O dia precisava ser fabuloso para justificar a cisão que criara entre ela e Renata. Oito crianças do jardim de infância, que do contrário iriam para a festa de Amabella, estavam assistindo ao Disney On Ice por causa de Madeline.

Ela olhou para o assento ao lado de Chloe, onde estava Ziggy, com um enorme bicho de pelúcia no colo, Ziggy era o motivo de eles estarem lá, ela se lembrou. O pobre Ziggy não iria para a festa. O coitadinho do Ziggy, órfão de pai. Que talvez fosse um psicopata praticante de bullying... mas mesmo assim!

— Você está tomando conta do Hipopótamo Harry esse fim de semana, Ziggy? — perguntou ela muito animada.

O Hipopótamo Harry era o brinquedo da turma. Todo fim de semana, ele ia para a casa de uma criança diferente, junto de um álbum para ser devolvido com uma historinha sobre o fim de semana, acompanhada de fotos.

Ziggy fez que sim com a cabeça em silêncio. Uma criança de poucas palavras.

Jane se inclinou para a frente, mascando chiclete discretamente como sempre.

— É muito estressante ter Harry em casa. A gente tem que fazer com que ele se divirta. Semana passada, ele andou de montanha-russa! Ai!

Jane recuou quando um dos gêmeos, que estava sentado ao seu lado e brigando com o irmão, deu uma cotovelada em sua nuca.

— Josh! — reprimiu Celeste, com rispidez. — Max! Parem com isso!

Madeline se perguntou se Celeste estava bem. Ela estava pálida e

aparentando cansaço, com olheiras arroxeadas, embora em Celeste as olheiras parecessem um engenhoso efeito de maquiagem que todo mundo deveria tentar.

As luzes no auditório foram diminuindo, e então tudo ficou escuro. Chloe agarrou o braço da mãe. A música começou a retumbar, tão alto que Madeline sentia as vibrações. O ringue de patinação se encheu de diversos personagens coloridos da Disney, deslizando e rodopiando. Madeline olhou para seus convidados na fila, os perfis iluminados pelos refletores no gelo. Todas as crianças olhavam para a frente, empertigadas, fascinadas com o espetáculo, e todos os pais se viravam para olhar o perfil dos filhos, encantados com o encantamento deles.

A não ser Celeste, que baixara a cabeça e pressionava a testa com a mão.

Tenho que largá-lo. Às vezes, quando estava pensando em outras coisas, a ideia lhe ocorria com o impacto e a força de um soco. *Meu marido me bate.*

Minha nossa, qual era o problema dela? Toda aquela racionalização louca. *Um pequeno problema*, pelo amor de Deus. Claro que ela precisava sair de casa. Imediatamente! Assim que voltassem do espetáculo ela faria as malas.

Mas os meninos estariam tão cansados e rabugentos.

—

— Foi fantástico — contou Jane à mãe, que ligara para perguntar como tinha sido o Disney On Ice. — Ziggy adorou. Ele diz que quer aprender a patinar no gelo.

— Seu avô adorava patinar no gelo! — disse a mãe, triunfante.

— Lá vem você — disse Jane, não se dando o trabalho de contar à mãe que todas as crianças tinham anunciado depois do espetáculo que queriam aprender a patinar no gelo. Não só aquelas com vidas passadas.

— Bem, e você nunca vai adivinhar quem eu encontrei hoje quando estava fazendo compras — falou a mãe. — Ruth Sullivan!

— É mesmo? — Jane se questionou se aquele era o verdadeiro motivo da ligação. Ruth era mãe do seu ex-namorado. — Como vai Zach? — perguntou ela obedientemente enquanto desembrolhava mais um chiclete.

— Bem — respondeu a mãe. — Ele está, hã, bom, ele está noivo, querida.

— Está? — perguntou Jane.

Ela pôs o chiclete na boca e começou a mastigar, perguntando-se como se sentia em relação àquilo, mas havia outra coisa a distraíndo no momento: a pequena possibilidade de uma pequena catástrofe. Ela

começou a dar voltas pelo apartamento bagunçado, catando almofadas e roupas largadas.

— Eu não tinha certeza se devia lhe contar — disse a mãe. — Sei que faz muito tempo, mas ele partiu seu coração.

— Ele não partiu meu coração — retrucou Jane vagamente.

Ele partira o coração dela, sim, mas com tanta delicadeza, com tanto respeito e tristeza, do jeito que um bom e bem-educado garoto de dezenove anos partia o coração da namorada quando queria ir para a Europa em uma excursão e dormir com um monte de garotas.

Quando ela pensava em Zach, era como se ele fosse um velho amigo do colégio, uma pessoa que ela abraçaria com carinho e lágrimas sinceras na reunião de ex-colegas de turma, e não tornaria a vê-lo até a próxima reunião.

Jane se ajoelhou e olhou embaixo do sofá.

— Ruth perguntou por Ziggy — disse a mãe em um tom significativo.

— Perguntou?

— Mostrei a foto dele do primeiro dia de aula, e fiquei prestando atenção na cara dela, que não disse nada, graças a Deus, mas eu *sabia* o que ela estava pensando, porque tenho que confessar, Ziggy naquela foto parece mesmo um tiquinho com...

— Mãe! Ziggy não se parece em nada com Zach — retrucou Jane, se levantando de novo.

Ela odiava quando se surpreendia desconstruindo o lindo rosto de Ziggy, procurando algum traço característico: os lábios, o nariz, os olhos. Às vezes, tinha a impressão de ter vislumbrado algo, alguma coisa com o canto do olho, e então morria um pouco por dentro, antes de rapidamente tornar a juntar as peças e recompor Ziggy.

— Ah, eu sei! — disse a mãe. — Não é nada parecido com Zach!

— E Zach não é o pai de Ziggy.

— Ah, eu sei disso, querida. Nossa. Eu sei disso. Você teria me contado.

— Mais relevante: eu teria contado a *Zach*.

Zach lhe telefonara depois do nascimento de Ziggy.

“Tem alguma coisa que você precisa me contar, Jane?”, perguntara ele com uma voz tensa, mas alegre.

“Não”, respondera-lhe Jane, e ouvira seu leve suspiro de alívio.

— Bem, eu sei disso — continuou a mãe. Ela logo mudou de assunto. — Mas me diga. Você conseguiu algumas fotos boas com o brinquedo da turma? Seu pai está lhe mandando um e-mail com o endereço de um lugar maravilhoso onde você pode mandar imprimir as fotos por... Quanto é, Bill? Quanto? Não, as fotos da Jane! Para aquilo que ela tem que fazer para Ziggy!

— Mamãe — interrompeu Jane. Ela entrou na cozinha e pegou a

mochila do filho do chão. Segurou-a de cabeça para baixo. Nada caiu.
— Tudo bem, mãe. Eu sei onde mandar revelar as fotos.

Sua mãe a ignorou.

— Bill! Escute! Você disse que conhecia um site... — Sua voz foi sumindo.

Jane entrou no quarto de Ziggy, onde ele estava sentado no chão brincando de Lego. Ela levantou as cobertas da cama e as sacudiu.

— Ele vai lhe mandar os detalhes por e-mail — disse a mãe.

— Maravilha — comentou Jane, distraída. — Tenho que desligar, mãe. Ligo para você amanhã.

Ela desligou. Seu coração batia forte. Pôs a palma da mão na testa. Não. Não podia ser. Ela não poderia ter sido tão burra.

Ziggy olhou para ela, curioso.

— Acho que temos um problema — disse Jane.

—

Ninguém falou nada quando Madeline atendeu o telefone.

— Alô? — repetiu ela. — Quem é? — Ouviu alguém chorar e dizer algo incompreensível. — Jane? — Madeline de repente reconheceu a voz. — O que houve? O que foi?

— Não é *nada* — disse Jane. Ela fungou. — Ninguém morreu. É meio *engraçado*, na verdade. É *hilário* eu estar chorando por causa disso.

— O que aconteceu?

— É só que... Ah, o que todas aquelas outras mães vão pensar de mim agora? — A voz de Jane estava trêmula.

— Quem se importa com o que elas pensam?! — exclamou Madeline.

— Eu me importo! — disse ela.

— Jane. Conte. O que é? O que aconteceu?

— Eu perdi ele. — Ela soluçou.

— Perdeu quem? Você perdeu Ziggy?

Madeline começou a entrar em pânico. Era paranoica com a possibilidade de perder os filhos, e rapidamente confirmou suas respectivas localizações: Chloe na cama, Fred lendo com Ed, Abigail passando a noite na casa do pai (de novo).

— Nós o esquecemos no assento. Eu me lembro de chegar a pensar no desastre que seria se o esquecêssemos em algum lugar. Eu *pensei* nisso, mas então o nariz do Josh sangrou e todo mundo se distraiu. Deixei um recado no número de achados e perdidos, mas ele não estava identificado nem nada.

— Jane. Você não está dizendo coisa com coisa.

— O Hipopótamo Harry! A gente *perdeu* o Hipopótamo Harry!

Thea: Esse é o problema dessas crianças da Geração Y. Elas são descuidadas. O Hipopótamo Harry estava na escola havia mais de dez anos. Aquele brinquedo sintético barato que ela comprou para substituí-lo tinha um cheiro horrível. Feito na China. A cara do hipopótamo nem sequer era simpática.

Harper: Olha, nem foi por ela ter perdido o Hipopótamo Harry, e sim por ter colocado fotos no álbum do grupinho exclusivo que foi ao Disney On Ice. Então todas as crianças veem aquilo, e as coitadinhas pensam: *Por que não me convidaram?* Como eu disse a Renata, isso foi simplesmente falta de consideração.

Samantha: Sim, e você sabe o que é mais chocante? Aquelas foram *as últimas fotos tiradas do Hipopótamo Harry*. O Hipopótamo Harry, Patrimônio da Humanidade. O Hipopótamo Harry... Desculpe, sei que isso não tem graça. É, não tem graça nenhuma.

Gabrielle: Ai, meu Deus, que *drama* quando a coitada da Jane perdeu o bicho de pelúcia da turma, e todo mundo ficou fingindo que não achava nada demais, sendo que obviamente era mentira, e eu fiquei pensando: “Será que vocês não têm nada melhor para fazer?” Aliás, estou parecendo mais magra do que da última vez que nos vimos? Perdi três quilos.

DOIS MESES ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— **V**IVA O VEEERDE! — exclamou Madeline ao aplicar

spray verde no cabelo de Chloe para a gincana.

Chloe e Fred eram “Golfinhos” e estavam no time verde, o que era muita sorte, porque Madeline ficava bem com aquela cor. Quando Abigail estava no primário, o time dela era o amarelo, uma cor que não favorecia.

— Isso é muito ruim para a camada de ozônio — disse Abigail.

— É mesmo? — Madeline examinou a lata de spray. — A gente não consertou isso?

— Mãe, não se pode consertar a camada de ozônio!

Abigail revirou os olhos com desprezo enquanto comia o seu muesli caseiro, sem conservantes e à base de semente de linhaça e que diabo mais contivesse. Nos últimos tempos, sempre que voltava da casa do pai, saltava do carro dele carregada de comida, como se tivesse feito provisões para uma viagem à selva.

— Eu não quis dizer que a gente consertou a camada de ozônio, me referia ao problema das latas de spray. A, hã, aquela coisa. — Madeline franziu a testa para o spray de cabelo, tentando ler a inscrição na lateral, mas a letra era muito pequena. Madeline teve um namorado que a achava bonitinha e burra, o que era verdade, ela fora bonitinha e burra o tempo inteiro em que estivera com ele. Morar com uma filha adolescente era igualzinho.

— Os CFCs — falou Ed. — As latas de aerossol não contêm mais CFCs.

— Está bem — disse Abigail.

— Os gêmeos acham que a mãe deles vai ganhar a corrida das mães hoje — disse Chloe quando Madeline começou a fazer uma trança embutida em seu cabelo verde. — Mas falei que você era um trilhão de vezes mais rápida.

Madeline riu. Não conseguia imaginar Celeste participando de uma

corrida. Provavelmente a amiga iria correr para o lado errado, ou nem notar quando fosse dado o tiro de largada. Ela estava sempre tão desligada.

— Bonnie deve ganhar — sugeriu Abigail. — Ela é uma corredora muito veloz.

— *Bonnie*? — repetiu Madeline.

Ed pigarreou em alerta.

— O que foi? — perguntou Abigail, ríspida. — Por que ela não seria veloz?

— Só achei que ela gostava mais de ioga e esse tipo de atividade. Exercícios não cardiovasculares — disse Madeline, voltando a arrumar o cabelo de Chloe.

— Ela é veloz. Vi quando apostou corrida com o papai na praia, e Bonnie é, tipo, *muito* mais nova que você, mãe.

Ed riu.

— Você é muito corajosa, Abigail.

Madeline também riu.

— Um dia, Abigail, quando você tiver trinta anos, vou repetir algumas das coisas que me disse nesse ano que passou...

A menina largou a colher na mesa.

— Só estou dizendo para você não ficar chateada se não ganhar!

— Sim, sim, tudo bem, obrigada — disse Madeline, apaziguadora. Ela e Ed haviam rido de Abigail quando a filha não tivera intenção de ser engraçada, e nem ela mesma entendia bem qual tinha sido a graça, então acabou ficando encabulada, e, portanto, furiosa.

— Quer dizer, não sei por que você tem tanta rivalidade com ela — comentou Abigail, em um tom cruel. — Não é como se você ainda quisesse estar casada com o papai, então qual é o seu problema?

— Abigail — reprimiu Ed. — Não estou gostando do seu tom. Fale direito com a sua mãe.

Madeline fez um pequeno gesto de cabeça negativo para Ed.

— Nossa!

Abigail empurrou sua tigela de café da manhã e se levantou.

Ai, calamidade, pensou Madeline. *Lá se vai a manhã*. Chloe virou a cabeça, afastando-se das mãos da mãe a fim de observar a irmã.

— Nem posso mais falar nada! — O corpo de Abigail tremia todo. — Nem posso ser eu mesma na minha própria casa! Não consigo relaxar!

Madeline se lembrou do primeiro acesso de raiva de Abigail, aos quase três anos. Achara que a filha nunca teria um acesso de raiva, graças ao fato de ela ser uma boa mãe. Então, fora um choque ver o corpinho de Abigail agitado por uma emoção violenta. (A menina queria continuar comendo um sapo de chocolate que deixara cair no chão do supermercado. Madeline deveria ter deixado a pobrezinha

comer.)

— Abigail, não há necessidade de ser tão dramática. Acalme-se — disse Ed.

Madeline pensou: *Obrigada, querido, porque mandar uma mulher se acalmar sempre funciona, não é?*

— Manhê! Só acho um sapato! — berrou Fred do corredor.

— Já vou, Fred — gritou Madeline de volta.

Abigail balançou a cabeça devagar de um lado para outro, como se verdadeiramente perplexa com o tratamento ultrajante que estava sendo obrigada a aguentar.

— Sabe de uma coisa, mãe? — disse ela, sem olhar para Madeline.

— Eu ia contar isso para você mais tarde, mas vou contar agora.

— MANHÊÊ! — gritou Fred.

— A mamãe está ocupada! — disse Chloe, aos berros.

— Olhe embaixo da cama! — bradou Ed.

O ouvido de Madeline estava zumbindo.

— O que é, Abigail?

— Decidi que vou morar com papai e Bonnie.

— O que você disse? — perguntou Madeline, mas ela tinha ouvido.

Há muito tempo temia isso, e todo mundo ficava dizendo: *Não, não, isso nunca vai acontecer. Abigail nunca vai fazer isso. Ela precisa da mãe.* Mas Madeline já previra havia meses. Sabia que aconteceria. Queria gritar para Ed: *Por que você disse para ela se acalmar?*

— Acho que vai ser melhor para mim — disse Abigail. — Espiritualmente.

Ela já havia parado de tremer e, com toda a calma, levou sua tigela da mesa para a pia. Nos últimos tempos, começara a andar igual a Bonnie, postura ereta como a de uma bailarina, o olhar fixo em algum ponto espiritual no horizonte.

Chloe contorceu o rosto.

— Não quero que Abigail vá morar com o pai dela! — Ela começou a chorar copiosamente. A pintura verde em suas bochechas começou a escorrer.

— MANHÊ! — gritou Fred.

Os vizinhos iriam pensar que ele estava sendo assassinado.

Ed deixou a cabeça afundar nas mãos.

— Se é isso o que você realmente quer — disse Madeline.

Abigail virou-se da pia e seu olhar encontrou o da mãe, e, por um momento, eram só as duas, como tinha sido durante todos aqueles anos. Madeline e Abigail. As meninas Mackenzie. Quando a vida era calma e simples. Elas tomavam café na cama juntas antes da escola, lado a lado, travesseiros atrás das costas, os livros no colo. Madeline sustentou o olhar da filha. *Lembra-se, Abigail? Lembra-se da gente?*

A menina virou a cara.

— É isso o que eu quero.

Stu: Eu fui à gincana. Porra, a corrida das mães foi hilária. Perdoe meu linguajar. Mas algumas daquelas mulheres... Parecia que estavam disputando as Olimpíadas. Sério.

Samantha: Ah, bobagem. Ignore o meu marido. Ninguém estava levando aquilo a sério. Eu ria tanto que minha barriga chegou a doer.

Nathan tinha ido à gincana. Madeline não acreditou quando deu de cara com ele em frente à barraquinha de cachorro-quente, de mãos dadas com Skye. Justo naquela manhã.

Pais não costumavam ir à gincana, a menos que não trabalhassem ou que seus filhos estivessem especialmente envolvidos em esportes, mas lá estava o ex de Madeline tirando uma folga do trabalho para estar ali, de camisa polo listrada, bermuda, boné e óculos escuros: o uniforme do Bom Pai.

— Então... isso é uma novidade para você! — exclamou Madeline.

Ela viu que ele tinha um apito pendurado no pescoço. Estava ali como *voluntário*. Estava se envolvendo. *Ed* era o tipo de pai que se oferecia como voluntário na escola, mas precisava terminar um trabalho naquele dia. Nathan estava fingindo ser Ed. Estava fingindo ser um bom homem, e todo mundo acreditara.

— Claro!

Nathan sorriu, mas seu sorriso desapareceu quando presumivelmente lhe passou pela cabeça que sua filha primogênita também devia ter participado de gincanas quando estava no primário. Abigail não gostava tanto de esportes, mas tocava violino, e Nathan e Bonnie iam a todos os concertos, sem falta, sorrindo e batendo palmas, como se sempre tivessem estado presentes, como se a tivessem levado de carro àquelas aulas de violino em Petersham, onde era impossível encontrar vaga para estacionar, como se tivessem ajudado a pagar todas aquelas aulas que Madeline não tinha condições de bancar com um ex-marido que não contribuía com um centavo.

E agora ela estava escolhendo ele.

— Abigail já falou com você sobre... — Nathan contorceu um pouquinho o rosto, como se estivesse se referindo a uma questão delicada de saúde.

— Ir morar com você? — perguntou Madeline. — Já. Hoje de manhã mesmo, na verdade.

Ela sentia uma dor física. Como o início de uma gripe forte. Como uma traição.

Ele olhou para a ex-mulher.

— E por você...

— Por mim tudo bem — disse Madeline. Ela não lhe daria aquela satisfação.

— Vamos ter que resolver a questão do dinheiro — observou Nathan.

Ele pagava pensão para Abigail, agora que era uma boa pessoa. Sem atrasos. Sem reclamar. E nenhum dos dois jamais comentava sobre os dez primeiros anos da vida de Abigail, quando, aparentemente, alimentá-la e vesti-la não custava nada.

— Então você quer dizer que terei que lhe pagar pensão alimentícia agora? — perguntou Madeline.

Nathan pareceu chocado.

— Ah, não, não quis dizer isso...

— Mas você tem razão. É justo, se Abigail vai morar com você a maior parte do tempo — disse ela.

— É óbvio que eu nunca aceitaria seu dinheiro, Maddie — interrompeu ele. — Não quando eu... quando eu não... quando eu não pude... quando esses anos todos... — Ele fez uma careta. — Olha, sei que não fui o melhor pai do mundo quando Abigail era pequena. Eu nunca deveria ter falado em dinheiro. Nossa situação está um pouco apertada no momento.

— Talvez você devesse vender o seu carro esportivo — sugeriu Madeline.

— É — disse Nathan. Parecia mortificado. — Eu deveria. Tem razão. Embora não valha tanto quanto você... Enfim.

Skye olhou para o pai com seus grandes olhos preocupados, e deu aquelas piscadelas rápidas como Abigail costumava fazer. Madeline viu Nathan sorrir afetuosamente para a garotinha e apertar a mão dela. Madeline o humilhara. Madeline o humilhara enquanto ele estava de mãos dadas com sua filha com cara de menor abandonada.

Ex-maridos deveriam morar em outros bairros. Deveriam colocar seus filhos em outras escolas. Deveria haver leis para evitar situações como aquela. Não era para a pessoa lidar com sentimentos complicados de traição, mágoa e culpa no meio das gincanas dos filhos. Sentimentos como esses não deveriam ser expostos em público.

— Por que você se mudou para cá, Nathan? — Ela suspirou.

— O quê?

— Madeline! Está na hora da Corrida das Mães do Jardim! Você está preparada?

Era a professora do jardim de infância, a Srta. Barnes, que estava com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto e a pele brilhando feito

uma animadora de torcida americana. Tinha um aspecto fresco. Como uma deliciosa fruta madura. Ainda mais madura que Bonnie. Sem pálpebras flácidas. Sem flacidez nenhuma. Tudo em sua vida jovem e alegre era simples e animado. Nathan tirou os óculos escuros para enxergá-la melhor, visivelmente alegre só de vê-la. Ed faria a mesma coisa.

— Manda brasa, Srta. Barnes — disse Madeline.

Detetive Adrian Quinlan: Estamos investigando os relacionamentos da vítima com todos os pais que estiveram presentes na noite do concurso de perguntas.

Harper: Sim, tenho algumas teorias, na verdade.

Stu: Teorias? Eu não tenho nada. Nada a não ser uma ressaca.

Rindo, as mães dos alunos do jardim de infância formaram uma fila irregular na linha de largada da corrida. O sol se refletia nos óculos escuros delas. O céu parecia uma imensa concha azul. O mar safira brilhava no horizonte. Jane sorriu para as outras mães. As demais retribuíram seu sorriso. Todas muito simpáticas. Muito sociáveis.

“Isso é coisa da sua cabeça”, garantira-lhe a mãe de Jane. “Todo mundo já vai ter esquecido aquela confusão boba do dia da orientação.”

Jane andara fazendo um esforço enorme para se encaixar na comunidade da escola. Servia na cantina de quinze em quinze dias. Toda segunda-feira de manhã, ela e outra mãe voluntária ajudavam a Srta. Barnes ouvindo as crianças praticarem a leitura. Conversava educadamente na chegada e na saída da escola. Convidava crianças para irem brincar em sua casa.

Mas Jane ainda sentia que havia algo errado. Uma cabeça que virava ligeiramente lá, sorrisos amarelos acolá, o leve cheiro de crítica no ar.

Não é nada demais, ela ficava dizendo a si mesma. Era bobagem. Não havia por que se apavorar. Aquele mundinho de merendeiras e mochilas, joelhos esfolados e rostinhos encardidos não tinha qualquer relação com a feiura daquela noite quente de primavera, a luz embutida no teto que mais parecia um olho observando-a de cima, o nó em sua garganta, as palavras sussurradas insinuando-se em seu cérebro. *Pare de pensar nisso. Pare de pensar nisso.*

Jane acenou para Ziggy, que estava sentado nas arquibancadas com as crianças do jardim de infância sob os olhares atentos da Srta. Barnes.

“Você sabe que eu não vou ganhar, certo?”, dissera ela para o filho aquele dia durante o café da manhã. Algumas daquelas mães tinham *personal trainers*. Uma delas *era personal trainer*.

— Em suas marcas, mães! — exclamou Jonathan, o simpático pai

que não trabalhava e tinha ido com eles ao Disney On Ice.

— De quantos metros é essa corrida, afinal? — perguntou Harper.

— Aquela linha de chegada parece estar bem longe — opinou Gabrielle. — Por que não vamos todas tomar café em vez de correr?

— Aquelas são Renata e Celeste segurando a faixa de chegada? — perguntou Samantha. — Como elas se safaram dessa?

— Acho que Renata disse que...

— Renata tem canelito — interrompeu Harper. — Pelo que parece, dói muito.

— Todas nós devíamos nos alongar — sugeriu Bonnie, vestida como se fosse dar uma aula de ioga, com uma camiseta amarela escorregando do ombro enquanto ela languidamente levantava um pé e o puxava para trás até encostá-lo na coxa.

— Ah, aliás, Jess? — começou Audrey ou Andrea.

Jane nunca conseguia decorar o nome dela. A mulher chegou pertinho de Jane e falou em um tom de voz baixo, confidencial, como se estivesse prestes a revelar um grande segredo misterioso. Jane estava acostumada. No outro dia, ela se aproximara, baixara a voz e perguntara: “Hoje é dia de biblioteca?”

— É Jane — corrigiu. (Ela não tinha o direito de se ofender.)

— Desculpe — disse Andrea ou Audrey. — Olha. Você é a favor ou contra?

— A favor ou contra quê? — perguntou Jane.

— Senhoras! — exclamou Jonathan.

— Cupcakes — disse Audrey ou Andrea. — A favor ou contra?

— Ela é a favor — respondeu Madeline. — Sua repressora.

— Madeline, deixe ela responder — insistiu Audrey ou Andrea. — Ela me parece uma pessoa muito consciente da importância da saúde.

Madeline revirou os olhos.

— Hã, bem, eu gosto de cupcake — revelou Jane.

— Estamos fazendo uma petição para proibir os pais de mandarem cupcakes para a turma inteira no aniversário dos filhos — informou Andrea ou Audrey. — Vivemos um surto de obesidade, e dia sim, dia não, as crianças estão comendo doce.

— O que não entendo é por que essa escola tem tanta mania de *petições* — disse Madeline, irritada. — É uma atitude de confronto. Por que a pessoa não pode simplesmente fazer uma sugestão?

— Senhoras, *por favor!* — Jonathan ergueu a pistola de largada.

— Cadê Jackie, Jonathan? — perguntou Gabrielle.

As mães estavam meio obcecadas pela mulher de Jonathan, desde que ela havia sido entrevistada no bloco sobre economia do noticiário noturno alguns dias antes, parecendo assustadoramente segura e inteligente ao falar sobre uma fusão de empresas, chegando a botar o jornalista em seu lugar. Além disso, Jonathan era muito bonito, de

uma maneira que lembrava George Clooney, então as referências constantes à sua mulher eram necessárias para deixar claro que elas não tinham notado sua beleza e não estavam dando em cima dele.

— Ela está em Melbourne — contou Jonathan. — Parem de falar comigo. Em suas *marcas*!

As mulheres andaram até a linha de largada.

— Bonnie parece uma profissional — comentou Samantha quando Bonnie se agachou na posição de largada.

— Eu quase nunca corro hoje em dia — disse ela. — Correr é muito agressivo para as articulações.

Jane reparou em Madeline olhando para Bonnie e enterrando com firmeza a ponta do tênis na grama.

— Chega de conversa fiada, senhoras — esbravejou Jonathan.

— Adoro quando você é autoritário, Jonathan — disse Samantha.

— Preparadas?

— Isso é muito angustiante — confessou Audrey ou Andrea a Jane.

— Como as pobres crianças lidam com o...

A pistola disparou.

—

Thea: Eu tenho algumas hipóteses sobre o que pode ter acontecido, mas prefiro não falar mal dos mortos. Como digo às minhas quatro filhas: “Se não tiverem nada agradável a dizer, não digam nada.”

Celeste conseguia sentir a força de Renata na outra ponta da faixa de chegada, e tentava igualar a pressão do seu lado, só que se esquecia de se concentrar em onde estava e no que fazia.

— Como vai Perry? — gritou Renata. — Ele está no país?

Sempre que aparecia na escola ou em eventos escolares, Renata fazia questão de não falar com Jane nem Madeline (que adorava isso, mas a pobre Jane nem tanto), só que sempre puxava assunto com Celeste, em um tom defensivo e ofendido, como se Celeste fosse uma velha amiga que tivesse agido mal, mas com quem Renata houvesse decidido agir com maturidade.

— Está ótimo — berrou Celeste do outro lado.

Na noite passada tinha sido por causa dos Legos. Os meninos haviam espalhado Lego pela casa toda. Ela deveria ter mandado que eles catassem tudo. Perry tinha razão. Era mais fácil que ela mesma arrumasse tudo quando os dois estivessem dormindo, em vez de brigar com eles. O choro. O drama. Ela simplesmente não tivera forças naquela noite. Era preguiçosa. Uma péssima mãe.

“Você está transformando os meninos em crianças mimadas”, dissera Perry.

“Eles só têm cinco anos”, retrucara Celeste. Estava sentada no sofá dobrando as roupas lavadas. “Ficam cansados depois da escola.”

“Não quero morar em um chiqueiro”, reclamara Perry, chutando as peças de Lego no chão.

“Então cate você”, respondera Celeste, cansada.

Pronto. Foi assim que tinha começado. Ela mesma provocava. Toda vez.

Perry se limitou a olhar para ela. Então ficou de quatro e recolheu todas as peças de Lego do tapete, colocando-as na grande caixa verde. Ela continuou dobrando as roupas, observando-o. Será que ele ia catar tudo mesmo?

Perry se levantou e levou a caixa até onde ela estava.

“É simples: mande os garotos catarem, ou cate você, ou pague a

porra de uma empregada.”

Em um gesto rápido, ele virou a caixa inteira de Lego na cabeça dela, em uma torrente violenta e ruidosa.

A surpresa e humilhação a fizeram arfar.

Celeste se levantou, pegou um punhado de peças de Lego do colo e jogou-as na cara dele.

Viu? De novo. A culpa era dela, que agia feito criança. Era quase engraçado. Quase um pastelão. Dois adultos jogando coisas um no outro.

Ele lhe deu uma bofetada na cara com as costas da mão.

Ele nunca a esmurrou. Jamais faria uma coisa tão bruta. Ela cambaleou, e seu joelho bateu na mesa de vidro. Celeste recuperou o equilíbrio e voou para cima dele com as mãos em garras. Perry a empurrou para longe com uma expressão de nojo.

Bem, por que não? O comportamento dela dava nojo.

Então ele foi se deitar. Ela arrumou o Lego e jogou no lixo o jantar intocado.

Seu lábio estava machucado e dolorido naquela manhã, como se uma afta estivesse se formando. Não era suficiente para provocar comentários de ninguém. Tinha batido o joelho na lateral da mesa de centro, por isso estava rijo e doído. Não era muito grave. Não era nada, na verdade.

Perry estava alegre de manhã, assobiando enquanto fazia ovos cozidos para os meninos.

“O que houve com o seu pescoço, papai?”, perguntara Josh.

Havia um fino arranhão vermelho na lateral do pescoço, onde Celeste devia tê-lo atingido.

“Meu pescoço?”, Perry pôs a mão no ferimento e olhou para a esposa com um olhar divertido. Era o tipo de olhar secreto que os pais trocam quando os filhos fazem um comentário inocente e engraçadinho sobre Papai Noel ou sexo. Como se o que ocorrera na noite passada fosse um acontecimento normal da vida de casado.

“Não foi nada, amigo”, disse ele a Josh. “Eu estava distraído e bati em uma árvore.”

Celeste não conseguia tirar a expressão de Perry da cabeça. Ele tinha achado aquilo engraçado. Engraçado mesmo, como se não fosse nada demais.

Ela pressionou um dedo no lábio dolorido.

Aquilo *era* normal?

Perry diria: “Não, nós não somos normais. Não somos o Sr. e a Sra. Padrão, gente medíocre em relações medíocres. Somos diferentes. Somos especiais. Nós nos amamos mais. Tudo é mais intenso para nós.”

O tiro de largada ecoou, sobressaltando-a.

— Lá vêm elas! — exclamou Renata.

Quatorze mulheres corriam para cima delas como se estivessem perseguindo ladrões, braços se movendo para a frente e para trás, peitos projetados, queixos erguidos, algumas riam, mas a maioria tinha expressões muito sérias. As crianças gritavam sem parar. Celeste tentou encontrar os meninos, mas não os viu.

“Não vou poder participar da corrida das mães, no fim das contas”, dissera-lhes naquela manhã. “Caí da escada depois que vocês foram dormir, ontem à noite.”

“Ahhhh”, fez Max, mas foi um muxoxo automático. Ele não parecia se importar muito.

“Você devia tomar mais cuidado”, recomendara Josh, baixinho, sem olhar para ela.

“Devia”, concordara Celeste. Devia mesmo.

Bonnie e Madeline lideravam o pelotão. Estavam na dianteira. Era cabeça com cabeça. *Vai, Madeline*, pensou Celeste. *Vai, vai, vai! Sim!* Os peitos delas atingiram a faixa de chegada. Definitivamente Madeline.

—

— Bonnie por um nariz! — gritou Renata.

— Não, não, tenho certeza de que Madeline chegou primeiro — disse Bonnie a Renata.

Ela não parecia ter feito o menor esforço. A cor em suas bochechas estava só um pouquinho mais intensa que o normal.

— Não, não, foi você, Bonnie — insistiu Madeline, esbaforida, embora soubesse que tinha vencido porque mantivera Bonnie em sua visão periférica. Ela se abaixou, botando as mãos nos joelhos, tentando recobrar o fôlego. Sentia uma ardência na maçã do rosto onde o próprio colar tinha batido.

— Tenho certeza de que foi Madeline — disse Celeste.

— Definitivamente Bonnie — interrompeu Renata, e Madeline quase deu uma gargalhada. *Então a sua vingançazinha agora chegou a isso, Renata? Não me deixar ganhar a corrida das mães?*

— Tenho certeza de que foi Madeline — retrucou Bonnie.

— Tenho certeza de que foi Bonnie — rebateu Madeline.

— Ah, pelo amor de Deus, vamos declarar empate — disse uma mãe do sexto ano, uma Loura de Corte Chanel encarregada de distribuir as fitas.

Madeline se empertigou.

— De jeito nenhum. Bonnie é a vencedora.

Ela pegou a fita azul do primeiro lugar da mão da mãe do sexto ano e entregou-a a Bonnie, fazendo-a fechar os dedos para segurá-la, como

se estivesse confiando uma moeda de dois dólares a uma das crianças.

— Você me venceu, Bonnie. — Ela olhou nos olhos azul-claros de Bonnie e encontrou compreensão neles. — Você me venceu honesta e justamente.

Samantha: Madeline venceu. Todas nós morremos de rir quando Renata insistiu que tinha sido Bonnie. Mas se eu acho que isso levou a um *assassinato*? Não, não acho.

Harper: Eu cheguei em terceiro, se interessar a alguém.

Melissa: Tecnicamente, *Juliette* chegou em terceiro. A babá de Renata, sabe? Mas Harper só dizia: “Uma babá de vinte e um anos não conta!” E é claro, hoje em dia, nós gostamos de fingir que Juliette nunca existiu.

Samantha: Olha, é preciso entender a demografia daqui. Desde o início, havia os operários. Temos muitos operários em Pirriwee. Como o meu Stu. Sal da terra. Ou do mar, porque todos eles surfam, é claro. A maioria nasceu e foi criada aqui. Também há os alternativos. Híppies. E faz uns dez anos que todos esses executivos ricos e esses banqueiros babacas se mudaram para cá e construíram umas mansões enormes nos penhascos. *Porém*, só há uma escola de ensino fundamental para todas as crianças! Por isso, nos eventos escolares há um encanador, um banqueiro e um litoterapeuta em uma roda tentando conversar. É muito engraçado. Não me admira ter dado confusão.

Celeste chegou da gincana e encontrou o carro da empresa de faxina estacionado na frente de casa. Quando girou a chave na porta para entrar, o aspirador rugia no andar de cima.

Ela foi para a cozinha e preparou uma xícara de chá. Os faxineiros iam toda sexta-feira de manhã. Cobravam duzentos dólares e deixavam tudo lindo e brilhando.

A mãe de Celeste ficara pasma ao saber quanto a filha gastava com faxina. “Querida, vou aí ajudar uma vez por semana”, dissera ela. “Você economiza o dinheiro para outra coisa.”

Sua mãe não conseguia entender quanto Perry era rico. Quando visitou pela primeira vez a mansão com vista panorâmica, ela percorrera a casa com a expressão educada e tensa de uma turista assistindo a uma manifestação cultural antagônica. Por fim, reconheceu que a casa era muito “arejada”. Para ela, duzentos dólares era uma quantia absurda de dinheiro para gastar com algo que a pessoa podia — devia — fazer por conta própria. Ela ficaria horrorizada se tivesse como ver Celeste naquele momento, sentada, enquanto outras pessoas limpavam sua casa. A mãe dela nunca se sentava. Chegava em casa do turno da noite no hospital e ia direto

para a cozinha preparar o café da manhã da família, enquanto o pai de Celeste lia o jornal e ela e o irmão brigavam.

Puxa vida, as brigas que Celeste tinha com o irmão... Ele batia nela. E ela sempre revidava.

Talvez, se não tivesse crescido com um irmão mais velho, se não tivesse sido criada com aquela mentalidade de australiana durona: se um garoto lhe bater, você revida! Quem sabe se ela tivesse chorado baixinho da primeira vez que Perry batera nela, aquilo não teria continuado a acontecer.

O aspirador foi desligado, e ela ouviu a voz de um homem, acompanhada de uma sonora gargalhada. Os faxineiros eram um jovem casal coreano. Trabalhavam em absoluto silêncio quando Celeste estava em casa, então não deviam tê-la ouvido entrar. Só lhe exibiam suas posturas profissionais. Ela se sentia irracionalmente magoada, como se quisesse ser amiga deles. *Vamos rir e bater papo enquanto vocês limpam a minha casa.*

Ouviam-se passos apressados no andar de cima, e risadinhas infantis.

Parem de se divertir na minha casa. Limpem.

Celeste tomou seu chá. A xícara machucou seu lábio dolorido.

Ela sentiu ciúme dos faxineiros.

Lá estava ela, na sua mansão, emburrada.

Largou o chá, tirou o cartão Amex da carteira e abriu o laptop. Entrou no site da World Vision e clicou em fotos de crianças disponíveis para serem apadrinhadas: produtos em uma prateleira para mulheres brancas e ricas como ela. Ela já apadrinhara três crianças, e tentara fazer os meninos se interessarem pela prática.

“Olha! Aqui está a pequena Blessing do Zimbábue. Ela tem que andar quilômetros para buscar água. Vocês só precisam ir até a torneira.”

“Por que ela simplesmente não saca dinheiro no caixa eletrônico?”, perguntara Josh. Foi Perry quem respondera, explicando pacientemente sobre gratidão e ajudar as pessoas carentes.

Celeste apadrinhou mais quatro crianças.

Escrever cartas e cartões de aniversário para todas levaria horas.

Ingrata.

Merecia apanhar. Merecia.

Ela beliscou as coxas até ficar com lágrimas nos olhos. Teria novos hematomas no dia seguinte. Hematomas que fizera em si mesma. Ela gostava de vê-los mudar de aspecto, se intensificando, escurecendo e depois sumindo aos poucos. Era um hobby. Um interesse dela. Era bom ter um interesse.

Ela estava perdendo o juízo.

Visitou sites beneficentes que exibiam toda dor e todo sofrimento

que o mundo tinha a oferecer: câncer, distúrbios genéticos raros, pobreza, violação dos direitos humanos, desastres naturais. Ela doou sem parar. Em vinte minutos, tinha doado vinte mil dólares do dinheiro de Perry. O que não lhe deu nenhuma satisfação, orgulho, nem prazer. Apenas náusea. Ela fazia doações a pessoas carentes enquanto tinha uma jovem de quatro esfregando os cantos encardidos do boxe do seu chuveiro.

Limpe sua própria casa, então! Demita os faxineiros. Mas isso também não iria ajudá-los, iria? Doe mais dinheiro para a caridade! Doe até dizer chega.

Ela gastou mais cinco mil dólares.

Será que isso prejudicaria a situação financeira deles? Ela não sabia dizer. Perry cuidava do dinheiro. Era a especialidade dele, afinal. Não que escondesse alguma coisa dela. Sabia que o marido examinaria feliz da vida todas as contas e carteiras de investimento deles com Celeste, se ela assim quisesse, mas a ideia de saber os números exatos lhe deixava tonta.

“Abri a conta de luz hoje e fiquei com vontade de chorar”, dissera-lhe Madeline outro dia, e Celeste pensara em se oferecer para pagar a conta para a amiga, mas é claro que Madeline não queria sua caridade. Ela e Ed tinham uma situação confortável. Mas havia tantos níveis diferentes de “confortável” e, no nível de Celeste, nenhuma conta de luz poderia fazê-la chorar. Enfim, não se podia simplesmente distribuir dinheiro aos amigos. Podia-se pagar a conta do almoço ou do café sempre que possível, mas mesmo então era preciso ter cuidado para não ofender, não fazer isso com tanta frequência de forma que parecesse exibicionismo, como se o dinheiro fizesse parte dela, quando na verdade o dinheiro era de Perry, e não tinha nada a ver com Celeste. Não passava de sorte, como a sua aparência. Não era uma decisão que ela tivesse tomado.

Uma vez, quando estava na faculdade, em um dia de ótimo humor, entrara animadamente na sala de aula e sentara-se ao lado de uma garota chamada Linda.

“Bom dia!”, dissera.

Uma expressão engraçada de consternação passara pelo rosto da menina.

“Ah, Celeste”, resmungara ela. “Não posso lidar com você hoje. Não quando estou me sentindo uma merda e você entra aqui com essa cara de... você sabe, essa cara *assim*.” Ela indicou o rosto de Celeste como se estivesse se referindo a algo repulsivo.

As garotas em volta caíram na gargalhada, como se alguma coisa hilária e subversiva finalmente tivesse sido dita em voz alta. Elas não paravam de rir, e Celeste dava um sorriso amarelo, abobalhado, porque como mais poderia reagir? O comentário doeu como uma

bofetada, mas ela precisava se comportar como se tivesse sido um elogio. Tinha que se sentir agradecida. *Nunca pareça estar muito feliz*, ela disse a si mesma. *Incomoda*.

Agradecida, agradecida, agradecida.

O aspirador recomeçou lá em cima.

Durante todos os anos que estavam juntos, Perry nunca fizera qualquer comentário sobre como ela escolhia gastar o dinheiro deles (dele), a não ser para lembrá-la de vez em quando, com suavidade e humor, que podia gastar mais se quisesse.

“Você sabe que podemos comprar uma nova”, dissera ele uma vez quando a encontrara na lavanderia esfregando furiosamente uma mancha na gola de uma camisa de seda.

“Eu gosto dessa”, respondera ela.

(A mancha era de sangue.)

Quando Celeste parou de trabalhar, sua relação com o dinheiro mudou. Ela o gastava do jeito que usava o banheiro dos outros: com cuidado e educação. Sabia que aos olhos da lei e da sociedade estava (supostamente) contribuindo para a vida deles administrando a casa e educando os meninos, mas mesmo assim jamais gastava o dinheiro de Perry da maneira que no passado fizera com o seu.

Certamente nunca gastara vinte e cinco mil dólares em uma única tarde. Será que ele iria comentar? Ficar bravo? Tinha sido por isso que fizera aquilo? Às vezes, nos dias em que conseguia sentir a raiva dele prestes a explodir, quando sabia que era só uma questão de tempo, quando sentia o cheiro no ar, ela o provocava de propósito. Fazia aquilo acontecer, para que acabasse logo.

Mesmo enquanto doava dinheiro para a caridade, será que esse gesto era só mais um passo na dança doentia do casamento deles?

Não era como se isso não tivesse precedentes. Eles iam a bailes de caridade e Perry fazia lances de vinte, trinta, quarenta mil dólares com um aceno de cabeça e sem sorrir. Mas a questão não era doar, e sim vencer. “Nunca vão dar um lance maior que o meu”, dissera ele uma vez.

Perry era *generoso*. Se descobria que um parente ou um amigo estava passando por dificuldades, de forma discreta fazia um cheque ou uma transferência, rejeitando agradecimentos com um gesto, mudando de assunto, aparentemente encabulado com a facilidade com que podia resolver a crise financeira de outra pessoa.

A campanha tocou, e ela foi atender a porta.

— Sra. White?

Um homem forte, barbado, entregou-lhe um enorme buquê de flores.

— Obrigada — agradeceu Celeste.

— Alguém é uma mulher de sorte! — disse o homem, como se

nunca tivesse visto alguém receber um buquê de flores tão impressionante.

— Sou mesmo!

O cheiro doce e forte fez cócegas em seu nariz. Antes, adorava receber flores. Mas atualmente era como receber uma série de tarefas: encontre o vaso. Corte o caule. Arrume-as desse jeito.

Ingrata.

Ela leu o cartãozinho.

Te amo. Desculpe. Perry.

Escrito com a letra do florista. Era sempre muito estranho ver as palavras de Perry transcritas por outra pessoa. Será que o florista se perguntou o que o marido dela havia feito? Que transgressão conjugal ele tinha cometido na noite anterior? Chegar em casa tarde?

Ela levou as flores para a cozinha. O buquê tremia, ela reparou, como se estivesse tiritando de frio. Segurou o caule com mais força. Podia jogá-las na parede, mas isso não seria muito gratificante. Cairiam inúteis no chão. Haveria montes de pétalas empapadas no tapete. Ela teria que catá-las antes que os faxineiros descessem.

Caramba, Celeste. Você sabe o que tem que fazer.

Ela se lembrou do ano em que fez vinte e cinco anos: o ano em que estreou no tribunal, em que comprou o primeiro carro e investiu no mercado de ações pela primeira vez, o ano em que disputava uma partida de squash todo sábado. Celeste tinha tríceps maravilhosos e dava uma gargalhada sonora.

Foi o ano em que conheceu Perry.

A maternidade e o casamento transformaram-na em uma versão mole e flexível da garota que ela fora antes.

Colocou as flores com cuidado na mesa da sala de jantar e voltou para o laptop.

Digitou as palavras “terapeuta de casal” no Google.

Então parou. Apagou as palavras. Não. Já havia tentado isso. Não era uma questão de trabalho doméstico e mágoas. Ela precisava falar com alguém que soubesse que pessoas agiam daquela forma; alguém que fizesse as perguntas certas.

Ela sentia as bochechas queimando quando digitou as duas palavras vergonhosas:

“Violência.” “Doméstica.”

Há coisas mais difíceis do que isso, pensou Madeline enquanto dobrava uma calça jeans *skinny* e as acrescentava à mala aberta já preenchida pela metade na cama de Abigail.

Madeline não tinha direito de ter os sentimentos que estava experimentando. A magnitude deles a constrangia. Eram de uma desproporção tremenda em relação à situação.

Pois então Abigail queria morar com o pai, porém não estava sendo tão boazinha assim quanto a isso. Mas tinha quatorze anos. Jovens de quatorze anos não eram conhecidos pela empatia.

Madeline repetia para si que não se importava. Já superara a questão. Não era nada demais. Ela era ocupada. Tinha outros afazeres.

Mas depois era atingida de novo pela lembrança, como um soco no estômago. Ela se via com a respiração acelerada, como se estivesse em trabalho de parto. (Vinte e sete horas no de Abigail. Nathan e a parteira faziam piadas sobre futebol enquanto Madeline estava morrendo. Bem, ela acabou não morrendo, mas se lembrava de achar que uma dor como aquela só podia levar à morte, e as últimas palavras que ouviria seriam sobre as chances do Manly de vencer a primeira divisão.)

Ela pegou uma das camisetas da filha no cesto de roupas. Era de um tom pastel de pêssego, e não ficava bem na pele de Abigail, mas ela a adorava. Só poderia ser lavada à mão. Bonnie poderia fazer isso a partir de então. Ou talvez a nova versão atualizada de Nathan lavasse roupa. Nathan Versão 2.0. Fica com a mulher. Faz trabalho voluntário em abrigo para moradores de rua. Lava roupa à mão.

Ele passaria lá mais tarde com o caminhão do irmão para pegar a cama de Abigail.

Na noite passada, a menina perguntara à mãe se poderia levar sua cama para a casa de Nathan. Era uma linda cama de quatro colunas com dossel que Madeline e Ed tinham dado a ela de presente pelo aniversário de quatorze anos. Valera cada exorbitante centavo ao ver a expressão de êxtase de Abigail quando a viu pela primeira vez. Ela literalmente dançou de alegria. Era como se lembrar de outra pessoa.

— A sua cama fica aqui — disse Ed.

— A cama é dela — lembrou Madeline. — Não me importo se quiser levá-la.

Falou aquilo para magoar Abigail, para dar o troco, mostrar que não se importava com o fato de que a filha estava saindo de casa, de que ela iria passar os fins de semana ali, mas a sua vida e a sua casa de verdade seriam em outro lugar. Porém, Abigail não ficou nem um pouco magoada. Simplesmente ficou feliz por poder levar a cama.

— Oi — cumprimentou Ed da porta do quarto.

— Oi — respondeu Madeline.

— Abigail deveria estar fazendo a própria mala — disse Ed. — Ela já tem idade para isso.

Talvez tivesse, mas Madeline lavava a roupa de todo mundo. Sabia em que estágio as coisas estavam: lavar, secar, dobrar, guardar, então fazia sentido que ela arrumasse a mala. Desde que conhecera Abigail, Ed sempre esperara um pouquinho demais da menina. Quantas vezes Madeline já ouvira aquelas mesmas palavras? “Ela já tem idade para isso.” Ele não conhecia crianças da idade de Abigail, e parecia a Madeline que as expectativas dele eram sempre um pouquinho altas demais. Era diferente com Fred e Chloe, porque ele os acompanhara desde o início. Conhecia-os e entendia-os de um jeito que nunca realmente acontecera com Abigail. Ele gostava dela, é claro, e era um padrasto bom e atento, um papel complicado que ele assumira sem se queixar (dois meses depois que começaram a sair, Ed foi com Abigail a um chá matinal em comemoração ao Dia dos Pais na escola. Abigail o adorava naquela época), e talvez eles tivessem tido uma ótima relação, se não fosse Nathan, o pai pródigo, que voltara no pior momento, quando Abigail tinha onze anos. Muito velha para ser controlada. Muito nova para entender ou comandar os sentimentos. Ela mudou da noite para o dia. Era como se tratar Ed mesmo apenas com uma gentileza básica fosse uma traição ao pai. Ed tinha uma veia autoritária antiquada que não reagia bem à falta de respeito, e, certamente, quando comparado à personalidade boa-praça de Nathan, saía em desvantagem.

— Acha que é culpa minha? — perguntou Ed.

Madeline ergueu os olhos.

— O quê?

— Abigail se mudar para a casa do pai? — Ele parecia angustiado, inseguro. — Será que fui muito rígido com ela?

— Claro que não — respondeu Madeline embora achasse que em parte era culpa dele, mas para que dizer isso? — Acho que Bonnie é a verdadeira atração.

— Você já se perguntou se Bonnie fez tratamento de eletrochoque? — perguntou Ed.

— Eu vejo nela uma espécie de torpor — concordou Madeline

Ed entrou e passou a mão em uma das colunas da cama de Abigail.

— Tive um trabalho danado para montar isso — confessou ele. — Acha que Nathan vai dar conta? — Madeline bufou. — Talvez eu devesse me oferecer para ajudar.

Ele estava falando sério. Não suportava pensar em um serviço de bricolagem malfeito.

— Não se atreva — repreendeu Madeline. — Você já não devia ter saído? Não tem uma entrevista?

— É, tenho.

Ed se abaixou para lhe dar um beijo.

— Alguém interessante?

— É o clube do livro mais antigo da Península de Pirriwee — disse Ed. — Eles se encontram uma vez por mês há quarenta anos.

— Eu devia criar um clube do livro — afirmou Madeline.

—

Harper: Vou dizer isso em favor de Madeline: ela convidou todo mundo para o clube do livro dela, inclusive Renata e a mim. Como já faço parte de um clube do livro, eu recusei, o que provavelmente foi bom. Renata e eu sempre gostamos de literatura de qualidade, não daqueles best-sellers sem consistência e pouco originais. Pura bobagem! Cada um com as suas preferências, é claro.

Samantha: O Clube do Livro Erótico começou como uma brincadeira. Na verdade foi culpa minha. Eu estava servindo na cantina com Madeline e lhe disse uma coisa sobre uma cena picante de um livro que ela havia escolhido. Nem era assim tão picante, para ser sincera. Eu só estava achando graça, mas então Madeline disse: “Ah, será que me esqueci de mencionar que era um clube do livro erótico?” Então começamos a chamar de Clube do Livro Erótico, e quanto mais as pessoas como Harper e Carol se chocavam, mais atrevida Madeline ficava.

Bonnie: Dou aula de ioga quinta-feira à noite, do contrário eu teria adorado entrar para o clube do livro de Madeline.

UM MÊS ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— Tenho que levar a árvore genealógica amanhã — disse Ziggy.

— Não, é na semana que vem — retrucou Jane.

Ela estava sentada no chão do banheiro, encostada na parede enquanto o filho tomava banho de banheira. O ar estava impregnado com vapor e aroma de espuma para banho com perfume de morango. Ele adorava banhos de espuma com a água pelando e quase transbordando. “Mais quente, mamãe, mais quente!”, pedia sempre enquanto sua pele ficava tão vermelha que Jane receava o estar escaldando. “Mais espuma!” Então ele fazia brincadeiras demoradas e complexas no meio da espuma, misturando vulcões em erupção, Jedis, ninjas e mães dando bronca.

— A gente precisa de cartolina especial para a árvore genealógica — lembrou Ziggy.

— É, vamos comprar umas folhas no fim de semana — disse Jane. Ela riu para ele, que modelou a espuma na cabeça para fingir que tinha um moicano. — Você está engraçado.

— Não, estou superlegal — respondeu Ziggy. Voltou para sua brincadeira. — Pou! Pou! Ei! Pare já com isso. Cuidado, Yoda! Cadê o seu sabre de luz? Peça por favor, Yoda! Está aqui!

A água espirrava e a espuma voava.

Jane voltou ao livro que Madeline escolhera para a primeira reunião do clube do livro.

“Escolhi uma coisa com muito sexo, drogas e assassinato”, dissera Madeline, “para termos uma discussão animada. O ideal é que haja uma briga.”

O livro era ambientado nos anos 1920. Era bom. Jane de alguma forma perdera o hábito de ler por prazer. Ler um romance era como voltar, depois de muito tempo, a um destino de férias favorito.

Naquele momento, ela estava no meio de uma cena de sexo. Virou a página.

— Vou lhe dar um soco na cara, Darth Vader! — exclamou Ziggy.

— Não diga “dar um soco na cara” — disse Jane, sem erguer os

olhos. — Não é bonito.

Ela continuou lendo. Uma nuvem de espuma com aroma de morango caiu na página do livro. Ela a afastou com o dedo. Estava sentindo alguma coisa. Muito de leve. Mexeu-se ligeiramente no ladrilho do banheiro. Não. Com certeza não. Com um livro? Com dois parágrafos bem escritos? Mas sim. Ela estava. Estava ligeiramente excitada.

Foi uma revelação o fato de, depois de tanto tempo, ela ainda ser capaz de sentir algo tão básico, tão biológico, tão agradável.

Por um momento, viu o olho observando-a do teto e sentiu um nó na garganta, mas então inflou as narinas em um acesso de raiva. *Eu não aceito*, disse ela à lembrança. *Eu não aceito você hoje, porque, adivinha, tenho outras lembranças de sexo. Tenho muitas lembranças de um namorado normal e uma cama normal, onde os lençóis não eram tão novos e não havia olhos me observando do teto e nem aquele silêncio abafado. Havia música, normalidade e luz natural e ele me achava bonita, seu desgraçado, ele me achava bonita, e eu era bonita. Como você se atreve, como se atreve, como se atreve?*

— Mamãe — chamou Ziggy.

— Sim? — respondeu ela, sentindo uma felicidade maluca, irritada, como se alguém a estivesse desafiando a não ser feliz.

— Estou precisando daquela colher que tem mais ou menos esse formato.

Ele desenhou um arco no ar. Queria o cortador de ovo.

— Ah, Ziggy, já chega de coisas da cozinha na banheiro — disse ela, mas já estava pousando o livro e se levantando para pegar o cortador para ele.

— Obrigado, mamãe — agradeceu Ziggy, angelicalmente. Ela olhou para os seus grandes olhos verdes com as gotinhas de água entre os cílios e disse:

— Eu te amo muito, Ziggy.

— Estou precisando muito dessa colher — apressou-a.

— Tudo bem — disse ela.

Virou-se para sair do banheiro, e o menino perguntou:

— Acha que a Srta. Barnes vai ficar com raiva de mim por não levar o trabalho da árvore genealógica?

— Querido, é para semana que vem. — Ela entrou na cozinha e leu em voz alta o bilhete preso na geladeira por um ímã. — “Todas as crianças poderão falar de suas árvores genealógicas quando trouxerem os trabalhos sexta-feira, 24 de março”... Ai, calamidade.

Ele tinha razão. A árvore genealógica devia ser entregue no dia seguinte. Ela colocara na cabeça que era para a mesma sexta-feira do jantar de aniversário de seu pai, mas o jantar do pai fora adiado em uma semana porque seu irmão ia viajar com a nova namorada. Era

tudo culpa do idiota do Dane.

Não. Era culpa dela. Ela só tinha um filho. Ele tinha uma agenda. Não deveria ser tão difícil assim. Teriam que fazer imediatamente. Ela não podia mandá-lo para a escola sem o trabalho. Ele seria o centro das atenções, e detestava quando isso acontecia. Se fosse a Chloe de Madeline, ela nem ligaria. Riria, daria de ombros e faria uma expressão fofinha. Chloe adorava ser o centro das atenções, mas tudo que o pobre Ziggy queria era passar despercebido na turma, igualzinho a Jane, mas, por alguma razão, o oposto estava sempre acontecendo.

— Esvazie a banheira, Ziggy! — gritou ela. — Temos que fazer esse trabalho agora.

— Preciso da colher especial! — respondeu Ziggy do banheiro.

— Não dá tempo! Esvazie a banheira!

Cartolina. Eles precisavam de uma folha grande de cartolina! Onde arranjariam isso aquela hora da noite? Passava das sete. Todas as lojas estariam fechadas.

Madeline. Ela teria folhas de cartolina sobrando. Eles poderiam ir até a casa dela e Ziggy ficaria no carro de pijama enquanto Jane dava um pulo lá dentro e pegava uma folha.

Mandou uma mensagem para Madeline: *Socorro! Esqueci o trabalho da árvore genealógica!!!!!! (Que idiota.) Vc tem uma cartolina sobrando? Se tiver, posso ir aí pegar?*

Ela tirou o papel com as instruções da geladeira.

O trabalho da árvore genealógica tinha sido planejado para dar à criança “uma noção de sua herança pessoal e da herança dos outros, enquanto reflete sobre as pessoas que são importantes em sua vida agora e no passado”. A criança tinha que desenhar uma árvore e colocar uma foto sua no centro, depois incluir fotos e nomes de outros membros da família, e o ideal seria que estes remontassem a pelo menos duas gerações, incluindo irmãos, tias, tios, avós e “se possível bisavós ou até tataravós”.

Havia uma grande nota no final:

NOTA PARA OS PAIS: É ÓBVIO QUE SEU FILHO PRECISARÁ DE AJUDA, MAS, POR FAVOR, FAÇA COM QUE ELE CONTRIBUA! O TRABALHO É DELE, NÃO SEU!
©Srta. (Rebecca) Barnes

Não devia levar tanto tempo. Ela já tinha todas as fotografias prontas. Estivera tão convencida de não ter deixado o trabalho para a última hora. Sua mãe mandara imprimir fotos de seus álbuns de família. Havia até uma do tataravô de Ziggy pelo lado paterno de Jane, tirada em 1915, só alguns meses antes de ele morrer em uma batalha na

França. Tudo que Jane precisava fazer era obrigar Ziggy a desenhar a árvore e escrever pelo menos alguns nomes.

Só que já passara da hora de ele ir se deitar. Ela o deixara ficar tempo demais no banho. Ele estava pronto para ouvir uma história e dormir. Ficaria resmungando, bocejando e escorregando da cadeira, e ela teria que suplicar, subornar e convencer, e o processo seria terrível.

Aquilo era maluquice. Ela devia simplesmente botá-lo na cama. Era um absurdo obrigar uma criança de cinco anos a ficar acordada até tarde para fazer um trabalho escolar.

Talvez ele pudesse faltar a aula. Uma ausência por doença? Mas ele adorava sextas-feiras. Sextas Sublimes. Era assim que a Srta. Barnes as chamava. E Jane também precisava que ele fosse à escola no dia seguinte, para poder trabalhar. Tinha três prazos a cumprir.

Talvez pudessem fazer o trabalho de manhã antes da escola? Rá. Até parece. Ela mal conseguia obrigá-lo a calçar os sapatos. Ambos eram imprestáveis de manhã.

Respire fundo. Respire fundo.

Quem diria que o jardim de infância seria tão estressante? Ah, aquilo era engraçado. Era muito engraçado. Só que ela parecia não estar conseguindo achar graça de verdade.

Seu celular estava em silêncio. Ela o verificou. Nada. Em geral, Madeline respondia às suas mensagens na mesma hora. Provavelmente estava farta de ver Jane cambaleando de uma crise a outra.

— Mamãe! Preciso da minha colher! — gritou Ziggy.

O telefone tocou. Ela atendeu.

— Madeline?

— Não, querida, é Pete. — Era Pete, o Encanador. Jane ficou desanimada. — Escute, querida...

— Eu sei! Desculpe! Ainda não fiz a folha de pagamento. Vou fazer hoje à noite.

Como ela pôde ter esquecido? Sempre fazia as folhas de pagamento dele quinta-feira na hora do almoço, para que Pete pudesse pagar aos seus “meninos” na sexta.

— Sem grilo — disse Pete. — Tchau, querida.

Ele desligou. Não era de conversa fiada.

— Mamãe!

— Ziggy! — Jane entrou no banheiro com um passo decidido. — Está na hora de esvaziar a banheira! Temos que fazer o seu trabalho da árvore genealógica!

O menino estava deitado de costas, as mãos cruzadas despreocupadamente atrás da cabeça como se estivesse tomando sol em uma praia de espuma.

— Você disse que a gente não tinha que levar o trabalho amanhã.

— Nós temos! Eu estava certa, você estava errado! Quer dizer, você estava certo, eu estava errada! Temos que fazer o trabalho agora mesmo! Depressa! Vá vestir o pijama!

Ela enfiou a mão na água quente do banho e destampou a banheira, percebendo na mesma hora que estava cometendo um erro.

— Não! — gritou Ziggy, furioso. Ele mesmo gostava de tirar a tampa da banheira. — Eu faço isso.

— Já lhe dei várias chances — disse Jane com mais seriedade e firmeza na voz. — Está na hora de sair. Não faça escândalo.

A água rugiu. Ziggy esbravejou.

— Mamãe *má*! Eu destampo! Você sempre me deixa fazer isso! Não, não.

Ele avançou para pegar a tampa e recolocá-la para tirá-la de novo. Jane a segurou fora do alcance dele.

— Não temos tempo para isso!

Ziggy se levantou, o corpinho magro e escorregadio coberto de espuma e o rosto contorcido de raiva. Ele tentou agarrar a tampa, escorregou, e Jane teve que segurar seu braço com força para ele não cair e bater a cabeça.

— Você me MACHUCOU! — gritou Ziggy.

A quase queda do filho deu um susto em Jane, deixando-a furiosa com ele.

— PARE DE GRITAR! — gritou ela.

Jane agarrou uma toalha e a enrolou nele, levantando-o da banheira, esperneando e gritando. Levou-o para o quarto dele e deitou-o com o maior cuidado na cama, porque estava com medo de jogá-lo na parede.

Ele gritava e se debatia na cama, espumando.

— ODEIO VOCÊ! — gritou.

Os vizinhos deviam estar prestes a chamar a polícia.

— Pare com isso — disse ela com uma voz razoável, adulta. — Você está agindo como se fosse um bebê.

— Eu quero outra mãe! — berrou Ziggy.

Seu pé acertou a barriga dela, deixando-a sem ar.

Ela perdeu o controle.

— PARE COM ISSO! PARE COM ISSO! PARE COM ISSO! — gritou, como uma louca. A sensação foi boa, como se ela merecesse aquilo.

Ziggy parou no mesmo instante. Fugiu para se encostar na cabeceira da cama, olhando para ela, apavorado. Encolheu-se como uma bolinha nua, o rosto amassado no travesseiro, soluçando de tanto chorar.

— Ziggy — chamou ela. Pôs a mão na coluna dele, e o menino se encolheu. A culpa a deixava enjoada. — Desculpe por gritar assim.

Tornou a cobrir o corpinho dele com a toalha. *Desculpe por querer*

jogar você na parede.

Ele se virou e se atirou para cima dela, agarrando-se na mãe como um coala, os braços em volta de seu pescoço, as pernas ao redor da cintura, o rosto molhado e ranhoso enterrado em seu pescoço.

— Tudo bem. Está tudo bem. — Ela pegou a toalha de cima da cama e a enrolou de novo nele. — Rápido, vamos vestir o pijama antes que você fique com frio.

— Tem alguém tocando o interfone — disse Ziggy.

— O quê? — perguntou Jane.

Ziggy levantou a cabeça do ombro dela, com uma expressão alerta e inquisitiva.

— Ouviu?

Alguém estava tocando o interfone do apartamento deles.

Jane pegou-o no colo e foi até a sala.

— Quem é? — perguntou Ziggy.

Ele estava animado. Ainda havia lágrimas em suas bochechas, mas seus olhos estavam limpos e brilhantes. Era como se o incidente todo nunca tivesse acontecido.

— Não sei — disse Jane.

Será que era alguém reclamando do barulho? A polícia? O juizado de menores vindo para levá-lo embora?

Ela atendeu o interfone.

— Alô?

— Sou eu! Deixe-me entrar! Está frio!

— Madeline?

Ela apertou o botão para liberar a entrada, botou Ziggy no chão e foi abrir a porta do apartamento.

— Chloe está aqui também?

Ziggy pulava pela casa, empolgado, a toalha escorregando dos ombros.

— Chloe provavelmente está na cama, como você devia estar. — Jane olhou pelo vão da escada.

— Boa noite!

Madeline sorria radiante enquanto subia a escada, com os saltos altos das botas de bico fino estalando nos degraus. Usava um cardigã cor de melancia e calça jeans.

— Olá? — disse Jane.

— Trouxe cartolina para você!

Madeline mostrou um rolo de cartolina amarela preso com esmero, parecendo um bastão.

Jane desatou a chorar.

— Não foi nada! Fiquei feliz por ter uma desculpa para sair de casa — disse Madeline, mais alto que o choro de gratidão de Jane. — Agora, rapidinho, vamos vestir você, Ziggy, e terminar esse trabalho.

Quando Ziggy saiu da sala, Madeline pensou como os problemas dos outros sempre pareciam tão mais fáceis de resolver, e os filhos deles, tão mais dóceis. Enquanto Jane pegava as fotos de sua família, Madeline examinou o apartamento pequeno e arrumado da amiga, lembrando-se do apartamento de um quarto em que ela e Abigail moraram.

Estava idealizando aquela época, ela sabia. Não se lembrava das constantes preocupações com dinheiro nem da solidão nas noites em que Abigail estava dormindo e não havia nada que prestasse na TV.

Sua filha já morava com Nathan e Bonnie havia duas semanas, e parecia que estava tudo indo bem para todo mundo menos para Madeline. Aquela noite, quando recebera a mensagem de Jane, as crianças pequenas já dormiam, Ed trabalhava em uma matéria e Madeline tinha acabado de se sentar para assistir a *America's Next Top Model*.

“Abigail”, gritara ela ao ligar a TV, antes de se lembrar do quarto vazio, da cama de colunas substituída por um sofá-cama para a menina usar nos fins de semana.

Madeline não sabia mais como se portar com a filha, porque sentia como se tivesse sido despedida do cargo de mãe.

Ela e Abigail normalmente assistiam juntas a *America's Next Top Model*, comendo marshmallows e fazendo comentários maldosos sobre as participantes, mas então a filha tinha ido morar em uma casa sem TV, muito feliz. Bonnie não “acreditava” em TV. Em vez disso, eles todos se sentavam juntos e *escutavam música clássica e conversavam* depois do jantar.

“Que bobagem”, caçoara Ed quando soube disso.

“Parece que é verdade”, dissera Madeline. Claro, agora quando Abigail vinha “visitar”, tudo que queria era se deitar no sofá e se empanturrar de TV, e, como cabia a Madeline a função de mãe de fim de semana, ela deixava. (Se passasse uma semana só ouvindo música

clássica e conversando, ela também ia querer assistir à TV.)

A vida toda de Bonnie era uma bofetada na cara de Madeline. (Uma bofetada delicada, mais parecida com um tapinha condescendente e amável, porque Bonnie nunca, jamais, faria qualquer coisa violenta.) Por isso era tão bom poder ajudar Jane, ser a pessoa calma, com respostas e soluções.

— Não encontro cola para prender as fotos — disse Jane, preocupada, enquanto colocava tudo na mesa.

— Eu trouxe. — Madeline sacou um estojo da bolsa e escolheu um pilot preto para Ziggy. — Desenhe uma árvore bem grande e bonita, Ziggy.

Estava tudo indo bem até o menino dizer:

— Temos que botar o nome do meu pai na árvore. A Srta. Barnes disse que não importava se a gente não tivesse a foto, bastava botar o nome da pessoa.

— Bem, você sabe que não tem pai, Ziggy — disse Jane, com toda a calma. Ela tinha dito a Madeline que sempre tentara ser o mais honesta possível com Ziggy no que dizia respeito ao pai dele. — Mas você é sortudo, porque tem o tio Dane, o vovô, o tio Jimmy. — Ela mostrou fotos de homens sorridentes como se segurasse o trunfo vencedor de uma partida de cartas. — *E* temos até essa foto incrível do seu tataravô, que foi um soldado!

— É, mas mesmo assim tenho que escrever o nome do meu pai naquela caixa — disse Ziggy. — Tem que desenhar uma linha saindo de mim para a minha mãe e o meu pai. É assim que se faz.

Ele apontou para o exemplo de árvore genealógica que a Srta. Barnes tinha incluído, demonstrando uma família perfeita, com mãe, pai e dois filhos.

A Srta. Barnes realmente tem que repensar esse trabalho, pensou Madeline. Ela própria tivera problemas quando estava ajudando Chloe. Teve a questão complicada de se deveria fazer a linha da foto de Abigail saindo direto para Ed.

“Vocês vão ter que colocar uma foto do pai *verdadeiro* da Abigail”, dissera Fred, prestativo, olhando por cima do ombro delas. “E do carro dele?”

“Não teremos, não”, respondera Madeline.

— Não precisa ser exatamente igual à árvore que a Srta. Barnes deu — disse Madeline a Ziggy. — O trabalho de todo mundo vai ser diferente. Esse é só um exemplo.

— É, mas a gente tem que escrever o nome da mãe *e* do pai — insistiu Ziggy. — Como é o nome do meu pai? É só me dizer, mamãe. Mas soletre. Eu não sei como se escreve. Vou ter problemas se não escrever o nome dele.

As crianças faziam aquilo. Sentiam quando havia alguma coisa

polêmica ou delicada e insistiam sem parar como pequenos advogados de acusação.

A pobre Jane ficara quieta.

— Meu amor — disse ela com cuidado, os olhos fixos em Ziggy. — Eu já lhe contei essa história muitas vezes. O seu pai iria adorar você se o conhecesse, mas, sinto muito, eu não sei o nome dele, e sei que não é justo...

— Mas a gente tem que escrever um *nome* aí! Foi o que a Srta. Barnes falou!

Havia um tom familiar de histeria na voz dele. Crianças de cinco anos cansadas demais tinham que ser tratadas como dispositivos explosivos.

— Eu não *sei* o nome dele! — exclamou Jane, e Madeline reconheceu o nervosismo na voz dela também, porque havia algo nos filhos capaz de expor a criança que havia nos pais. Nada nem ninguém podia nos exasperar como os próprios filhos.

— Ah, Ziggy, querido, sabe, isso acontece o tempo todo — observou Madeline.

Caramba. Provavelmente acontecia. Havia muitas mães solteiras na área. Madeline ia conversar com a Srta. Barnes no dia seguinte para garantir que ela parasse de passar aquele trabalho ridículo. Por que tentar encaixar as famílias em certos padrões nos dias atuais?

— Já sei. Você pode escrever “Pai do Ziggy”. Você sabe escrever Ziggy, não sabe? Claro que sabe. Pronto.

Para seu alívio, Ziggy obedeceu, escrevendo seu nome com a ponta da língua de fora, ao lado da boca, para se concentrar melhor.

— Que letra bonita! — incentivou Madeline, empolgada. Não queria lhe dar tempo para pensar. — Você tem uma letra muito melhor do que a de Chloe. E pronto! Já acabou! A sua mãe e eu vamos colar o resto das fotos enquanto você dorme. Agora. Hora da história! Não é? E eu queria, será que *eu* poderia ler uma história para você? O que acha? Adoraria ver o seu livro preferido.

Ziggy fez que sim com a cabeça, aparentemente esmagado pela torrente de tagarelice. Levantou-se com os ombrinhos caídos.

— Boa noite, Ziggy — desejou Jane.

— Boa noite, mamãe — disse o menino.

Eles se deram um beijo de boa-noite como cônjuges em pé de guerra, evitando o olhar um do outro, então Ziggy deu a mão a Madeline e deixou-a conduzi-lo para o seu quarto.

Em menos de dez minutos, ela estava de volta na sala. Jane ergueu os olhos. Colava cuidadosamente a última foto na árvore genealógica.

— Ele apagou — contou Madeline. — Na verdade, dormiu enquanto eu lia, como uma criança num filme. Eu não sabia que as crianças realmente faziam isso.

— Desculpe — disse Jane. — Você não devia ter vindo aqui botar outra criança na cama, mas estou muito agradecida, porque eu não queria começar uma conversa sobre isso justo antes de ele ir se deitar, e...

— Shhh. — Madeline sentou-se ao lado dela e pôs a mão em seu braço. — Não foi nada. Eu sei como é. O jardim de infância é estressante. Eles ficam muito cansados.

— Ele nunca tinha se comportado assim — disse Jane. — Em relação ao pai. Quer dizer, eu sempre soube que um dia isso seria um problema, mas achei que não aconteceria até ele ter uns treze anos. Pensei que teria tempo de planejar exatamente o que dizer. Meus pais sempre me disseram para me ater à verdade, mas, sabe, a verdade nem sempre é... nem sempre é... bem, nem sempre é tão...

— Palatável — sugeriu Madeline.

— É — concordou Jane. Ela ajustou a beirada da foto que acabara de colar e examinou a cartolina. — Ele vai ser a única criança da turma sem uma foto do pai.

— Não é o fim do mundo — disse Madeline, encostando na foto do pai de Jane com Ziggy no colo. — Há muitos homens encantadores na vida dele. — Ela olhou para a amiga. — Uma pena que a gente não tenha ninguém com duas mães na turma. Ou dois pais. Quando Abigail estava no ensino fundamental no Inner West, tínhamos famílias assim. Somos um pouquinho insossos aqui na península. Gostamos de pensar que somos terrivelmente diferentes, mas só as nossas contas bancárias é que variam.

— Eu sei o nome dele — disse Jane, baixinho.

— Você está falando do pai de Ziggy? — Madeline também baixou a voz.

— É — confirmou Jane. O nome dele é Saxon Banks. — As palavras saíram de forma vacilante, como se ela estivesse tentando pronunciar sons não familiares de uma língua estrangeira. — Parece um nome respeitável, não parece? Um cidadão honrado. Bastante sexy também! Saxon sexy. — Ela estremeceu.

— Já tentou entrar em contato com ele? — perguntou Madeline. — Para contar do Ziggy?

— Jamais tentei — disse Jane. Era uma construção estranhamente formal.

— E por que jamais tentou? — Madeline imitou o tom dela.

— Porque Saxon Banks não era um cara muito legal — contou Jane. Ela fez uma voz boba, pernóstica, e ergueu o queixo, mas seus olhos brilhavam. — Ele não era mesmo um bom sujeito.

Madeline voltou ao seu tom de voz normal:

— Ah, Jane, o que esse desgraçado fez com você?

Jane não conseguia acreditar que tinha dito o nome em voz alta para Madeline. Saxon Banks. Como se Saxon Banks fosse uma pessoa qualquer.

— Você quer me contar? — perguntou Madeline. — Não precisa, se não quiser.

Era óbvio que ela estava curiosa, mas sem aquela avidez com que as amigas de Jane haviam ficado no dia seguinte. (“Desembucha, Jane, desembucha! Conte tudo!”) Seu tom era de compaixão, mas não carregado de amor maternal, como seria se a mãe de Jane estivesse ouvindo a história.

— Não foi grande coisa, na verdade — comentou Jane.

Madeline recostou-se na cadeira. Tirou as duas pulseiras de madeira pintadas à mão e colocou-as com cuidado uma sobre a outra na mesa em frente. Empurrou o trabalho da árvore genealógica para o lado.

— Tudo bem — disse. Ela sabia que era grande coisa.

Jane pigarreou. Pegou um chiclete do pacote na mesa.

— A gente foi a um bar.

—

Zach tinha terminado com ela três semanas antes.

Fora um grande choque. Como um balde de água fria na cara. Ela achava que eles estavam no caminho para as alianças de noivado e um financiamento imobiliário.

Ela estava de coração partido. Para valer. Mas sabia que aquilo passaria. Estava até sentindo um pouquinho de prazer com tudo, do jeito que às vezes a gente pode sentir prazer com um resfriado. Aproveitava sua desgraça, chorando por horas em cima de fotos suas com Zach, mas depois enxugando as lágrimas e comprando um vestido novo porque merecia, pois estava sofrendo. Todo mundo ficou chocado e solidário de uma maneira muito gratificante. *Vocês eram um casal maravilhoso! Ele é louco! Vai se arrepender!*

Havia o sentimento de que aquilo era um rito de passagem. Uma parte dela já olhava para aquela época com distanciamento. *A primeira vez que sofri de amor*. E uma parte dela estava meio curiosa para saber o que ia acontecer depois. Sua vida estivera indo em uma direção, e, então, de repente — zás — tomava um rumo diferente. Interessante! Talvez depois que terminasse a faculdade ela passaria um ano viajando, como Zach. Talvez saísse com um tipo de cara totalmente diferente. Um músico grunge. Um nerd de informática. Uma variedade de garotos a esperava.

“Você precisa de *vodka*!”, dissera sua amiga Gail. “Precisa sair para *dançar*.”

Elas foram a um bar em um hotel da cidade. Com vista para o porto. Era uma noite quente de primavera. Ela estava com rinite. Seus olhos coçavam. Sua garganta arranhava. A primavera sempre a deixava com rinite, mas havia também aquela sensação de possibilidade, a possibilidade de um verão incrível.

Havia homens mais velhos, talvez na faixa dos trinta, na mesa ao lado da delas. Executivos. Eles lhes pagaram bebidas. Coquetéis cremosos caros e grandes. Elas beberam tudo como quem bebe *milkshake*.

Os homens eram de outro estado e estavam hospedados no hotel. Um deles gostou de Jane.

“Saxon Banks”, apresentara-se, segurando a mão dela na sua muito maior.

“Você é o Sr. Banks”, dissera-lhe Jane. “O pai em *Mary Poppins*.”

“Estou mais para o limpador de chaminés” dissera Saxon. Ele a encarou e cantou baixinho: “*A sweep is as lucky, as lucky can be.*” *

Não é muito difícil para um homem mais velho com um cartão Amex preto e um maxilar definido fazer uma garota de dezenove anos bêbada se derreter. Um pouquinho de contato visual. Cantar baixinho. Ser afinado. Pronto. Está feito.

“Vai nessa”, dissera-lhe Gail no ouvido. “Por que não?”

Ela não conseguiu pensar em um motivo para discordar.

Nada de aliança. Provavelmente tinha uma namorada na cidade natal, mas não cabia a Jane fazer uma investigação (cabia?), e ela não ia começar um relacionamento com ele. Era um caso de uma noite só. Ela nunca tivera um até então. Sempre fora mais para o lado puritano. Estava na hora de ser jovem, livre e meio maluquinha. Era como estar de férias e decidir fazer *bungee-jump*. E seria um caso de uma noite só tão sofisticado, em um hotel cinco estrelas, com um homem cinco estrelas. Sem arrependimentos. Zach que fosse fazer sua viagem de excursão brega e se agarrar com garotas no fundo do ônibus.

Saxon era engraçado e sexy. Eles riram sem parar enquanto o elevador, uma bolha de vidro, subia pela parte central do hotel. Então

se depararam com o silêncio do corredor acarpetado. O cartão dele deslizou pelo sensor e a luz verde se acendeu.

Ela não estava bêbada demais. Apenas agradavelmente alta. Alegre. Por que não?, dizia a si mesma. Por que não se aventurar? Por que não fazer uma pequena travessura? Era divertido. Engraçado. Era *viver a vida*, do jeito que Zach queria *viver a vida* fazendo uma excursão de ônibus pela Europa e subindo a Torre Eiffel.

Ele lhe serviu uma taça de champanhe, e os dois beberam juntos, olhando a vista. Em seguida ele tirou a taça da mão dela e a colocou na mesa de cabeceira, e Jane se sentiu como se estivesse na cena de um filme a que já tivesse assistido umas cem vezes, mesmo enquanto uma parte sua ria do autoritarismo pretensioso dele.

O homem pôs a mão na sua nuca e a puxou para perto, como alguém executando um movimento de dança perfeito. Ele a beijou, a mão apoiada com firmeza na parte inferior das costas dela. A loção pós-barba dele cheirava a dinheiro.

Jane estava lá para fazer sexo com ele. Não mudou de ideia. Não recusou. Sem dúvida não foi estupro. Ela o *ajudou* a tirar as próprias roupas. Ria como uma idiota. Deitou-se na cama com ele. Só houve um momento, quando seus corpos nus estavam grudados, em que ela estranhou o peito cabeludo dele e de repente desejou a intimidade gostosa que tinha com o corpo e o cheiro de Zach, mas estava bem, ela estava totalmente preparada para levar aquilo até o fim.

“Camisinha?”, murmurara ela no momento certo, com a voz baixa e rouca adequada. Achou que ele cuidaria daquilo do mesmo jeito suave e discreto com que havia feito tudo o mais, e usaria uma marca de camisinha melhor do que qualquer uma que ela já tivesse usado, mas foi nesse momento que ele pôs as mãos em volta de seu pescoço e disse:

“Já experimentou isso?” Ela podia sentir o aperto firme das mãos dele. “É divertido. Você vai gostar. Dá um barato. Feito cocaína.”

“Não”, dissera ela.

Agarrou as mãos dele e tentou impedi-lo. Não suportava a ideia de não conseguir respirar. Nem gostava de nadar embaixo d’água.

Ele apertou. Olhando-a nos olhos. Sorria, como se estivesse lhe fazendo cócegas, não a sufocando.

Ele soltou.

“Não gostei!”, ofegara ela.

“Desculpe”, dissera ele. “Isso pode ser um gosto adquirido. Você só precisa relaxar, Jane. Não fique tão tensa. Vamos.”

“Não. Por favor.”

Mas ele repetiu o gesto. Ela podia se ouvir fazendo ruídos repulsivos e vergonhosos de ânsias. Achou que iria vomitar. Suava frio.

“Não mesmo?”

Ele levantou as mãos.

Seus olhos ficaram rígidos. Talvez fosse assim desde o início.

“Por favor, não. Por favor, não faça isso de novo.”

“Você é uma putinha chata, não é? Só quer ser fodida. Foi para isso que veio aqui, não é?”

Posicionou Jane embaixo dele e a penetrou como se estivesse operando uma máquina básica, e, enquanto se mexia, pôs a boca perto de seu ouvido e começou a falar uma torrente interminável de crueldades que deslizaram direto para dentro de sua cabeça e se aninharam como vermes em seu cérebro.

“Você é só uma gorda feiosa, não é? Com essas joias vagabundas e esse vestido ridículo. Seu bafo é nojento, aliás. Você precisa aprender a escovar os dentes. Nossa. Você nunca teve um pensamento original na vida, teve? Quer uma dica? Tem que se respeitar um pouquinho mais. Perder peso. Entrar para uma academia, porra. Parar de comer porcaria. Você nunca vai ser bonita, mas pelo menos não vai ser gorda.”

Ela não demonstrou qualquer resistência. Ficou olhando para a lâmpada no teto, que piscava para ela como se fosse um olho odioso, observando tudo, vendo aquilo tudo, concordando com tudo o que ele dizia. Quando o homem saiu de cima dela, Jane não se mexeu. Era como se seu corpo não lhe pertencesse mais, como se ela tivesse sido anestesiada.

“Vamos ver TV?”, dissera ele, e pegou o controle remoto, ligando a TV na outra ponta da cama. Era um daqueles filmes *Duro de Matar*.

Ele ficou mudando de canal enquanto ela colocava o vestido que tinha adorado. (Nunca havia gastado tanto em um vestido.) Seus movimentos eram lentos e rígidos. Só dias depois é que ela encontraria hematomas nos braços, nas pernas, na barriga, no pescoço. Enquanto se vestia, não tentou esconder o corpo, porque aquele homem era como um médico que a havia operado e retirado algo horrível. Por que tentar esconder o corpo quando o cara já sabia exatamente quão repugnante ela era?

“Já vai, então?”, perguntara ele quando ela terminou de se vestir.

“Vou. Tchau”, despedira-se ela. Soava como uma garota burra de doze anos.

Ela nunca conseguiu entender por que sentiu necessidade de dizer “tchau”. Às vezes achava que se odiava sobretudo por aquilo. Por aquele “tchau” bovino abobalhado. Por quê? Por que dissera aquilo? Tinha sido um milagre não ter dito “obrigada”.

“A gente se vê!”

Era como se ele estivesse tentando não rir. Ele a achava grotesca. Repulsiva e grotesca. Ela era repulsiva e grotesca.

Desceu no elevador que parecia uma bolha de vidro.

“Quer um táxi?”, perguntara o *concierge*, e ela sabia que ele mal conseguia conter o nojo: uma piranha mal-ajambrada, gorda e bêbada indo para casa.

Depois disso, as coisas nunca mais foram as mesmas.

* Trecho da canção “Chim Chim Cher-ee”, do musical *Mary Poppins*, que, em tradução livre, seria “Ninguém é mais sortudo que um limpador de chaminés”. (N. da T.)

— Ah, Jane.

Madeline queria pegar a amiga no colo, abraçá-la e embalá-la como se fosse Chloe. Queria encontrar aquele homem, socá-lo, chutá-lo e gritar obscenidades para ele.

— Acho que eu devia ter tomado pílula do dia seguinte — disse Jane. — Mas isso nem me passou pela cabeça. Eu tive uma endometriose grave quando era mais nova, e um médico me disse que eu teria muita dificuldade para engravidar. Às vezes fico meses sem menstruar. Quando finalmente me dei conta de que estava grávida, era... — Ela havia contado a história em um tom de voz baixo que Madeline tivera dificuldade de ouvir, mas nesse momento baixou-o mais ainda até quase sussurrar, os olhos fixos no corredor que dava para o quarto de Ziggy. — Era tarde demais para fazer um aborto. E, depois, meu avô acabou falecendo, e foi um grande choque para todos nós. Então fiquei meio estranha. Deprimida, talvez. Não sei direito. Larguei a faculdade, voltei para casa e só dormia. Passava horas e horas dormindo. Era como se eu estivesse sedada ou com um *jet lag* daqueles. Eu não conseguia ficar acordada.

— Você ainda devia estar em estado de choque. Ah, Jane. Sinto muito pelo que aconteceu com você.

Jane balançou a cabeça, negando, como se tivessem lhe dado algo que ela não merecesse.

— Bem. Não é como se eu tivesse sido estuprada em um beco. Tenho que assumir a responsabilidade. Não foi grande coisa.

— Ele agrediu você! Ele...

Jane levantou a mão.

— Muitas mulheres têm experiências sexuais ruins. Essa foi a minha. A lição que fica é: não durma com estranhos que você conhece em bares.

— Posso lhe garantir que transei com muitos homens que conheci em bares — retrucou Madeline. Havia feito isso uma ou duas vezes. Nada parecido lhe acontecera. Ela teria furado os olhos do sujeito. — Não pense nem por um minuto que a culpa foi sua, Jane.

Jane discordou com a cabeça.

— Eu sei, mas estou tentando pensar que não foi tão ruim assim. Algumas pessoas gostam mesmo de asfixia erótica. — Madeline viu-a pôr inconscientemente a mão no pescoço. — Sei lá, até onde sei, você mesma poderia gostar disso.

— Ed e eu achamos que erótico é estarmos sozinhos na cama sem uma criança se remexendo entre nós — disse Madeline. — Jane, minha querida, isso não foi um simples caso de experimentação sexual. O que aquele homem fez com você *não* foi...

— Bem, não esqueça que você ouviu a minha versão da história — interrompeu ela. — Ele poderia se lembrar do que aconteceu de outro jeito. — Deu de ombros. — Provavelmente nem se lembra.

— E houve agressão verbal. Aquelas coisas que ele lhe disse... — Madeline sentiu a raiva ferver de novo. Como poderia enfrentar aquele nojento? Como poderia fazê-lo pagar pelo que fez? — Aquelas coisas horríveis.

Quando lhe contara a história, Jane não precisara se esforçar para se lembrar das palavras exatas. Ela recitara os insultos dele em um tom monótono, como se recitasse um poema ou uma oração.

— É — disse Jane. — *Gorda feiosa.*

Madeline fez uma careta.

— Você não é.

— Eu estava acima do peso — confessou Jane. — Algumas pessoas provavelmente diriam que eu era gorda. Eu gostava de comida.

— Uma *gourmet* — elogiou Madeline.

— Nada tão sofisticado assim. Eu só adorava todo tipo de comida, especialmente as que engordam. Bolos. Chocolate. *Manteiga*. Eu *amava* manteiga. — Ela fez uma expressão de espanto, como se não conseguisse acreditar muito que estivesse descrevendo a si mesma. — Vou lhe mostrar uma foto — disse a Madeline. — Procurou no celular. — Minha amiga Em acabou de postar essa no Facebook. Sou eu no aniversário dela de dezenove anos. Só uns meses antes de... de ter engravidado.

Ela levantou o telefone para Madeline ver. Jane usava um tubinho decotado. Estava entre duas garotas da mesma idade, as três sorrindo para a câmera. Jane parecia outra pessoa: mais doce, desinibida, muito, muito mais jovem.

— Você era *escultural* — comentou Madeline, devolvendo o celular.

— Não gorda. Está linda nessa foto.

— É até interessante quando a gente para para pensar — disse Jane, olhando para a foto mais uma vez antes de passar o polegar na tela, fazendo-a sumir. — Por que eu me senti tão estranhamente *violada* por aquelas duas palavras? Mais do que qualquer outra coisa que ele tenha feito comigo, foram essas duas palavras que mais doeram. “Gorda.” “Feiosa.” — Ela cuspiu as palavras. Madeline

desejou que ela parasse de repeti-las. — Quer dizer, um *homem* gordo e feio ainda pode ser engraçado, digno de amor e bem-sucedido — continuou Jane. — Mas ser feiosa e gorda é a maior vergonha para uma mulher.

— Mas você não era... — começou Madeline.

— Sim, tudo bem, mas e daí se eu fosse? — interrompeu Jane. — E daí? É o que estou tentando dizer. E se eu estivesse um pouco acima do peso e não fosse especialmente bonita? Por que isso é tão terrível? Tão repulsivo? Por que é o fim do mundo?

Madeline não sabia o que dizer. Ser gorda e feia, na verdade, seria o fim do mundo para ela.

— É porque toda a autoestima de uma mulher é baseada em sua aparência — disse Jane. — Por isso. É porque a gente vive em uma sociedade obcecada pela beleza, na qual a coisa mais importante que a mulher pode fazer é ser atraente para o homem.

Madeline nunca tinha ouvido Jane falar daquela forma, de modo tão agressivo e fluente. Normalmente, ela era muito tímida, não se valorizava e estava sempre pronta para deixar outra pessoa expressar suas opiniões.

— Será mesmo? — perguntou Madeline. Por alguma razão, ela queria discordar. — Porque, sabe, *muitas vezes*, lá no fundo, me sinto inferior a mulheres como Renata e a maldita esposa de Jonathan. Elas estão lá, ganhando zilhões e indo a reuniões de conselho ou o que quer que seja, e eu estou aqui, com o meu trabalho de marketing bonitinho de meio expediente.

— É, mas no fundo você sabe que ganha, porque é mais bonita — disse Jane.

— Bem — começou Madeline. — Não tenho tanta certeza.

Ela se surpreendeu afagando o cabelo e deixou a mão cair.

— Então é por isso que, se você está na cama com um homem, nua e vulnerável, e ele diz uma coisa dessas, bem, é... — Ela lançou um olhar irônico para a amiga. — É devastador. — Fez uma pausa. — E, Madeline, fico furiosa por ter achado isso tão devastador. Fico *furiosa* por ele ter tido aquele poder sobre mim. Eu me olho no espelho todo dia e penso: “Já não estou acima do peso”, mas ele tem razão, ainda sou feiosa. Racionalmente, sei que não sou feia, sou perfeitamente aceitável. Mas me sinto feia, porque um único homem me disse que eu era, e isso me tornou feia. É patético.

— Ele era um escroto — afirmou Madeline, impotente. — Era só um escroto idiota. — Ocorreu-lhe que, quanto mais Jane discorria sobre a feiura, mais bonita ficava, com o cabelo se soltando, as bochechas coradas e os olhos brilhando. — Você é linda.

— Não! — exclamou Jane, irritada. — Não sou! E tudo bem eu não ser. Nem todo mundo é lindo, assim como nem todo mundo sabe

cantar, e tudo bem. E não venha também com aquela besteira de que a beleza vem de dentro para fora.

Madeline, que estivera prestes a mencionar aquela besteira de que a beleza vinha de dentro para fora, se calou.

— Não tive a intenção de perder tanto peso — disse Jane. — Fico com raiva de ter emagrecido, como se estivesse fazendo isso para ele, mas tive dificuldade para comer depois do que aconteceu. Toda vez que ia comer, era como se eu pudesse *me ver* comendo. Eu me via do jeito que ele tinha me visto: uma gorda mal-ajambrada comendo. E a minha garganta simplesmente... — Ela tocou no pescoço e engoliu. — Enfim! Então isso foi muito eficaz! Como uma cirurgia bariátrica. Eu deveria comercializar o tratamento. A Dieta Saxon Banks. Uma única sessão rápida, apenas ligeiramente dolorosa em um quarto de hotel e pronto: distúrbio alimentar vitalício. Muito barato!

— Ah, Jane — disse Madeline.

Ela pensou na mãe da amiga fazendo aquele comentário na praia sobre “ninguém vai querer ver isso aqui de biquíni”. Pareceu-lhe que a mãe de Jane provavelmente ajudara a preparar o terreno para os sentimentos conflitantes da filha em relação à comida. A mídia havia feito sua parte, e as mulheres em geral, com aquela propensão a não gostar do próprio corpo, e depois Saxon Banks fora a cereja do bolo.

— Enfim — disse Jane. — Desculpe por esse pequeno desabafo.

— Não se desculpe.

— E não tenho mau hálito — acrescentou Jane. — Verifiquei com o meu dentista. Muitas vezes. Mas tínhamos saído para comer pizza antes. Eu estava com bafo de alho.

— Seu hálito tem cheiro de margarida — afirmou Madeline. — Eu tenho um faro apurado.

— Acho que foi mais o choque do que qualquer outra coisa — disse Jane. — O modo como ele mudou. Parecia tão simpático, e eu sempre me julguei boa em avaliar as pessoas. Depois disso, passei a achar que não podia confiar mais nos meus instintos.

— Não me espanta — comentou Madeline. Será que ela poderia tê-lo escolhido? Será que Madeline teria se deixado enganar pela música de *Mary Poppins* que ele cantara?

— Eu não me arrependo — disse Jane. — Porque ganhei Ziggy. Meu bebê milagroso. Foi como se eu tivesse acordado quando ele nasceu. Como se ele não tivesse nada a ver com aquela noite. Aquele bebezinho lindo. Foi só quando ele começou a virar gente, com personalidade própria, que me passou pela cabeça que ele poderia ter, sabe, herdado alguma coisa do... do pai dele. — Pela primeira vez, a voz dela ficou embargada. — Sempre que Ziggy se comporta de um jeito que parece atípico, eu me preocupo. Como no dia da orientação, quando Amabella disse que ele a enforcou. Logo isso. *Enforcar*. Eu não

podia acreditar. E às vezes acho que posso ver uma coisa nos olhos dele que me lembra o pai, e penso: “E se o meu lindo Ziggy tiver um lado cruel secreto? E se o meu filho fizer isso com uma garota um dia?”

— Ziggy não tem um lado cruel — tranquilizou Madeline. Sua necessidade desesperada de consolar Jane consolidava sua convicção na bondade do filho dela. — É um menino doce e encantador. Garanto que sua mãe tem razão. É a reencarnação do seu avô.

Jane riu. Pegou o celular e conferiu a hora na tela.

— Já está tarde! Você devia ir para casa ficar com a sua família. Prendi você aqui esse tempo todo, falando sem parar sobre mim.

— Você não estava falando sem parar.

Jane se levantou. Alongou os braços acima da cabeça e sua camiseta subiu, deixando Madeline ver sua barriga magra, branca e vulnerável.

— Muito obrigada por me ajudar a terminar esse trabalho maldito.

— Foi um prazer. — Madeline levantou-se também. Olhou para onde o menino escrevera “pai do Ziggy”. — Algum dia você vai contar para ele o nome do pai?

— Ai, meu Deus, não sei — disse Jane. — Talvez quando ele fizer vinte e um anos, quando tiver idade para que eu lhe conte toda a verdade e nada mais que a verdade.

— Talvez ele esteja morto — sugeriu Madeline esperançosamente. — O carma poderia ter feito ele pagar, no fim das contas. Você já procurou o nome dele no Google?

— Não — respondeu Jane.

Ela estava com uma expressão difícil de ser decifrada e Madeline não sabia dizer se significava que ela estava mentindo ou que até a ideia de procurar o nome dele no Google era muito dolorosa.

— Pode deixar que eu procuro o desgraçado no Google — disse Madeline. — Como era mesmo o nome dele? Saxon Banks, não é? Eu vou achar e depois contratar um assassino. Hoje em dia deve ter algum tipo de serviço on-line de assassinos.

Jane não riu.

— Por favor, não faça isso, Madeline. Por favor, não. Não sei por que odeio a ideia de você procurar o nome dele, mas simplesmente odeio.

— Claro que não vou procurar se você não quiser, eu estava sendo leviana. Burra. Eu não devia fazer piada com isso. Pode me ignorar.

Ela abriu os braços e deu um abraço em Jane.

Para sua surpresa, a amiga, que sempre fazia uma expressão rígida para um beijo, se adiantou e lhe deu um abraço apertado.

Madeline deu tapinhas no cabelo com cheiro de limpo de Jane. Ela quase disse: *Não tem de quê, minha linda*, como falava para Chloe, mas

a palavra “linda” parecia complicada e pesada no momento. Em vez disso, falou:

— Não tem de quê, minha querida.

— Vocês têm armas em casa? — perguntou a terapeuta.

— Como? — disse Celeste. — Você disse *armas*?

Seu coração continuava batendo forte por estar mesmo ali, naquela salinha de paredes amarelas, com cactos enfileirados no peitoril da janela, cartazes coloridos emitidos pelo governo que traziam telefones de emergência nas paredes e mobília de escritório barata sobre um belo piso de tábuas antigas. Os consultórios de terapia ficavam em um chalé antigo na Pacific Highway na costa norte inferior. A sala em que ela estava provavelmente havia sido um quarto. Alguém já dormira naquele quarto, sem sonhar que no século seguinte haveria gente contando segredos terríveis ali.

Quando se levantara aquela manhã, Celeste tivera certeza de que não iria à consulta. Pretendia ligar e cancelá-la assim que levasse as crianças à escola, mas então se deu conta de que estava no carro, colocando o endereço no GPS, seguindo pela estrada serpeante da península, pensando o tempo todo que iria parar o carro dali a cinco minutos, ligar para lá e dizer que sentia muito, mas seu carro tinha enguiçado, ela remarcaria para outro dia. Mas continuou dirigindo, como se estivesse em um sonho ou em transe, pensando em outras coisas, como o que ela prepararia para o jantar. E, assim, quando percebeu, estava entrando no estacionamento atrás da casa e observando uma mulher saindo, fumando furiosamente um cigarro ao abrir a porta de um carro branco velho e batido. Uma mulher de calça jeans e camiseta que deixava a barriga de fora, com tatuagens parecendo machucados horrorosos descendo pelos seus braços magros.

Ela imaginara a cara de Perry. Sua expressão de divertimento, superioridade. “Você não está falando sério, está? Isso é tão...”

Tão vulgar. Sim, Perry, era mesmo. Um consultório de terapia especializado em violência doméstica. Era o que dizia o site deles. Também lidavam com depressão e distúrbios de ansiedade e alimentares. Havia dois erros tipográficos na página inicial. Ela escolhera aquele lugar por ser longe o suficiente de Pirriwee a ponto de ela ter certeza de que não encontraria ninguém conhecido. E Celeste não tivera de fato nenhuma intenção de aparecer. Só quisera

marcar uma hora, para provar que não era vítima, para provar a alguma presença invisível que estava tomando uma atitude para resolver o problema.

— Nosso comportamento é vulgar, Perry — dissera ela em voz alta no silêncio do carro, e depois tirara a chave da ignição e entrara.

— Celeste — chamou a terapeuta.

A terapeuta *sabia o seu nome*. Sabia mais sobre a verdade de sua vida do que qualquer outra pessoa no mundo além de Perry. Celeste estava em um daqueles sonhos em que a pessoa descobre que está nua e depois precisa continuar andando pelo shopping lotado enquanto todo mundo olha para sua nudez envergonhada e chocante. Não podia voltar atrás. Ela lhe contara. Dissera, muito rapidamente, sem olhar a terapeuta diretamente nos olhos, mas fingindo estar mantendo contato visual. Falara em um tom de voz baixo e neutro, como se estivesse contando a um médico sobre um sintoma repugnante. Isso fazia parte da vida de um adulto, de uma mulher e de uma mãe. A pessoa tinha que dizer coisas desagradáveis em voz alta. “Eu tenho corrimento.” “Estou em uma relação violenta.” “Mais ou menos.” Como uma adolescente sendo evasiva, distanciando-se.

— Desculpe. Você acabou de perguntar sobre *armas*?

Ela tornou a cruzar as pernas, alisando o tecido do vestido. Escolhera de propósito um vestido especialmente bonito que Perry lhe trouxera de Paris. Era a primeira vez que o usava. Também se maquiara: base, pó, tudo a que tinha direito. Queria se posicionar, não como superior a outras mulheres, *claro que não*, ela não achava isso, nunca acharia. Mas sua situação era diferente da mulher no estacionamento. Celeste não precisava do número de telefone de um abrigo. Precisava apenas de algumas estratégias para consertar seu casamento. Precisava de dicas. Dez dicas para fazer o meu marido parar de me bater. Dez dicas para me fazer parar de revidar.

— Sim, armas. Vocês têm armas em casa?

A terapeuta ergueu os olhos do que devia ser uma espécie de questionário padrão. *Pelo amor de Deus*, pensou Celeste. *Armas!* Será que ela achava que Celeste morava no tipo de casa em que o marido guardava uma pistola sem registro embaixo da cama?

— Nada de armas — respondeu. — Embora os gêmeos tenham sabres de luz. — Ela reparou que estava falando com uma voz de garota bem-educada de escola particular e tentou parar.

Não era uma garota de escola particular. Casara-se com alguém de alto nível.

A terapeuta deu uma risadinha educada e anotou algo na prancheta à sua frente. O nome dela era Susi, o que parecia indicar uma falta de discernimento preocupante. Por que não se chamava Susan? “Susi” parecia nome de dançarina de *pole dance*.

O outro problema de Susi era que ela parecia ter uns doze anos, e, naturalmente, tendo doze anos, não sabia passar delineador direito. O traço estava borrado em volta dos olhos, deixando-lhe com aquele olhar de guaxinim. Como aquela criança poderia dar conselhos a Celeste sobre seu estranho e complicado casamento? Era Celeste quem deveria lhe dar conselhos sobre maquiagem e garotos.

— O seu parceiro agride ou mutila os animais de estimação da família? — perguntou Susi, sem se alterar.

— *O quê? Não! Bem, nós não temos nenhum animal de estimação, mas ele não é assim!* — Celeste teve um acesso de raiva. Por que se sujeitara àquela humilhação? Queria gritar, ridiculamente: *Este vestido foi comprado em Paris! Meu marido tem um Porsche! Nós não somos assim!* — Perry nunca machucaria um animal!

— Mas machuca você — disse Susi.

Você não sabe nada de mim, pensou Celeste de mau humor, furiosa. *Acha que sou como a mulher das tatuagens? Pois não sou, não sou, não.*

— Sim — admitiu Celeste. — Como eu disse, às vezes ele, *a gente* fica... violento. — Sua voz pedante tinha voltado. — Mas, como tentei explicar, tenho minha parcela de culpa.

— Ninguém merece ser agredido, Sra. White — afirmou Susi.

Deviam ensinar aquela fala no curso de psicologia.

— Sim — disse Celeste. — Claro. Sei disso. Não acho que eu mereça. Mas não sou uma vítima. Eu revido. Jogo coisas em cima dele. Então sou tão ruim quanto ele. Às vezes, sou eu que começo. Quer dizer, estamos em um relacionamento problemático. Precisamos de técnicas, de *estratégias* para nos ajudar... para nos fazer parar. Por isso estou aqui.

Susi assentiu com a cabeça, bem devagar.

— Entendo. Acha que o seu marido tem medo da senhora?

— Não — respondeu Celeste. — Não em um sentido físico. Acho que provavelmente ele tem medo de que eu o abandone.

— Quando esses “incidentes” acontecem, *a senhora* alguma vez já sentiu medo?

— Bem, não. Quer dizer, mais ou menos. — Ela entendia o que Susi estava tentando dizer. — Olha, eu sei que alguns homens podem ser muito violentos, mas com a gente não é tão ruim assim. É ruim! Sei que é ruim. Não estou me iludindo. Mas, veja, nunca fui parar no hospital nem nada desse tipo. Não preciso ir para um abrigo, um refúgio ou seja lá que nome isso tenha. Não tenho dúvida de que você vê casos muito, muito piores que o meu, mas estou bem. Estou perfeitamente bem.

— Já teve medo de morrer?

— De jeito nenhum — disse Celeste de pronto. — Então fez uma pausa. — Bem, só uma vez. É que o meu rosto... Ele imprensou o meu

rosto no canto do sofá.

Ela se lembrou da mão dele em sua nuca. Por causa da posição de sua cabeça, seu nariz mais ou menos se dobrou ao meio, tapando-lhe as narinas. Ela lutou freneticamente para se livrar, como uma borboleta presa por um alfinete.

— Acho que ele não se deu conta do que estava fazendo. Mas eu pensei, sim, só por um instante, que fosse morrer sufocada.

— Deve ter sido muito assustador — comentou Susi em um tom inexpressivo.

— Um pouco. — Ela fez uma pausa. — Eu me lembro da poeira. Estava muito empoeirado.

Por um momento, Celeste achou que fosse chorar: enormes soluços, nariz escorrendo. Havia uma caixa de lenços de papel na mesa de centro entre as duas exatamente para este fim. Seu rímel escorreria. Ela também ficaria com olhos de guaxinim, e Susi pensaria: *Não está se sentindo tão superior agora, está, madame?*

Ela se conteve para não se rebaixar e desviou os olhos. Estudou a própria aliança.

— Fiz a mala daquela vez — relatou. — Mas aí... bem, os meninos ainda eram muito pequenos. E eu estava muito cansada.

— Em média, as vítimas tentam terminar uma relação violenta seis ou sete vezes antes de acabar de vez — observou Susi. Ela mastigou a tampa da caneta. — E os seus filhos? Seu marido alguma vez...

— Não! — disse Celeste.

De repente, ficou apavorada. Santo Deus. Ela era louca de ter ido até ali. Eles poderiam chamar o conselho tutelar. Poderiam levar seus filhos embora.

Ela pensou na árvore genealógica do trabalho que os meninos haviam levado para a escola naquele dia. As linhas cuidadosamente desenhadas ligando os gêmeos um ao outro, e cada um deles a ela e Perry. O rostinho feliz dos dois.

— Perry nunca encostou um dedo nos meninos. Ele é um pai *maravilhoso*. Se alguma vez eu achasse que os meninos estavam correndo algum risco, sairia de casa. Eu nunca, nunca, iria colocá-los em perigo. — Sua voz tremeu. — Essa é uma das razões de eu não ter saído, porque ele é muito bom com eles. Tão paciente... É mais paciente que eu. Adora os meninos!

— Como acha... — começou Susi, mas Celeste a interrompeu. A mulher precisava entender como Perry se sentia em relação aos filhos.

— Nós tivemos muita dificuldade de engravidar, ou melhor, de levar uma gravidez adiante. Sofri quatro abortos seguidos. Foi terrível.

Era como se ela e Perry tivessem aguentado uma viagem de dois anos por oceanos tempestuosos e desertos intermináveis. E então tivessem chegado ao oásis. Gêmeos! Uma gravidez natural de gêmeos!

Ela notara a expressão da obstetra ao descobrir o segundo coração batendo. Gêmeos. Uma gravidez de alto risco para uma pessoa com um histórico de abortos recorrentes. A médica estava pensando: *Impossível*. Mas eles conseguiram chegar a trinta e duas semanas.

— Os meninos nasceram prematuros. Então havia todas aquelas idas e vindas de casa para o hospital para amamentá-los à noite. Não podíamos acreditar quando finalmente conseguimos trazê-los para casa. Ficávamos ali parados no quarto deles, olhando para os dois, e... bem, aqueles primeiros meses foram um pesadelo, na verdade. As crianças não dormiam bem e Perry tirou três meses de férias. Ele foi maravilhoso. Enfrentamos aquilo juntos.

— Entendo — disse Susi.

Mas Celeste percebia que a terapeuta não entendia. Não compreendia que ela e Perry ficaram unidos para sempre por suas experiências e seu amor aos filhos. Separar-se dele seria como rasgar a pele.

— Como acha que a violência afeta seus filhos?

Celeste queria que a mulher parasse de usar a palavra “violência”.

— Não afeta de nenhuma maneira — disse. — Eles não têm ideia. Quer dizer, no geral, somos apenas uma família feliz e normal que se ama. Podemos passar semanas, meses até, sem nada fora do comum.

Meses provavelmente era um exagero.

Ela estava começando a se sentir claustrofóbica naquela salinha. Não havia ar suficiente. Passou o dedo na testa, e a ponta ficou molhada. O que ela esperava que acontecesse? Por que viera? Sabia que não havia respostas. Não havia estratégias. Nem dicas ou técnicas, caramba. Perry era Perry. Não tinha solução a não ser sair de casa, e ela nunca sairia de casa enquanto os meninos fossem pequenos. Sairia quando eles estivessem na faculdade. Já tinha se decidido.

— O que a fez vir aqui hoje, Sra. White? — perguntou Susi, como se estivesse lendo seus pensamentos. — A senhora disse que isso acontece desde que seus filhos eram bebês. A violência aumentou recentemente?

Celeste tentou se lembrar de por que marcara a consulta. Tinha sido no dia da gincana.

Teve alguma coisa a ver com a expressão divertida de Perry na manhã em que Josh lhe perguntara sobre o arranhão em seu pescoço. Então ela chegara em casa depois da gincana e sentira inveja dos faxineiros porque eles estavam rindo. Por isso, em seguida doara vinte e cinco mil dólares para caridade. “Estava se sentindo filantrópica, querida?”, perguntara Perry ironicamente semanas depois ao receber a conta do cartão de crédito, mas não fizera mais nenhum comentário.

— Não, não está aumentando — respondeu ela a Susi. — Não sei bem por que finalmente marquei uma consulta. Perry e eu fizemos

terapia de casal uma vez, mas não... Bem, não deu em nada. É difícil porque ele viaja muito a trabalho. Vai viajar de novo semana que vem.

— A senhora sente saudade quando ele está fora? — perguntou Susi.

Parecia que aquela pergunta não estava na prancheta dela, era só algo que ela queria saber.

— Sinto — disse Celeste. — E não sinto.

— É complicado — disse Susi.

— É complicado — concordou Celeste. — Mas todos os casamentos são complicados, não são?

— São — disse Susi. — E não são. — Seu sorriso desapareceu. — A senhora está ciente de que toda semana morre uma mulher na Austrália, vítima de violência doméstica, Sra. White? Toda semana.

— Ele não vai me *matar* — retrucou Celeste. — Não é assim.

— É seguro a senhora ir para casa hoje?

— Claro — respondeu Celeste. — Não corro nenhum risco.

Susi ergueu as sobrancelhas.

— Nosso relacionamento é como uma gangorra — explicou Celeste. — Primeiro, uma pessoa está com o poder, depois a outra. Cada vez que Perry e eu temos uma briga, especialmente se acaba em violência, se eu me machuco, então retomo o poder. Fico por cima.

Foi ficando mais fácil falar. Era vergonhoso dividir aqueles pensamentos com Susi, mas também era um alívio maravilhoso contar a alguém, explicar como tudo funcionava, revelar aqueles segredos em voz alta.

— Quanto mais ele me machuca, mais por cima eu fico, e mais tempo dura. Então as semanas vão passando, e sinto o equilíbrio mudando. Ele para de se sentir tão culpado e arrependido. Os hematomas... fico com hematomas bem fácil... Bem, os hematomas somem. Pequenas coisas que eu faço começam a aborrecê-lo. Ele fica meio irritado. Tento acalmá-lo. Começo a pisar em ovos, mas ao mesmo tempo fico com raiva de ter que fazer isso, então às vezes paro de andar na ponta dos pés. Pisoteio com força os ovos. Implico com Perry de propósito porque estou com raiva dele, e de mim, por ter que ser cuidadosa. E aí acontece tudo de novo.

— Então a senhora está com o poder agora — constatou Susi. — Porque ele a machucou recentemente.

— Sim — disse Celeste. — Eu poderia fazer qualquer coisa agora, porque ele se sente muito mal com o que aconteceu da última vez. Com os Legos. Então está tudo ótimo. Mais que ótimo. Esse é o problema, entende? Está tão bom agora que quase...

Ela parou.

— Vale a pena — completou Susi. — Quase vale a pena.

Celeste encontrou os olhos de guaxinim da terapeuta.

— É.

O olhar impassível de Susi não dizia absolutamente nada, a não ser, *entendi*. Ela não estava sendo amável nem maternal, nem estava se deliciando com a superioridade de sua bondade. Estava só fazendo o seu trabalho. Parecia aquela senhora rápida e eficiente do banco ou da companhia telefônica que só queria fazer o trabalho dela e resolver aquele problema complicado para a cliente.

Elas ficaram caladas por um instante. Do lado de fora do consultório, Celeste podia ouvir murmúrios, um telefone tocando e o trânsito distante na rua. Uma sensação de paz a invadiu. Parou de suar. Desde que a violência começara, cinco anos antes, ela vivia com o peso tão grande daquela vergonha secreta, e apenas por um minuto aquilo se dissipou e ela se lembrou da pessoa que costumava ser. Ainda não tinha solução nenhuma, saída nenhuma, mas, só por aquele momento, estava sentada diante de alguém que entendia.

— Ele vai bater de novo na senhora — afirmou Susi, com aquele profissionalismo imparcial. Nada de piedade. Nada de julgamento. Não era uma pergunta. Ela estava expondo um fato para continuar a conversa.

— Vai — disse Celeste. — Vai acontecer de novo. Ele vai me bater. Eu vou bater nele.

Vai chover de novo. Vou ficar doente de novo. Vou ter dias ruins. Mas não posso aproveitar os bons momentos enquanto duram?

Então por que estou aqui?

— O que eu gostaria de falar é sobre bolar um plano — disse Susi. Ela virou uma página na prancheta.

— Um plano — repetiu Celeste.

— Um plano — disse Susi. — Um plano para a próxima vez.

— Você já teve vontade de experimentar... Como é mesmo o nome? Asfixia erótica? — perguntou Madeline a Ed quando estavam deitados na cama. Ele estava com o seu livro. Ela, com o seu iPad.

Era a noite seguinte após ela ter levado a cartolina à casa de Jane. Passara o dia inteiro pensando na história da amiga.

— Claro. Vamos tentar.

Ed tirou os óculos e largou o livro, virando-se para ela com entusiasmo.

— O quê? Não! Está brincando? — exclamou Madeline. — Eu não quero sexo agora. Comi muito risoto no jantar.

— Está bem. Claro. Bobagem minha.

Ed tornou a botar os óculos.

— E as pessoas se matam acidentalmente fazendo isso! Elas morrem o tempo todo! É uma prática muito perigosa, Ed. — Ed olhou-a por cima dos óculos. — Não acredito que você queria me sufocar — disse Madeline.

Ele balançou a cabeça.

— Eu só estava tentando mostrar a minha disposição em agradar. — Ele olhou para o iPad dela. — Você está procurando maneiras de apimentar a nossa relação ou coisa assim?

— Cruz credo — comentou Madeline, talvez com sinceridade demais.

Ed bufou.

Ela olhou para o artigo da Wikipédia sobre asfixia erótica.

— Parece que quando as artérias na lateral do pescoço são comprimidas, chega menos oxigênio ao cérebro e a pessoa entra em um estado semialucínógeno. — Ela considerou o assunto. — Já notei que sempre fico bastante amorosa quando estou resfriada. Deve ser por isso.

— Madeline — disse Ed. — Você nunca fica amorosa quando está resfriada.

— É mesmo? — perguntou Madeline. — Talvez eu tenha me esquecido de mencionar.

— É, talvez tenha. — Ele voltou a ler o livro. — Eu tinha uma

namorada que gostava disso.

— Sério? Qual?

— Bem, talvez teoricamente ela não tenha sido uma namorada. Foi só uma garota aleatória que eu conheci.

— E essa garota aleatória queria que você...

Madeline pôs a mão no pescoço, a língua para fora do lado da boca e fez ruídos de sufocação.

— Caramba, você fica muito sexy assim.

— Obrigada. — Madeline deixou as mãos caírem. — Então você fez?

— Sem muito entusiasmo — contou Ed enquanto tirava os óculos. Riu sozinho, lembrando-se de alguma coisa. — Eu estava meio bêbado. Tive dificuldade de seguir instruções. Lembro que ela se decepcionou comigo, o que eu sei que você provavelmente acha impossível de entender, mas nem sempre eu encanto e agrado...

— Sim, sim.

Madeline fez um gesto para ele se calar e voltou a olhar para o iPad.

— Então por que o interesse repentino por asfixia erótica?

Ela lhe contou a história de Jane e observou os pequenos músculos em volta da mandíbula dele tremerem e seus olhos se estreitarem como acontecia quando ele ouvia uma matéria no noticiário sobre uma criança sendo machucada.

— Filho da mãe — disse, afinal.

— Eu sei — concordou Madeline. — Ele simplesmente saiu impune. Ed balançou a cabeça.

— Tão jovem e boba... — Ed suspirou. — Esse tipo de homem se aproveita de...

— Não chame Jane de boba! — Madeline sentou-se tão depressa que o iPad escorregou de suas pernas. — Parece que você está colocando a culpa nela!

Ed levantou a mão como se para se defender dela.

— Claro que não estou. Só quis dizer que...

— E se fosse Abigail ou Chloe? — perguntou Madeline.

— Na verdade eu estava pensando em Abigail e em Chloe.

— Então você colocaria a culpa nelas? Diria: “Sua jovem boba, você mereceu”?

— Madeline — reprimiu Ed calmamente.

As discussões deles eram sempre daquele jeito. Quanto mais irritada ficava Madeline, mais anormalmente calmo ficava Ed, até chegar a um ponto em que parecia um negociador de reféns lidando com um lunático com uma bomba prestes a explodir. Era irritante.

— Você está *culpando a vítima*!

Ela estava pensando em Jane sentada naquele apartamentinho frio,

nas expressões que passaram pelo seu rosto enquanto ela contava sua historinha triste e sórdida, a óbvia *vergonha* que ainda sentia tantos anos depois. “Tenho que assumir a responsabilidade”, dissera ela. “Não foi grande coisa.” Pensou na foto que Jane lhe mostrara. Na sua expressão sincera e descontraída. No vestido vermelho. Jane já usara roupas de cores vivas! Jane já usara decote! Agora ela vestia seu corpo ossudo como quem se desculpa, humildemente, como se quisesse desaparecer, como se estivesse tentando ser invisível, se anular. Aquele homem havia feito isso com ela.

— Tudo bem você dormir com mulheres *aleatórias*, mas quando uma mulher faz isso, é *uma boba*. São dois pesos e duas medidas.

— Madeline — disse Ed. — Eu não estava colocando a culpa nela.

Ele continuava usando seu tom de eu-sou-o-adulto-você-é-a-louca, mas ela via um brilho de irritação em seus olhos.

— Está! Não posso acreditar que você disse isso! — As palavras saíam aos borbotões. — Você é igual àquelas pessoas que dizem: “Ah, o que ela esperava? Estava bebendo à uma da manhã, então é claro que merecia ser estuprada pelo time de futebol inteiro!”

— Não estou!

— Está, sim!

Algo mudou na expressão de Ed. Seu rosto ficou vermelho. Seu tom de voz aumentou.

— Deixe eu lhe dizer uma coisa, Madeline — falou ele. — Se a minha filha um dia sair com um babaca que acabou de conhecer em um bar de hotel, eu me darei o direito de chamá-la de *boba*!

Era uma idiotice eles estarem brigando por causa daquilo. Uma parte racional dela sabia disso. Ela sabia que Ed não culpava realmente Jane. Sabia que seu marido era na verdade uma pessoa melhor do que ela, e, no entanto, não conseguia perdoá-lo por aquele comentário sobre a “jovem e boba”. Isso de alguma maneira *representava* uma falha terrível. Como mulher, Madeline era obrigada a se irritar com Ed por causa de Jane, por todas as “jovens e bobas” e por ela mesma, porque, afinal, aquilo poderia ter acontecido com ela também, e até uma palavrinha branda como “boba” parecia uma bofetada.

— Não posso ficar no mesmo quarto que você agora.

Pulou da cama, levando o iPad.

— Seja ridícula, então — disse Ed.

Tornou a pôr os óculos. Ele estava chateado, mas Madeline sabia que o marido leria seu livro durante vinte minutos, apagaria a luz e adormeceria instantaneamente.

Ela fechou a porta com firmeza (teria preferido bater a porta, mas não queria que as crianças acordassem) e desceu a escada no escuro com um passo decidido.

— Não vá torcer o pé na escada! — gritou Ed de dentro do quarto.

Ele já tinha esquecido a discussão, pensou Madeline.

Ela preparou uma xícara de chá de camomila e se acomodou no sofá. Odiava chá de camomila, mas diziam que era calmante e sedativo e blá-blá-blá, e ela vivia se obrigando a tomar aquilo. Bonnie só bebia chá de ervas, é claro. Segundo Abigail, Nathan também estava evitando cafeína. Esse era o problema com filhos e casamentos desfeitos. A pessoa obtinha aquele monte de informações sobre o ex-marido que de outra maneira nunca teria. Ela sabia, por exemplo, que Nathan chamava Bonnie de “Bonnie boníssima”. Abigail mencionara isso na cozinha um dia. Ed, que estava em pé atrás dela, enfiou o dedo na garganta em silêncio, fazendo Madeline rir, mas, mesmo assim, ela podia viver sem ter ouvido aquilo. (Nathan sempre gostara de aliterações; ele a chamava de Maddie maluquete. Não era tão romântico.) Por que Abigail sentia necessidade de contar aquelas coisas? Ed achava que era de propósito, que ela estava tentando atormentar a mãe, magoá-la, mas Madeline não acreditava que Abigail fosse tão maldosa.

Ed sempre via o pior em Abigail atualmente.

Era isso que estava por trás de seu acesso de fúria com ele no quarto. Não tinha realmente nada a ver com o “jovem e boba”. Era porque ela ainda estava zangada com o marido por Abigail ter se mudado para a casa de Nathan e Bonnie, porque quanto mais o tempo passava, mais parecia provável ter sido culpa de Ed. Talvez Abigail estivesse indecisa em relação à mudança, brincando com a ideia mas não pensando seriamente, e o “acalme-se” de Ed houvesse sido a gota d’água. Do contrário, ainda estaria lá. Aquela poderia ter sido só uma fase. Os adolescentes passavam por isso. Eram volúveis.

Ultimamente, a cabeça de Madeline andava tão cheia de lembranças da época em que eram só ela e Abigail que às vezes tinha a estranha sensação de que Ed, Fred e Chloe eram intrusos. Quem eram aquelas pessoas? Era como se eles tivessem entrado na vida de Madeline e Abigail fazendo barulho e trazendo suas coisas, seus jogos de computador ruidosos e suas brigas, e tivessem afugentado a pobre Abigail.

Riu ao imaginar a indignação de Fred e Chloe, especialmente a de Chloe, se soubessem que ela ousava questionar a existência deles.

“Mas onde eu estava?”, perguntava a menina sempre que via fotos antigas de Madeline e Abigail. “Onde papai estava? Onde Fred estava?”

“Vocês estavam nos meus sonhos”, respondia Madeline, e era verdade. Mas não estavam nos sonhos de Abigail.

Ela bebericou o chá e sentiu a irritação deixar o seu corpo aos poucos. Não tinha nada a ver com o chá idiota.

Era mesmo culpa daquele homem.

O Sr. Banks. Saxon Banks.

Um nome inusitado.

Ela pousou os dedos na superfície fria e lisa do iPad.

“Não procure o nome dele no Google”, implorara Jane, e Madeline lhe prometera, então aquilo era muito errado, mas o desejo de ver a cara do filho da mãe era irresistível. Da mesma forma quando ela lia uma matéria sobre um crime, e sempre queria ver o culpado, analisar a cara dele ou dela procurando indícios de sua maldade. (Sempre achava.) E aquilo era muito fácil, só uns caracteres digitados dentro daquele pequeno retângulo. Era como se seus dedos estivessem digitando sem a sua permissão e, enquanto ela continuava se decidindo se descumpriria ou não a promessa, os resultados da busca já estavam na tela à sua frente, como se o Google fosse uma extensão de sua mente e ela só tivesse que pensar na busca para que aquilo acontecesse.

Ela só daria uma olhadinha muito, muito rápida, só passaria os olhos na página e depois fecharia e deletaria todas as referências a Saxon Banks de seu histórico de busca. Jane nunca ficaria sabendo. Não era como se Madeline pudesse fazer qualquer coisa em relação a ele. Ela não ia planejar nenhuma vingança satisfatória e elaborada (embora parte de sua mente já tivesse seguido por esse caminho: algum golpe? Para roubar o dinheiro dele? Humilhá-lo ou desacreditá-lo publicamente? Devia haver um jeito.).

Ela deu dois cliques e a tela se preencheu com um retrato profissional dele. Um incorporador chamado Saxon Banks baseado em Melbourne. Era ele: um homem bem-apessoado, de queixo quadrado, com um sorrisinho convencido e olhos que pareciam encarar Madeline de um jeito combativo beirando a agressividade.

— Seu escroto — disse ela em voz alta. — Você acha que pode fazer o que bem entender com quem quiser, não acha?

O que ela teria feito na situação de Jane? Não conseguia se imaginar tendo a mesma reação que a amiga. Madeline teria dado uma bofetada nele. Não teria ficado arrasada com as palavras “gorda” e “feiosa”, porque sua autoconfiança em relação à aparência era muito elevada, mesmo aos dezenove anos — ou especialmente aos dezenove anos. Ninguém lhe diria como se sentir em relação à própria aparência.

Talvez aquele homem escolhesse especificamente moças que ele sabia que seriam vulneráveis aos seus insultos.

Ou seria essa linha de raciocínio só mais uma forma de culpar a vítima? *Isso não teria acontecido comigo. Eu teria lutado. Eu não teria aceitado aquilo. Ele não teria acabado com a minha autoestima.* Jane estava completamente vulnerável na época, nua, na cama dele, jovem

e boba.

Madeline se surpreendeu. “Jovem e boba.” Ela tinha acabado de pensar a mesma coisa que Ed. Pediria desculpas de manhã. Bem, ela não pediria desculpas em voz alta, mas prepararia um ovo cozido para ele, que entenderia o recado.

Ela voltou a examinar a foto. Não conseguia ver qualquer semelhança com Ziggy. Ou, na verdade, talvez conseguisse. Talvez na área perto dos olhos. Leu a pequena biografia ao lado da foto. Bacharelado disso, mestrado daquilo, membro do Instituto de sei lá o quê, blá-blá-blá. *Em seu tempo livre, Saxon pratica iatismo, escalada e passa o tempo com a esposa e as três filhas.*

Madeline contorceu o rosto.

Ziggy tinha três meias-irmãs.

Agora tinha aquela informação. Sabia algo que não devia, e não era possível deixar de saber. Sabia algo sobre o filho de Jane que a própria Jane não sabia. Não havia se limitado a quebrar uma promessa, ela violara a privacidade da amiga. Era uma *voyeuse* ridícula bisbilhotando na internet, desencavando fotos do pai de Ziggy. Ficara furiosa com o que acontecera com Jane, mas parte dela quase se deliciara com a história, não é mesmo? Quase *apreciara* a própria indignação diante da triste e sórdida historinha de sexo de Jane, não é mesmo? Sua solidariedade vinha da posição superior e confortável de alguém que levava uma vida certinha de classe média: um marido, uma casa, um financiamento imobiliário. Madeline era igual a algumas amigas de sua mãe, tão empolgadas em mostrar solidariedade quando Nathan largou a ela e Abigail. As senhoras ficaram tristes e indignadas por ela, mas de um jeito ai-que-coisa-horrível que deixou Madeline se sentindo frágil e acuada, mesmo que apreciasse sinceramente os ensopados caseiros que eram colocados com toda a solenidade na mesa de sua cozinha.

Madeline olhou para o rosto de Saxon, e ele também parecia fitá-la com um olhar significativo, como se soubesse todas as coisas desprezíveis que havia para saber sobre ela. Uma onda de repugnância a dominou, deixando-a suada e trêmula.

Um grito desceu como uma espada cortando o silêncio sonolento da noite:

— Mamãe! Mamãe, mamãe, mamãe!

Madeline levantou-se em um pulo, o coração martelando, embora já soubesse que Chloe estava tendo mais um de seus pesadelos.

— Estou indo! Estou indo! — gritou enquanto corria pelo corredor.

Podia resolver aquilo facilmente, e era um grande alívio, porque Abigail já não a queria nem precisava mais dela, mas havia pessoas más como Saxon Banks à solta no mundo esperando para fazer mal aos filhos de Madeline, de maneiras grandes e pequenas. Não havia

nada que ela pudesse fazer a respeito, mas pelo menos podia arrastar aquele monstro de baixo da cama de Chloe e matá-lo com as próprias mãos.

Srta. Barnes: Depois daquele pequeno drama no dia da orientação, eu estava me preparando para enfrentar um ano difícil, que no fim pareceu começar bem. As crianças formavam uma turma maravilhosa, e os pais não estavam sendo muito irritantes. Mas então, na metade do primeiro trimestre, tudo desmoronou.

DUAS SEMANAS ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— Um *caffè latte* e um muffin.

Jane ergueu os olhos do laptop, e depois encarou de novo o prato à sua frente. Havia um rabisco artístico de chantilly ao lado do muffin.

— Ah, obrigada, Tom, mas eu não pedi...

— Eu sei, o muffin é por conta da casa. Soube por Madeline que você é uma boleira de primeira, então queria a sua opinião de especialista sobre essa receita nova que estou testando. Pêssego, macadâmia e limão. É uma loucura. O limão, quer dizer.

— Eu só faço muffins — disse Jane. — Nunca como.

— Sério? — Tom ficou um pouco desanimado.

Jane acrescentou apressadamente:

— Mas vou abrir uma exceção hoje.

O tempo esfriara naquela semana, um pequeno treino para o inverno, e o apartamento de Jane estava gelado. A nesga cinza do oceano que ela via da janela de casa só a fazia sentir mais frio ainda. Era como uma lembrança de verões perdidos para sempre, como se ela morasse em um mundo cinzento, ameaçador, pós-apocalíptico.

“Nossa, Jane, acho que você está sendo um pouco dramática. Por que não pega o seu laptop e vai trabalhar em uma mesa no Blue Blues?”, sugerira Madeline. Então Jane começara a aparecer lá todos os dias com seu laptop e suas pastas.

A cafeteria estava clara e ensolarada, e Tom acendia a lareira a lenha. Jane dava um pequeno suspiro de prazer sempre que entrava. Era como se tivesse pegado um avião e voado até um local de clima

completamente diferente, comparado ao seu apartamento triste e úmido. Ela tomava cuidado de só aparecer entre as horas de pico da manhã e da tarde para não ocupar a mesa de outros possíveis clientes, mas é claro que pedia cafés e um pequeno almoço durante a sua permanência.

Tom, o barista, começara a parecer um colega, alguém que trabalhava no cubículo ao lado do dela. Tinham conversas agradáveis. Gostavam dos mesmos programas de TV, de algumas das mesmas músicas. (Música! Ela havia se esquecido da existência daquilo, como se esquecera dos livros.)

Tom sorriu.

— Estou virando a minha avó, não estou? Forçando todo mundo a comer. Experimente só um pedacinho. Não precisa comer tudo apenas por educação.

Jane observou-o se retirar, e depois desviou os olhos quando se deu conta de que estava gostando de olhar para os ombros largos sob a camiseta preta do barista. Ficara sabendo por Madeline que Tom era gay, e estava se recuperando de uma grande dor de cotovelo. Era um clichê, mas também parecia quase sempre verdade: os homens gays tinham corpos muito bonitos.

Alguna coisa vinha acontecendo nas últimas semanas desde que ela lera aquela cena de sexo no banheiro. Era como se seu corpo, seu corpo enferrujado e abandonado, estivesse voltando à vida por vontade própria. Ela a toda hora se surpreendia olhando distraída e tranquila para homens e mulheres, mas principalmente para homens, de uma maneira não exatamente sexual, mas sim sensual, frutiva, estética.

Não eram pessoas lindas como Celeste que estavam chamando a atenção de Jane, mas gente normal e a beleza comum de seus corpos. Um braço bronzeado com uma tatuagem de sol estendendo-se sobre o balcão no posto de gasolina. A nuca de um homem mais velho na fila do supermercado. Panturrilhas musculosas e clavículas. Era muito estranho. Ela se lembrava de seu pai, que anos antes operara as cavidades nasais, o que lhe devolveu o olfato que ele não se dava conta de ter perdido. Os cheiros mais simples o levavam ao êxtase. Ele ficava cheirando o pescoço da mãe de Jane e dizendo de um jeito sonhador: “Eu tinha esquecido o cheiro da sua mãe! Eu não sabia que tinha esquecido.”

Não era só o livro.

Foi contar a Madeline sobre Saxon Banks. Foi repetir aquelas palavrinhas idiotas que ele dissera. Precisavam permanecer em segredo para conservar seu poder. Mas, depois disso, tinham murchado como um pula-pula de castelo inflável sendo esvaziado.

Saxon Banks era uma pessoa má. Havia pessoas más no mundo.

Toda criança sabia disso. Nossos pais nos diziam para ficar longe delas. Ignorá-las. Afastar-se. Dizer: “Não. Eu não gosto disso” em um tom de voz alto e firme, e, caso continuassem, deveríamos contar para a professora.

Até os insultos de Saxon tinham sido insultos típicos do pátio de escola. *Você fede. Você é feia.*

Ela sempre soubera que sua reação àquela noite havia sido extrema demais, ou talvez muito branda. Ela nunca chorara. Não contara a ninguém. Engolira tudo e fingira que o episódio não significava nada, e, com isso, passara a significar tudo.

E, no momento, parecia como se ela quisesse continuar falando sobre o assunto. Alguns dias atrás, quando ela e Celeste davam a sua caminhada matinal, ela lhe contara uma versão mais curta do que dissera a Madeline. Celeste não falara tanto, a não ser que sentia muito e que Madeline estava absolutamente certa e Ziggy não se parecia em nada com o pai. No dia seguinte, Celeste deu a Jane um colar em um saquinho de veludo vermelho. Era uma fina corrente de prata com uma pedra azul.

“Essa pedra se chama lazurita”, dissera Celeste com seu jeito retraído. “Dizem que ‘cura feridas emocionais’. Eu não acredito muito nessas coisas, mas, enfim, pelo menos é um colar bonito.”

Jane pôs a mão no pingente.

Amigas novas? Será que era isso? O ar marítimo?

A prática regular de exercício provavelmente também estava ajudando. Ela e Celeste estavam ficando mais em forma. Sentiram-se muito felizes quando notaram que não precisavam parar para recuperar o fôlego ao alcançarem o topo da escadaria perto do cemitério.

Sim, devia ser o exercício.

Durante aquele tempo todo, ela só precisara de uma caminhada enérgica ao ar livre e de uma pedra curativa.

Enterrou o garfo no muffin e levou um pedaço à boca. As caminhadas com Celeste também estavam lhe devolvendo o apetite. Se não tomasse cuidado, engordaria de novo. Sua garganta se fechou na mesma hora, e ela baixou o garfo. Pelo visto não estava totalmente curada. Continuava esquisita para comer.

Mas não devia ofender o simpático Tom. Pegou o garfo e tirou um pedacinho. O muffin era leve e fofo, e ela conseguiu identificar o sabor de todos os ingredientes que Tom mencionara: macadâmia, pêssago e limão. Fechou os olhos e sentiu tudo. O aquecimento da cafeteria, o sabor do muffin, a essa altura o já familiar cheiro de café e livros usados. Deu outra garfada, dessa vez maior, pegando um pouco do creme.

— E aí?

Tom debruçou-se em uma mesa perto da dela, limpando-a com um pano que tirou do bolso de trás.

Jane levantou a mão para indicar que estava de boca cheia. Tom pegou um livro que um cliente havia deixado na mesa e o guardou de volta em uma das prateleiras mais altas. Sua camiseta preta subiu acima da calça jeans, e Jane viu de relance a parte inferior de suas costas. Apenas uma região lombar absolutamente comum. Não havia nada de especial nela. A pele dele no inverno era da cor de um *latte* fraco. No verão, tinha cor de chocolate quente.

— Está maravilhoso — disse ela.

— Hummm?

Tom virou-se para trás. Os dois estavam sozinhos ali.

Jane apontou com o garfo para o muffin.

— Está incrível. Você devia cobrar mais caro. — Seu celular tocou.

— Com licença.

O nome na tela dizia escola. Só haviam ligado para ela de lá uma vez, quando Ziggy teve dor de garganta.

— Sra. Chapman? Aqui é Patricia Lipmann.

A diretora da escola. Jane sentiu o estômago ficar embrulhado.

— Sra. Lipmann? Está tudo bem? — Ela odiava o tom covarde em sua voz. Madeline falava com a Sra. Lipmann em um tom afetuoso, alegre e condescendente, como se ela fosse um excêntrico mordomo antigo da família.

— Sim, está tudo bem, mas eu gostaria de marcar uma reunião com você para tratar de uma questão mais ou menos urgente, se for possível. O ideal seria hoje. Poderia ser lá pelas duas horas, um pouquinho antes da saída?

— Claro. Está tudo...

— Ótimo. Fico aguardando você, então.

Jane pousou o telefone.

— A Sra. Lipmann marcou uma reunião comigo.

Tom conhecia a maioria das crianças, dos pais e das professoras da escola. Fora criado na região e também estudara lá quando a Sra. Lipmann era uma reles professora do terceiro ano.

— Tenho certeza de que você não tem nada com o que se preocupar — disse ele. — Ziggy é um bom menino. Talvez ela queira colocá-lo em uma turma especial ou algo assim.

— Humm.

Jane comeu distraidamente mais uma garfada do muffin. Ziggy não era “um prodígio superdotado”. De qualquer forma, ela já sabia pelo tom de voz da Sra. Lipmann que não seriam boas notícias.

Samantha: Renata ficou louca quando o bullying começou. Parte do problema foi que a babá não lhe contava as coisas, então aquilo já vinha acontecendo havia algum tempo sem que ela soubesse. Claro que agora sabemos que Juliette tinha outras coisas na cabeça além do trabalho.

Srta. Barnes: O que os pais não entendem é que uma criança pode praticar bullying em um dia e se tornar vítima no outro. Querem logo rotular! Claro, eu vejo, sim, que isso foi diferente. Isso foi... ruim.

Stu: Meu pai me ensinou que quando um garoto bate, você revida. Simples assim. Hoje em dia tudo mudou. Um troféu para todas as crianças no jogo de futebol. Um prêmio a cada brincadeira. Estamos criando uma geração de frouxos.

Thea: Renata com certeza deve se sentir culpada. Ela trabalhava tanto que mal via as crianças! Tenho pena daqueles pobrezinhos. Pelo que sei, eles não estão lidando bem com a situação no momento. Não estão lidando nada bem. A vida deles nunca mais vai ser a mesma, vai?

Jackie: Ninguém fala nada sobre *Geoff* trabalhar até tarde. Ninguém pergunta se *Geoff* sabia o que estava acontecendo com Amabella. Até onde sei, Renata tinha um trabalho mais bem pago e mais estressante que o do marido, mas ninguém o culpou por ter uma carreira, ninguém disse: “Ah, não vemos muito Geoff na escola”, disse? Não! Mas se as mães que ficam em casa veem um pai indo buscar os filhos na escola, logo acham que ele merece uma medalha de ouro. O meu marido, por exemplo. Ele tem o pequeno séquito dele.

Jonathan: Elas são minhas amigas, não o meu séquito. Você tem que desculpar a minha mulher. Ela está no meio de uma aquisição hostil. Talvez por isso esteja um pouco hostil. Acho que a escola tem que assumir a responsabilidade. Onde estavam as professoras enquanto todo aquele bullying acontecia?

— **R**enata Klein descobriu que a filha, Amabella, está há um mês sendo vítima de um bullying secreto — disse a Sra. Lipmann, sem preâmbulos, tão logo Jane sentou-se à sua frente. — Infelizmente, a menina não conta direito o que anda acontecendo nem quem está envolvido. No entanto, Renata está convencida de que Ziggy é o responsável.

Jane engoliu em seco. Era estranho que se sentisse chocada, como se uma parte irracionalmente otimista sua estivesse mesmo esperando que o filho fosse ser colocado em uma turma especial para crianças extraordinárias.

— Que tipo de... — A voz de Jane sumiu. Ela pigarreou com dificuldade. Tinha a sensação de estar desempenhando um papel para o qual não era qualificada. Seus pais deveriam estar presentes naquela reunião. Gente da mesma época da Sra. Lipmann. — Que tipo de bullying?

A diretora fez uma pequena careta. Parecia uma dondoca, uma *socialite* com roupas boas e tratamentos caros de pele. Sua voz tinha aquele tom cristalino de *não se meta comigo* que era muito eficaz, aparentemente até com os meninos travessos do sexto ano.

— Infelizmente, não temos muitos detalhes — contou a Sra. Lipmann. — Amabella está com alguns hematomas e arranhões inexplicáveis, e um... uma marca de mordida, e só disse que “foram maus com ela”. — Ela suspirou e tamborilou as unhas impecáveis na pasta de papel manilha em seu colo. — Olhe, se não fosse pelo incidente no dia da orientação, eu não a teria chamado até termos alguma evidência. A Srta. Barnes diz que aquilo pareceu ter sido um caso isolado. Ela vem observando Ziggy com atenção, por causa do que aconteceu, e o descreve como um menino encantador, a quem é um prazer ensinar, e que parece ser muito atento e afetuoso nas interações com as outras crianças. — A delicadeza inesperada das palavras da Srta. Barnes deixou Jane com vontade de chorar. — Agora, obviamente nós temos uma política de tolerância zero com bullying na Escola Pública de Pirriwee. Zero. Mas, nos raros casos em que de fato houve bullying, quero que saiba que acreditamos que

temos o dever de cuidar tanto da vítima quanto do praticante. Portanto, se descobrirmos que Ziggy anda maltratando Amabella, nosso foco não será puni-lo, e sim pôr um fim a esse comportamento, é óbvio, e logo em seguida investigar a fundo o *porquê* de ele estar agindo dessa maneira. Ele é um menino de cinco anos, afinal de contas. Alguns especialistas dizem que uma criança dessa idade é incapaz de praticar bullying.

A Sra. Lipmann sorriu para Jane, que retribuiu o sorriso com cautela. *Mas, espere, ele é uma criança encantadora. Não fez isso!*

— Tirando o que aconteceu no dia da orientação, já houve algum outro incidente desse tipo? Na creche? Na pré-escola? Nas interações de Ziggy com crianças fora da sala de aula?

— Não — respondeu Jane. — De jeito nenhum. E ele sempre... Bem. — Ela já ia dizer que Ziggy sempre negara a acusação de Amabella do dia da orientação, mas talvez isso só confundisse mais as coisas. A Sra. Lipmann pensaria que ele havia mentido.

— Então não há nada de anormal no passado de Ziggy, na vida dele em casa, nos antecedentes, que você ache que devêssemos saber, que poderia ser relevante? — A Sra. Lipmann olhou para ela com expectativa, uma expressão simpática e calorosa, como se dizendo a Jane que nada a chocaria. — Pelo que sei, o pai de Ziggy não está envolvido na criação dele, está?

Jane sempre demorava um instante quando estranhos se referiam ligeiramente ao “pai de Ziggy”. “Pai” era uma palavra que Jane associava a amor e segurança. Ela sempre pensava primeiro no próprio pai, como se fosse a ele que as pessoas se referiam. Ela precisava fazer a mente voltar para o quarto de hotel com uma luminária de teto embutida.

Bem, Sra. Lipmann, isso é relevante? Tudo que sei sobre o pai de Ziggy é que ele gostava de asfixia erótica e de humilhar mulheres. Parecia simpático e gentil, sabia cantar músicas de Mary Poppins. Eu o achei encantador — na verdade, a senhora também acharia — e, no entanto, não era nada do que parecia. Acho que é possível descrevê-lo como um praticante de bullying. Então talvez isso seja relevante. E, só para lhe dar o quadro completo, há a possibilidade de Ziggy ser na verdade a reencarnação do meu falecido avô. E vovô era uma pessoa muito amorosa. Então acho que isso depende se a senhora acredita em tendência hereditária para a violência ou em reencarnação.

— Não consigo pensar em nada relevante — afirmou Jane. — Ele tem muitos exemplos masculinos em que se espelhar...

— Ah, sim, sim, claro que tem — disse a Sra. Lipmann. — Nossa. Algumas crianças têm pais que viajam ou trabalham tanto que nunca os veem. Então sem dúvida não estou insinuando que Ziggy esteja perdendo algo por ser criado por uma mãe solteira. Só estou tentando

entender o quadro completo.

— Já perguntou a ele sobre isso? — quis saber Jane.

Ela ficou incomodada com a ideia de Ziggy sendo interrogado pela diretora da escola sem a sua presença. Ele dormia com um ursinho de pelúcia. Sentava em seu colo e chupava dedo quando estava cansado. Para Jane, ainda parecia um pequeno milagre que ele conseguisse andar, falar e se vestir sozinho, mas lá estava ele vivendo aquela vida inteira separado dela, com grandes dramas adultos acontecendo.

— Já, e ele nega veementemente, então sem a corroboração de Amabella fica muito difícil saber o que fazer agora...

Ela foi interrompida por uma batida à porta. A secretária da escola enfiou a cabeça dentro da sala. Lançou um olhar cauteloso para Jane.

— Hã, achei que eu devesse informá-la que o Sr. e a Sra. Klein já estão aqui.

A Sra. Lipmann ficou pálida.

— Mas eles só estão sendo esperados para daqui a uma hora.

— Minha reunião de conselho foi reagendada — disse uma voz familiar estridente. Renata surgiu por trás do ombro da secretária, claramente pronta para ir entrando sem licença. — Então a gente se perguntou se a senhora poderia nos encaixar... — Ela viu Jane e fechou a cara. — Ah. Entendi.

A Sra. Lipmann lançou para Jane um olhar angustiado de pedido de desculpas. Sabia por Madeline que Geoff e Renata viviam fazendo ostentosas doações para a escola.

“Na noite do concurso de perguntas do ano passado, todos nós tivemos que ficar ali sentados como camponeses gratos enquanto a Sra. Lipmann agradecia aos Klein por pagar a instalação do sistema de ar-condicionado na escola inteira”, contara-lhe Madeline. Depois se animou quando uma ideia lhe ocorreu. “Talvez Celeste e Perry possam enfrentá-los este ano. Podem brincar de ‘Eu sou mais rico que você.’”

A secretária da escola roçava as mãos. A Sra. Lipmann fazia questão de ter uma política de “portas abertas” para os pais, sendo bastante flexível quando apareciam sem hora marcada. A secretária não tinha nenhuma experiência em como lidar com uma situação como aquela.

— É possível a senhora voltar outra hora? — perguntou ela a Renata em tom de súplica.

— Na verdade, não — respondeu Renata. — De qualquer forma, acho que todos estamos aqui para discutir o mesmo assunto, não?

A Sra. Lipmann precipitou-se de trás de sua mesa para a porta.

— Sra. Klein, eu realmente acho que seria melhor...

— É uma sorte, na verdade!

Renata passou pela secretária e entrou direto na sala, acompanhada por um homem ruivo de terno e gravata, atarracado e pálido, que deveria ser Geoff. Jane não o conhecia. Quase todos os pais ainda

eram estranhos para ela.

Jane se levantou e cruzou os braços como que protegendo o corpo, as mãos segurando as roupas como se estivessem prestes a ser rasgadas. Os Klein estavam prontos para expor Jane e seus segredos feios e vergonhosos para todos os outros pais. Ziggy não era o resultado de um ato sexual normal e amoroso. Era o resultado dos atos vergonhosos de uma jovem boba, gorda e feia.

Ziggy não era normal, e não era normal porque Jane deixara que aquele homem fosse o pai dele. Ela sabia que isso não tinha lógica, porque do contrário o menino não existiria, mas parecia lógico, porque Ziggy seria sempre seu filho, claro que seria, como ela poderia não ser mãe dele? Mas era para ele ter nascido mais tarde, quando Jane encontrasse um pai e uma vida adequados para ele. Se ela tivesse feito tudo certinho, ele não seria marcado por essa terrível mancha genética. Não estaria se comportando daquela maneira.

Ela pensou na primeira vez que viu o filho. Ele estava tão aborrecido por ter nascido, gritando com toda a força, esperneando e agitando os bracinhos como se estivesse caindo, e o primeiro pensamento dela foi: *Sinto muito, bebezinho. Sinto muito por estar fazendo você passar por isso.* O sentimento maravilhosamente aflitivo que inundou seu corpo lembrava-lhe dor. Embora ela o tivesse chamado de “alegria”, a sensação era a mesma. Ela pensara que a torrente furiosa de seu amor por aquela criaturinha de rosto vermelho e engraçado certamente afastaria a pequena lembrança suja daquela noite. Mas a lembrança ficou, agarrada nas paredes de sua mente como sanguessugas nojentas.

— Você precisa controlar esse seu filho.

Renata se colocou bem na frente de Jane. Falava com o dedo em riste próximo ao peito de Jane. Tinha os olhos injetados por trás dos óculos. Sua raiva era muito palpável e fundamentada em contraste com as dúvidas de Jane.

— Renata — repreendeu Geoff. Ele estendeu a mão a Jane. — Geoff Klein. Por favor, desculpe minha esposa. Ela está muito perturbada.

Jane apertou a mão dele.

— Jane Chapman.

— Está certo, bem, quem sabe então, já que estamos todos aqui, talvez possamos ter uma conversa construtiva — disse a Sra. Lipmann com um toque de nervosismo na voz cristalina. — Alguém gostaria de um chá ou de um café? Uma água?

— Não quero *nada para beber* — afirmou Renata.

Jane viu, com uma espécie de fascinação doentia, que o corpo inteiro de Renata tremia. Desviou o olhar. Ver as emoções cruas de Renata era como vê-la nua.

— *Renata.*

Geoff pôs o braço na diagonal diante do corpo da mulher, como se ela estivesse prestes a se lançar na frente de um carro.

— Vou lhe dizer o que eu quero — falou Renata à Sra. Lipmann. — Quero o filho dela longe da minha filha.

Madeline abriu a porta de correr que dava para o quintal e viu

Abigail sentada no sofá, olhando algo no laptop.

— Olá! — falou, e fez uma careta diante da animação artificial em sua voz.

Ela não conseguia falar com naturalidade com a própria filha. Depois que Abigail só passou a vir nos fins de semana, parecia que Madeline era a anfitriã e Abigail, uma convidada importante. Tinha a sensação de que deveria lhe oferecer bebidas e ver se ela estava confortável. Era *ridículo*. Sempre que se surpreendia agindo dessa maneira, Madeline ficava tão furiosa que passava ao extremo oposto e mandava bruscamente Abigail fazer alguma tarefa doméstica, como pendurar um monte de roupas para secar. O pior era que Abigail agia exatamente como a hóspede bem-educada que Madeline a criara para ser, e pegava a cesta de roupas sem fazer qualquer comentário, e então Madeline se sentia culpada e confusa. Como ela pudera pedir a Abigail para pendurar roupas quando a filha não trazia para casa nenhuma roupa para lavar? Era como pedir à sua hóspede para pendurar a roupa dos moradores. Por isso, depois ela ia correndo ajudar a pôr as roupas na corda e iniciar uma conversa forçada enquanto todas as palavras que ela não podia dizer brotavam em sua cabeça: *Volte para casa, Abigail, volte logo para casa e pare com isso. Ele nos abandonou. Abandonou você. Você foi a minha recompensa. Perder você foi o castigo dele. Como pôde escolhê-lo?*

— O que você está fazendo? — Madeline se deixou cair no sofá ao lado de Abigail e olhou para a tela do laptop. — Isso é *America's Next Top Model*?

Ela já não sabia agir com naturalidade perto da filha. Era parecido com tentar ficar amiga de um ex-namorado. Aquela espontaneidade estudada. Os sentimentos frágeis, a consciência de que suas pequenas idiossincrasias já não eram tão adoráveis e poderiam até ser apenas irritantes.

Madeline sempre exagerara o seu papel na família, bancando a mãe

doida de um jeito cômico. Ficava animada ou furiosa demais com coisas pequenas. Quando as crianças não obedeciam, reclamava, esbaforida. Cantava músicas bobas enquanto procurava comida na despensa. “Tomatinhos, tomatinhos, onde estão? Aqui estão!” Ed e as crianças adoravam implicar com ela e a provocavam por causa de tudo, de sua obsessão por celebridades até as sombras de olho brilhantes.

Mas, no momento, Madeline estava se sentindo uma paródia de si mesma. Estava determinada a não fingir ser alguém que não era. Tinha quarenta anos! Era tarde demais para mudar sua personalidade. Mas não parava de se ver pelos olhos de Abigail e imaginava que estava sendo desfavoravelmente comparada a Bonnie. Porque ela escolhera Bonnie, não é mesmo? Bonnie era a mãe que Abigail queria ter. Na verdade, não tinha nada a ver com Nathan. A mãe ditava o tom da casa. Todos os medos secretos que Madeline já tivera em relação aos próprios defeitos (ela obviamente tinha o pavio curto, gastava demais com sapatos, considerava-se bonita e engraçada quando talvez fosse apenas irritante e cafona) não lhe saíam mais da cabeça. *Cresça*, dizia ela a si mesma. *Não leve isso para o lado pessoal. Sua filha ainda ama você. Ela só escolheu morar com o pai. Não é grande coisa.* Mas cada interação com Abigail era uma batalha constante entre “Eu sou assim, Abigail, é pegar ou largar” e “Seja melhor, Madeline, seja mais calma, mais delicada, mais parecida com Bonnie”.

— Você viu Eloise ser eliminada semana passada? — perguntou Madeline. Era o que ela normalmente diria a Abigail, então foi o que disse.

— Não estou vendo *America’s Next Top Model*. — Abigail suspirou. — Esse é o site da Anistia Internacional. Estou lendo sobre a violação dos direitos humanos.

— Ah — disse Madeline. — Nossa.

— Bonnie e a mãe dela são da Anistia Internacional — contou Abigail.

— Claro que são — murmurou Madeline. *Deve ser assim que Jennifer Aniston se sente*, pensou Madeline, *sempre que fica sabendo que Angelina e Brad adotaram mais um ou dois órfãos.*

— O quê?

— Isso é ótimo — disse Madeline. — Acho que Ed também é. Todo ano nós fazemos uma doação.

Ai, meu Deus, ouça o que você está dizendo! Pare de competir! Será que aquilo era mesmo verdade? A filiação de Ed podia já estar vencida.

Ela e o marido se esforçavam ao máximo para serem boas pessoas. Ela comprava rifas para caridade, dava dinheiro para artistas de rua e vivia apoiando amigas irritantes que estavam correndo mais uma

maratona por alguma causa justa (embora a causa verdadeira fosse a própria boa forma). Quando as crianças ficassem mais velhas, ela imaginava que iria fazer algum tipo de trabalho voluntário, assim como sua mãe. Isso não bastava? Para uma mãe ocupada que trabalhava? Como Bonnie se atrevia a levá-la a questionar todas as suas escolhas?

Segundo Abigail, Bonnie recentemente decidira que não ia ter mais filhos (Madeline não perguntou por quê, embora quisesse saber), então dera o carrinho, a cadeirinha, a cama, o trocador e as roupinhas de bebê de Skye para um abrigo de mulheres vítimas de violência doméstica.

“Isso não é incrível, mãe?”, suspirara Abigail. “As outras pessoas simplesmente venderiam essas coisas.”

Recentemente, Madeline vendera alguns vestidos de bebê velhos de Chloe no eBay. Depois gastara exultante o dinheiro em um par de botas de grife pela metade do preço.

— Então, sobre o que você está lendo?

Seria bom para uma menina de quatorze anos estar aprendendo sobre as atrocidades do mundo? Provavelmente era maravilhoso para ela. Bonnie estava dando uma consciência social a Abigail, enquanto Madeline só estimulava problemas de imagem corporal. Pensou no que a pobre Jane dissera sobre a obsessão da sociedade pela beleza. Imaginou Abigail entrando em um quarto de hotel com um estranho e sendo tratada da mesma forma que Jane. Morreu de raiva. Ela se imaginou agarrando-o pelos cabelos da nuca e batendo o rosto dele em algum tipo de superfície de concreto até virar uma massa disforme ensanguentada. Santo Deus. Ela via muita violência na TV.

— Sobre o que você está lendo, Abigail? — perguntou ela outra vez, e odiou o tom irritado em sua voz. Estava de novo na TPM? Não era época. Ela nem podia colocar a culpa nisso. Só andava sempre de mau humor.

Abigail suspirou. Não tirou os olhos da tela.

— Casamento infantil e escravidão sexual — disse.

— Isso é horrível — comentou Madeline. Fez uma pausa. — Talvez não...

Parou. Queria dizer algo como *não deixe isso perturbar você*, o que era uma coisa terrível para falar, exatamente o que uma mulher ocidental, branca, privilegiada e frívola diria, uma mulher que sentia um prazer sincero e exagerado com um par de sapatos novos ou com um vidro de perfume. O que Bonnie diria? *Vamos meditar sobre isso juntas, Abigail. Ommmm*. Viu, lá estava a sua superficialidade de novo. Caçoando da meditação. E meditar por acaso fazia mal a alguém?

— Elas deviam estar brincando de boneca — disse Abigail. Sua voz estava embargada de raiva. — Em vez disso, estão trabalhando em

bordéis.

Você devia estar brincando de boneca, pensou Madeline. Ou pelo menos brincando de se maquiar.

Sentiu uma raiva justificada de Nathan e Bonnie, porque, na verdade, Abigail *era* muito jovem e sensível para saber sobre tráfico de pessoas. Seus sentimentos eram muito violentos e descontrolados. Ela herdara o infeliz talento de Madeline para a indignação instantânea, mas tinha um coração mais mole do que a mãe jamais tivera. Tinha muita compaixão (embora, claro, toda aquela compaixão excessiva nunca fosse dirigida a Madeline, Ed, Chloe ou Fred).

Madeline se lembrou da filha com apenas cinco ou seis anos, muito orgulhosa da sua nova capacidade de leitura. Ela a encontrara sentada à mesa da cozinha, os lábios se movendo enquanto cuidadosamente soletrava uma manchete na primeira página de um jornal com uma expressão de puro horror e incredulidade. Madeline não se lembrava mais sobre o que era o artigo. Assassinato, morte, desastre. Não. Na verdade, ela se lembrava, sim. Era uma reportagem sobre uma criança que fora sequestrada da própria cama no início dos anos 1980. Seu corpo nunca tinha sido encontrado. Abigail ainda acreditava em Papai Noel na época.

“Não é verdade”, dissera-lhe rapidamente Madeline, tomando-lhe o jornal e jurando nunca mais deixá-lo ao alcance da filha. “É tudo invenção.”

Nathan não sabia daquilo, porque ele não estava lá.

Chloe e Fred eram tão diferentes. Muito mais resilientes. Seus queridos selvagenzinhos consumistas e entendidos de tecnologia.

— Vou fazer alguma coisa sobre isso — afirmou Abigail, rolando a tela.

— É mesmo? — perguntou Madeline. *Bem, você não vai para o Paquistão, se é o que está pensando. Vai ficar aqui mesmo assistindo a America's Next Top Model, mocinha.* — O que está pretendendo? Mandar uma carta? — Ela se animou. Era formada em marketing. Poderia escrever uma carta melhor do que Bonnie seria capaz. — Eu poderia ajudar você a escrever uma carta ao nosso deputado pedindo um...

— Não — interrompeu Abigail com desdém. — Isso não dá em nada. Tenho uma ideia.

— Que tipo de ideia? — perguntou Madeline.

Mais tarde, ela se perguntaria se Abigail teria lhe respondido com sinceridade, se ela teria cortado a loucura pela raiz, mas justo naquele momento houve uma batida à porta da frente e Abigail fechou o laptop.

— É o meu pai — disse ela, se levantando.

— Mas são só quatro horas — protestou Madeline. Levantou-se

também. — Pensei que eu fosse levar você de volta às cinco.

— Vamos jantar na casa da mãe da Bonnie — contou Abigail.

— Da mãe da Bonnie — repetiu Madeline.

— Não faça drama por causa disso, mãe.

— Eu não disse nada. Não disse, por exemplo, que você não vê a *minha* mãe há semanas.

— Vovó está muito ocupada com a vida social dela para notar — disse Abigail, o que era verdade.

— O pai de Abigail está aqui! — gritou Fred da frente da casa, querendo dizer: *O carro do pai da Abigail está aqui!*

— Bom dia, parceiro! — Madeline ouviu Nathan dizer a Fred.

Às vezes só o som da voz de Nathan já evocava uma onda de recordações viscerais: traição, ressentimento, raiva e confusão. *Ele foi embora. Saiu de casa e nos deixou, Abigail, e não conseguia acreditar, simplesmente não conseguia acreditar. Naquela noite, você chorou, chorou, aquele choro interminável de bebê que...*

— Tchau, mãe — disse a menina, e abaixou-se para beijá-la compassivamente no rosto, como se Madeline fosse uma tia idosa que ela estivesse visitando e finalmente, *ufa*, estava na hora de sair daquele lugar mofado e voltar para casa.

Stu: Vou lhe contar uma coisa de que eu me lembro. Encontrei com Celeste White por acaso uma vez. Eu estava do outro lado de Sydney fazendo um trabalho, e tive que pegar umas torneiras novas porque alguém tinha entupido... enfim, resumindo, estava atravessando uma loja Harvey Norman que tem toda aquela mobília de quarto em exposição, e lá estava Celeste White, deitada no meio de uma cama de casal, encarando o teto. Então olhei melhor e disse: “Oi, querida”, e ela levou um susto danado. Era como se eu a tivesse flagrado assaltando um banco. Foi meio estranho. Por que ela estava deitada em uma cama em promoção tão longe de casa? Ela é mulher deslumbrante, espetacular, mas sempre meio... distraída, sabe. Fiquei triste ao saber disso. Muito triste.

— Você é a nova inquilina?

Celeste levou um susto e quase deixou cair o abajur que estava carregando.

— Desculpe, não tive intenção de assustá-la — disse uma quarentona gordinha de roupa de ginástica saindo do apartamento do outro lado do corredor. Estava com duas menininhas que pareciam gêmeas da mesma idade de Josh e Max.

— Sou mais ou menos a nova inquilina — respondeu Celeste. — Quer dizer, sim, sou. Mas não sei bem quando vamos nos mudar. Talvez demore um pouco.

Aquilo não fazia parte do plano. Falar com pessoas. Estava real demais. Aquela coisa toda era *hipotética*. Provavelmente nunca aconteceria. Ela só estava brincando com a ideia de uma nova vida. Fazendo aquilo para impressionar Susi. Queria voltar para a nova consulta com seu “plano” em andamento. A maioria das mulheres provavelmente precisava ser encorajada durante meses. A maioria provavelmente voltava para a consulta seguinte sem ter feito nada. Mas Celeste, não. Ela sempre fazia o dever de casa.

“Aluguei um apartamento por seis meses”, ela planejava comentar

com Susi, como quem não quer nada. “Em McMahons Point. Eu poderia ir a pé para North Sydney. Tenho uma amiga que é sócia de um pequeno escritório de advocacia lá. Ela me ofereceu um emprego faz mais ou menos um ano, e eu recusei, mas tenho certeza de que ela ainda poderia encontrar alguma coisa para mim. Enfim, se isso não der certo, eu poderia arranjar um emprego no centro. É só uma viagem curta de barca.”

“Nossa”, diria Susi, erguendo as sobrancelhas. “Muito bem.”

Celeste, a primeira da turma. Que boa menina. Que vítima bem-comportada de violência doméstica.

— Eu sou Rose — apresentou-se a mulher. — E essas são Isabella e Daniella.

Ela estava falando sério? Tinha dado os nomes de Isabella e Daniella para as filhas?

As meninas sorriram educadamente para Celeste. Uma delas até disse: “Olá.” Definitivamente gêmeas muito mais bem-educadas do que Josh e Max.

— Eu sou Celeste. Prazer em conhecer vocês! — Ela girou a chave o mais depressa que pôde. — É melhor eu...

— Você tem filhos? — perguntou Rose, esperançosa, e as meninas olharam para ela, também esperançosas.

— Dois meninos — disse Celeste.

Se mencionasse que tinha gêmeos, a incrível coincidência desencadearia em pelo menos mais cinco minutos de conversa que ela não conseguiria suportar. Empurrou a porta com o ombro.

— Avise se precisar de alguma coisa! — exclamou Rose.

— Obrigada! Até logo.

Celeste abriu a porta, e as duas menininhas começaram a brigar para decidir de quem era a vez de apertar o botão do elevador.

— Ah, pelo amor de Deus, meninas, vocês precisam fazer isso sempre? — disse a mãe, usando o que parecia ser sua voz normal, em vez de a voz educada que acabara de usar com Celeste.

Tão logo a porta se fechou, fez-se silêncio total e a voz da mãe foi cortada no meio da frase. A acústica era boa.

Havia uma parede espelhada bem ao lado da porta que parecia ter sobrado de um ambicioso projeto de decoração dos anos 1970. O resto da casa era completamente neutro: paredes brancas, carpete resistente cinza. Um típico imóvel alugado. Perry tinha imóveis alugados que deviam ser iguaizinhos àquele. Teoricamente, pertenciam a Celeste também, mas ela nem sabia onde ficavam.

Se eles tivessem economizado juntos para investirem em um imóvel, apenas *um*, ela teria gostado daquele. Teria ajudado a reformá-lo, escolhido azulejos novos, lidado com o corretor, dito: “Ah, sim, claro!”, sempre que o inquilino pedisse que algo fosse consertado.

Com esse nível de riqueza ela teria se sentido confortável. As profundezas inimagináveis do dinheiro de Perry às vezes lhe davam náuseas. Ela enxergava isso no rosto das pessoas quando viam a sua casa pela primeira vez, o jeito que os olhos delas percorriam os espaços amplos, os pés-direitos altíssimos, as belas salas montadas como pequenas ambientações de museu mostrando a vida de uma família abastada. Todas as vezes, ela sentia um misto de orgulho e vergonha. Morava em uma casa onde todos os cômodos gritavam silenciosamente: *TEMOS MUITO DINHEIRO. PROVAVELMENTE MAIS QUE VOCÊ.*

Aquelas belas salas eram iguais aos constantes posts de Perry no Facebook: representações estilizadas da vida deles. Sim, às vezes se sentavam naquele sofá de aparência extremamente confortável e apoiavam taças de champanhe na mesa de centro e assistiam ao sol se pôr no mar. Sim, eles assistiam. E, às vezes, quase sempre, era maravilhoso. Mas tinha sido naquele mesmo sofá que Perry uma vez imprensara seu rosto e ela pensara que poderia morrer. E aquela foto no Facebook, com a legenda *Dia de folga divertido com as crianças*, não era mentira porque havia mesmo sido um dia de folga divertido com as crianças e, de qualquer maneira, eles não tinham uma foto do que acontecera depois que os meninos foram se deitar naquela noite. O nariz de Celeste sangrava com muita facilidade. Tinha sido sempre assim.

Ela levou o abajur para o quarto principal do apartamento. Era um quarto bem pequeno. Compraria uma cama de casal. Ela e Perry tinham uma *king-size*, é claro. Mas naquele quarto mal caberia uma *queen*.

Ela colocou o abajur no chão. Era um abajur colorido *art déco* em forma de cogumelo. Ela o comprara porque tinha gostado e porque era de um estilo que Perry odiaria. Não que ele fosse impedi-la de tê-lo se ela quisesse muito, mas torceria o nariz toda vez que olhasse para o objeto, do jeito que Celeste fazia com algumas peças de arte moderna de aspecto lúgubre para as quais ele apontava nas galerias. E por isso ele não comprava.

No casamento, era preciso ceder.

“Querida, se realmente gosta desse estilo antigo feminino, vou arranjar uma coisa autêntica para você”, teria dito ele com carinho. “Essa é só uma imitação barata e cafona.”

Quando ele dizia coisas assim, ela ouvia: *Você é barata e cafona.*

Ela mobiliaria o apartamento calmamente com as coisas baratas e cafonas de que gostasse. Foi abrir uma das persianas para deixar a luz entrar. Passou o dedo no peitoril um pouco empoeirado da janela. O apartamento estava bem limpinho, mas da próxima vez ela traria material de limpeza e o deixaria um brinco.

Até então, nunca fora capaz de deixar Perry porque não conseguia imaginar para onde iria, como viveria. Tinha um bloqueio mental. Parecia impossível. Daquele jeito, ela teria toda uma vida preparada, esperando para ser ativada. Teria camas arrumadas para os meninos. Teria geladeira abastecida. Brinquedos e roupas no armário. Nem precisaria arrumar mala. Teria um formulário de matrícula preenchido para a escola local.

Estaria pronta.

Da próxima vez que Perry batesse nela, ela não revidaria, nem choraria ou ficaria deitada na cama. Diria: “Estou saindo de casa agora.”

Analisou os nós de seus dedos.

Ou sairia de casa enquanto ele estivesse fora do país. Talvez isso fosse melhor. Ela lhe diria por telefone: “Você devia saber que não podíamos continuar assim. Quando voltar, já vou ter ido embora.”

Era impossível imaginar a reação dele.

Se ela saísse de casa mesmo, de verdade.

Se terminasse o relacionamento, então a violência também cessaria, porque ele já não teria mais direito de bater nela, assim como não teria mais direito de beijá-la. A violência era uma parte íntima da relação deles, como o sexo. Já não seria mais adequada se ela o largasse. Ela não pertenceria mais a ele da mesma maneira. Recuperaria o respeito de Perry. Os dois teriam uma relação amigável. Ele seria um ex-marido cortês, mas frio. Ela sabia que a frieza a machucaria mais do que os punhos dele já foram capazes. Ele conheceria outra pessoa. Demoraria uns cinco minutos para isso.

Ela saiu do quarto principal e seguiu pelo pequeno corredor até o quarto que seria dos meninos. Ali só cabiam duas camas de solteiro, lado a lado. Ela compraria colchas de matelassê novas para os dois. Criaria um visual simpático para o ambiente. Estava ofegante, tentando imaginar as carinhas desconcertadas dos filhos. Ai, meu Deus. Será que ela podia fazer isso com eles?

Susi achava que Perry tentaria conseguir a guarda unilateral das crianças, mas ela não o conhecia. A raiva dele se acendia como fogo de palha e depois se extinguia. (Ao contrário da dela. Celeste era mais raivosa que ele. Ela guardava rancor. Perry não guardava rancor, mas Celeste, sim. Ela era terrível. Lembrava-se de tudo. Lembrava-se de todas as vezes, de todas as palavras.) Susi insistira para que ela comesse a documentar a “violência”, como chamava.

“Anote tudo”, dissera. “Fotografe os seus machucados. Guarde relatórios médicos. Isso pode ser importante em processos judiciais ou audiências de custódias.”

“Claro”, concordara Celeste, mas não tinha intenção de fazer isso. Seria muito humilhante ver o comportamento deles por escrito. Seria

como se ela estivesse descrevendo uma briga de criança. *Fui grossa com ele. Ele gritou comigo. Eu gritei também. Ele me empurrou. Bati nele. Fiquei com um hematoma. Ele acabou com um arranhão.*

“Ele não tentaria tirar os meninos de mim”, dissera Celeste a Susi. “Ele faria o que fosse melhor para as crianças.”

“Poderia achar que para os meninos seria melhor ficar com ele”, dissera Susi a Celeste daquele jeito tranquilo, neutro. “Homens como o seu marido muitas vezes pedem a guarda, sim. Eles têm recursos. Dinheiro. Contatos. É uma coisa para a qual você tem que se preparar. A família dele pode se envolver. De repente todo mundo vai querer dar opinião.”

A família dele. Celeste sentiu uma pontada de tristeza. Sempre adorara fazer parte da grande família de Perry. Adorava o fato de serem tantos parentes: tias postiças, inúmeros primos, um trio de tios-avós grisalhos e ranzinzas. Ela adorava que Perry nem precisava de uma lista quando ia comprar perfumes no *free shop*. *Chanel Coco Mademoiselle para tia Anita, Issey Miyake para tia Evelyn*, murmurava ele para si mesmo. Ela adorava ver Perry abraçar o primo favorito, com lágrimas nos olhos porque não se viam fazia muito tempo. Isso parecia provar a existência de algo essencialmente bom em seu marido.

Desde o primeiro dia, a família de Perry recebera Celeste de braços abertos, como se sentissem que a pequena família modesta dela não era páreo para a deles, e que poderiam lhe dar algo que ela nunca tivera, além de dinheiro. A família do marido oferecia fartura em tudo.

Quando Celeste se sentava à mesa grande e comprida, comendo a spanakopita de tia Anita, observando Perry conversar pacientemente com os tios-avós ranzinzas, enquanto os gêmeos pintavam e bordavam com as outras crianças, uma lembrança do marido agredindo-a lhe vinha à mente, e aquilo parecia impossível, fantasioso, absurdo, mesmo se tivesse acontecido na véspera, e com a incredulidade vinha a vergonha, porque ela sabia que de alguma maneira devia ser culpada, já que aquela era uma família boa e amorosa e *ela* era a estranha, e imaginava como ficariam horrorizados se a vissem batendo e arranhando o adorado Perry deles.

Ninguém naquela família grande e alegre jamais acreditaria que o marido podia ser violento, e Celeste não queria que soubessem, porque o Perry que comprava perfumes para as tias não era o Perry que perdia a cabeça.

Susi não conhecia Perry. Ela conhecia exemplos, estudos de caso e estatísticas. Não sabia que o mau gênio do marido era só uma parte dele, e não ele todo. Não era apenas um homem que batia na esposa. Era um homem que lia histórias para os filhos quando iam dormir,

fazendo vozes engraçadas, que falava gentilmente com as garçonetes. Perry não era um vilão. Era um homem que só às vezes se comportava muito mal.

Outras mulheres naquela situação tinham medo de que seus maridos as encontrassem e as matassem caso elas tentassem sair de casa, mas Celeste temia sentir falta dele. Do puro prazer de ver os meninos correrem até o pai quando Perry voltava de uma viagem, observá-lo largar as malas e se ajoelhar no mesmo instante de braços abertos. “Preciso dar um beijo na mamãe agora”, dizia ele.

Não era simples. Era apenas um casamento muito estranho.

Ela deu outra volta no apartamento, ignorando a cozinha. Era um cubículo. Não queria pensar em cozinhar ali. Nos meninos choramingando: *Estou com fome! Eu também.*

Em vez disso, tornou a entrar no quarto principal e ligou o abajur na tomada. A energia continuava funcionando. As cores do abajur ficaram vivas e vibrantes. Ela sentou-se e admirou-o. *Adorava* o seu abajur engraçado.

Depois que se mudasse, convidaria Jane e Madeline para visitá-la. Mostraria o abajur para elas e as três se espremeriam naquela varandinha para tomar o chá da tarde.

Se saísse de Pirriwee, ela sentiria falta de suas caminhadas matinais pelo promontório com Jane. Em geral, caminhavam em silêncio. Era como uma meditação compartilhada. Se Madeline caminhasse com elas, as amigas ficariam conversando o tempo todo, mas só com Jane e Celeste a dinâmica era diferente.

Havia pouco tempo que as duas tinham começado hesitantemente a se abrir. Era interessante como, durante uma caminhada, a pessoa podia dizer coisas que não seriam ditas frente a frente sentadas à uma mesa com a pressão do contato visual. Celeste pensou na manhã em que Jane lhe contara sobre o pai biológico de Ziggy, o homem repulsivo que a tinha mais ou menos estuprado. Ela estremeceu.

Pelo menos o sexo com Perry nunca fora violento, mesmo quando se seguia à violência, mesmo quando era parte do estranho e intenso jogo deles de fazer as pazes, perdoar e esquecer. Sempre envolvia amor, e era sempre muito, muito bom. Antes de conhecer Perry, ela nunca sentira atração tão forte por um homem, e sabia que nunca mais sentiria. Não era possível. Aquilo era uma coisa muito específica deles.

Ela sentiria falta do sexo. Sentiria falta de morar perto da praia. De tomar café com Madeline. De ficar acordada até tarde e de assistir a séries em DVD com Perry. Sentiria falta da família dele.

“Quando uma pessoa se divorcia de outra, se divorcia de toda a família dela”, dissera-lhe Madeline uma vez. Ela havia sido próxima da irmã mais velha de Nathan, mas agora as duas raramente se viam.

Celeste teria que abrir mão da família de Perry bem como de tudo o mais.

Havia muito do que sentir falta, muito a sacrificar.

Bem. Aquilo era só um exercício.

Ela não precisava levar nada adiante. Era só um exercício teórico para impressionar sua terapeuta, que provavelmente não ficaria tão impressionada assim, porque, no fim das contas, era uma questão financeira. Celeste não estava demonstrando nenhuma coragem especial. Podia se dar o luxo de alugar e mobiliar um apartamento que provavelmente nunca usaria, com o dinheiro que seu marido ganhara. A maioria dos pacientes de Susi provavelmente não tinha dinheiro, enquanto Celeste podia sacar grandes quantias de contas diferentes sem Perry sequer notar, ou, se notasse, ela podia facilmente inventar uma desculpa. Podia lhe dizer que uma amiga estava precisando e ele nem pestanejaria. Ofereceria dar mais. Ele não era como aqueles outros homens que mantinham as mulheres praticamente prisioneiras restringindo seus movimentos, seu acesso ao dinheiro. Celeste era livre como um passarinho.

Ela olhou ao redor do quarto. Nada de armário embutido. Teria que comprar um armário. Como não reparara nisso na vistoria? A primeira vez que Madeline vira o enorme closet de Celeste, seus olhos brilharam, como se tivesse ouvido uma bela música ou uma bela poesia.

“Isso aí é o meu sonho.”

A vida de Celeste era o sonho de outra pessoa.

“Ninguém merece viver assim”, dissera Susi, mas a terapeuta não sabia de toda a vida deles. Não via a expressão dos meninos quando Perry contava suas histórias malucas sobre voos matutinos acima do mar. “Você não consegue voar de verdade, papai. Ele consegue voar, mamãe? Consegue?” Susi não tinha visto Perry dançando *rap* com os filhos nem dançando uma música lenta com Celeste na varanda deles, a lua baixa no céu, brilhando no mar como se estivesse ali só para os dois.

“Quase vale a pena”, afirmara ela a Susi.

Talvez fosse até *justo*. Um pouco de violência não era muito a se pagar por uma vida que do contrário seria apenas perfeita de um jeito muito enjoativo, luxuoso e enlutarado.

Então, que diabo ela estava fazendo ali, planejando sua rota de fuga como se fosse uma prisioneira?

— Ziggy — chamou Jane.

Eles estavam na praia, construindo um castelo com a areia fria. O céu do fim da tarde estava nublado e carregado, e o vento soprava forte. Era meados de outono, então no dia seguinte poderia fazer um tempo lindo e ensolarado outra vez, mas no momento a praia estava praticamente deserta. Ao longe, Jane via uma pessoa passeando com um cachorro, e um surfista solitário usando neoprene caminhando para a água, com a prancha embaixo do braço. O mar estava agitado, jogando onda após onda — bum! — na praia. A espuma branca se agitava como se fervilhasse, esguichando e lançando gotículas de água no ar.

Ziggy cantarolava enquanto trabalhava no castelo de areia, moldando-o com a pá que a mãe de Jane comprara para ele.

— Falei com a Sra. Lipmann ontem — contou ela. — E com a mãe de Amabella.

Ziggy ergueu os olhos. Usava um gorro cinza enterrado na cabeça até as orelhas. Estava com as bochechas coradas por causa do frio.

— Amabella diz que tem alguém na turma machucando ela quando a professora não está olhando — disse Jane. — Dando beliscões nela. Até... mordidas.

Nossa. Era horrível demais de imaginar. Não admirava que Renata estivesse tão nervosa.

Ziggy não disse nada. Largou a pá e pegou um ancinho de plástico.

— A mãe de Amabella acha que é você — revelou Jane.

Ela quase disse: *não é você, é?*, mas se conteve.

Em vez disso, perguntou:

— É você, Ziggy?

Ele a ignorou. Continuou olhando para a areia, fazendo cuidadosamente riscos retos com o ancinho.

— Ziggy — insistiu Jane.

Ele largou o ancinho e olhou para ela. Seu rostinho tranquilo estava distante. Seus olhos encaravam um ponto atrás da cabeça dela.

— Não quero falar sobre isso — retrucou ele.

Samantha: Ficou sabendo da petição? Foi quando percebi que as coisas estavam saindo do controle.

Harper: Não me envergonho de ter começado a petição. A escola não estava fazendo nada! A pobre Renata estava à beira do desespero. A pessoa tem que poder mandar o filho para a escola e saber que ele está em um ambiente seguro.

Sra. Lipmann: Discordo com a maior veemência. A escola não estava “fazendo nada”. Tínhamos um plano de ação muito detalhado. E deixe-me ser clara: na verdade não tínhamos provas de que era Ziggy quem estava praticando bullying.

Thea: Eu assinei. Coitadinha daquela menina.

Jonathan: Claro que não assinei. Coitadinho daquele menino.

Gabrielle: Não conte a ninguém, mas acho que assinei *sem querer*. Achei que fosse a petição para convencer a prefeitura a colocar uma faixa de pedestres na rua Park.

—

UMA SEMANA ANTES DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— **S**ejam bem-vindas à reunião inaugural do Clube do Livro Erótico da Península de Pirriwee! — disse Madeline ao abrir a porta com um floreio. Ela já se servira de meia taça de champanhe.

Enquanto se preparava para aquela noite, ela se repreendeu por ter criado um clube do livro. Aquilo era simplesmente uma tentativa de se distrair do seu estado de luto após a mudança de Abigail. Será que *luto* era uma palavra dramática demais? Provavelmente. Mas era assim que se sentia. Era como se Madeline tivesse sofrido uma perda, mas ninguém estava lhe trazendo flores, então ela se ocupara com um clube do livro, imagine só. (Por que não se limitara a sair para fazer compras?) Convidara ostensivamente *todas* as mães do jardim de infância, e dez aceitaram. Então escolhera um livro picante e

divertidíssimo de que ela sabia que gostaria, e dera a todo mundo muito tempo para lê-lo, antes de perceber que *todas* teriam a vez de escolher um livro, e ela provavelmente acabaria tendo que ler obras respeitáveis chatíssimas. Ah, bem. Madeline tinha muita experiência em não fazer o dever de casa. Improvisaria nessas noites. Ou colaria e pediria um resumo a Celeste.

— Pare de chamar isso de Clube do Livro Erótico — disse a primeira convidada, Samantha, enquanto lhe entregava uma travessa de brownies. — As pessoas estão começando a comentar. Carol está obcecada.

Samantha era baixinha e ágil, a versão de bolso de uma atleta. Corria maratonas, mas Madeline perdoava esse defeito porque Samantha parecia dizer exatamente o que pensava e também era uma dessas pessoas que vivem à mercê do próprio senso de humor. Podia ser vista com frequência no parquinho, apoiando-se no braço de alguém para não cair enquanto não conseguia parar de rir.

Madeline também gostava dela porque na primeira semana de aula, Chloe se encantara pela filha de Samantha, Lily (uma princesinha obstinada). O medo de Madeline de que Chloe fizesse amizade com Skye se provara, portanto, infundado. Graças a Deus. Com a deserção de Abigail, teria sido insuportável se além de tudo Madeline tivesse que receber a filha do ex-marido para brincar em sua casa.

— Fui a primeira a chegar? — perguntou Samantha. — Saí de casa cedo porque estava doida para me livrar dos meus filhos. Eu disse a Stu: “É com você, parceiro.”

— Foi. — Madeline conduziu-a para a sala de estar. — Venha beber alguma coisa.

— Jane vem, não é? — perguntou Samantha.

— Sim, por quê? — Madeline parou.

— Só me perguntei se ela já sabia da petição que está circulando.

— Que petição?

Os dentes de Madeline começaram a ranger. Jane lhe contara sobre as novas acusações feitas a Ziggy.

Aparentemente, Amabella se recusava a confirmar ou a negar que havia sido Ziggy quem andara machucando-a, e, segundo Jane, o menino agira de modo estranho quando ela lhe perguntara sobre o assunto. Jane não sabia se isso provava sua culpa ou alguma outra coisa. Ontem ela fora ao médico pedir indicação de um psicólogo, que provavelmente iria lhe custar uma fortuna.

“Só preciso ter certeza”, dissera ela a Madeline. “Você sabe, por causa da... da origem dele.”

Madeline tinha se perguntado se aquelas três meninas, as meias-irmãs de Ziggy, faziam bullying com outras crianças. Então corou, envergonhada com seu conhecimento ilegítimo.

— É uma petição para suspender Ziggy da escola — contou Samantha, fazendo uma careta de pedido de desculpas, como se tivesse pisado no pé de Madeline.

— O quê? Isso é ridículo! Renata não pode achar que as pessoas seriam tão mesquinhas a ponto de assinar.

— Não foi Renata. Acho que foi Harper que começou — disse Samantha. — Acho que elas são muito amigas, não são? Ainda estou tentando entender a política toda daquele lugar.

— Harper é muito amiga de Renata, como ela adora repetir — disse Madeline. — As duas se uniram por causa dos filhos superdotados.

Ela pegou sua taça de champanhe e bebeu de uma só vez.

— Quer dizer, Amabella parece ser um doce de menina — comentou Samantha. — Pensar que ela foi vítima de bullying secreto é horrível, mas uma *petição*? Para se livrar de um garoto de cinco anos? Isso é um escândalo. — Ela balançou a cabeça. — Acho que não sei o que eu faria se Lily estivesse na mesma situação, mas Ziggy parece tão adorável com aqueles olhos verdes, e Lily diz que ele é sempre bonzinho com ela. Ele a ajudou a encontrar a bola de gude preferida dela ou coisa assim. Você vai me dar uma bebida?

— Desculpe — disse Madeline. Ela serviu Samantha. — Isso explica o telefonema estranho que acabei de receber de Thea. Ela disse que estava saindo do clube do livro. Isso pareceu meio esquisito, porque ela vinha falando sem parar sobre quanto queria entrar para um clube do livro, quanto precisava “fazer alguma coisa para ela mesma”. Vinha até fazendo comentários sugestivos sobre as cenas de sexo picantes do livro, o que era, sabe, muito esquisito. Mas então, faz só dez minutos, ligou dizendo que tinha “muitos compromissos”.

— Ela tem quatro filhos, você sabe — disse Samantha.

— Ah, sim, é um pesadelo logístico — comentou Madeline.

Elas riram maldosamente juntas.

— Estou morrendo de sede! — gritou Fred de seu quarto.

— O papai vai levar um copo d'água para você! — gritou Madeline da sala.

Samantha parou de rir.

— Sabe o que Lily me perguntou hoje? Ela perguntou: “Eu ainda posso brincar com Ziggy?”, e eu respondi: “Claro que pode”, e ela disse... — Samantha fez uma pausa. Sua voz mudou. — Olá, Chloe.

Chloe estava parada à porta, segurando seu ursinho de pelúcia.

— Pensei que você estivesse dormindo — disse Madeline com severidade, embora estivesse de coração mole, como sempre acontecia quando via os filhos de pijama. Era para Ed estar tomando conta das crianças enquanto ela se reunia com o clube do livro. Ele lera o romance, mas não queria entrar para o clube. Disse que a ideia de clubes do livro trazia lembranças horríveis de colegas pretensiosos da

turma de literatura inglesa.

“Se alguém usar as palavras ‘imagens maravilhosas’ ou ‘desenvolvimento do personagem’, dê uma bofetada na pessoa por mim”, pedira-lhe ele.

— Eu estava, mas o ronco do papai me acordou — confessou Chloe.

Devido à recente infestação de monstros em seu quarto, a menina havia desenvolvido o hábito de que mamãe ou papai tinham que se deitar com ela “só um pouquinho” até que pegasse no sono. O único problema era que Madeline e Ed sempre adormeciam também, saindo do quarto da filha mais ou menos uma hora depois, aturdidos e piscando.

— O pai da Lily também ronca — disse Samantha a Chloe. — Parece um trem.

— Você estava falando do Ziggy? — perguntou a menina a Samantha, tagarelando. — Ele estava chorando hoje porque o pai do Oliver falou que ele tinha que ficar bem longe do Ziggy porque Ziggy faz bullying.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Madeline. — O pai do Oliver é que faz. Precisa vê-lo nas reuniões da APM.

— Então eu dei um soco em Oliver — contou Chloe.

— *O quê?* — exclamou Madeline.

— Só um soquinho — disse Chloe. Ela olhou de um jeito angelical para as duas mulheres e abraçou o ursinho. — Não machucou tanto assim.

A campanha tocou ao mesmo tempo em que Fred gritou: “Só para você saber, *ainda* estou esperando o meu copo d’água!”, e Samantha agarrou o braço de Madeline enquanto morria de rir.

Jane descobriu sobre a petição dez minutos antes da hora de sair para a primeira reunião do clube do livro de Madeline. Estava no banheiro escovando os dentes quando seu celular tocou e Ziggy atendeu.

— Vou chamar a mamãe. — Ouviu passinhos correndo e ele apareceu no banheiro. — É a minha *professora*! — disse ele, pasmo, empurrando o telefone para ela.

— Só um segundo — balbuciou Jane, porque estava com a boca cheia de pasta de dente e água. Ela ainda segurava a escova, mas Ziggy se limitou a botar o telefone em sua mão e se afastar depressa.

— Ziggy!

Ela quase deixou o celular cair, mas conseguiu segurá-lo enquanto gargarejava, cuspiu e enxugava a boca. E *agora*? Ziggy andara calado e introspectivo depois da escola, mas dissera que Amabella nem tinha ido à aula naquele dia, então não podia ser aquilo. Ai, meu Deus. Será que ele tinha feito alguma coisa com outra pessoa?

— Oi, Srta. Barnes. Rebecca — disse ela à professora.

Ela gostava de Rebecca Barnes. Sabia que eram mais ou menos da mesma idade (as crianças tinham ficado muito empolgadas com o fato de a Srta. Barnes estar fazendo vinte e quatro anos), e, embora não fossem exatamente amigas, Jane às vezes sentia uma solidariedade tácita entre elas, a afinidade natural entre duas pessoas da mesma geração quando estão cercadas de gente mais velha ou mais jovem.

— Oi, Jane — disse a Srta. Barnes. — Desculpe, tentei escolher uma hora em que pensei que Ziggy já estaria na cama, mas não seria tarde...

— Ah, bem, ele já está quase indo dormir, na verdade.

Jane abanou a mão, enxotando o filho. Ele fez uma expressão de horror e correu para o quarto, provavelmente com medo de se meter em encrenca com a professora por estar acordado até tarde. (Quando se tratava da escola, Ziggy era muito certinho, sempre queria agradecer a Srta. Barnes. Por isso era impossível imaginá-lo se comportando tão

mal se houvesse a mínima chance de que fosse pego. Jane continuava se deparando com essas impossibilidades. Ziggy simplesmente não era o tipo de criança que faria algo assim.)

— O que houve? — perguntou Jane.

— Quer que eu ligue mais tarde? — perguntou a Srta. Barnes.

— Não, tudo bem. Ele já foi para o quarto. Aconteceu alguma coisa?

Ela ouviu a rispidez na própria voz. Havia marcado uma consulta com um psicólogo para a semana seguinte. Tinha sido um encaixe, ela tivera sorte de conseguir o horário vago. Dissera a Ziggy repetidas vezes que ele não devia encostar um dedo em Amabella, nem em nenhuma das outras crianças, mas ele se limitara a responder em um tom monótono: “Eu sei disso, mamãe. Não machuco ninguém, mamãe.” E depois, após algum tempo: “Não quero falar sobre isso.” O que mais ela podia fazer? Puni-lo por algo que não tinha nenhuma prova de que ele fizera?

— Eu só estava me perguntando se você sabia dessa petição que está circulando — disse a Srta. Barnes. — Queria que ficasse sabendo por mim.

— Uma petição?

— Uma petição pedindo a suspensão de Ziggy. Sinto muito. Eu não sei que pais estão por trás dela, mas só queria que você soubesse que estou furiosa, e sei que a Sra. Lipmann deve estar também, e isso obviamente não vai ter qualquer relevância em, bem, em coisa nenhuma.

— Você quer dizer que as pessoas estão mesmo assinando essa petição? — perguntou Jane. Ela segurou as costas de uma cadeira e observou os nós de seus dedos ficarem brancos. — Mas a gente nem sabe com certeza...

— Eu sei — disse a Srta. Barnes. — Eu sei que não sabemos! Pelo que já vi, Amabella e Ziggy são amigos! Então estou totalmente perplexa. Eu os vigio o tempo todo, não tiro os olhos deles. Bem, eu tento, mas tenho vinte e oito crianças, duas com TDAH, uma com dificuldade de leitura, duas superdotadas, e pelo menos quatro cujos pais acham que são superdotadas, e uma que é tão alérgica que acho que eu devia estar com o EpiPen na mão o tempo todo e... — A voz da Srta. Barnes tinha ficado acelerada e estridente, mas ela de repente parou no meio da frase e pigarreou, antes de continuar, mais baixo: — Desculpe, Jane, eu não devia estar falando assim com você. Não é nada profissional. Só estou realmente aborrecida por você... e por Ziggy.

— Tudo bem — disse Jane.

Era de alguma forma consolador ouvir a tensão na voz da professora.

— Na verdade, tenho um fraco por Ziggy — revelou a Srta. Barnes.
— E, preciso confessar, tenho um fraco por Amabella também. São duas crianças encantadoras. Quer dizer, me considero muito boa em avaliar crianças, por isso acho essa situação toda tão estranha, tão esquisita.

— Sim — concordou Jane. — Eu não sei o que fazer.

— Vamos cuidar disso — disse a Srta. Barnes. — Prometo que vamos cuidar disso.

Estava perfeitamente claro que ela também não sabia o que fazer.

Depois que desligou, Jane entrou no quarto de Ziggy.

Ele estava sentado de pernas cruzadas na cama, encostado na parede, lágrimas escorrendo pelo rosto.

— *Ninguém* pode brincar comigo agora? — perguntou ele.

—

Thea: Você provavelmente ficou sabendo que Jane estava bêbada na noite do concurso de perguntas. Isso não é de forma alguma conduta adequada para um evento escolar. Olha, eu sei que aquela história com Ziggy deve ter sido muito desconcertante, mas eu ficava me perguntando: *Por que ela simplesmente não o tira da escola?* Não é como se tivesse vínculos familiares na região. Ela devia ter se mudado para os bairros da zona oeste onde foi criada e onde provavelmente, sabe, se adaptaria melhor.

Gabrielle: Nós estávamos “alegrinhas”. Eu me lembro de Madeline ter dito isso. “Estou alegreinha.” Típico dela. Pobre Madeline... Enfim. Foram aqueles coquetéis. Deviam ter umas mil calorias.

Samantha: *Todo mundo* estava bêbado. Foi realmente uma grande noite até dar merda.

— Onde Perry está dessa vez? — perguntou Gwen ao se acomodar no sofá de Celeste com seu tricô.

Gwen ficava de babá dos meninos desde que eles eram bebês. Ela era avó de doze crianças e tinha um jeito invejavelmente firme e uma pequena reserva de moedas de chocolate na bolsa, que não seriam necessárias naquele dia, pois os meninos já estavam dormindo.

— Genebra — respondeu Celeste. — Ah, espere, será que é Gênova? Não consigo lembrar. Ele está no avião. Foi hoje de manhã.

Gwen observou-a com certo fascínio.

— Ele leva uma vida exótica, não é?

— É — disse Celeste. — Acho que leva. Eu não devo chegar muito tarde. É um novo clube do livro, então não tenho certeza de que...

— Depende do livro! — interrompeu Gwen. — O clube de que faço parte acabou de ler um livro interessantíssimo. Ora, como se chamava mesmo? Era sobre... Ora, era sobre o quê? Ninguém gostou tanto assim, para falar a verdade, mas minha amiga Pip, ela adora servir um prato que meio que complementa a história do livro, então preparou um curry de peixe maravilhoso, embora estivesse bastante apimentado. Depois todas nós ficamos um pouquinho... *Pip!* — Gwen abanou as mãos na frente da boca para indicar ardência.

O único problema de Gwen era que às vezes ficava difícil ir embora. Perry conseguia fazer isso com charme, mas Celeste acabava sem jeito.

— Bem, é melhor eu ir andando.

Ela se abaixou para pegar o celular, que estava na mesa de centro em frente a Gwen.

— Que hematoma feio! — exclamou a babá. — O que houve?

Celeste puxou a manga da blusa de seda até o pulso.

— Machuquei jogando tênis — disse ela. — Minha dupla e eu fomos na mesma bola.

— Ai! — lamentou Gwen.

Ela encarou Celeste. Houve um momento de silêncio.

— Bem — continuou Celeste. — Como eu disse, os meninos não devem acordar...

— Talvez esteja na hora de encontrar outra parceira de tênis — disse Gwen. Havia um tom sério em sua voz. O mesmo que Celeste a ouvira usar com uma eficácia incrível quando os meninos estavam brigando.

— Bem, foi culpa minha também.

— Aposto que não.

A babá sustentou o olhar de Celeste. Ela se deu conta de que em todos os anos em que conhecia Gwen, nunca houvera menção a um marido. Gwen parecia tão independente, tão desinibida e ocupada, com toda aquela conversa sobre as amigas e os netos, que a ideia de um marido parecia supérflua.

— É melhor eu ir andando.

Ziggy ainda estava chorando quando a babá bateu à porta. Ele

contara a Jane que três ou quatro crianças (ela não conseguiu entender direito, pois o menino estava sendo quase incoerente) disseram que tinham sido proibidas de brincar com ele.

Ziggy soluçava no colo da mãe, onde sua cabeça estava desconfortavelmente encaixada, depois que Jane se sentara na cama ao lado dele, e o filho se jogara em cima dela, quase derrubando-a de costas. Ela podia sentir a pressão do narizinho dele e a umidade de suas lágrimas se espalhando pela calça jeans dela enquanto o garoto empurrava o rosto na perna da mãe, fazendo um movimento em espiral, como se quisesse, de alguma maneira, se enterrar dentro dela.

— Deve ser Chelsea. — Jane puxou os ombros magrinhos de Ziggy, tentando afastá-lo, mas o menino nem parava para respirar.

— Eles fugiram de mim. — Ele soluçou. — Saíram correndo! E eu só estava querendo brincar de *Star Wars*!

Certo, pensou Jane. Ela não iria ao clube do livro. Não podia deixá-lo naquele estado. Além disso, e se encontrasse pais que tivessem assinado a petição? Ou que tivessem dito aos filhos para ficar longe de Ziggy?

— Espere aí — grunhiu ela ao afastar do colo o corpo pesado e prostrado do filho. Ele olhou para ela com o rosto vermelho, ranhoso e molhado, e se jogou de bruços no travesseiro.

— Desculpe. Vou ter que cancelar — disse Jane a Chelsea. — Mas vou lhe pagar mesmo assim.

Ela não tinha nenhuma nota menor que uma de cinquenta dólares.

— Ah, ih, *legal*, obrigada — disse Chelsea.

Adolescentes nunca ofereciam troco.

Jane fechou a porta e foi ligar para Madeline.

— Eu não vou — disse ela. — Ziggy não... Ziggy não está bem.

— É por causa dessa história da Amabella, não é? — perguntou Madeline.

Jane ouviu vozes ao fundo. Alguns dos outros pais estavam lá.

— É. Você soube da petição? — perguntou ela a Madeline, tentando manter a voz firme.

Madeline devia estar cansada dela: chorando por causa do Hipopótamo Harry, contando suas sórdidas historinhas de sexo. Provavelmente ela lamentava a hora em que torcera o pé.

— Isso é um *absurdo* — disse Madeline. — Estou *cuspiendo fogo* de raiva.

Ouviam-se risadas ao fundo. Parecia um coquetel, não um clube do livro. O som das risadas das mulheres fez Jane sentir-se excluída, apesar de ter sido convidada.

— É melhor eu deixar você desligar — disse Jane. — Divirta-se.

— Eu ligo para você — avisou Madeline. — Não se preocupe. Vamos resolver isso.

Ao desligar, Jane ouviu outra batida à porta. Era a moradora do andar de baixo, a mãe de Chelsea, Irene, mostrando a nota de cinquenta dólares. Era uma mulher alta, austera, de cabelos grisalhos curtos e olhos inteligentes.

— Você não vai pagar cinquenta dólares para ela não fazer nada — disse.

Jane pegou o dinheiro, agradecida. Sentira-se mal depois de tê-lo dado a Chelsea. Cinquenta dólares eram cinquenta dólares.

— Foi por causa do incômodo.

— Ela tem quinze anos. Teve que subir um lance de escada. Ziggy está bem?

— Estamos com problemas na escola — contou Jane.

— Caramba.

— Bullying — explicou ela.

Não conhecia Irene tão bem assim, a não ser das ocasiões em que ficaram conversando na escada.

— O pobrezinho do Ziggy está sofrendo bullying? — Irene franziu a testa.

— Estão dizendo que ele está fazendo bullying.

— Ah, bobagem — disse Irene. — Não acredite nisso. Lecionei vinte e quatro anos no ensino fundamental. Sei identificar uma criança que faz bullying a quilômetros de distância. Ziggy não é uma delas.

— Bem, tomara que não — disse Jane. — Quer dizer, não achei que fosse.

— Aposto que são os pais fazendo o maior alvoroço, não são? — Irene lhe lançou um olhar perspicaz. — Os pais prestam *atenção demais* nos filhos hoje em dia. Tempos bons eram os de indiferença complacente. Se eu fosse você, não acreditaria nessa história. Crianças pequenas, problemas pequenos. Espere até ter que se preocupar com drogas, sexo e redes sociais.

Jane sorriu educadamente e mostrou a nota de cinquenta dólares.

— Bem, obrigada. Diga a Chelsea que vou contratar os serviços de babá dela outra noite.

Ela fechou a porta com firmeza, um pouco incomodada com o comentário “crianças pequenas, problemas pequenos”. Enquanto andava pelo corredor, podia ouvir Ziggy ainda chorando: não o choro furioso e exigente de uma criança que quer atenção, nem o choro assustado de um menino que se machucou. Era um choro adulto: um pranto involuntário, baixinho e triste.

Jane foi até o quarto dele e ficou parada por um instante à porta, observando-o deitado de bruços na cama, os ombros sacudindo e as mãos agarrando a colcha de *Star Wars*. Ela sentiu algo firme e forte dentro de si. Naquele momento, não queria saber se Ziggy tinha machucado ou não Amabella, ou se ele herdara do pai biológico alguma tendência perversa e secreta à violência, e, afinal, quem disse que a tendência à violência vinha mesmo do pai, porque, se Renata estivesse ali na sua frente, Jane teria batido nela. Teria batido com prazer, batido com tanta força que aqueles óculos chiques dela voariam longe. Talvez até amassasse os óculos com o calcanhar como se estivesse fazendo bullying. E se isso fazia dela uma mãe controladora, e daí, porra?

— Ziggy?

Ela se sentou ao lado dele na cama e esfregou suas costas.

Ele ergueu o rosto molhado de lágrimas.

— Vamos para a casa da vovó e do vovô. Vamos levar o seu pijama e passar a noite lá. — Ele fungou. Um pequeno estremecimento de choro percorreu o seu corpo. — E vamos comer batata frita e chocolate a viagem toda.

—

Samantha: Sei que fico rindo e fazendo piadas e tal, então você provavelmente me acha uma megera desalmada, mas é como um mecanismo de defesa ou coisa assim. Quer dizer, isso é uma tragédia. O enterro foi simplesmente... Quando foi que aquele garotinho lindo pôs a carta no caixão? Eu nem... Eu perdi o controle. Nós todas perdemos.

Thea: Muito angustiante. Isso me fez lembrar do enterro da princesa Diana, quando o príncipe Harry deixou o bilhete dizendo “mamãe”. Não que a gente esteja falando de família real aqui, é claro.

Celeste não demorou a perceber que aquele seria o tipo de clube do livro em que o livro era apenas secundário. Sentiu um leve desapontamento. Andara ansiosa para falar *sobre* o livro. E o que era mais vergonhoso: até se *preparara* para o clube do livro, como uma boa advogadazinha, marcando algumas páginas com Post-it e escrevendo alguns comentários concisos nas margens.

Deixou o livro escorregar do colo e o guardou disfarçadamente na bolsa antes que alguém notasse e começasse a implicar com ela por causa disso. A implicância seria carinhosa e bem-humorada, mas ela já não tinha resiliência para suportar essas coisas. O casamento com Perry significava que ela vivia preparada para justificar seus atos e estava sempre monitorando suas ações e palavras, enquanto ao mesmo tempo se sentia acuada em relação ao acuação, seus pensamentos e sentimentos se transformando em nós impenetráveis, de modo que, às vezes, como naquele momento, sentada em uma sala com pessoas normais, todas as coisas que ela não podia dizer subiam pela sua garganta e, por um instante, não conseguia respirar.

O que aquela gente pensaria se soubesse que havia alguém como Celeste sentada diante delas, passando-lhes o sushi? Aquelas eram pessoas educadas, não fumantes, que entravam para clubes do livro, reformavam a casa e falavam bem. Maridos e mulheres não batiam uns nos outros nesses tipos de rodinhas sociais simpáticas.

O motivo de ninguém estar conversando sobre o livro era porque só se falava da petição que exigia a suspensão de Ziggy. Algumas pessoas ainda não haviam ficado sabendo, e quem sabia do caso tinha a prazerosa tarefa de passar adiante o desdobramento chocante. Todo mundo contribuía com qualquer informação que fosse capaz de fornecer.

Celeste fazia murmúrios agradáveis enquanto a conversa fluía, presidida por uma Madeline corada, animada e quase exaltada.

— Ao que tudo indica, Amabella não disse realmente que foi Ziggy. Renata só está presumindo isso por causa do que aconteceu no dia da

orientação.

— Ouvi dizer que havia marcas de mordidas, o que é *bem* terrível nessa idade.

— Tinha uma criança que gostava de morder na creche de Lily. Ela voltava para casa toda marcada. Devo confessar que eu queria matar a pestinha que fazia aquilo, mas a mãe dela era um amor. Ficava passada por causa disso.

— O problema é esse. Na verdade é pior se é o seu filho quem pratica o bullying.

— Quer dizer, estamos falando de filhos aqui!

— A minha pergunta é: por que as professoras não estão vendo isso?

— Será que Renata não consegue simplesmente *fazer* Amabella contar quem foi? A menina tem cinco anos!

— Acho que quando se trata de uma criança superdotada...

— Ah, eu não sabia, Ziggy é superdotado?

— Ziggy, não. Annabella. Ela definitivamente é superdotada.

— É Amabella, não Annabella.

— Esse é um daqueles nomes inventados?

— Ah, não, não. É francês! Não ouviu Renata falando sobre isso?

— Bem, essa menina vai ter que aguentar as pessoas errando o nome dela pelo resto da vida.

— Harrison brinca todo dia com Ziggy. Ele nunca teve problemas.

— Uma petição! Isso é ridículo. É mesquinho. Essa quiche está maravilhosa, aliás, Madeline. Foi você que fez?

— Eu esquentei.

— Bem, parece a vez que Renata entregou aqueles convites para todo mundo da turma menos para Ziggy. Achei isso exagerado.

— Mas uma escola pública pode expulsar um aluno? Podem fazer isso? Achei que tivessem que aceitar todo mundo.

— Meu marido acha que todos nós ficamos muito moles. Diz que estamos prontos para rotular as crianças de praticantes de bullying quando elas só estão sendo crianças.

— Talvez ele tenha razão nesse ponto.

— Embora morder e enforcar...

— Hummm. Se fosse meu filho...

— Você não faria uma *petição*.

— Bem, não.

— Renata tem rios de dinheiro. Por que não coloca Amabella em uma escola particular? Então ela não teria que lidar com a ralé...

— Eu gosto de Ziggy. Gosto de Jane também. Não deve ser fácil fazer tudo sozinha.

— *Existe* um pai, alguém sabe?

— A gente não devia falar do livro? — Era Madeline, finalmente

lembrando que estava recebendo todos eles para uma reunião do clube do livro.

— Acho que devia.

— Quem assinou essa petição até agora?

— Não sei. Aposto que Harper assinou.

— Harper *começou* a petição.

— Renata não trabalha com o marido de Harper ou coisa assim?

Ou, espere, estou confusa, é com o seu marido, Celeste?

Todos os olhares se fixaram de repente em Celeste, como se tivessem recebido um sinal invisível. Ela agarrou a haste de sua taça de vinho.

— Renata e Perry trabalham na mesma área — disse Celeste. — Mas eles mal se conhecem.

— Nós ainda não conhecemos Perry, não é mesmo? — perguntou Samantha. — Ele é um mistério.

— Ele viaja muito — revelou Celeste. — Está em Gênova agora.

Não, era Genebra. Definitivamente Genebra.

Um silêncio estranho interrompeu a conversa. Um ar de expectativa. Será que ela tinha falado de um jeito esquisito?

Celeste sentiu que todo mundo esperava mais.

— Vocês vão conhecê-lo na noite do concurso de perguntas — disse ela. Perry, ao contrário de muitos homens, *adorava* festas à fantasia. Ele tinha ficado entusiasmado quando ela verificara sua agenda e vira que o marido voltaria a tempo da festa.

“Você vai precisar de um colar de pérolas como o que Audrey usa em *Bonequinha de Luxo*”, dissera-lhe ele. “Vou comprar um para você na Swiss Pearls em Genebra.”

“Não”, retrucara ela. “Por favor.”

As pessoas deveriam usar bijuterias baratas quando iam a uma noite de concurso de perguntas à fantasia na escola, e não um colar que valesse mais que o dinheiro que precisavam arrecadar para pagar pelos quadros interativos.

Ele compraria exatamente o colar certo para ela. Perry adorava joias. Teria o mesmo preço de um carro, mas seria lindo, e, quando o visse, Madeline enlouqueceria e Celeste teria vontade de tirá-lo do pescoço e dá-lo a ela. “Compre um para Madeline também”, ela tivera vontade de dizer, e ele teria comprado, se ela pedisse, com prazer, mas claro que a amiga nunca aceitaria um presente daqueles. No entanto, parecia ridículo que Celeste não pudesse dar algo que proporcionaria a Madeline uma alegria tão genuína.

— Todo mundo vai ao concurso de perguntas? — perguntou ela alegremente. — Vai ser divertido!

Samantha: Já viu as fotos da noite do concurso de perguntas? Celeste estava *linda*. As pessoas ficavam olhando. Aparentemente, o colar de pérolas era verdadeiro. Mas sabe de uma coisa? Eu estava vendo as fotos e tem alguma tristeza no rosto dela, um olhar, como se tivesse visto um fantasma. É quase como se ela soubesse que uma coisa terrível estava prestes a acontecer naquela noite.

— Foi bastante divertido. Mas quem sabe da próxima vez a gente consiga se lembrar de comentar sobre o livro — disse Madeline.

Só sobrava Celeste, que estava eficientemente tirando os restos de comida dos pratos e colocando-os no lava-louça de Madeline.

— Pare! — repreendeu Madeline. — Você sempre faz isso!

Celeste tinha um dom para colocar as coisas em ordem silenciosamente, sem chamar a atenção. Sempre que Madeline recebia a amiga, sua cozinha acabava ficando impecável, as bancadas brilhando.

— Sente-se aí e tome uma xícara de chá comigo antes de ir — disse ela a Celeste. — Olha, tenho uns muffins da última fornada que Jane fez. Fui egoísta demais para dividi-los com o clube do livro.

Os olhos de Celeste brilharam. Ela estava prestes a se sentar, mas, então, meio que se levantou desajeitadamente e disse:

— Cadê o Ed? Vai ver ele quer de novo a casa para ele.

— O quê? Não se preocupe com *Ed*. Ele ainda está roncando na cama de Chloe — disse Madeline. — Bom, e daí? A casa é minha também.

Celeste deu um sorriso amarelo e sentou-se.

— É horrível o que aconteceu com a pobre da Jane — comentou quando Madeline pôs um dos muffins na sua frente.

— Pelo menos sabemos que ninguém que estava aqui hoje vai assinar aquela petição idiota — retrucou Madeline. — Quando todo mundo estava falando, eu só ficava pensando no que Jane passou. Ela lhe contou a história sobre o pai de Ziggy, não contou?

A pergunta tinha sido apenas uma formalidade. Jane lhe dissera que também contara a Celeste. Ela se perguntou por um momento de culpa se mencionar aquilo era fazer fofoca, mas não importava, porque era Celeste, que tinha um apetite saudável por fofocas. Não era uma daquelas mães sempre ávidas por uma.

— Contou — disse Celeste, dando uma mordida no muffin. — Nojento.

— Procurei o nome dele no Google — confessou Madeline. Tinha sido realmente por isso que ela puxara o assunto. Sentia-se culpada e

queria o alívio da confissão. Ou queria sobrecarregar Celeste com a mesma informação, o que provavelmente era pior.

— Quem? — perguntou Celeste.

— O pai. O pai de Ziggy. Eu sei que não devia ter procurado.

— Mas como? — Celeste franziu a testa. — Ela lhe disse o nome dele? Acho que nem o mencionou para mim.

— Ela disse que o nome dele era Saxon Banks — falou Madeline. — Sabe, como o Sr. Banks de *Mary Poppins*. Jane contou que ele cantou uma música de *Mary Poppins* para ela. Por isso o nome dele ficou na minha cabeça. Você está bem? Engasgou?

Celeste bateu o punho no peito e tossiu. Estava vermelha.

— Vou pegar uma água para você — disse Madeline.

— Você disse Saxon Banks? — perguntou Celeste com a voz rouca. Ela pigarreou e tornou a falar, mais devagar: — Saxon Banks?

— É — confirmou Madeline. Por quê? — Ela entendeu de repente.

— Ah, meu Deus. Você não o conhece, não é?

— Perry tem um primo chamado Saxon Banks — contou Celeste. — Ele é... — Fez uma pausa. Seus olhos se arregalaram. — *Incorporador*. Jane disse que aquele homem era incorporador.

— É um nome incomum — notou Madeline.

Tentava não parecer estar vibrando a ponto de perder o fôlego com aquela terrível coincidência. Claro que o fato de Perry ter um parentesco com Saxon Banks não era nada animador. Não era uma daquelas coincidências tipo “que mundo pequeno!”. Era horrível. Mas havia naquilo um prazer irresistível de tirar o fôlego, como naquela petição horrorosa, era uma distração bem-vinda de seus sentimentos cada vez mais amargurados e quase loucos em relação a Abigail.

— Ele tem três filhas — disse Celeste.

Ela olhava para o vazio enquanto colocava as ideias no lugar.

— Eu sei — disse Madeline, culpada. — Meias-irmãs de Ziggy.

Ela foi pegar o iPad na bancada da cozinha e o levou até a mesa.

— E é um marido dedicado — acrescentou Celeste, enquanto Madeline acessava a página da internet de novo. — Ele é encantador! Carinhoso, engraçado. Não consigo nem imaginá-lo sendo infiel. Quanto mais tão... cruel.

Madeline empurrou o iPad para Celeste.

— É ele?

Celeste olhou para a foto.

— É. — Ela pôs o polegar e o indicador na tela e aumentou a imagem. — Provavelmente é só imaginação minha, mas acho que consigo ver uma semelhança com Ziggy.

— Ao redor dos olhos? — perguntou Madeline. — Eu sei, também achei.

Houve um silêncio. Celeste encarava a tela do iPad. Seus dedos

tamborilavam na mesa.

— Eu gosto dele! — Ela ergueu os olhos para Madeline. Havia uma expressão de vergonha em seu rosto, como se ela se sentisse responsável de alguma forma. — Sempre gostei dele.

— Jane disse que ele era encantador — contou Madeline.

— Sim, mas... — Celeste se recostou e empurrou o iPad para longe. — Não sei o que fazer. Quer dizer, será que agora tenho alguma responsabilidade? De, sei lá, *fazer* alguma coisa em relação a isso? É tão... complicado. Se ele realmente estuprou Jane, quero que seja denunciado, mas...

— Ele meio que estuprou — confirmou Madeline. — Foi como um estupro. Ou uma agressão. Não sei. Foi alguma coisa.

— Sim, mas...

— Eu sei — disse Madeline. — Eu sei. Não se pode mandar uma pessoa para a cadeia só por ser repugnante.

— Não sabemos com certeza — retrucou Celeste após um instante, os olhos fixos na foto. — Ela poderia ter ouvido mal o nome dele, ou...

— Poderia haver outro Saxon Banks — disse Madeline. — Que não apareça no Google. Nem *todo mundo* aparece na internet.

— Exatamente — concordou Celeste com um entusiasmo excessivo.

Ambas sabiam que devia ser ele. Encaixava em tudo. Qual era a chance de haver duas pessoas mais ou menos da mesma idade chamadas Saxon Banks no ramo da incorporação imobiliária?

— Perry é próximo dele? — perguntou Madeline.

— Nós não o vemos muito agora que todos temos filhos, e ele não mora aqui — respondeu Celeste. — Mas, quando pequenos, Perry e Saxon eram muito próximos. As mães deles eram gêmeas idênticas.

— É daí que vêm os seus gêmeos, então — concluiu Madeline.

— Bem, sempre achamos que sim — disse Celeste vagamente. — Mas depois descobri que isso é só para gêmeos fraternos, não para gêmeos idênticos, então os meus filhos são só um caso aleatório... — Ela parou de falar. — Ai, meu Deus. O que vai acontecer da próxima vez que eu vir Saxon? Estavam falando de fazer uma grande reunião da família na Austrália Ocidental ano que vem. E será que devo contar a Perry? Será que adianta alguma coisa contar a ele? Isso poderia só aborrecê-lo, não é? E não há nada que a gente possa fazer a respeito, há? Realmente não há nada que a gente possa fazer.

— Se fosse comigo — começou Madeline —, eu diria a mim mesma que não contaria nada a Ed, mas então provavelmente acabaria contando sem querer.

— Isso poderia deixá-lo bravo — disse Celeste.

Ela olhou para Madeline de um jeito estranhamente furtivo, quase infantil.

— Com o desgraçado do primo dele? Acho que sim.

— Eu quis dizer comigo. — Celeste puxou o punho da blusa.

— Com você? Está querendo dizer que ele poderia ficar na defensiva por causa do primo? — perguntou Madeline, pensando: *E daí? Deixe que fique.* — Acho que poderia...

— E isso seria muito... constrangedor — disse Celeste. — Quando Perry encontrar Jane em eventos da escola, sabendo disso.

— Sim, então talvez você tenha que guardar segredo dele, Celeste — afirmou Madeline solenemente, sabendo que, se fosse Ed, ela começaria a gritar com ele assim que o marido entrasse em casa. *Sabe o que o seu primo horroroso fez com a minha amiga?*

— E esconder isso de Jane? — perguntou Celeste com uma careta.

— Claro — disse Madeline. — Eu acho. — Ela mordeu o interior da bochecha. — Você não acha?

Jane ficaria magoadada e zangada se algum dia descobrisse, mas o que ela iria ganhar se ficasse sabendo? Não era como se quisesse que Ziggy tivesse algum tipo de relacionamento com aquele homem.

— É, acho que sim — concordou Celeste. — De qualquer forma, não temos certeza de que é ele.

Reiterar este ponto era visivelmente importante para Celeste. Era a defesa delas, a desculpa.

— Eu não sei guardar segredo — confessou Madeline.

— É mesmo? — Celeste quase fez uma careta. — Eu sei muito bem.

Voltando de carro do clube do livro para casa, Celeste pensou na

última vez em que vira Saxon Banks e sua esposa, Eleni. Foi em um casamento em Adelaide, logo antes de ela engravidar dos gêmeos, um casamento grandioso de um dos inúmeros primos de Perry.

Por acaso, ela e Perry haviam estacionado ao lado deles no local da festa. Não tinham se visto na igreja, e Perry e Saxon saltaram do carro e foram direto trocar um abraço apertado com direito a muitos tapinhas nas costas. Tanto Perry quanto Saxon estavam com lágrimas nos olhos. Havia uma afeição genuína entre eles. Celeste e Eleni tiritavam em seus vestidos formais, doidas por uma bebida depois de terem aguentado a longa cerimônia em uma igreja fria e úmida.

“Parece que a comida aqui é excelente”, dissera Saxon, esfregando as mãos. Os quatro estavam percorrendo o caminho para o local aquecido da festa quando Eleni parou. Tinha esquecido o celular em um dos bancos da igreja. A viagem de ida e volta levaria uma hora.

“Você fica. Eu vou”, dissera Eleni, mas Saxon limitou-se a revirar os olhos e dizer: “Não vai não, meu amor.”

Perry e Saxon acabaram voltando juntos de carro para buscar o celular, enquanto Celeste e Eleni entravam para beber champanhe diante da lareira.

“Puxa vida, estou me sentindo péssima”, dissera Eleni alegremente enquanto acenava para um garçom reabastecer sua taça.

Não vai não, meu amor.

Como um homem que reagia com um cavalheirismo tão bem-humorado a um inconveniente tão irritante podia ser a mesma pessoa que tratava uma garota de dezenove anos com tanta crueldade?

Mas, e ela deveria saber melhor que ninguém, claro que era possível. Perry também teria voltado para buscar o celular para ela.

Será que os dois primos tinham em comum algum tipo de distúrbio mental genético? As doenças mentais às vezes tinham origem genética, e Perry e Saxon eram filhos de gêmeas idênticas. Do ponto de vista genético, eles não eram apenas primos, e sim meios-irmãos.

Ou suas mães teriam de alguma forma os corrompido? Jean e Eileen eram mulheres doces e angelicais com a mesma voz infantil, risadas delicadas e maçãs do rosto salientes. O tipo de mulher que parecia submissa de uma forma muito feminina, mas na verdade era tudo menos isso. O tipo de mulher que atraía homens bem-sucedidos que passavam o dia dando ordens e depois iam para casa e faziam exatamente o que a esposa mandava.

Talvez fosse esse o problema. Faltava a Celeste e Eleni aquela combinação peculiar de doçura e poder. Elas eram apenas moças comuns. Era impossível estarem à altura do exemplo de mulher que Jean e Eileen foram para os filhos.

Então Saxon e Perry haviam desenvolvido aqueles infelizes... pequenos problemas.

Mas o que Saxon fizera com Jane era muito, muito pior do que qualquer coisa que Perry já tivesse feito.

Perry tinha gênio ruim. Só isso. Era cabeça quente. Temperamental. O trabalho estressante, a exaustão e o transtorno de todas aquelas viagens internacionais o faziam explodir. Não era certo. Claro que não. Mas era *compreensível*. Sem maldade. Era a pobre Eleni que, sem saber, havia se casado com um homem mau.

Será que Celeste tinha alguma obrigação de contar a Eleni o que seu marido fizera? Será que tinha alguma obrigação para com as moças bêbadas impressionáveis que Saxon ainda poderia estar abordando nos bares?

Mas nem sabiam com certeza se tinha sido ele.

Celeste entrou com o carro no acesso de veículos de sua casa, acionando o controle da garagem com três vagas e se deparando com a esplêndida vista panorâmica: as luzes das casas piscando em volta da baía, a poderosa presença negra do oceano. O portão da garagem se abriu como uma cortina revelando um cenário iluminado, e seu carro entrou de mansinho sem que ela tivesse precisado tirar o pé do acelerador.

Ela girou a chave. Silêncio.

Não havia garagem naquela outra suposta vida que vinha planejando. Havia um estacionamento subterrâneo no prédio, mas as vagas pareciam minúsculas, com grandes colunas de concreto em meio a elas. Celeste teria que entrar de ré na sua vaga. Já sabia que quebraria uma lanterna traseira. Era péssima fazendo baliza.

Puxou a manga da blusa e olhou os hematomas no braço.

Sim, Celeste, fique com um homem que faz isso com você por causa do excelente estacionamento.

Ela abriu a porta do carro.

Pelo menos ele não era tão ruim quanto o primo.

— Como é o nome da autora dessa petição? — perguntou o pai de Jane.

— Por quê? O que nós vamos fazer com ela, pai? — indagou Dane.
— Quebrar os joelhos dela?

— Eu gostaria — disse o pai de Jane. Segurou uma pecinha de quebra-cabeça na luz e cerrou os olhos para ela. — Mas, afinal, que nome é esse: *Amabella*? Nome bobo. Qual o problema de *Annabella*?

— Você tem um neto chamado Ziggy — ressaltou Dane.

— Ei — disse Jane ao irmão. — A ideia foi sua.

Ela estava na casa dos pais, sentada à mesa da cozinha, tomando chá com biscoitos e montando um quebra-cabeça. Ziggy dormia no antigo quarto de Jane. Ela ia deixá-lo faltar à aula no dia seguinte, pois eles passariam a noite ali e ficariam um pouco com a família pela manhã. Renata e suas amigas ficariam felizes.

Talvez, pensou Jane enquanto olhava a cozinha estilo anos 1980 em tons de amarelo e creme de sua mãe, talvez ela nunca mais voltasse a Pirriwee. Seu lugar era ali. Fora meio que uma loucura mudar-se para tão longe para início de conversa. Quase uma doença. Ela tivera motivos tortuosos e esquisitos, e aquele fora seu castigo.

Ali, Jane sentia-se envolvida por uma atmosfera familiar: as canecas, o velho bule de chá marrom, a toalha de mesa, o cheirinho de lar e, é claro, o quebra-cabeça. Sempre os quebra-cabeças. Sua família era viciada em quebra-cabeças desde que Jane se entendia por gente. A mesa da cozinha nunca era usada para fazer refeições, só para o mais recente quebra-cabeça. Naquela noite, eles estavam começando um novo que o pai dela encomendara pela internet. Era um quebra-cabeça de duas mil peças de um quadro impressionista. Muitas pinceladas coloridas indistintas.

— Quem sabe eu devia me mudar de volta para esses lados — disse ela, para ver como receberiam o comentário. Quando falou isso, pensou por alguma razão no Blue Blues, no cheiro de café, no brilho azul-safira do mar e na piscadela que Tom lhe dava quando entregava seu café para viagem, como se ambos estivessem compartilhando uma piada interna. Pensou em Madeline segurando o rolo de cartolina

como se fosse um bastão após subir as escadas de seu prédio, e no rabo de cavalo de Celeste balançando quando elas davam suas caminhadas matinais em volta do promontório, embaixo dos imponentes pinheiros-de-norfolk.

Pensou nas tardes de verão no início do ano em que ela e Ziggy tinham ido a pé direto da escola para a praia, lembrou do filho descalçando os sapatos e as meias do uniforme na areia, tirando o short e a camisa e disparando de cueca para dentro d'água, enquanto ela corria atrás dele com o protetor solar e ele ria de felicidade quando a espuma branca de uma onda quebrava ao seu redor.

Recentemente, graças a Madeline, ela arranjava dois novos clientes lucrativos pertinho de seu apartamento: o Carnes Perfeitas de Pirriwee e a Oficina de Lanternagem de Tom O'Brien. A papelada deles não fedia. (Na verdade, os recibos de Tom O'Brien recendiam a *pot-pourri*.)

Ela ficou chocada ao perceber que alguns dos momentos mais felizes de sua vida haviam acontecido nos últimos meses.

— Mas nós adoramos morar lá — acrescentou ela. — Ziggy adora a escola também... bem, normalmente, ele adora.

Ela se lembrou das lágrimas dele naquela noite. Não podia continuar mandando-o para a escola com crianças que lhe diziam não ter permissão para brincar com ele.

— Se quiser ficar, então fique — disse seu pai. — Não pode deixar aquela mulher fazer bullying até conseguir que você saia da escola. Por que ela não sai?

— Eu não acredito que Ziggy esteja maltratando a filha dela — disse a mãe de Jane, os olhos fixos nas peças do quebra-cabeça que ela deslizava rapidamente para lá e para cá pela mesa.

— A questão é que *ela* acredita nisso — retrucou Jane. Tentou encaixar uma peça no canto inferior direito do quebra-cabeça. — E agora os outros pais também passaram a acreditar. E, sei lá, não posso afirmar com certeza que ele não tenha feito alguma coisa.

— Essa peça não é aí — disse a mãe. — Bem, eu posso afirmar com certeza que Ziggy não fez nada. Ele simplesmente não é disso. Jane, essa peça *não* é aí, faz parte do chapéu da mulher. O que eu estava dizendo? Ah, sim, Ziggy, quer dizer, nossa, olha só *você*, por exemplo, você era a coisinha mais tímida da escola, não faria mal a ninguém. E, claro, seu avô era um doce de...

— Mãe, vovô ser um doce não é relevante! — Jane desistiu da peça do quebra-cabeça e jogou-a na mesa. Sua frustração se manifestou em uma explosão de raiva e irritação que ela dirigiu à sua pobre mãe indefesa. — Pelo amor de Deus, Ziggy não é a reencarnação do vovô! Vovô nem acreditava em reencarnação! E o fato é que não sabemos que traços de personalidade Ziggy pode ter herdado do pai, porque o pai dele era, o pai dele era...

Ela parou bem a tempo. *Idiota.*

Houve um súbito silêncio pairando. Dane ergueu os olhos de onde andara esticando o braço para encaixar uma peça do quebra-cabeça.

— Querida, o que você está querendo dizer? — A mãe de Jane retirou uma migalha do canto da boca com a unha. — Está dizendo que... ele machucou você?

Jane olhou em volta da mesa. Dane encontrou os olhos dela, parecendo fazer uma pergunta silenciosa. Sua mãe tamborilava rapidamente dois dedos na boca. Seu pai tinha a mandíbula cerrada. Seus olhos estavam aterrorizados.

— Claro que não — disse ela. Quando alguém que você amava dependia da sua mentira, ela vinha fácil. — Desculpem! Nossa, não. Eu não quis dizer isso. Só falei que o pai biológico de Ziggy era basicamente um desconhecido. Quer dizer, ele parecia ótimo, mas a gente não sabe nada sobre ele, e sei que isso é uma vergonha...

— Acho que todos nós já superamos o choque do seu assanhamento, Jane — disse Dane de modo bastante seguro.

Ele não estava caindo na mentira, ela percebeu. Não acreditava tanto naquilo quanto seus pais.

— Claro que já — confirmou a mãe de Jane. — E não estou interessada em que traços de personalidade o pai biológico de Ziggy tinha, conheço o meu neto, e ele não fez nem nunca fará bullying.

— Não mesmo — concordou o pai de Jane.

Tinha os ombros caídos. Tomou um gole do chá e pegou outra peça do quebra-cabeça.

— E só porque você não acredita em reencarnação, mocinha — a mãe de Jane apontou para ela —, não quer dizer que não possa ser a encarnação de alguém!

—

Jonathan: Quando vi pela primeira vez o parquinho da Escola Pública de Pirriwee, achei incrível. Todos aqueles pequenos esconderijos secretos. Mas agora vejo que isso trazia uma desvantagem. Acontecia todo tipo de coisa naquela escola sem que ninguém visse, e as professoras não faziam a menor ideia.

De pé em sua sala, Madeline se perguntava o que fazer.

Ed e os meninos estavam dormindo, e, graças a Celeste, a limpeza após a reunião tinha terminado. Ela devia ir para a cama, mas não se sentia cansada o suficiente. O dia seguinte era sexta-feira, e nas manhãs de sexta ela não parava porque tinha que levar Abigail à aula particular de matemática antes da escola, e Fred fazia xadrez e Chloe...

Ela parou.

Não precisava levar Abigail à aula particular de matemática às sete da manhã. Isso não era mais responsabilidade dela. Nathan ou Bonnie teriam que levar sua filha. Toda hora ela esquecia que seus serviços como mãe de Abigail tinham sido dispensados. Sua vida estava teoricamente mais fácil só com duas crianças para levar para lá e para cá todo dia, mas cada vez que se lembrava de uma tarefa relacionada a Abigail que não lhe cabia mais, batia-lhe aquela profunda sensação de perda.

Seu corpo quase tremia com uma raiva que ela não podia extravasar.

Ela catou o sabre de luz de Fred do chão onde ele convenientemente o deixara para alguém tropeçar na manhã seguinte. Apertou o botão, e o brinquedo se acendeu verde e vermelho e ela o baixou no ar como se fosse Darth Vader, abatendo todos os seus inimigos.

Vá para o inferno por ter roubado a minha filha, Nathan.

Vá para o inferno por ajudá-lo, Bonnie.

Vá para o inferno, Renata, por aquela petição nojenta.

Vá para o inferno, Srta. Barnes, por deixar alguém machucar a coitadinha da Amabella escondido, para início de conversa.

Ela se arrependeu de mandar a pobre Srta. Barnes, com aquelas covinhas, para o inferno, então rapidamente seguiu adiante com sua lista.

Vá para o inferno, Saxon Banks, pelo que você fez com Jane, seu

nojento. Ela brandiu no alto o sabre de luz com tanto entusiasmo que bateu na luminária do teto e a deixou balançando de um lado para outro.

Madeline largou o sabre de luz no sofá e esticou o braço para conter a luminária.

Certo. Chega de brincar com o sabre de luz. Ela podia imaginar a cara de Ed se quebrasse a luminária fingindo ser Darth Vader.

Voltou para a cozinha e pegou o iPad de onde o deixara depois de mostrar a Celeste as fotos de Saxon Banks. Ela jogaria um pouco do divertido e calmante Plantas vs. Zumbis. Era importante se manter afiada. Ela gostava de ouvir Fred dizer: “Que legal, mãe!”, quando ele olhava por cima do seu ombro e via que Madeline subira de nível e ganhara uma nova arma sofisticada por enfrentar os zumbis.

Primeiro ela daria mais uma olhadinha no Facebook e Instagram de Abigail. Quando a menina morava em casa, Madeline volta e meia checava zelosamente a presença da filha na internet, só para ser uma boa mãe moderna e responsável. Mas ela acabou ficando viciada naquilo. Era como se estivesse vigiando a própria filha, buscando pateticamente informações sobre a vida dela.

Abigail mudara a foto do perfil. Colocara uma foto sua de corpo inteiro de frente para a câmera, fazendo uma posição de ioga, as mãos unidas em um gesto de oração, uma perna magrinha apoiada no joelho da outra, o cabelo caindo sobre um ombro. Estava linda. Com uma expressão feliz. Radiante, até.

Só a mais egoísta das mães poderia ter raiva de Bonnie por apresentar a sua filha algo que a deixava tão visivelmente feliz.

Madeline devia ser a mais egoísta das mães.

Quem sabe devesse começar a fazer ioga para ela e Abigail terem alguma coisa em comum? Mas toda vez que tentara praticar ioga, se via entoando em silêncio o próprio mantra: *Estou tããão entediada, estou tããão entediada*.

Foi ler os comentários dos amigos da filha. Todos davam muito apoio, mas então ela parou no de Freya, com quem nunca simpatizara muito. Era uma daquelas más influências. Freya escrevera: *Essa é a foto que você vai usar no seu “trabalho”? Ou não está suficientemente sexual/piriguete?*

“Sexual/piriguete”? As narinas de Madeline se expandiram. Do que aquela megera da Freya estava falando? Que “trabalho” exigia que Abigail fosse sexual/piriguete? Pelo visto era um trabalho que devia ser interrompido.

Esse era o problema do mundo obscuro da internet. A pessoa navegava no ciberespaço, observando alegremente uma coisa ou outra, mas em seguida tropeçava em algo indesejável e feio. Ela pensou em como tinha se sentido ao ver a cara de Saxon Banks na tela

de seu iPad. Era isso que acontecia quando alguém fuxicava.

Abigail respondera ao comentário de Freya: *Shhhhhh!!!! Segredo de estado!!!!*

A resposta tinha sido enviada fazia cinco minutos. Madeline olhou a hora. Era quase meia-noite! Ela sempre insistia para que Abigail fosse dormir cedo antes da aula particular de matemática, porque do contrário tinha que ser arrastada da cama e o dinheiro da aula particular seria desperdiçado se a menina estivesse muito cansada para se concentrar.

Ela lhe enviou uma mensagem particular: *Ei! O que está fazendo acordada tão tarde? Você tem aula particular amanhã! Vá para a cama! Bjs, mãe.*

Notou que seu coração estava acelerado depois que ela clicou em enviar. Como se tivesse infringido uma regra. Mas ela era mãe de Abigail! Ainda tinha o direito de mandá-la ir dormir.

Abigail respondeu imediatamente: *O meu pai cancelou o professor. Ele mesmo vai me dar aula particular. Vá para a cama você! Bj*

— Ele o quê? — disse Madeline para a tela do computador. — Ele o quê, porra?

Nathan cancelara a aula particular de matemática. Tomara uma decisão unilateral a respeito da educação de Abigail. O mesmo homem que faltara a peças da escola, reuniões com as professoras e gincanas e que não sabia o que era preparar uma criancinha de cinco anos trêmula para falar em público sobre um tema toda segunda-feira de manhã, nem sabia como era fazer trabalhos com cartolinas ou que precisassem ser apresentados pela primeira vez on-line, com instruções que pediam login e não faziam o menor sentido, ou deveres de casa que tinham sido esquecidos e precisavam ser feitos tarde da noite, nem sabia encapar livros com contact, lidar com o nervosismo antes de uma prova ou falar com aquela professora encantadora das joias malucas que disse tantos anos atrás que Abigail sempre teria dificuldade com matemática, então *dê a ela todo o apoio necessário.*

Como ele se ATREVE?

Ela discou o número de Nathan sem nem pensar, tremendo de raiva. Não conseguiria esperar até o dia seguinte. Precisava gritar com ele imediatamente, antes que sua cabeça explodisse.

Ele atendeu com uma voz sonolenta e surpresa.

— Alô?

— Você cancelou o professor particular de matemática da Abigail? Cancelou sem nem falar comigo antes?! — Houve silêncio. — Nathan? — chamou Madeline, ríspida.

Ela o ouviu pigarrear.

— Maddie. — Ele estava parecendo acordadíssimo. — É sério que você me ligou à meia-noite para falar sobre o professor particular de

matemática da Abigail?

Era um tom de voz totalmente diferente do que ele usava normalmente. Durante anos, suas interações com Nathan lhe lembravam um diálogo com um vendedor melífluo que trabalhava com comissão, ávido por agradar. Mas como tinha ganhado Abigail, ele então se considerava em pé de igualdade com ela. Não precisava mais se desfazer em desculpas. Podia ser irritável. Podia agir como um ex-marido normal.

— Estamos todos dormindo — continuou ele. — É sério que isso não podia esperar até amanhã de manhã? Skye e Bonnie têm um sono muito...

— Vocês não estão todos dormindo! — exclamou Madeline. — Sua filha de quatorze anos está acordada e na internet! Existe supervisão nessa casa? Você tem alguma ideia do que ela está fazendo agora?

Madeline podia ouvir o tom de voz suave e melodioso de Bonnie dizendo algo doce e compreensivo ao fundo.

— Vou dar uma olhada nela — disse Nathan. Parecia mais conciliador no momento. — Pensei que estivesse dormindo. E, olha, ela não ia chegar a lugar nenhum com aquele professor de matemática. Ele é uma criança. Eu posso fazer um trabalho melhor que ele. Mas tem razão, claro que eu devia ter falado com você antes. Eu pretendia. Mas simplesmente esqueci.

— Aquele professor particular estava fazendo grandes progressos com ela — disse Madeline.

Ela e Abigail tinham tentado dois outros professores particulares antes de arranjarrem Sebastian. O garoto obtinha resultados tão bons que tinha alunos em lista de espera. Madeline havia implorado para ele encaixar Abigail.

— Não estava, não — retrucou Nathan. — Mas vamos falar sobre isso quando eu não estiver caindo de sono.

— Maravilha. Não vejo a hora. Você vai me informar que outras mudanças fez nas atividades de Abigail? Só por curiosidade.

— Vou desligar agora — disse Nathan.

E desligou.

Madeline jogou o celular na parede com tanta força que o aparelho ricocheteou, caindo virado para cima no carpete, bem a seus pés, e ela pôde ver a tela espatifada, como uma reprimenda de um adulto a uma criança.

—

Stu: Olha, eu não achava o pobre do Nathan um mau sujeito. Eu o via de vez em quando na escola... O lugar é infestado de mulheres, e metade do tempo elas estão tão ocupadas batendo papo umas com as

outras que é difícil conseguir uma chance de dizer alguma coisa. Então sempre fiz questão de falar com os outros pais. Lembro que uma manhã Nathan e eu estávamos conversando sobre alguma coisa quando Madeline apareceu furiosa com aqueles saltos altos e, caramba... Se olhar matasse!

Gabrielle: Eu não aguentaria morar na mesma região que o *meu* ex-marido. Se nossos filhos fossem da mesma escola, eu provavelmente acabaria assassinando o infeliz. Não sei como eles acharam que isso iria funcionar. Foi loucura.

Bonnie: Não foi loucura. Nós queríamos estar o mais perto possível de Abigail, e então, por acaso, encontramos a casa perfeita na região. O que há de loucura nisso?

CINCO DIAS ANTES DO CONCURSO DE PERGUNTAS

Era segunda-feira de manhã bem antes de o sinal tocar, e Jane estava voltando da biblioteca da escola onde havia devolvido os dois livros que Ziggy se esquecera de levar. Ela o deixara se balançando alegremente nas barras do trepa-trepa com os gêmeos e Chloe. Pelo menos Madeline e Celeste não estavam proibindo os filhos de brincar com Ziggy.

Depois de deixar os livros, Jane ia ficar na escola para ajudar a ouvir as crianças praticarem leitura. Ela e o pai de Lily, Stu, eram os voluntários da manhã de segunda-feira.

Quando saiu da biblioteca, viu duas das Louras de Corte Chanel paradas em frente à sala de música, absortas em uma conversa confidencial em altos brados.

— Qual delas é a mãe?

— Ela não chama muita atenção. É *muito* jovem. Renata achou que fosse a babá.

— Espere, espere! Já sei quem é! Ela usa o cabelo assim, não usa?

A Loura de Corte Chanel puxou o cabelo louro em um rabo de cavalo exageradamente esticado, e nesse momento seus olhos encontraram os de Jane e se arregalaram. Ela deixou as mãos caírem como uma criança surpreendida fazendo arte.

A outra mulher, que estava de costas para Jane, continuou falando:

— Sim! É essa! Bem, fiquei sabendo que o filho dela, esse Ziggy, está maltratando escondido a pequena Amabella. Estou falando de coisas cruéis mesmo... O que foi?

A primeira Loura de Corte Chanel fazia movimentos frenéticos com a cabeça.

— O que foi? Ah!

A mulher se virou para trás e viu Jane. Ficou vermelha.

— Bom dia! — disse.

Normalmente, uma pessoa em posição tão elevada na hierarquia

parental da escola balançaria a cabeça de um jeito vago e magnânimo para Jane quando ela passasse. Um cumprimento de cabeça régio para um plebeu.

— Oi — cumprimentou Jane.

A mulher estava segurando uma prancheta junto ao peito. De repente deixou o braço cair para que a prancheta ficasse atrás de suas pernas, exatamente como uma criança escondendo nas costas um doce roubado.

É a petição, pensou Jane. Não eram só pais do jardim de infância assinando. Estavam pedindo também para pais dos outros anos. Pais que não conheciam ela nem Ziggy e nem sabiam nada sobre o caso.

Jane passou direto por elas. Estava com a mão nas portas de vidro que davam para o parquinho quando parou. Sentia no corpo um frêmito crescente, como um avião decolando. Tinha sido a maneira desdenhosa com que aquela mulher pronunciara o nome de Ziggy. Tinha sido Saxon Banks, o bafo fazendo cócegas em sua orelha: *Nunca teve um pensamento original na vida, teve?*

Ela deu meia-volta. Foi até as mulheres e se colocou bem na frente delas, que deram uns passinhos para trás, arregalando os olhos de um jeito cômico. As três tinham quase a mesma altura. Eram todas mães. Mas as Louras de Corte Chanel tinham maridos, casas e a certeza absoluta de seus lugares no mundo.

— Meu filho nunca machucou ninguém — disse Jane, e de repente soube que era verdade. Ele era Ziggy Chapman. Não tinha absolutamente nada a ver com Saxon Banks. Nem com vovô. Não tinha inclusive nada a ver com ela. Era apenas Ziggy, e Jane não sabia tudo sobre o filho, mas sabia isso.

— Ah, querida, todas nós já passamos por isso! Nós nos *solidarizamos!* É só uma situação horrível — começou a Loura de Corte Chanel com a prancheta. — Ele vê muita TV? Descobri que se você diminuir o tempo de...

— Ele nunca machucou ninguém — repetiu Jane.

Deu as costas e foi embora.

—

Thea: Então, na semana anterior à noite do concurso de perguntas, Jane abordou Trish e Fiona quando elas estavam tendo uma conversa particular. Disseram que o comportamento dela foi simplesmente bizarro, a ponto de até se perguntarem se Jane tinha algum... *problema mental.*

—

Jane chegou ao parquinho com uma estranha sensação de calma. Talvez precisasse seguir o exemplo de Madeline. Chega de evitar confronto. Vá decidida até os seus críticos e lhes diga sem rodeios o que você pensa.

Uma menina do primeiro ano passou por ela.

— Vou comer um enroladinho de salsicha de almoço hoje.

— Sortuda — disse Jane.

Essa era uma das coisas de que ela mais gostava quando passeava pelo parquinho da escola: a inocência com que as crianças conversavam, desatando a falar sobre o que lhes passasse pela cabeça na hora.

— Eu não devia comer enroladinho de salsicha porque não é sexta-feira, mas hoje de manhã meu irmãozinho foi picado por uma abelha, e ficou gritando, então minha irmã quebrou um copo, e minha mãe disse: “Vocês estão me deixando maluca!” — A menininha pôs as mãos na cabeça para demonstrar. — E aí mamãe falou que eu podia comprar meu almoço na cantina só hoje, mas nada de suco. Só que eu ainda podia comer um biscoito de bonequinho de gengibre, mas não o com chocolate. Você sabia que as abelhas morrem depois que picam uma pessoa?

— Sabia — respondeu Jane. — É a última coisa que elas fazem.

— Jane! — A Srta. Barnes se aproximou, carregando um cesto cheio de fantasias. — Obrigada por vir hoje!

— Hã. De nada — disse ela.

Vinha fazendo aquilo toda segunda-feira de manhã desde o início do ano.

— Quer dizer, apesar de tudo, sabe. — A Srta. Barnes fez uma careta e apoiou o cesto no quadril. Chegou mais perto de Jane e baixou a voz. — Eu não soube mais nada sobre essa petição. A Sra. Lipmann anda dizendo aos pais envolvidos que quer que isso seja cancelado. E nomeou para a minha turma uma professora auxiliar exclusivamente para observar as crianças, em especial Amabella e Ziggy.

— Que ótimo — disse Jane. — Mas tenho quase certeza de que a petição continua circulando.

Podia sentir olhares fixos nela e na Srta. Barnes vindo de cada canto do parquinho. Parecia que todos os pais estavam observando disfarçadamente a conversa delas. Ser famoso devia ser assim.

A Srta. Barnes suspirou.

— Vi que você deixou Ziggy em casa sexta-feira. Espero que não esteja se sentindo intimidada por essas táticas.

— Alguns pais estão dizendo aos filhos que eles estão proibidos de brincar com Ziggy — contou Jane.

— Minha nossa.

— É, então comecei uma petição também — disse ela. — Quero que todas essas crianças que se recusam a brincar com Ziggy sejam suspensas.

Por um momento, a Srta. Barnes pareceu horrorizada. Depois jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

—

Harper: Enquanto a escola diz que está levando a situação a sério, a gente vê Jane e a Srta. Barnes no parquinho morrendo de rir! Sinceramente, isso me deixou danada da vida. Foi na mesma manhã da agressão, e vou usar a palavra “agressão”, sim.

Samantha: *Agressão.* Me poupe.

A leitura com os pais era feita no parquinho. Naquele dia, Jane estava no Canto da Tartaruga, assim chamado por causa da tartaruga de concreto gigantesca que ficava no meio da areia. Havia espaço para um adulto e uma criança se sentarem confortavelmente juntos no pescoço da tartaruga, e a Srta. Barnes fornecera almofadas e uma manta para os dois colocarem nos joelhos.

Jane adorava ouvir as crianças lerem: observá-las franzir a testa enquanto pronunciavam uma palavra, suas expressões triunfantes quando desvendavam as sílabas, suas gargalhadas súbitas por causa da história e suas observações aleatórias e originais sobre a trama. Sentar-se em uma tartaruga com o sol batendo no rosto, a areia sob os pés e o mar brilhando no horizonte a fazia se sentir de férias. A Escola Pública de Pirriwee era uma escolinha mágica, quase dos sonhos, e a ideia de tirar Ziggy dali e ter que recomeçar em outro lugar sem um Canto da Tartaruga ou uma Srta. Barnes a enchia de pesar e rancor.

— Linda leitura, Max! — elogiou Jane, olhando de novo para ter certeza de que era mesmo Max e não Josh que tinha acabado de ler *A surpresa de aniversário do macaco*.

Madeline lhe contara que o truque para diferenciar os meninos de Celeste era procurar por uma marca de nascença em formato de morango na testa de Max. “Eu penso nele como Max Marcado”, dissera Madeline.

— Você leu com *uma ótima entonação*, Max — comentou Jane, embora não tivesse tanta certeza disso. Os pais eram instruídos a tentar encontrar algo específico para elogiar depois de cada criança ler.

— É — disse Max tranquilamente. Deslizou do pescoço da tartaruga, sentou-se de pernas cruzadas na areia e começou a cavar.

— Max — chamou Jane.

O menino suspirou de um jeito teatral, levantou-se de um pulo e de repente voltou correndo para a sala de aula, movendo os braços e as pernas de forma engraçada, como um personagem de desenho

animado correndo para salvar a própria pele. Ambos os gêmeos corriam mais do que Jane julgara possível para uma criança de cinco anos.

Jane riscou o nome dele e olhou para ver quem a Srta. Barnes estava mandando em seguida. Era Amabella. Max quase esbarrou com ela quando a menina atravessava o parquinho em direção à Jane, cabisbaixa com aqueles cabelos encaracolados, o livro na mão.

— Oi, Amabella! — cumprimentou Jane animadamente. *Sua mãe e as amigas dela estão fazendo uma petição para que Ziggy seja suspenso porque acham que ele está machucando você, meu amor! Então será que poderia me contar o que realmente está acontecendo?*

Ela passara a gostar de Amabella desde que começara a ouvir as leituras naquele ano. Era uma menininha tranquila com um rosto sério e angelical e era impossível não gostar dela. As duas tiveram algumas conversas interessantes sobre os livros que liam juntas.

Claro que não diria uma palavra a Amabella sobre o que estava acontecendo com Ziggy. Seria inadequado. Seria errado.

Claro que não diria.

—

Samantha: Não me entenda mal, eu adoro a Srta. Barnes, e todo mundo que passa seus dias lidando com crianças de cinco anos merece uma medalha, mas acho que deixar Amabella ler para Jane naquele dia pode não ter sido a coisa mais sensata do mundo.

Srta. Barnes: Foi um erro. Eu sou humana. Cometo erros. Isso se chama erro humano. Esses pais parecem achar que eu sou uma máquina e eles podem exigir um reembolso cada vez que uma professora comete um erro. E, olha, não quero falar mal de Jane... mas ela estava errada naquele dia também.

—

Amabella estava lendo para Jane um livro sobre o sistema solar. Era o livro de mais alto nível para crianças do jardim de infância e, como sempre, Amabella o leu com fluência, com uma entonação impecável. A única maneira que Jane achava que poderia contribuir com alguma coisa para Amabella era interrompendo e lhe fazendo algumas perguntas levantadas pelo livro, mas Jane estava achando difícil demonstrar qualquer interesse pelo sistema solar. Só conseguia pensar em Ziggy.

— Como você acha que seria morar em Marte? — perguntou, por fim.

Amabella levantou a cabeça.

— Isso seria impossível, porque não dá para respirar a atmosfera, tem muito dióxido de carbono e é muito frio.

— Muito bem — disse Jane, embora na verdade ela tivesse que procurar no Google para ter certeza. Era possível que Amabella já fosse mais inteligente que ela.

— E seria também muito solitário — continuou Amabella após um instante.

Por que uma menininha inteligente como ela não contava a verdade? Se tinha sido Ziggy, por que ela simplesmente não dizia? Por que não dedurá-lo? Era muito estranho. Crianças normalmente davam com a língua nos dentes.

— Querida, você sabe que sou a mãe do Ziggy, não sabe? — perguntou ela.

Amabella fez que sim, como se fosse uma coisa muito óbvia.

— Ziggy anda machucando você? Porque, se anda, quero saber, e prometo que não vou deixar que ele faça uma coisa dessas nunca mais.

Os olhos da menina marejaram na mesma hora. Seu lábio inferior tremeu. Ela baixou a cabeça.

— Amabella — disse Jane. — Foi o Ziggy?

Ela disse algo que Jane não entendeu.

— O que foi? — perguntou Jane.

— Não foi... — começou Amabella, mas seu rosto se franziu. Ela começou a chorar para valer.

— Não foi o Ziggy? — insistiu Jane, cheia de uma esperança desesperada. Sentia um desejo irresistível de sacudir a criança, de exigir que a menina dissesse logo a verdade. — Foi isso que você disse? Não foi ele?

— Amabella! Amabella, *querida*! — Harper estava parada na beira da areia, abraçando uma caixa de laranjas para a cantina. Tinha um lenço branco amarrado tão apertado no pescoço que parecia estar sendo estrangulada, uma impressão intensificada pelo fato de que seu rosto comprido e caído estava vermelho de raiva. — O que houve?

Ela largou a caixa no chão e foi até as duas na areia.

— Amabella! — exclamou. — O que está acontecendo?

Era como se Jane não estivesse ali, ou como se ela fosse outra criança.

— Está tudo bem, Harper — disse Jane com frieza. Envolveu Amabella com o braço e apontou para trás de Harper. — Suas laranjas estão rolando para tudo quanto é lado.

O Canto da Tartaruga ficava no alto de um pequeno aclave, e a caixa de Harper tinha virado. Uma cascata de laranjas deslizava pelo parquinho até onde Stu ouvia outra criança ler perto do Muro da

Estrela do Mar.

Os olhos de Harper permaneciam fixos em Amabella, ignorando Jane de forma tão deliberada que chegava a ser ridículo, só que também era extremamente grosseiro.

— Venha comigo, Amabella. — Harper estendeu a mão.

A menina fungou. Secreção escorria do nariz dela para dentro da boca daquele jeito nojento próprio das crianças de cinco anos.

— Eu estou aqui, Harper! — disse Jane enquanto tirava um pacote de lenços de papel do bolso da jaqueta. Era exasperante. Se houvesse tido só mais um minuto com Amabella, poderia ter conseguido extrair alguma informação da menina. Segurou o lenço de papel no nariz dela. — Assoe, Amabella.

Obediente, a garota assoou o nariz. Harper finalmente olhou para Jane.

— É óbvio que você estava perturbando a menina! O que andou dizendo a ela?

— Nada! — disse Jane, irritada, e a culpa que sentia por ter tido vontade de sacudir Amabella só a deixou mais irritada ainda. — Por que você não vai colher mais algumas assinaturas para a sua petiçãozinha nojenta?

Harper elevou o tom de voz e gritou:

— Ah, sim, boa ideia, e deixar você aqui fazendo bullying com uma garotinha indefesa! Tal mãe, tal filho.

Jane levantou-se da tartaruga e chutou a areia com a bota, conseguindo por um triz se impedir de jogá-la na cara de Harper.

— Não se atreva a falar do meu filho!

— Não me *chute*! — gritou Harper.

— Eu não chutei você! — berrou Jane em resposta, surpreendendo-se com o volume de sua voz.

— Que diabo...?

Era Stu, vestindo seu macacão azul de encanador, as mãos cheias das laranjas que estava resgatando do parquinho. O garotinho que andara lendo para ele estava parado ao seu lado, uma laranja em cada mão, observando com olhos arregalados a gritaria das duas mães.

Nesse momento, ouviu-se um uivo estridente quando Carol Quigley, saindo apressada da sala de música com um desinfetante em riste, escorregou em uma laranja e caiu sentada como em um pastelão.

—

Carol: Quase quebrei o cóccix, aliás.

Gabrielle: Quando dou por mim, Harper está acusando Jane de agredir-la no Canto da Tartaruga, o que parece improvável.

Stu: Harper fez um escândalo. Ela não estava com cara de que tinha sido agredida. Não sei. Eu havia acabado de receber uma ligação sobre um cano estourado. Não tinha tempo para cuidar de duas mães se atracando na areia.

Thea: E foi aí que alguns dos pais decidiram dar queixa na Secretaria de Educação.

Jonathan: ...o que obviamente deixou a pobre Sra. Lipmann histérica. Acho que era aniversário dela também. Coitada.

Sra. Lipmann: Vou dizer uma coisa: não podíamos ter suspenso Ziggy Chapman. A única vez que ele foi acusado de praticar bullying foi no dia da orientação, quando ainda nem era aluno. Depois disso, foram apenas conjecturas da parte dos pais. Não tenho ideia se era meu aniversário. Isso não é relevante.

Srta. Barnes: Aqueles pais estavam malucos. Como podíamos ter suspenso Ziggy? Ele era um excelente aluno. Não tinha nenhum problema de comportamento. Nunca tive que colocá-lo na cadeira triste. Na verdade, não me lembro nem de ter lhe dado uma bolinha vermelha! E certamente ele nunca recebeu um cartão amarelo. Que dirá um branco.

A VÉSPERA DA NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

Madeline trabalhava às sextas-feiras, o que significava que quase sempre faltava à reunião da escola nas manhãs de sexta. Ed normalmente aparecia se uma das crianças estava se apresentando ou recebendo um prêmio de mérito. Naquele dia, porém, Chloe implorara

para que Madeline fosse, pois a turma do jardim de infância apresentaria “O crocodilo e o dentista”, e a filha tinha uma fala.

Além disso, a turma de Fred faria uma apresentação de flauta doce pela primeira vez. Iam tocar “Parabéns pra você” para a Sra. Lipmann, o que seria uma experiência penosa para todos os envolvidos. (Imaginava-se que a diretora talvez estivesse fazendo sessenta anos, mas ninguém podia confirmar nem negar o boato.)

Madeline havia decidido ir à reunião e compensar na segunda-feira à tarde, algo que ela em geral não conseguia fazer porque precisava sair no horário para levar Abigail ao treino de basquete enquanto Ed levava os pequenos para a natação.

— Abigail provavelmente não precisa mais ir ao treino de basquete — disse ela a Ed quando saltaram do carro com seus cafés para viagem. Depois de deixar as crianças na escola, eles deram um pulo no Blue Blues, onde Tom estava se esbaldando graças a todos os pais da Escola Pública de Pirriwee que precisavam de cafeína para suportar uma apresenta o de flauta doce. — Nathan deve ser o novo treinador dela.

Ed riu com cautela, provavelmente receando que ela começasse outra diatribe sobre o cancelamento do professor particular de matemática. Seu marido era um homem paciente, mas Madeline notara uma expressão vidrada nele quando ela ficou falando — por um bom tempo, tinha que admitir — sobre a dificuldade de Abigail com  lgebra e o fato de Nathan nunca ter estado l  para ajudar a filha com os deveres de matemática e portanto não saber até que ponto ela era ruim na matéria. E sim, era verdade que Nathan sempre fora bom em matemática, mas isso não significava que ele podia *dar aulas*, e assim por diante.

— Joy mandou um e-mail hoje de manhã — disse Ed ao trancar o carro. Joy era a editora do jornal local. — Ela quer que eu faça uma matéria sobre o que está acontecendo na escola.

— O quê? Sobre a noite do concurso de perguntas? — perguntou Madeline sem interesse.

Ed sempre escrevia pequenos artigos para o jornal local sobre eventos que a escola realizava para arrecadar fundos. Ela viu Perry e Celeste atravessando a rua para entrar na escola. Estavam de mãos dadas, como o casal apaixonado e maravilhoso que eram. Perry ia andando ligeiramente à frente, como se estivesse protegendo a esposa do tráfego.

— Não — respondeu Ed, com cuidado. — Sobre o bullying. A peti o. Joy diz que “bullying”   uma questão pol mica.

— Você não pode escrever sobre isso!

Madeline parou de repente no meio da rua.

— Saia do meio da rua, sua idiota. — Ed agarrou o braço dela

quando um carro veio a toda da direção da praia. — Um dia vou acabar escrevendo sobre uma tragédia nessa rua.

— Não escreva o artigo, Ed — pediu Madeline. — É muito ruim para a reputação da escola.

— Eu ainda sou jornalista, sabe — disse ele.

Fazia três anos que Ed abrira mão de um emprego estressante e importante com um horário mais puxado e um salário muito melhor no *The Australian* para Madeline poder voltar a trabalhar e os dois conseguirem dividir as responsabilidades como pais. E ele nunca reclamara da natureza intrinsecamente serena do trabalho em um jornal local, ficando feliz de escapar para gincanas, campeonatos de surfe e celebrações de cem anos do lar de idosos local. (O ar marítimo parecia manter seus residentes bem-conservados.) Aquela era a primeira vez que ele fazia qualquer alusão à possibilidade de não estar totalmente satisfeito.

— É uma reportagem válida — afirmou.

— Não é uma reportagem válida! — disse Madeline. — *Você sabe* que não é uma reportagem válida!

— O que não é uma reportagem válida? Bom dia, Ed. Madeline, prazer em ver vocês.

Eles haviam alcançado Perry e Celeste. Ele estava de gravata e um terno italiano bem-cortado feito sob medida, que valia mais que o guarda-roupa inteiro de Ed, pelos cálculos de Madeline, incluindo o próprio guarda-roupa. Ela conseguiu acariciar com a ponta dos dedos o tecido macio da manga quando Perry se inclinou para lhe dar um beijo e sentiu o aroma de sua loção pós-barba.

Perguntou-se como seria ser casada com um homem tão bem-vestido. Se fosse ela, curtiria todas aquelas texturas e cores, a maciez das gravatas, o frescor das camisas. Claro que Celeste, que não ligava muito para roupas, provavelmente nem reparava na diferença entre Perry e Ed, que estava todo amarrotado e com a barba por fazer, com aquele casaco velho verde-oliva cheirando a mofo por cima da camiseta. Ao ver os dois homens conversando, no entanto, ela sentiu uma súbita onda de afeição por Ed, embora naquele mesmo minuto estivesse irritada com ele. Tinha algo a ver com o jeito receptivo e interessado com que ele ouvia Perry, e com seu queixo com a barba despontando, em contraste com a mandíbula lisa de Perry.

Sim. Ela preferia mil vezes beijar Ed. Então, que sorte.

— Estamos atrasados? Deixamos os meninos primeiro na área de desembarque porque não tinha onde estacionar — disse Celeste daquele seu jeito nervoso e preocupado. — Os dois estão muito empolgados porque Perry veio vê-los recitar o poema.

— Não estamos atrasados — afirmou Madeline.

Ela se perguntava se Celeste dissera alguma coisa ao marido sobre a

possibilidade de seu primo ser o pai de Ziggy. Ela já teria contado a Ed a essa altura.

— Você viu Jane? — perguntou Celeste, como se tivesse lido seus pensamentos.

Perry e Ed tinham passado a frente delas.

— Você contou a ele...? — Madeline baixou a voz e indicou com a cabeça as costas de Perry.

— Não! — sibilou Celeste. Estava com uma expressão quase apavorada.

— Enfim, Jane não está aqui — disse Madeline. — Lembra, ela tinha aquilo com aquela coisa. — Celeste não pareceu entender. Madeline falou mais baixo: — Você sabe. A consulta.

Jane fizera as duas jurar guardar segredo sobre a consulta com a psicóloga que marcara para Ziggy. “Se as pessoas souberem que vou levá-lo a uma psicóloga, vão pensar que isso é a prova de que ele está fazendo alguma coisa errada.”

— Ah, sim, claro. — Celeste tamborilou o dedo na testa. — Esqueci.

Perry diminuiu o passo para Madeline e Celeste poderem alcançá-los.

— Então, Ed acabou de me contar sobre essa polêmica do bullying — disse Perry. — É a filha de Renata Klein? A pobrezinha que está sofrendo bullying? — Ele se dirigiu a Madeline: — Conheço Renata mais ou menos por causa do trabalho.

— É mesmo? — retrucou Madeline, embora já soubesse disso por Celeste. Era sempre uma política mais segura não deixar os maridos saberem exatamente a quantidade de informações que suas mulheres compartilhavam.

— Eu devo assinar essa petição se Renata me pedir? — perguntou Perry.

Madeline se empertigou, pronta para batalhar por Jane, mas Celeste falou primeiro:

— Perry, se você assinar essa petição, eu saio de casa.

Madeline riu, admirada e constrangida. Estava óbvio que era para ser uma brincadeira, mas havia alguma coisa errada no tom de voz de Celeste. Ela parecia estar falando absolutamente sério.

— Está avisado, parceiro! — disse Ed.

— Estou mesmo — disse Perry, passando o braço em volta de Celeste e pressionando os lábios em sua cabeça. — A chefe falou.

Mas Celeste não sorriu.

Para: TODOS OS PAIS

De: SEU COMITÊ SOCIAL

A tão esperada NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

AUDREY E ELVIS começa amanhã na sala de reunião da escola às 19 horas! Ponham a cabeça para funcionar e se preparem para uma noite de alegria e diversão! AGRADECEMOS ao pai do segundo ano, Brett Larson, que será nosso mestre de cerimônias da noite. Brett anda preparando perguntas difíceis para nos deixar alertas!

Dedos cruzados para que a previsão do tempo esteja errada (90 por cento de possibilidade de chuva. Mas, ora, o que eles sabem?) e poderemos curtir os coquetéis e canapés em nossa bela varanda antes de a noite começar.

AGRADECEMOS também a todos os nossos patrocinadores. Os prêmios da rifa incluem uma TRAVESSA DE FRIOS gentilmente doada por nossos amigos do Carnes Perfeitas de Pirriwee, um delicioso CAFÉ DA MANHÃ PARA DUAS PESSOAS no BLUE BLUES (nós te amamos, TOM!) e uma LAVAGEM E ESCOVA no HAIRWAY TO HEAVEN! UAU!

Lembrem-se: todo o dinheiro arrecadado vai ser destinado à compra de quadros interativos para a educação de nossos filhinhos!

Abraços do seu Comitê Social,

Fiona, Grace, Edwina, Rowena, Harper, Holly e Helen!

P.S.: A Sra. Lipmann lembra a todos para terem consideração com nossos vizinhos e fazer o mínimo de barulho quando estivermos saindo.

Samantha: Eu estava observando as crianças do jardim recitarem um poema na reunião da escola na véspera da noite do concurso de perguntas e reparei que todas as apoiadoras de Renata estavam de um lado e todas as apoiadoras de Madeline, do outro, exatamente como em um casamento. Ri um pouquinho sozinha.

As reuniões da Escola Pública de Pirriwee sempre demoravam muito a começar e a terminar, mas ninguém podia reclamar da localização.

A sala de reunião da escola ficava no segundo andar do prédio e em um dos lados, por toda a extensão da parede, havia uma enorme varanda, com grandes portas de vidro que revelavam uma belíssima vista para o mar. Naquele dia, todas as portas de vidro estavam abertas, permitindo que o ar frio do outono circulasse pelo salão. (O ambiente ficava, sim, um pouco abafado quando as portas estavam fechadas, com todos os peidos da criançada, o perfume das Louras de Corte Chanel e a água-de-colônia usada generosamente por seus maridos.)

Madeline olhou para a vista e tentou pensar em coisas alegres. Sentia-se só um pouquinho irritada, o que significava que o auge da TPM seria no dia seguinte. Era melhor ninguém contrariá-la na noite do concurso de perguntas.

— Oi, Madeline — cumprimentou Bonnie. — Oi, Ed.

Ela sentou-se na cadeira vaga no corredor ao lado de Madeline, trazendo consigo um aroma forte de patchouli.

Madeline sentiu a mão de Ed pousar de um jeito discreto e reconfortante em seu joelho.

— Oi, Bonnie — disse Madeline, cansada, olhando por cima do ombro. Aquela era realmente a única cadeira vaga na sala? — Como vai?

— Muito bem — respondeu ela, puxando a trança por cima do ombro hippie branquelo marcado por pequenas pintas escuras. Até o ombro de Bonnie parecia estranho a Madeline.

— Você não está com *frio*? — perguntou Madeline, tremendo.

Bonnie usava uma regata e calça de ioga.

— Acabei de dar uma aula de bikram ioga — explicou Bonnie.

— É a que faz suar, não é? — disse Madeline. — Você não parece suada.

— Tomei uma ducha. Mas a minha temperatura interna continua alta.

— Você vai pegar um resfriado — comentou Madeline.

— Não vou, não — retrucou Bonnie.

— Vai, sim — insistiu ela. Podia sentir Ed ao seu lado contendo o riso. Ela mudou de assunto enquanto ainda tinha a última palavra. — Nathan não veio?

— Ele teve que trabalhar. Falei que provavelmente não ia perder muita coisa. Skye está com tanto medo de se apresentar que deve se esconder atrás das outras crianças. — Bonnie sorriu para Madeline. — Diferente da sua Chloe.

— Diferente da minha Chloe — concordou Madeline.

Pelo menos você nunca vai poder tirar Chloe de mim do jeito que tirou Abigail.

Chegava a lhe parecer uma afronta aquela *estranha* saber o que sua filha tinha comido de café da manhã e ela não. Embora já conhecesse Bonnie havia anos, apesar de as duas já terem tido centenas de conversas civilizadas, a moça ainda não parecia uma pessoa de verdade. Passava a Madeline a impressão de ser uma caricatura. Era impossível imaginá-la fazendo qualquer coisa normal. Será que havia dias em que era ranzinza? Em que gritava? Morria de rir? Comia demais? Exagerava na bebida? Gritava para alguém lhe trazer papel higiênico? Perdia a chave do carro? Será que nunca agia como um ser humano normal? Será que em algum momento ela parava de falar com aquela voz cantada e arrastada de professora de ioga?

— Sinto muito por Nathan não ter lhe contado sobre o cancelamento do professor particular de matemática — comentou Bonnie.

Aqui não, sua idiota. Não vamos tocar em assuntos de família cercadas de mães com ouvidos atentos.

— Eu disse a Nathan que temos que aprender a nos comunicar melhor — prosseguiu Bonnie. — Isso é um processo.

— É — concordou Madeline.

Ed aumentou minimamente a pressão da sua mão no joelho dela. Madeline olhou para ele, e depois para Perry e Celeste do outro lado, para ver se conseguiria puxar papo com outra pessoa, mas o casal

estava conferindo alguma coisa no celular de Celeste, rindo, as cabeças unidas como namorados adolescentes. O estranhamento entre eles por causa da assinatura da petição obviamente não fora nada.

Ela olhou para a frente, onde ainda havia agitação e gritaria na sala, com as crianças sendo solicitadas a fazer o favor de se sentar, as professoras mexendo no equipamento de som e as Louras de Corte Chanel correndo de um lado para outro, parecendo muito envolvidas e importantes como acontecia toda sexta-feira de manhã.

— Abigail está realmente desenvolvendo uma consciência social — disse Bonnie. — É incrível de ver. Você sabia que ela está trabalhando em um projeto de caridade, mas não conta qual é?

— Desde que a consciência social não atrapalhe as notas dela na escola — retrucou Madeline em um tom antipático, estabelecendo-se com firmeza como a mãe detestável e misantrópica. — Ela quer fazer fisioterapia. Andei falando com Samantha sobre isso. A mãe de Lily. Ela diz que Abigail precisa saber matemática.

— Na verdade, acho que ela não quer mais fazer fisioterapia — contou Bonnie. — Parece que está desenvolvendo um interesse por trabalho social. Acho que daria uma ótima assistente social.

— Ela daria uma péssima assistente social! — retrucou Madeline. — Não é severa o suficiente. Ela se mataria tentando ajudar as pessoas e se envolveria demais na vida delas... e, meu Deus, essa seria uma péssima carreira para Abigail.

— Você acha? — questionou Bonnie em seu tom sonhador. — Ah, bem, não há pressa nenhuma de decidir qualquer coisa agora, não é mesmo? Ela provavelmente vai mudar de ideia dezenas de vezes antes de se decidir.

Madeline podia se ouvir respirando pela boca, como se estivesse em trabalho de parto. Bonnie estava tentando transformar Abigail em alguém que ela não era, que não poderia ser. Não sobraria nada da verdadeira Abigail. A filha de Madeline seria uma estranha para ela.

A Sra. Lipmann encaminhou-se com elegância para o palco e postou-se em silêncio na frente do microfone, as mãos entrelaçadas, sorrindo com benevolência enquanto aguardava sua presença régia ser notada. Uma Loura de Corte Chanel foi correndo até o palco e mexeu em algo importante no microfone antes de se retirar em um passo também apressado. Enquanto isso, uma professora do sexto ano começou a bater palmas em um ritmo contagiante que tinha poderes mágicos e hipnóticos sobre as crianças, fazendo imediatamente com que elas parassem de falar, olhassem para a frente e comesçassem a bater palmas no mesmo ritmo. (Isso não funcionava em casa. Madeline já havia tentado.)

— Ah! — disse Bonnie, quando o volume das palmas aumentou e a Sra. Lipmann levantou as mãos pedindo silêncio. Ela se inclinou e

falou no ouvido de Madeline, o hálito doce e recendendo a hortelã. — Quase esqueci. Nós adorariíamos ter você, Ed e as crianças lá em casa para o aniversário de quinze anos de Abigail quinta-feira que vem! Eu sei que ela adoraria ter a família toda reunida. Você acha que seria muito constrangedor?

Constrangedor? Você está brincando, Bonnie? Seria maravilhoso, fenomenal! Madeline seria uma *convidada* no jantar de aniversário de quinze anos da filha. Não a anfitriã. Uma convidada. Nathan lhe ofereceria bebidas. Quando fossem embora, Abigail não viria no carro com eles. Ficaria lá. Sua filha ficaria porque lá era a casa dela.

— Ótimo! O que devo levar? — murmurou ela em resposta, enquanto colocava a mão no braço de Ed e apertava com força.

No fim das contas ter uma conversa com Bonnie era igualzinho a estar em trabalho de parto: a dor sempre podia aumentar muito, muito mais.

— Ziggy é um menininho encantador — disse a psicóloga. — Muito articulado, seguro e amável. — Sorriu para Jane. — Manifestou preocupação com a minha saúde. É o primeiro paciente esta semana que notou que estou resfriada.

A psicóloga assoou o nariz ruidosamente como se para demonstrar estar de fato resfriada. Jane observou com impaciência. Ela não era tão boa quanto Ziggy. Não queria nem saber do resfriado da mulher.

— Então, hã, você não acha que ele pratica bullying escondido? — perguntou Jane com um sorrisinho para mostrar que estava meio que brincando, só que obviamente não estava. Por isso eles tinham ido até ali. Por isso ela estava pagando a consulta caríssima.

As duas olharam para Ziggy, que estava brincando em uma sala envidraçada contígua à sala da psicóloga, onde ele presumivelmente não podia ouvi-las. Enquanto observavam, o menino pegou uma boneca de pano, um brinquedo para uma criança muito menor. *Imagine se Ziggy de repente bate nela*, pensou Jane. *Seria bastante conclusivo. Criança finge se preocupar com resfriado da psicóloga e depois espanca brinquedos.* Mas Ziggy limitou-se a olhar para a boneca, depois a pôs de volta no lugar, sem ver que não a colocara direito e a boneca havia escorregado para o chão, provando apenas que ele era patologicamente bagunceiro.

— Não — respondeu a psicóloga. Ficou um instante calada, o nariz se franzindo.

— Você vai me contar o que ele falou, não vai? — disse Jane. — Não tem aquele acordo de confidencialidade com cliente/paciente, tem?

— Atchim! — A psicóloga deu um espirro enorme.

— Saúde — disse Jane com impaciência.

— O sigilo sobre os pacientes só começa a valer quando eles completam quatorze anos — contou a psicóloga, fungando —, que é quando nos contam todo tipo de coisa que gostaríamos de dividir com os pais deles, entende o que quero dizer? Estão fazendo sexo, se drogando, e assim por diante!

Sim, sim, gente pequena, problemas pequenos.

— Jane, eu não acho que Ziggy faça bullying — afirmou a psicóloga. Ela uniu as pontas dos dedos virados para cima e tocou a parte externa das narinas. — Discuti o incidente que você mencionou no dia da orientação, e ele deixou muito claro que não foi ele. Eu ficaria muito surpresa se ele estiver mentindo. Se estiver mesmo, então ele é o melhor mentiroso que eu já vi. E, francamente, Ziggy não demonstra nenhum dos sinais clássicos da personalidade de um praticante de bullying. Ele não é narcisista. Sem dúvida nenhuma tem empatia e sensibilidade.

Lágrimas de alívio entupiram o nariz de Jane.

— A menos que ele seja um psicopata, é claro — acrescentou a psicóloga em tom alegre.

Como assim, porra?

— Nesse caso ele poderia estar fingindo empatia. Os psicopatas muitas vezes são muito simpáticos. Mas... — Ela tornou a espirrar. — Puxa vida — disse, assoando o nariz. — Pensei que estivesse melhorando.

— Mas — incitou Jane, consciente de não estar demonstrando empatia alguma.

— Mas não acho isso — disse a psicóloga. — Não acho que ele seja um psicopata. Eu definitivamente gostaria de ter mais uma consulta com ele. Em breve. Acho que está sofrendo de muita ansiedade. E que tem muita coisa que ele não me contou hoje. E não me surpreenderia se o próprio Ziggy estivesse sofrendo bullying na escola.

— Ziggy? — perguntou Jane. — Sofrendo bullying?

Ela sentiu uma onda de calor, como se estivesse com febre. Seu corpo pipocava com tanta energia.

— Posso estar errada — disse a psicóloga, fungando. — Mas não me surpreenderia. O meu palpite é que seja verbal. Talvez uma criança inteligente tenha descoberto o ponto fraco dele. — Ela pegou um lenço de papel da caixa em sua mesa. Deu um pequeno espirro. — E Ziggy e eu falamos sobre o pai dele.

— O pai dele? — Jane foi pega de surpresa. — Mas o que...

— Ele está muito ansioso em relação ao pai. Acha que poderia ser um Stormtrooper, ou talvez Jabba, o Hutt, ou, a pior das hipóteses — a psicóloga não conseguiu conter um grande sorriso —, Darth Vader.

— Você não está falando sério — disse Jane. Ela estava de certa forma mortificada. Tinha sido o filho de Madeline quem fizera Ziggy gostar de *Star Wars*. — Ele não está falando sério.

— As crianças muitas vezes misturam realidade e fantasia — afirmou a psicóloga. — Ele tem só cinco anos. Tudo é possível no mundo de uma criança. Ainda acredita em Papai Noel e na Fada do Dente. Por que Darth Vader não poderia ser o pai dele? Mas acho que isso nos diz que de alguma forma ele captou a ideia de que o pai é

alguém assustador e misterioso.

— Achei que eu tivesse me saído melhor — comentou Jane.

— Perguntei se falava muito sobre o pai com você, e ele disse que sim, mas sabe que isso a incomoda. Ele foi bem firme comigo. — Ela olhou para suas anotações e tornou a erguer os olhos. — Disse: “Cuidado se você estiver falando com a mamãe sobre o meu pai, porque ela fica com uma cara engraçada.”

Jane pressionou a palma da mão no peito.

— Você está bem? — perguntou a psicóloga.

— Estou com uma cara engraçada? — retrucou Jane.

— Um pouquinho — disse a psicóloga. Ela se inclinou à frente e lançou para Jane aquele olhar compreensivo como se estivessem tendo uma conversa de mulher para mulher em um bar. — Suponho que o pai de Ziggy não fosse exatamente um bom sujeito?

— Não exatamente.

Perry levou Celeste de carro para casa depois da reunião.

— Você tem tempo de parar para tomar um café? — perguntou ela.

— Seria melhor não — disse Perry. — Tenho bastante coisa para fazer.

Ela olhou para o perfil do marido. Ele parecia bem, focado no dia que tinha pela frente. Sabia que ele havia gostado de ter ido na primeira reunião da escola, de ser um dos pais ali, de usar seu uniforme corporativo em um ambiente não corporativo. Ele curtia aquele papel de pai, saboreava-o, até, como as conversas com Ed em um tom ligeiramente irônico de dois pais se divertindo com a situação.

Eles haviam rido dos meninos correndo pelo palco, com a fantasia verde de crocodilo. Max usava a cabeça, e Josh, o rabo. Às vezes o crocodilo parecia correr o risco de ser rasgado ao meio quando eles iam para lados opostos. Antes de deixarem a escola, Perry tirara uma foto dos meninos usando a roupa na varanda em frente à sala, com o mar ao fundo. Depois, pedira a Ed para tirar uma foto dos quatro: os meninos olhando por baixo da fantasia, Perry e Celeste agachados ao lado deles. Logo estaria no Facebook. Celeste o vira mexendo no celular enquanto eles voltavam para o carro. Qual seria a legenda? *Nascem dois astros! Os meninos arrasaram no papel de um crocodilo assustador!* Algo assim.

— A gente se vê na noite do concurso de perguntas! — exclamaram todos uns para os outros ao se despedir naquele dia.

Sim, Perry estava de bom humor. As coisas ficariam bem. Ainda não houvera tensão nenhuma desde que ele voltara da última viagem.

Mas ela vira o lampejo de raiva quando fizera aquele comentário em relação a sair de casa se ele assinasse a petição que pedia a suspensão de Ziggy. Ela pretendia fazer uma piada, mas sabia que acabara não parecendo uma, e que isso o tinha constrangido na frente de Madeline e Ed, de quem ele gostava e a quem admirava.

O que dera nela? devia ser o apartamento. Já estava quase todo mobiliado, e, por isso, a possibilidade de sair de casa estava sempre

presente, a pergunta sempre ali: *Vou ou não vou? Claro que vou, tenho que ir. Claro que não vou.* Na véspera, quando passara no apartamento, ela até arrumara as camas com lençóis novos, sentindo um prazer estranho e tranquilizador com a tarefa, arrumara as cobertas com perfeição, deixando cada cama com um aspecto convidativo, tornando aquilo possível. Porém, no meio da noite passada, acordara na própria cama, com o braço de Perry pesado em sua cintura, o ventilador de teto girando preguiçosamente do jeito que seu marido gostava, e de repente pensou nas camas arrumadas e ficara apavorada como se tivesse se lembrado de um crime. Que traição ao seu marido! Ela alugara e mobiliara outro apartamento. Que coisa *doida*, sorrateira, maldosa e complacente de se fazer.

Talvez a ameaça de largar Perry tenha sido feita porque ela queria confessar aquilo. Não conseguia suportar o fardo de seu segredo.

Claro, era também porque a ideia de Perry, ou qualquer pessoa, assinando aquela petição a deixava furiosa, mas *especialmente* Perry. Ele tinha uma dívida com Jane. Uma dívida de família pelo que seu primo havia feito. (*Pode ter feito*, ela ficava lembrando a si mesma. Não tinham certeza. E se Jane tivesse ouvido mal os nomes? Poderia ser *Stephen Banks*, não *Saxon Banks*.)

Ziggy poderia ser filho do primo de Perry. Ele lhe devia no mínimo a sua lealdade.

Jane era amiga de Celeste, e, mesmo se não fosse, nenhuma criança de cinco anos merecia ter uma comunidade dando início a uma caça às bruxas contra ela.

Perry não entrou com o carro na garagem, parando no acesso de veículos na frente da casa. Celeste entendeu que aquilo significava que ele não iria entrar.

— Vejo você hoje à noite — disse ela, inclinando-se para beijá-lo.

— Na verdade, preciso entrar para pegar uma coisa na minha mesa — disse ele, abrindo a porta do carro.

Então ela sentiu. Era como um cheiro ou uma mudança no ar. Tinha alguma coisa a ver com a posição dos ombros dele, seu olhar vazio e brilhante e a secura na garganta dela.

Ele abriu a porta para Celeste e deixou-a entrar primeiro em casa.

— Perry — apressou-se em dizer, virando-se enquanto ele fechava a porta.

Mas nesse momento ele a agarrou pelos cabelos, torcendo-os às suas costas e puxando com força, uma força tão espantosa que a dor se irradiou pelo couro cabeludo e seus olhos marejaram com lágrimas instantâneas, involuntárias.

— Se algum dia me envergonhar assim de novo, eu mato você, eu mato você, porra. — Ele apertou mais. — Como se atreve. Como se atreve.

Ele soltou.

— Desculpe — disse ela. — Desculpe mesmo.

Mas ela não deve ter falado direito, porque ele se adiantou devagar e pegou seu rosto nas mãos do jeito que fazia quando ia beijá-la com ternura.

— Grande coisa — retrucou ele, e bateu a cabeça dela na parede.

A intencionalidade fria do gesto foi tão chocante e surreal quanto a primeira vez que ele lhe batera. Celeste sentiu uma dor profundamente íntima, como se estivesse de coração partido.

O mundo balançou como se ela estivesse bêbada.

Deslizou para o chão.

Teve ânsias uma vez, mais outra, mas não vomitou. Só tinha ânsias. Nunca vomitava.

Ouviu os passos dele se afastando pelo corredor, e se encolheu em posição fetal, as mãos entrelaçadas na parte de trás da cabeça que latejava horivelmente. Pensou nos meninos quando eles se machucavam, o jeito como soluçavam: *Está doendo, mamãe, está doendo muito.*

— Sente-se — disse Perry. — Amor. Sente-se.

Ele se agachou ao lado dela, colocou-a sentada e delicadamente apoiou na parte de trás da cabeça dela uma bolsa de gelo enrolada em um pano de prato.

Quando o frio abençoado começou a fazer efeito, ela virou a cabeça e analisou o rosto dele através da visão embaçada. Estava lívido, com olheiras arroxeadas. Ele parecia abatido, como se estivesse sendo devastado por uma doença terrível. Soluçou uma vez. Um ruído grotesco, desesperado, como um animal pego por uma armadilha.

Ela se deixou cair para a frente, no ombro dele, e os dois ficaram balançando juntos no lustroso piso preto de nogueira, sob o teto de catedral da casa.

Madeline sempre dissera que morar e trabalhar em Pirriwee era como viver em uma cidadezinha do interior. Ela adorava sobretudo aquele sentimento de comunidade — exceto, é claro, naqueles dias em que a TPM a tinha sob seu jugo perverso, e ela desejava poder andar pelo shopping sem ver ninguém sorrindo, acenando e sendo tão infernalmente simpático. Todas as pessoas se conheciam em Pirriwee, de várias maneiras, por meio da escola ou do clube de surfe, dos times esportivos de que as crianças faziam parte, da academia, do cabeleireiro e assim por diante.

Isso significava que quando sentou-se à sua mesa na salinha atravancada do Teatro de Pirriwee e deu um telefonema rápido para o jornal local para tentar conseguir de última hora um quarto de página na edição da semana seguinte (eles precisavam urgentemente de mais alunos para a aula de teatro da pré-escola para ajudar a arrecadar algum dinheiro), ela não estava apenas ligando para Lorraine, a representante comercial. Estava ligando para *Lorraine*, que tinha uma filha, Petra, na mesma série que Abigail, e um filho no quarto ano na Escola Pública de Pirriwee, e era casada com Alec, dono da loja de bebidas local que jogava futebol com Ed em um clube para maiores de quarenta.

Não seria um telefonema rápido, porque ela e Lorraine não se falavam fazia tempo. Madeline se deu conta disso enquanto o telefone chamava, e quase desligou e enviou um e-mail em vez disso — tinha muito o que fazer e já estava quase atrasada para a reunião na escola. No entanto, só um bate-papo rápido com Lorraine seria bom, e, sim, queria saber o que ela tinha ouvido sobre a petição e tudo o mais, mas, por outro lado, Lorraine às vezes não parava de falar, e...

— Lorraine Edgely!

Tarde demais.

— Oi, Lorraine — cumprimentou. — É Madeline.

— *Querida!* — Lorraine, na verdade, deveria trabalhar no teatro, não no jornal. Falava sempre naquele tom teatral.

— Como vai?

— Ah, meu Deus, a gente tinha que ir tomar um café! Precisamos ir tomar um café! Temos muita coisa para falar — insistiu Lorraine. Baixou tanto a voz que quase não dava para ouvir. Trabalhava em uma sala cheia de gente. — Tenho fofocas quentes. Tenho fofocas quentíssimas.

— Conte logo — pediu Madeline alegremente, recostando-se na cadeira e descansando os pés. — Agora mesmo.

— Tudo bem, vou dar uma dica — disse Lorraine. — *Parlez-vous anglais?*

— Sim, eu falo inglês.

— Isso é tudo o que eu sei dizer em francês. É um assunto francês.

— Um assunto francês? — repetiu Madeline, confusa.

— Sim, e hã... Diz respeito a nossa amiga Renata.

— Tem alguma coisa a ver com a petição? Porque espero que você não tenha assinado, Lorraine. Amabella nem acusa Ziggy de ser quem anda machucando ela, e a escola agora está monitorando a turma todo santo dia.

— É, achei a petição meio dramática. Apesar de ter ouvido falar que a mãe do garoto fez Amabella chorar e depois deu um chute em Harper na areia, acho que toda história tem dois lados... mas não, isso não tem nada a ver com a petição, Madeline. Estou falando de um assunto *francês*.

— A babá — adivinhou ela com um lampejo de inspiração. — É isso que você quer dizer? Juliette? O que tem ela? Aparentemente, esse bullying anda rolando há séculos e Juliette nem...

— Sim, sim, é dela que estou falando, mas esqueça a petição! É, hã, como posso dizer isso? Tem a ver com o marido da nossa amiga em comum.

— E a babá.

— Exatamente.

— Não estou enten... *Não*. — Madeline tornou a pôr os pés no chão e se sentou com as costas retas. — Você está falando sério? *Geoff* e a *babá*? — Era impossível não sentir uma onda de prazer diante daquela notícia sensacionalista. Geoff, barrigudo, certinho, virtuoso, observador de aves e a jovem babá francesa. Era um clichê tão terrivelmente maravilhoso. — Eles estão tendo um caso?

— Sim. Igualzinho a Romeu e Julieta. Só que é, você sabe, Geoff e Juliette — disse Lorraine, que pelo visto tinha perdido as esperanças de esconder dos colegas os detalhes de sua conversa.

Madeline sentiu um ligeiro mal-estar, como se tivesse acabado de se entupir de algo enjoativamente doce que lhe fazia mal.

— Que horror. Que coisa terrível. — Ela rogava praga para Renata, mas não lhe desejava uma coisa dessas. A única mulher que merecia

um marido galinha era uma esposa galinha. — Renata sabe?

— Parece que não — respondeu Lorraine. — Mas está confirmado. Geoff contou a Andrew Faraday no squash, e Andrew contou a Shane, que contou a Alex. Homem adora uma fofoca.

— Alguém tem que contar a ela — disse Madeline.

— Bem, *eu* é que não vou — retrucou Lorraine. — Toda aquela história de matar o mensageiro e tal.

— Não pode ser *eu* — disse. — Sou a última pessoa de quem ela devia ouvir isso.

— Só não conte a ninguém — pediu Lorraine. — Prometi a Alex que não ia abrir a boca sobre isso.

— Certo — disse Madeline.

Sem dúvida aquele babado fortíssimo estava correndo pela península como uma bolinha de *pinball*, repicando de amiga em amiga, de marido em mulher, e logo acertaria Renata na cara, justo quando a coitada achava que a coisa mais estressante na sua vida era o bullying que sua filha sofria na escola.

— Parece que a pequena Juliette quer levá-lo para conhecer os pais dela na França — contou Lorraine, falando com sotaque francês. — Uh lá lá.

— Ah, chega, Lorraine! — disse Madeline, ríspida. — Não tem graça. Não quero ouvir mais sobre isso. — Foi uma reação totalmente injusta, considerando como ela tinha se deliciado ao ouvir a fofoca para início de conversa.

— Desculpe, querida — pediu Lorraine, sem se perturbar. — O que posso fazer por você, afinal?

Conseguiu a reserva. Lorraine tratou disso com sua eficiência habitual e Madeline desejou ter se limitado a lhe mandar um e-mail.

— Então nos vemos sábado à noite — afirmou Lorraine.

— Sábado à noite? Ah, claro, o concurso de perguntas — disse Madeline, em um tom carinhoso para compensar sua rispidez anterior. — Estou contando as horas. Comprei até um vestido.

— Não me admira nada — disse Lorraine. — Eu vou de Elvis. Não tem regra nenhuma dizendo que as mulheres precisam ir de Audrey e os homens, de Elvis.

Madeline riu, voltando a gostar de Lorraine, cuja gargalhada estridente daria o tom para uma noite divertida.

— A gente se vê então — disse Lorraine. — Ah, olha! Que negócio de caridade é esse que Abigail está fazendo?

— Não sei direito — confessou Madeline. — Ela está arrecadando dinheiro para a Anistia Internacional fazer alguma coisa. Quem sabe uma rifa? Aliás, eu devia avisar a ela que, para fazer rifa, precisa de uma licença.

— Humm — disse Lorraine.

— O quê? — perguntou Madeline.

— Humm.

— *O quê?* — Madeline rodou a cadeira giratória e esbarrou o cotovelo em uma pasta de papel manilha no canto da mesa. Pegou-a justo a tempo. — O que foi?

— Não sei — respondeu Lorraine. — Petra só mencionou algo sobre esse projeto de Abigail, e tive a impressão de que havia alguma coisa esquisita naquilo. Petra ficou rindo de um jeito bobo que me irritou e fazendo umas referências misteriosas sobre as outras meninas não aprovarem o que Abigail estava fazendo, mas *Petra* aprovava, o que não é um grande aval. Desculpe, estou sendo um pouco vaga. Só que o meu instinto maternal ficou meio, sabe, uén, uén, uén. — Ela imitou uma sirene.

Madeline se lembrou então daquele comentário estranho que alguém tinha feito na foto de Abigail no Facebook. Ela esquecera completamente porque andara distraída com sua raiva por causa do cancelamento do professor particular de matemática.

— Eu vou descobrir — disse. — Obrigada pelo aviso.

— Não deve ser nada. *Au revoir*, amor. — Lorraine desligou.

Madeline pegou o celular e mandou uma mensagem para Abigail: *Ligue para mim assim que receber isso. Bj, mãe*

A filha estava na escola no momento, e os alunos não deviam olhar o celular antes do fim da última aula.

Paciência, disse ela a si mesma ao colocar novamente as mãos no teclado. *Certo. E agora?* Os cartazes para promover *Rei Lear* no mês seguinte. Ninguém em Pirriwee queria ver o louco *Rei Lear* cambaleando pelo palco. As pessoas queriam comédias contemporâneas. Já tinham dramas shakespearianos suficientes nas próprias vidas no parquinho da escola e no campo de futebol. Mas a chefe de Madeline insistia. A venda de ingressos seria pífia, e ela sutilmente responsabilizaria o marketing de Madeline. Acontecia todos os anos.

Ela tornou a olhar para o celular. Abigail provavelmente a faria esperar até a noite para ligar.

— Mais cortante que o dente de uma serpente é a ingratidão de um filho, *Abigail*.

(Ela podia citar longos trechos de *Rei Lear*, graças a ter que ouvir tantas vezes o elenco ensaiando.)

O telefone tocou, assustando-a. Era Nathan.

— Não fique brava — pediu ele.

As relações violentas tendem a ficar mais violentas com o passar do tempo.

Será que ela havia lido isso em alguma das pastas de documentos, ou era só algo que Susi dissera com aquela voz tranquila e imparcial?

Celeste estava deitada de lado na cama, abraçando o travesseiro e olhando pela janela. Perry havia aberto a cortina para ela ver o mar.

“Vamos poder ficar deitados vendo o mar”, exultara ele na primeira vez que visitaram a casa, e o corretor esperto dissera: “Vou deixar vocês olharem sozinhos”, porque, obviamente, a casa falava por si. Perry parecera uma criança naquele dia, uma criança empolgada correndo por uma casa nova, e não um homem prestes a gastar milhões em uma “propriedade exclusiva com vista para o mar”. Sua empolgação quase a assustara. Era muito palpável e otimista. Ela tivera razão em ser supersticiosa. Eles sem dúvida ainda iam se dar mal. Celeste estava com quatorze semanas de gravidez na época, enjoada e inchada, sempre com um gosto metálico na boca, e se recusava a acreditar na gravidez. Mas Perry estava cheio de esperanças, como se a casa nova fosse de alguma maneira garantir que a gravidez desse certo, porque: “Imagine só! Que vida uma criança vai ter morando perto assim da praia!” Isso fora antes de ele sequer ter levantado a voz para ela, quando concebê-lo batendo nela teria sido impossível, inadmissível, ridículo.

Mesmo assim ela ainda estava muito chocada.

Aquilo tinha sido simplesmente muito, muito... surpreendente.

Ela se esforçara tanto para transmitir a Susi a profundidade de seu choque, mas algo lhe dizia que todos os pacientes da terapeuta sentiam-se do mesmo jeito. (“Mas, entende, para nós, isso é realmente surpreendente!”, ela queria dizer.)

— Mais chá?

Perry estava parado à porta do quarto. Continuava com a roupa do trabalho, mas tirara o paletó e a gravata e dobrara as mangas da camisa até os cotovelos.

— Tenho que ir ao escritório à tarde, mas vou trabalhar de casa hoje de manhã para ter certeza de que você está bem — disse ele depois de tê-la ajudado a se levantar do chão do corredor, como se ela tivesse escorregado sozinha, ou sentido uma tonteira.

Ele ligara para Madeline, sem consultar Celeste, e perguntara se ela se incomodaria de buscar os meninos na escola naquele dia. “Celeste está passando mal”, ela o ouvira dizer, e a preocupação e a compaixão em sua voz eram tão reais, tão sinceras, que parecia que ele realmente acreditava que ela tivesse caído de cama de repente por causa de uma doença misteriosa. Talvez ele acreditasse nisso, sim.

— Não, obrigada — respondeu ela.

Ela olhou para o rosto bonito e solícito do marido, piscou e viu o rosto dele junto ao dela, zombando: “Grande coisa”, antes de bater a cabeça dela na parede.

Muito surpreendente.

O médico e o monstro.

Qual deles era o monstro? Ela não sabia. Fechou os olhos. A bolsa de gelo ajudara, mas a dor se acomodara em um certo nível e permanecera, como se fosse sempre estar ali: uma área sensível, latejante. Quando a tocava com a ponta dos dedos, esperava encontrar a textura de um tomate carnudo.

— Hum, está bem. Avise se precisar de alguma coisa.

Ela quase riu.

— Pode deixar — disse.

Ele saiu, e Celeste fechou os olhos. Ela o *envergonhara*. Será que ele ficaria envergonhado se ela realmente o largasse? Será que se sentiria humilhado se o mundo soubesse que os seus posts no Facebook não contavam a história toda?

“Você precisa tomar certos cuidados. O período mais perigoso para uma mulher que sofre agressão é depois que ela termina o relacionamento”, dissera Susi a Celeste mais de uma vez na última sessão, como se estivesse esperando uma reação que a paciente não lhe mostrava.

Celeste nunca levava o aviso a sério. Até então, achava que tudo se resumia a tomar a decisão de sair de casa, de ficar ou ir, como se ir embora fosse colocar um ponto final em sua história.

Ela era delirante. Uma tola.

Se Perry tivesse sentido apenas um pouco mais de raiva, ele teria batido mais uma vez a cabeça dela na parede. Teria batido com mais força. Poderia tê-la matado, e depois teria se ajoelhado e aninhado seu corpo, chorando, gritando e sentindo-se muito infeliz e com pena de si mesmo. Mas e daí? Ela estaria morta. Ele nunca poderia fazer as pazes com ela. Seus filhos não teriam mãe, e apesar de Perry ser um pai maravilhoso, não lhes dava frutas o suficiente, sempre se esquecia de

escovar os dentes deles, e Celeste queria vê-los crescer.

Se ela o largasse, ele provavelmente a mataria.

Se ela ficasse, e os dois continuassem daquele jeito, ele provavelmente acabaria encontrando algo que o deixaria irritado a ponto de matá-la.

Não havia saída. Um apartamento com camas bem-feitas não era um plano de fuga. Era uma piada.

Mas era tão *surpreendente* que o homem bonito e preocupado que acabara de lhe oferecer uma xícara de chá e estava trabalhando no computador no outro cômodo, e que viria correndo se ela o chamasse, que a amava do fundo do seu coração estranho, provavelmente fosse matá-la.

— Abigail criou um site — começou Nathan.

— Tudo bem — disse Madeline.

Ela tinha se levantado da escrivaninha, como se tivesse que ir a algum lugar, naquele instante. Para a escola? O hospital? A cadeia? O que poderia ter de tão grave em um site?

— É para arrecadar fundos para a Anistia Internacional — contou Nathan. — Está bastante profissional. Tenho dado uma ajuda a ela com esse curso de web design que está fazendo na escola, mas obviamente eu não... hã... sim, bem, eu não esperava por isso.

— Não estou entendendo. Qual é o problema? — perguntou Madeline com rispidez. Não era do feitio de Nathan ver problema onde não havia. Ele era mais propenso a não enxergar o problema que estava na cara dele.

Nathan pigarreou. Falou com uma voz contida:

— Não é o fim do mundo, mas sem dúvida não é o ideal.

— *Nathan!* — Madeline bateu o pé de desespero.

— Tudo bem — cedeu ele. Começou a falar bem rápido: — Abigail está leiloando a própria virgindade para conscientizar as pessoas do casamento infantil e da escravidão sexual. Ela diz, hã, que “se o mundo não faz nada enquanto uma menina de sete anos é vendida para sexo, então o mundo não devia se scandalizar se uma garota branca e privilegiada de quatorze anos se vende para sexo”. Todo o dinheiro arrecadado vai para a Anistia Internacional. Ela escreveu “privilegiada” errado.

Madeline voltou a se afundar na cadeira. Ai, calamidade.

— Me dê o endereço — pediu Madeline. — O site está no ar? Você está me dizendo que o site está no ar agora?

— Sim — disse Nathan. — Acho que foi para o ar ontem de manhã. Não entre. Por favor, não entre. O problema é que ela não o configurou para moderar os comentários, e, naturalmente, os *trolls* da internet estão frenéticos.

— Me dê o endereço agora.

— Não.

— *Nathan, me dê o endereço agora!* — Ela tornou a bater o pé, quase

chorando de frustração.

É

www.compreminhavirgindadeparaimpedircasamentoinfantileescravidaõosexu

— Que maravilha — disse Madeline enquanto digitava o endereço com as mãos trêmulas. — Isso vai atrair um tipo maravilhoso de pessoas caridosas. Nossa filha é uma idiota. Nós criamos uma idiota. Ah, espere, você não a criou. Eu a criei. Eu criei uma idiota. — Fez uma pausa. — Ai, meu Deus.

— Você acessou o site? — perguntou Nathan.

— Sim — respondeu Madeline.

Era um site de aparência profissional, o que o tornava de alguma maneira pior, mais real, mais oficial, como se o direito de um estranho comprar a virgindade de Abigail tivesse sido endossado oficialmente. A página trazia a foto dela fazendo aquela posição de ioga que Madeline vira no Facebook. Vista no contexto de “compre a minha virgindade”, a imagem adquiria uma sexualidade sinistra: o cabelo caindo no ombro, as pernas e os braços longilíneos, os seios pequenos perfeitos. Os homens estavam vendo a foto da sua filha na tela do computador e pensando em fazer sexo com ela.

— Acho que vou vomitar — comentou ela.

— Eu sei.

Madeline respirou fundo e analisou o site com seu olho profissional de marketing e relações públicas. Junto da foto de Abigail, havia também imagens do site da Anistia Internacional sobre casamento infantil e escravidão sexual. Abigail provavelmente usara as fotos sem pedir permissão. A cópia era boa. Direta. Persuasiva. Comovente sem ser exagerada. À parte o erro de ortografia na palavra “privilegiada” e a premissa completamente errada, era tudo muito impressionante para uma menina de quatorze anos.

— Isso é permitido por lei? — perguntou ela após um instante. — Deve ser ilegal uma menor de idade vender a virgindade.

— Seria ilegal alguém comprar — disse Nathan. Dava para perceber que ele estava falando com os dentes trincados.

Por um momento, Madeline ficou desorientada ao se dar conta de que estava falando com *Nathan*. Devia ter achado inconscientemente que estava falando com Ed, porque nunca tivera que discutir qualquer problema complicado com Nathan sobre a criação da filha. Ela ditava as regras e ele as seguia. Os dois não trabalhavam em equipe.

Mas, ao mesmo tempo, ocorreu-lhe que, se fosse Ed, não seria a mesma coisa. Ed ficaria horrorizado de pensar em um homem comprando a virgindade de Abigail, é claro, mas não sentiria a agonia visceral de Nathan. Se fosse Chloe, aí sim. Mas havia aquela distância sutil no relacionamento de Ed e Abigail, a distância que Madeline sempre negara e sua filha, no entanto, sempre sentira.

Ela clicou na seção de “lances e doações”. Abigail a configurara para que as pessoas deixassem comentários e registrassem seus “lances”.

As palavras flutuaram na frente dela.

Quanto é uma suruba?

Dá para chupar meu pau por 20 dólares? A qualquer hora, em qualquer lugar.

Ei, bonitinha, eu como essa sua xoxota apertadinha de graça.

Madeline se afastou da mesa, com um gosto horrível na boca.

— Como a gente tira esse site do ar agora? Você sabe tirar isso do ar?

Ela ficou feliz ao perceber que não se descontrolara, que estava falando como se aquilo fosse uma crise no trabalho, como um panfleto que precisasse ser reimpresso, um erro no site do teatro. Nathan entendia de tecnologia. Ele devia saber o que fazer. Mas quando ela fechou a janela de comentários e viu de novo a foto de Abigail, sua filha inocente, ridícula e equivocada — homens vis estavam pensando e dizendo coisas vis sobre a *filhinha* dela —, sua raiva aumentou absurdamente no fundo do estômago e irrompeu da sua boca.

— Como isso foi acontecer? Por que você e Bonnie não estavam de olho no que ela estava fazendo? Resolva isso. Agora mesmo!

—

Harper: Alguém lhe contou sobre o que aconteceu com a filha de Madeline? Quer dizer, odeio falar isso, mas como eu disse a Renata na época, quando ela estava jantando na minha casa: “Ora, isso não aconteceria em uma escola particular.” Não estou dizendo que haja alguma coisa errada com escolas públicas de ensino médio, só acho que na escola particular nossos filhos tendem a se relacionar com pessoas de uma classe melhor.

Samantha: Essa Harper se acha. Claro que isso poderia acontecer em uma escola particular. E as intenções de Abigail eram muito nobres! Garotas de quatorze anos são burras demais, só isso. Coitada da Madeline. Ela culpou Nathan e Bonnie, embora eu não tenha certeza se isso foi justo.

Bonnie: Sim, Madeline nos culpou. Eu aceito a culpa. Abigail estava sob a minha responsabilidade na época. Mas isso não teve nada a ver com a tragédia. Absolutamente nada.

Após a consulta com a psicóloga, Jane foi de carro com Ziggy até a praia tomar um chá no Blue Blues antes de levá-lo para a escola.

— O prato do dia hoje é panqueca de maçã com manteiga de limão apimentado — disse Tom. — Acho que você devia provar. Por conta da casa.

— Por conta da casa? — estranhou Ziggy.

— De graça — explicou Jane. Ela olhou para Tom. — Mas acho que a gente devia pagar.

Tom vivia lhe dando comida. Isso já estava ficando constrangedor. Jane se perguntava se de alguma maneira ele havia ficado com a impressão de que ela passava necessidade.

— Depois a gente resolve isso — disse Tom, abanando a mão, o que significava que não aceitaria dinheiro nenhum dela, por mais que insistisse.

Ele entrou na cozinha.

Ela e Ziggy viraram o rosto para olhar o mar. Um ventinho frio soprava e o mar estava com um aspecto alegre, com pequenas ondas brancas dançando no horizonte. Jane aspirou os maravilhosos aromas do Blue Blues e sentiu uma nostalgia profunda, como se a decisão já tivesse sido tomada e ela e o filho definitivamente fossem se mudar.

O prazo para a renovação do contrato de aluguel do seu apartamento vencia em duas semanas. Ela podia se mudar para algum lugar completamente novo, colocar Ziggy em outra escola, os dois podiam começar a vida nova com suas reputações incólumes. Mesmo se a psicóloga tivesse razão e Ziggy estivesse mesmo sendo vítima de bullying, não havia como Jane fazer a escola considerar essa possibilidade. Pareceria um movimento estratégico, como se ela estivesse invertendo a acusação. *Me acuse e eu acuso vocês de volta*. De qualquer maneira, como eles poderiam continuar em uma escola em que os pais estavam fazendo uma petição para eles saírem? Tudo ficara muito complicado. As pessoas provavelmente achavam que ela havia atacado Harper na areia e maltratado Amabella. Ela *fizera*

Amabella chorar, e sentia-se péssima por isso. A única solução era sair da escola. Era o melhor a se fazer. O melhor para os dois.

Talvez tivesse sido inevitável que sua temporada em Pirriwee terminasse de forma tão desastrosa. Suas verdadeiras e inconfessadas razões para ter se mudado para lá eram tão particulares, tão confusas e esquisitas que ela nem podia se permitir articulá-las direito.

Mas talvez se mudar para Pirriwee de fato tivesse sido um passo estranho e necessário em algum processo, porque algo se curara nos últimos meses. Mesmo com a confusão e preocupação por causa de Ziggy e das outras mães, seus sentimentos por Saxon Banks haviam sofrido uma mudança sutil. Ela sentia que passara a conseguir vê-lo com clareza. Saxon Banks não era um monstro. Era só um homem. Simplesmente um mau caráter nojento comum. Havia aos montes por aí. Era preferível não dormir com eles. Mas ela tinha dormido. E pronto. Ziggy estava ali. Talvez só Saxon Banks tivesse o esperma necessário para superar os problemas de fertilidade dela. Talvez ele realmente fosse o único homem no mundo que pudesse ter lhe dado um filho, e talvez ela conseguisse encontrar uma maneira justa e equilibrada de falar sobre ele para que Ziggy parasse de achar que seu pai era uma espécie de supervilão sinistro.

— Ziggy — começou ela —, você gostaria de se mudar para outra escola, onde talvez pudesse fazer novos amigos?

— Não — respondeu o menino. Ele estava com um jeito atrevido, esquisito e irreverente naquele momento. Nada ansioso. Será que a psicóloga sabia do que estava falando?

O que Madeline dizia sempre? “Criança é muito estranha e volúvel.”

— Ah — disse Jane. — Por quê? Você estava muito chateado um dia desses quando aquelas crianças disseram que estavam... sabe... proibidas de brincar com você.

— É — disse Ziggy animadamente. — Mas tenho vários outros amigos que podem brincar comigo, como Chloe e Fred. Ele está no segundo ano, mas mesmo assim é meu amigo, porque nós dois gostamos de *Star Wars*. E tenho outros amigos também. Como Harrison, Amabella e Henry.

— Você disse *Amabella*? — perguntou Jane.

Ele nunca havia realmente comentado que brincava com Amabella, o que fora parte do motivo pelo qual parecia tão improvável que ele fizesse maldades com ela. Jane achava que os dois faziam parte de grupos diferentes, por assim dizer.

— Amabella também gosta de *Star Wars* — contou Ziggy. — Ela sabe tudo da saga porque lê superbem. Então não brincamos de verdade, mas às vezes, se estou cansado de correr, nos sentamos juntos embaixo da Árvore do Dragão Marinho e ficamos conversando

sobre *Star Wars*.

— Amabella Klein? A Amabella do jardim de infância? — insistiu Jane.

— É, a Amabella! Só que as professoras não deixam mais a gente conversar. — Ziggy suspirou.

— Bem, é porque os pais dela acham que você anda machucando a filha deles — disse Jane com uma ponta de exasperação.

— Não sou eu que machuco ela — retrucou Ziggy, escorregando metade do corpo na cadeira do jeito profundamente irritante que garotinhos daquela idade faziam. (Ela ficara aliviada ao ver Fred fazer exatamente a mesma coisa.)

— Sente-se direito — disse Jane, ríspida.

Ele obedeceu e suspirou de novo.

— Estou com fome. Acha que as minhas panquecas vão chegar logo? — Ele espichou o pescoço para olhar a cozinha às suas costas.

Jane analisou-o. As palavras que ele acabara de dizer finalmente foram assimiladas. *Não sou eu que machuco ela.*

— Ziggy — chamou Jane. Ela já lhe havia feito essa pergunta? *Alguém* já lhe havia feito essa pergunta? Ou será que todo mundo só ficava repetindo: “Foi você, Ziggy? Foi você?”

— O quê?

— Você sabe quem anda machucando Amabella?

Ele fechou a cara no mesmo instante.

— Não quero falar sobre isso. — Seu lábio inferior tremia.

— Mas só me responda, querido, você sabe?

— Eu prometi — disse Ziggy, baixinho.

Jane se inclinou para a frente.

— Prometeu o quê?

— Prometi à Amabella que nunca contaria a ninguém. Ela disse que se eu contasse a alguém, provavelmente seria morta.

— Morta — repetiu Jane.

— *Sim!* — exclamou Ziggy, exaltado. Seus olhos marejaram.

Jane tamborilou os dedos. Sabia que ele queria lhe contar.

— E se — começou ela, devagar —, e se você escrevesse o nome? — O menino franziu a testa. Piscou, afastando as lágrimas. — Porque assim você não estaria quebrando sua promessa à Amabella. Não é igual a me contar. E eu *prometo* que a Amabella não vai ser morta.

— Hummm. — Ziggy considerou a hipótese.

Jane tirou um bloco de anotações e uma caneta da bolsa e empurrou-os para ele.

— Você consegue escrever o nome? Ou só tentar escrever.

Era o que ensinavam a eles na escola. A “tentar” desenvolver a habilidade de escrever.

Ziggy pegou a caneta, e depois se virou para trás, distraído pela

porta do café que se abria. Duas pessoas entraram: uma mulher com um corte chanel louro e um homem de negócios qualquer. (Todos os homens de meia-idade grisalhos de terno pareciam praticamente iguais para Jane.)

— Aquela é a mãe da Emily J — disse Ziggy.

Harper. Jane sentiu-se corar ao se lembrar do incidente vergonhoso na areia, quando aquela mulher a acusara de agressão. Recebera um telefonema tenso da Sra. Lipmann naquela noite, avisando-a que uma mãe havia feito uma reclamação formal contra Jane e sugerindo que ela “fosse discreta, por assim dizer, até aquela difícil questão ser resolvida”.

Harper olhou em sua direção, e Jane sentiu o coração disparar, como se estivesse com um medo horrível. *Pelo amor de Deus, ela não vai matar você*, pensou. Era muito estranho estar em um estado de conflito intenso com uma pessoa que mal conhecia. Jane passara a maior parte da vida adulta evitando confrontos. Ela ficava espantada por Madeline *gostar* desse tipo de coisa e realmente ir atrás da briga. Era horrível: embaraçoso, constrangedor e angustiante.

O marido de Harper deu um breve toque na campainha sobre o balcão — *ding!* — para chamar Tom na cozinha. O local não estava movimentado. Havia uma mulher com uma criancinha no canto direito e dois homens vestindo macacões azuis respingados de tinta comendo pãezinhos com ovo e bacon.

Jane viu Harper cutucar o marido e falar alguma coisa no ouvido dele, que olhou para Jane e Ziggy.

Ai, meu Deus. Ele estava indo na sua direção.

Tinha uma daquelas barrigas de chope duras que carregava com orgulho, como se fosse uma medalha de honra.

— Olá — disse ele a Jane, estendendo a mão. — Jane, não é? Sou Graeme, pai da Emily.

Jane o cumprimentou. Ele apertou sua mão apenas com força suficiente para lhe indicar que estava decidindo não aumentar a pressão.

— Olá — disse ela. — Esse é Ziggy.

— Bom dia, amigo.

Os olhos de Graeme moveram-se rapidamente para o menino, mas logo voltaram para ela.

— Por favor, deixe para lá, Graeme — pediu Harper, que se colocara ao lado dele. Ignorou Jane e Ziggy de um jeito pensado. Igual ao dia na areia, no parquinho da escola, quando ela fizera aquela coisa esquisita de “evitar contato visual a qualquer custo”.

— Olhe, *Jane* — começou Graeme. — É claro que não quero falar muito na frente do seu filho, mas entendo que você está envolvida em algum tipo de confusão com a escola e nem quero saber todos os

detalhes, e, francamente, não estou muito interessado, mas me deixe lhe dizer o seguinte, *Jane*.

Ele colocou as mãos na mesa e se debruçou. Foi um gesto tão calculado e intimidante que chegava a ser cômico. Jane ergueu o queixo. Ela precisava engolir, mas não queria que ele a visse fazendo isso com nervosismo. Dava para ver as rugas profundas em volta dos olhos dele. Uma pequena pinta ao lado do nariz. Ele estava fazendo aquele gesto feio de projetar os dentes como certos tipos de homens tatuados e sem camisa costumavam fazer quando gritavam com os repórteres nos canais de TV sensacionalistas.

— Decidimos não envolver a polícia dessa vez, mas se eu souber que você chegou perto da minha mulher de novo, vou arranjar uma ordem judicial contra você, *Jane*, sua espertinha, porque não vou aturar esse tipo de coisa. Sou sócio de um escritório de advocacia e vou fazer todo o peso da lei cair no seu...

— Você tem que ir embora agora.

Era Tom, trazendo as panquecas. Ele deixou o prato na mesa de Jane e delicadamente pôs a mão em concha na nuca de Ziggy.

— Ah, Tom, me desculpe, a gente só está... — alvoroçou-se Harper.

As mães da Escola Pública de Pirriwee eram viciadas no café de Tom e o tratavam como se fosse um traficante de drogas adorado.

Graeme se endireitou e ajeitou a gravata.

— Está tudo bem aqui, cara.

— Não — disse Tom. — Não está. Não vou aceitar você incomodando meus clientes. Eu gostaria que se retirasse agora mesmo.

— Os dentes de Tom não se projetavam, mas sua mandíbula estava cerrada.

Graeme bateu o punho fechado, com os dedos para baixo, na mesa de Jane.

— Olhe, legalmente, cara, acho que você não tem o direito de...

— Não quero aconselhamento jurídico — disse Tom. — Estou pedindo para você se retirar.

— Tom, me desculpe — pediu Harper. — A gente não tinha intenção de...

— Tenho certeza de que vou ver vocês outra hora — disse Tom. Foi até a porta e abriu-a. — Mas hoje não.

— Ótimo — disse Graeme. Ele se virou, com o dedo quase tocando o nariz de Jane. — Lembre-se do que eu disse, mocinha, porque...

— Saia antes que eu bote você para fora — insistiu Tom, perigosamente tranquilo.

Graeme se endireitou. Olhou para Tom.

— Você acaba de perder um cliente — disse ao sair pela porta atrás da mulher.

— Espero que sim — confessou Tom.

Deixou a porta se fechar, virou-se e olhou para os clientes.

— Desculpem pela cena.

Um dos homens de macacão bateu palmas.

— Boa, parceiro!

A mulher com a criancinha olhou curiosa para Jane. Ziggy se virou na cadeira para ver pelas portas de vidro Harper e Graeme andando depressa na calçada, depois deu de ombros, pegou o garfo e começou a comer as panquecas com entusiasmo.

Tom foi até Jane e se agachou ao lado dela, o braço nas costas de sua cadeira.

— Você está bem?

Jane respirou fundo, ofegando. Tom tinha um cheiro bom. Estava sempre com aquele cheirinho limpo característico porque ia surfar duas vezes ao dia, e depois tomava um banho quente demorado. (Ela sabia disso porque uma vez ele lhe contara que ficava embaixo da água quente, lembrando as melhores ondas que tinha acabado de pegar.) Ocorreu a Jane que ela amava Tom, assim como amava Madeline e Celeste, e que sair de Pirriwee partiria seu coração, mas era impossível ficar. Ela fizera belas amizades ali, mas também arranjara inimigos. Não havia futuro para ela naquele lugar.

— Eu estou bem — disse. — Obrigada. Obrigada por isso.

— Com licença! Ih, meu Deus, me desculpe!

A criancinha tinha acabado de derramar seu *babycino* no chão e estava chorando.

Tom pôs a mão no braço de Jane.

— Não deixe Ziggy comer todas essas panquecas. — Levantou-se e foi ajudar a mulher dizendo: — Está tudo bem, amiguinho, vou buscar outro para você.

Jane pegou o garfo e comeu um pedaço da panqueca de maçã. Fechou os olhos.

— Humm.

Um dia Tom ia fazer um homem de sorte extremamente feliz.

— Eu escrevi — disse Ziggy.

— Escreveu o quê?

Jane usou o garfo para cortar mais uma beirada da panqueca. Estava tentando não pensar no marido de Harper. No modo como ele tinha se debruçado em cima dela. As táticas de intimidação dele eram ridículas, mas haviam funcionado. Ela ficara intimidada. E estava envergonhada. Será que merecera aquilo? Por ter chutado areia em Harper? Mas ela não dera um chute *em* Harper! Tinha certeza de que não havia encostado nela. Mas, ainda assim, perdera as estribeiras. Agira mal, Harper fora para casa perturbada, e tinha um marido amoroso e superprotetor que ficara irritado pelo que fizeram com ela.

— O nome — disse Ziggy, empurrando o bloco para ela. — O nome

de quem faz maldade com Amabella.

Samantha: Então parece que o marido de Harper não a deixa mais ir ao Blue Blues. Eu falei: “Harper, não estamos mais em 1950! O seu marido não pode proibir você de entrar em um café!” Mas ela disse que ele consideraria isso uma traição. Puta que pariu. Eu trairia Stu pelo café do Tom. Eu mataria por aquele café! Mas não sou a assassina, se é isso que você está pensando. Acho que café não estava envolvido no caso.

Jane pousou o garfo e puxou o bloco para perto.

Ziggy rabiscara quatro letras na página. Umas eram enormes. Outras, minúsculas.

M a K s.

— Maks — disse Jane. — Não tem ninguém chamado... — Ela parou. Ai, calamidade. — Você quer dizer *Max*?

Ziggy fez que sim com a cabeça.

— O gêmeo mau.

— São duas horas. Vou sair para a minha reunião agora — disse Perry. — Madeline vai buscar as crianças. Estarei de volta lá pelas quatro, então mantenha eles na frente da TV até eu voltar para casa. Como você está se sentindo?

Celeste olhou para o marido.

Era mesmo um tipo de loucura. A forma como ele era capaz de agir. Como se ela estivesse de cama com uma enxaqueca violenta. Como se aquilo não tivesse nada a ver com ele. Quanto mais o tempo passava, menos angustiado ele parecia. Sua culpa ia se diluindo aos poucos. Seu corpo a metabolizava, como se fosse álcool. E Celeste era conivente com a loucura dele. Ela a aceitava. Estava agindo como se estivesse doente. Deixando que ele cuidasse dela.

Os dois eram malucos.

— Estou bem — respondeu ela.

Ele tinha acabado de lhe dar um analgésico forte. Ela normalmente resistia a tomar analgésicos por ser muito suscetível a eles, mas a dor em sua cabeça acabara ficando insuportável. Em minutos, a dor começara a se dissolver, só que tudo o mais estava se dissolvendo também. Ela sentia seus membros ficando pesados e dormentes. As paredes do quarto pareciam amolecer, e seus pensamentos ficaram lânguidos, como se ela estivesse tomando banho de sol em um dia quente de verão.

— Quando você era pequeno — começou ela.

— O quê?

Perry sentou-se ao lado dela e segurou sua mão.

— Aquele ano — disse Celeste. — Aquele ano em que você sofreu bullying.

Ele sorriu.

— Quando eu era um gordinho de óculos.

— Foi ruim, não foi? Você ri disso, mas foi um ano muito ruim.

Ele apertou a mão dela.

— Foi. Foi ruim. Foi muito ruim.

O que ela estava querendo dizer? Não conseguia articular as palavras. Tinha algo a ver com a raiva frustrada de uma criança

apavorada de oito anos, e com ela sempre se perguntar se tudo havia começado com aquilo. Cada vez que Perry se sentia desrespeitado ou humilhado, Celeste sofria as consequências da raiva contida e violenta de um garoto gordinho. Só que atualmente ele era um homem de mais de um metro e oitenta.

— Foi Saxon que ajudou você, não foi? — perguntou ela. Suas palavras também estavam se dissolvendo. Não conseguia ouvi-las.

— Saxon quebrou o dente da frente do líder do bando — disse Perry. Ele riu. — Nunca mais implicaram comigo.

— Certo — disse Celeste.

Saxon Banks. O herói de Perry. O algoz de Jane. O pai de Ziggy.

Desde a noite do clube do livro, Saxon não lhe saía da cabeça. Ela e Jane tinham uma coisa em comum: as duas haviam sido machucadas por aqueles homens. Aqueles primos bonitos, bem-sucedidos e cruéis. Celeste sentia-se responsável pelo que Saxon fizera com Jane. Ela era tão jovem e vulnerável. Se ao menos *Celeste* estivesse lá para protegê-la. Tinha experiência. Sabia bater e arranhar quando fosse necessário.

Estava tentando fazer alguma associação. Um pensamento fugaz que ela não conseguia captar, como algo entrevisto em sua visão periférica. Isso vinha incomodando-a fazia algum tempo.

Qual era a desculpa de Saxon para agir daquela maneira? Ele não havia sofrido bullying quando criança, até onde Celeste sabia. Então será que o comportamento de Perry não tinha nada a ver com o ano em que ele sofrera bullying? Seria um traço de família que eles tinham em comum?

— Mas você não é tão mau quanto ele — balbuciou ela. Era isso que estava tentando dizer? Sim. Essa era a chave. Era a chave para tudo.

— O quê? — Perry parecia confuso.

— Você não faria isso.

— Não faria o quê? — perguntou Perry.

— Estou com muito sono — disse Celeste.

— Eu sei — afirmou Perry. — Vá dormir agora, querida. — Ele puxou as cobertas até o queixo da esposa e afastou o cabelo dela do rosto. — Já volto.

Enquanto era vencida pelo sono, ela pensou tê-lo ouvido murmurar: “Eu sinto muito”, mas poderia já estar sonhando.

— Eu não consigo tirar o maldito site do ar — disse Nathan. — Se conseguisse, não acha que eu já teria feito isso? Antes de ligar para você? É um site público, hospedado por um servidor *que não está dentro de casa*. Não é como se eu tivesse simplesmente que apertar um botão. Preciso do login dela. Preciso da senha dela.

— Minha amiga comprou uma figa! — gritou Madeline. — A senha é essa. Ela usa a mesma para tudo. Vá acabar com o site!

Ela sempre soubera as senhas das contas das redes sociais de Abigail. Era esse o trato, para Madeline poder acessar a qualquer hora, assim como entrava de fininho no quarto para bisbilhotar por trás o que a menina estava fazendo no computador antes de Abigail perceber sua presença, o que em geral demorava, porque Madeline era muito sorrateira. Isso deixava a filha louca e ela quase morria de susto toda vez que acabava sentindo a presença da mãe. Mas Madeline não ligava, pois era assim que se criava bem os filhos nos dias atuais, era preciso espioná-los, e por isso aquilo nunca teria acontecido se Abigail estivesse em casa, onde era o lugar dela.

— Já tentei “Minha amiga comprou uma figa” — respondeu Nathan com seriedade. — Não é isso.

— Você não deve estar escrevendo direito. É tudo em letra minúscula, sem espaço. *Sempre...*

— Um dia desses eu disse a ela que não devia ter a mesma senha para tudo — contou Nathan. — Deve ter me escutado.

— Certo — disse Madeline. Sua raiva esfriara e se solidificara em algo gigantesco e glacial. — Boa. Bom conselho. Grande pai.

— É por causa de roubo de identidade...

— Que seja! Cale a boca, me deixe pensar. — Ela ficou tamborilando rapidamente dois dedos na boca. — Você tem uma caneta?

— Claro que tenho uma caneta.

— Tente “Huckleberry”.

— Por que “Huckleberry”?

— Foi o primeiro animal de estimação dela. Uma cachorrinha. Ficou com a gente por duas semanas. Acabou sendo atropelada.

Abigail ficou arrasada. Você estava... Onde você estava? Em Bali? Vanuatu? Vai saber? Não faça perguntas. Só escute.

Ela desfiou brevemente uma lista de vinte senhas em potencial: bandas, personagens de TV, autores e coisas aleatórias como “chocolate” e “odeio a mamãe”.

— Não vai ser isso — opinou Nathan.

Madeline o ignorou. Estava desesperada com a impossibilidade da tarefa. Poderia ser qualquer coisa, qualquer combinação de letras e números.

— Tem certeza de que não tem outro jeito de fazer isso?

— Eu estava pensando em tentar redirecionar o nome do domínio, mas ainda precisaria fazer login na conta dela. O mundo gira em volta de logins. Acho que algum gênio em tecnologia da informação poderia conseguir hackear o site, é só uma conta do Google para hospedagem. Mas isso levaria tempo. Vamos acabar conseguindo tirar, mas obviamente o jeito mais rápido é ela mesma fazer isso.

— Sim — disse Madeline. Ela já tinha tirado a chave do carro da bolsa. — Vou buscá-la na escola mais cedo hoje.

— Você, quer dizer, a gente, tem só que *mandá-la* tirar do ar. — Madeline conseguia ouvir o barulho do teclado batendo enquanto ele tentava as diferentes senhas. — Nós somos os pais dela. Temos que lhe dizer que haverá, *hã, consequências* se ela não nos ouvir.

Era até engraçado escutar Nathan usando uma terminologia moderna de educação de filhos como “consequências”.

— Ok, mas isso não vai ser fácil — disse Madeline. — Ela tem quatorze anos, acha que está salvando o mundo e é teimosa como uma mula.

— Vamos dizer a ela que está de castigo! — exclamou Nathan, alvoroçado, obviamente se lembrando do que os pais faziam com os adolescentes nos programas de TV americanos.

— Ela adoraria isso. Vai se considerar uma mártir.

— Mas, quer dizer, pelo amor de Deus, é claro que Abigail não está falando *sério* — disse Nathan. — Ela não está realmente planejando levar isso adiante. Fazer sexo com um estranho? Eu não consigo... Ela nunca teve um namorado, teve?

— Pelo que sei, ela nem beijou nenhum garoto — disse Madeline, e teve vontade de chorar, porque sabia exatamente o que Abigail diria em resposta a isso: *Aquelas menininhas também não tinham beijado nenhum garoto.*

Apertou a chave do carro na mão.

— É melhor eu ir logo. Tenho pouco tempo antes de ter que buscar os pequenos.

Ela então lembrou que Perry tinha ligado mais cedo perguntando se ela poderia buscar os gêmeos na escola porque Celeste estava

passando mal. Seu olho esquerdo começou a tremer.

— Madeline — disse Nathan —, não grite com ela, está bem? Porque...

— Está brincando? É claro que vou gritar com ela! — berrou Madeline. — Ela está vendendo a virgindade na internet!

Jane levou Ziggy para a escola depois do lanche no Blue Blues.

— Você vai falar para Max parar de machucar Amabella? — perguntou ele enquanto ela estacionava o carro.

— Um adulto vai falar com ele — disse Jane ao girar a chave na ignição. — Provavelmente não eu. Talvez a Srta. Barnes.

Ela estava tentando decidir qual era a melhor maneira de lidar com aquilo. Será que deveria entrar com um passo decidido na sala da diretora naquele instante mesmo? Ela preferiria falar com a Srta. Barnes, que tinha mais chances de acreditar que Ziggy não estava apenas jogando a culpa em outra pessoa. E a professora sabia que Jane e Celeste eram amigas. Ela saberia que aquilo poderia ser estranho.

Mas a Srta. Barnes estava dando aula. Não poderia fazê-la sair da sala. Teria que lhe mandar um e-mail e pedir que ela lhe ligasse.

Mas ela queria contar a alguém o mais *rápido* possível. Quem sabe *devia* ir direto à Sra. Lipmann.

Não era como se Amabella estivesse correndo perigo de vida. Aparentemente, a professora auxiliar não tirava os olhos dela. A impaciência de Jane era apenas reflexo do seu desejo de anunciar: *Não foi o meu filho! Foi o dela!*

E a pobre Celeste? Deveria ligar para ela primeiro e avisá-la? Era isso que uma boa amiga faria? Talvez fosse. Havia algo terrível e nebuloso acontecendo sem ela saber. Mas Jane não ia suportar se isso afetasse a amizade das duas.

— Vamos, mamãe — chamou Ziggy com impaciência. — Por que você está aí sentada olhando para o nada?

Jane soltou o cinto de segurança e virou-se para o filho.

— Você fez a coisa certa me contando sobre Max, Ziggy.

— Eu não contei!

O menino, que já havia soltado o cinto e estava com a mão na maçaneta da porta pronto para saltar, virou-se de frente para ela. Estava indignado, horrorizado.

— Desculpe! — disse Jane. — Você não me contou. Não mesmo.

— Porque prometi à Amabella que não contaria a ninguém.

Ziggy se encaixou entre o banco do motorista e o do carona, colocando o rostinho bem ao lado do da mãe. Ela viu uma mancha melada de molho acima do lábio dele, deixada pelas panquecas de Tom.

— Isso mesmo. Você não quebrou sua promessa.

Jane lambeu o dedo e tentou usá-lo para limpar o rosto do filho.

— Eu não quebrei minha promessa. — Ziggy se esquivou do dedo dela. — Sou bom em cumprir promessa.

— Então você se lembra do dia da orientação? — Jane desistiu de limpar seu rosto. — Quando Amabella disse que foi você que machucou ela? Por que ela disse que foi você?

— Max falou que se ela contasse para alguém, ele ia fazer aquilo de novo quando não tivesse nenhum adulto olhando — disse Ziggy. — Então Amabella apontou para mim. — Ele deu de ombros com impaciência, como se estivesse ficando entediado com o assunto. — Ela pediu desculpas depois. Falei que estava tudo bem.

— Você é um bom menino. *E não é um psicopata.* (Max é um psicopata.)

— É.

— E eu amo você — disse Jane.

— A gente pode entrar na escola agora?

Ziggy tornou a pôr a mão na maçaneta.

— Claro.

Enquanto seguiam para a escola, o menino ia saltitando à frente, a mochila sacudindo nas costas, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Jane ficou feliz de vê-lo daquele jeito e apressou o passo para acompanhá-lo. Ele não andara ansioso porque estava sofrendo bullying. Andara ansioso porque vinha guardando um segredo bravamente. Mesmo quando a Sra. Lipmann o acusara, seu valente garotinho não desmoronara. Aguentara firme por Amabella. Ziggy não era um praticante de bullying. Era um *herói*.

Também era meio burro por não ter dedurado Max de imediato e porque parecia realmente achar que escrever um nome no papel não era contar. Mas ele tinha cinco anos, e era uma criança precisando desesperadamente de uma brecha.

Ele pegou um graveto na calçada e brandiu-o acima da cabeça.

— Largue esse graveto, Ziggy! — gritou ela.

Ele o deixou cair e virou à direita no caminho de grama que passava pela casa da Sra. Ponder e dava na escola.

Jane chutou o graveto do caminho e foi atrás do filho. O que Max poderia ter dito para fazer uma menininha inteligente como Amabella achar que não poderia dedurá-lo? Será que ele realmente lhe dissera

que a “mataria”? E será que Amabella acreditara mesmo que isso era possível?

Ela pensou no que sabia sobre Max. Exceto pela marca de nascença, não conseguia diferenciar os filhos de Celeste. Achava que eles tinham personalidades idênticas também. Para ela, Max e Josh eram como cachorrinhos fofos e travessos. Com aquela energia infinita e aqueles sorrisos enormes, eles sempre pareceram crianças muito descomplicadas, ao contrário de Ziggy, que muitas vezes era inalcançável e taciturno. Os meninos de Celeste pareciam ser o tipo de criança agitada e bagunceira que precisava que a alimentasse, lhe desse banho e um milhão de coisas: fisicamente exaustiva, mas não mentalmente esgotante, do jeito que alguém reservado como Ziggy podia ser.

Como Celeste reagiria se descobrisse o que Max fizera? Jane não conseguia imaginar. Ela sabia direitinho como Madeline reagiria (feito uma louca, aos gritos), mas nunca vira Celeste realmente zangada com os filhos. Claro que ela muitas vezes ficava exasperada e impaciente, mas nunca gritava. Celeste quase sempre parecia nervosa e preocupada, sobressaltando-se com a existência dos filhos quando eles de repente corriam até ela.

— Bom dia! Dormiu demais hoje? — Era a Sra. Ponder, gritando do jardim onde estava regando as plantas.

— Tivemos um compromisso — explicou Jane.

— Então me conte, querida, você vai se fantasiar de Audrey ou de Elvis amanhã à noite? — A Sra. Ponder lhe deu um sorriso animado, provocador.

Por um momento, Jane não sabia sobre o que ela estava falando.

— Audrey ou Elvis? Ah! A noite do concurso de perguntas. — Ela havia esquecido completamente. Madeline organizara uma mesa séculos atrás, mas isso fora antes de todos aqueles últimos acontecimentos: a petição, a agressão na areia. — Não sei bem se...

— Ah, eu estava brincando, querida! Claro que você vai de Audrey. Tem o corpo perfeito para isso. Na verdade, ficaria linda com um daqueles cortes de cabelo masculino. Como é mesmo o nome? Corte joãozinho!

— Ah — disse Jane, puxando o rabo de cavalo. — Obrigada.

— Falando em cabelo, querida. — A Sra. Ponder inclinou-se para a frente como se fosse contar um segredo. — Ziggy está ali se coçando bastante.

A Sra. Ponder disse “Ziggy” como se fosse um apelido engraçadíssimo.

Jane olhou para o filho. Ele estava coçando vigorosamente a cabeça com uma das mãos enquanto se agachava para examinar algo que vira na grama.

— Sim — disse educadamente. *E daí?*
— Você já procurou? — indagou a Sra. Ponder.
— Procurei o quê? — Jane se perguntou se estava sendo tapada.
— Lêndeas — respondeu a Sra. Ponder. — Sabe, piolho.
— Ah! — Jane levou a mão à boca. — Não! Você acha... Ah! Eu não... eu não posso... Ah!

A Sra. Ponder riu.

— Nunca teve quando criança? Isso anda por aí há milhares de anos.

— Não! Lembro que teve um surto na minha escola, mas devo ter escapado. Não gosto de nada rastejante. — Ela estremeceu. — Ai, meu Deus.

— Bem, tenho muita experiência com os bichinhos. Todas nós, enfermeiras, pegamos durante a guerra. Não tem nada a ver com limpeza ou higiene, se é o que você está pensando. E só é irritante, mais nada. Venha cá, Ziggy.

Ele foi até ela. A Sra. Ponder quebrou um galho de uma roseira e usou-o para pentear o cabelo de Ziggy.

— Lêndeas! — disse, satisfeita, toda simpática, em alto e bom som, no exato instante em que Thea vinha passando apressada, carregando uma merendeira. — Ele está *infestado* de lêndeas.

Thea: Harriett tinha esquecido a merendeira, e eu fui dar um pulo na escola para deixar a bolsa lá para ela — tinha um milhão de coisas para fazer naquele dia — , mas então o que eu ouço? Que Ziggy está infestado de lêndeas! Sim, ela levou o menino para casa, mas, se não fosse pela Sra. Ponder, o teria levado para a escola! E por que está pedindo a uma senhora de idade para olhar a cabeça do filho para início de conversa?

— Está bem — disse Abigail.

— Não. Não me venha com “está bem”. Não está nada bem. Isso é um problema de adulto, Abigail. É sério.

Madeline segurava o volante com tanta força que dava para sentir o suor na palma das mãos.

Era incrível, mas ela ainda não havia gritado. Fora à escola e dissera à diretora que havia uma emergência familiar e precisava levar a filha para casa. Obviamente a escola ainda não estava sabendo sobre o site de Abigail.

“Abigail está indo muito bem”, dissera a diretora, toda sorridente. “É muito criativa.”

“Isso ela é mesmo”, concordara Madeline, e conseguira não jogar a cabeça para trás e rir como uma bruxa histérica.

Aquilo exigira um esforço hercúleo, mas ela não dissera uma palavra quando entraram no carro. Não gritara: “Que ideia foi essa?” Esperara Abigail falar. (Pareceu importante, estrategicamente.) Depois de um longo silêncio, a menina por fim falou, na defensiva, os olhos fixos no painel:

— Então, que emergência familiar é essa?

Madeline respondeu muito calmamente, tanto quanto Ed faria:

— Bem, Abigail, as pessoas estão escrevendo na internet sobre transar com a minha filha de quatorze anos.

Abigail estremeceu e resmungou:

— Eu sabia.

Madeline achara que o estremecimento involuntário significava que aquilo ia dar certo. A filha provavelmente já estava arrependida. Havia se envolvido em algo muito maior do que esperara e procurava uma saída. *Queria* que os pais a mandassem tirar o site do ar.

— Querida, entendi o que você estava tentando fazer. Está criando uma campanha de publicidade com um “gancho”. Isso é maravilhoso. É inteligente. Mas nesse caso o gancho é muito sensacionalista. Você não está atingindo o que quer. As pessoas não estão pensando nas violações dos direitos humanos. Só em uma garota de quatorze anos leiloando a própria virgindade.

— Eu não me importo — disse Abigail. — Quero arrecadar dinheiro. Quero conscientizar mais as pessoas. *Fazer* alguma coisa. Não quero dizer “Ah, isso é horrível”, e não fazer nada.

— Sim, mas você não vai arrecadar dinheiro nem conscientizar mais as pessoas! Só está conscientizando mais os outros sobre você! “Abigail Mackenzie, a menina de quatorze anos que tentou leiloar a própria virgindade.” Ninguém vai querer saber nem lembrar que você estava fazendo isso por caridade. Todos os seus futuros empregadores poderão achar isso na internet.

Foi nesse momento que a menina disse, ridiculamente:

— Está bem.

Como se fosse só uma questão de opinião.

— Então me diga, Abigail. Você está planejando levar isso *até o fim*? Sabia que ainda é menor de idade? Você tem quatorze anos. É muito nova para fazer sexo. — A voz de Madeline tremeu.

— E aquelas menininhas também, mãe! — exclamou. Sua voz falhou.

Ela tinha imaginação demais. Empatia demais. Era isso que Madeline tentara explicar a Bonnie na reunião aquela manhã. As menininhas eram absolutamente reais para Abigail. Óbvio que elas *eram* reais, havia sofrimento real no mundo, naquele exato momento tinha gente sofrendo atrocidades inimagináveis e não podíamos fechar os olhos completamente, mas também não podíamos mantê-los arregalados, porque, do contrário, como poderíamos viver a nossa vida, mesmo que por pura sorte morássemos no paraíso? Tínhamos que registrar a existência do mal, fazer o pouco que conseguíssemos, e depois fechar a mente e pensar em sapatos novos.

— Então vamos fazer alguma coisa em relação a isso — disse Madeline. — Vamos trabalhar juntas em algum tipo de campanha de conscientização. Ed pode ajudar! Ele conhece jornalistas...

— Não — respondeu Abigail, taxativa. — Você fala isso agora, mas depois não vai fazer nada. Vai ficar ocupada e depois esquecer o assunto.

— Eu prometo — começou Madeline. Ela sabia que havia um pouco de verdade naquilo.

— Não — retrucou a menina.

— Isso não é negociável — argumentou Madeline. — Você ainda é uma criança. Vou envolver a polícia, se for necessário. O site vai sair do ar, Abigail.

— Bom, eu não vou tirá-lo — disse ela. — E não vou dar a minha senha para o papai nem se você me torturar.

— Ah, pelo amor de Deus, não seja tão ridícula. Agora você parece uma criança de cinco anos — observou Madeline, arrependendo-se das palavras no instante em que elas saíam de sua boca.

Elas estavam parando na área de embarque e desembarque da escola. Madeline notou a reluzente BMW de Renata bem na sua frente. Os vidros eram muito escuros para ver quem estava dirigindo. Provavelmente era a vagabunda da babá francesa. Madeline imaginou a expressão que Renata faria se descobrisse que Abigail estava leiloando a virgindade. Teria pena. Renata não era má pessoa. Mas também sentiria uma ponta de satisfação, assim como Madeline sentira quando soubera do caso do marido dela.

Madeline se orgulhava de não ligar para a opinião dos outros, mas não queria que sua filha caísse no conceito de Renata.

— Então você está planejando levar isso até o fim? Vai dormir com um estranho qualquer? — perguntou Madeline.

Ela andou um pouquinho com o carro e tentou acenar para Chloe, mas a menina não viu porque estava conversando animadamente com Lily, que parecia entediada. A saia de Chloe tinha enganchado na mochila e a fila de carros inteira podia ver sua calcinha da Minnie. Madeline teria achado isso engraçadinho, mas no momento parecia sinistro e errado, e desejou que as professoras notassem e ajeitassem a saia dela.

— Melhor que dormir com um garoto do último ano quando nós dois estivermos de porre — disse Abigail com o rosto virado para a janela.

Madeline viu os gêmeos de Celeste sendo apartados por uma professora. Tinham os rostinhos vermelhos e zangados. Ela lembrou com um sobressalto que havia prometido buscá-los na escola. Estava tão distraída que facilmente poderia ter esquecido.

A fila de carros não andava porque quem quer que fosse o primeiro estava tendo uma longa conversa com uma das professoras, algo expressamente proibido pela política de embarque e desembarque sem abandono de veículo da Escola Pública de Pirriwee. Devia ser uma Loura de Corte Chanel, porque obviamente as regras não valiam para elas.

— Mas, meu Deus, Abigail, você já pensou no lado prático disso? Na logística? Como realmente funcionaria? Onde vai acontecer? Vai encontrar com essa pessoa em um hotel? Vai me pedir uma carona? “Ah, mãe, estou saindo para perder minha virgindade, melhor parar em uma farmácia para comprar umas camisinhas.”

Ela olhou para o perfil da filha. A menina tinha baixado a cabeça e tapava os olhos com a mão. Madeline podia ver seu lábio tremendo. Claro que ela não tinha pensado em todos os detalhes. Tinha quatorze anos.

— E já imaginou como seria fazer sexo com um estranho? Ter um homem horrroso tocando em você...

Abigail deixou a mão cair e virou a cabeça.

— Para, mãe! — gritou.

— Você está viajando, Abigail. Está achando que um bonitão tipo George Clooney vai levar você para a mansão dele para tirar sua virgindade e depois fazer um cheque generoso para a Anistia Internacional? Porque não vai ser assim. Vai ser vergonhoso e dolorido...

— É vergonhoso e dolorido para aquelas menininhas! — exclamou ela, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Mas eu não sou mãe delas! — berrou Madeline, e bateu na traseira da BMW de Renata.

—

Harper: Olha, eu não quero caluniar ninguém, mas Madeline *bateu de propósito* no carro de Renata na véspera da noite do concurso de perguntas.

— Só não espalhe que estou fazendo isso. — A filha da Sra. Ponder se abaixou e falou baixinho no ouvido de Jane, sendo acobertada pelo rugido dos secadores de cabelo. — Do contrário todas aquelas mãos elegantes vão aparecer aqui querendo que eu tire os piolhos dos preciosos filhinhos delas.

Primeiramente, a Sra. Ponder dissera para Jane comprar na farmácia um produto que matasse os piolhos.

— É fácil — instruiu. — Basta pentear o cabelo e catar os safadinhos... — Ela parou e considerou a expressão de Jane. — Já sei. Vou ver se Lucy pode encaixar você hoje.

Lucy, a filha da Sra. Ponder, cuidava do Hairway to Heaven, um salão de beleza muito popular em Pirriwee, entre a banca de jornal e o açougue. Jane nunca tinha entrado naquele salão. Aparentemente, Lucy e sua equipe eram responsáveis por todas as Louras de Corte Chanel de Pirriwee.

Enquanto Lucy amarrava uma capa em volta do pescoço de Ziggy, Jane olhou ao redor disfarçadamente para ver se havia alguma mãe conhecida, mas não encontrou nenhuma.

— Corto o cabelo dele já que estou aqui? — perguntou Lucy.

— Claro, obrigada — disse Jane.

Lucy olhou para ela.

— Mamãe também quer que eu corte seu cabelo. Quer que eu faça um corte joãozinho em você.

Jane apertou o rabo de cavalo.

— Não ligo muito para o meu cabelo.

— Seria melhor você pelo menos me deixar dar uma olhada nele — disse Lucy. — Talvez precise fazer o tratamento. Piolho não voa, mas pula de uma cabeça a outra, como se fossem *piolhinhos acrobatas*. — Ela fez um sotaque mexicano e Ziggy riu, concordando.

— Ai, meu Deus — disse Jane. Seu couro cabeludo coçou na mesma hora.

Lucy observou Jane. Estreitou os olhos.

— Você já viu o filme *De caso com o acaso*? No qual Gwyneth Paltrow corta o cabelo e fica maravilhosa?

— Claro — respondeu Jane. — Toda menina adora essa parte.

— Toda cabeleireira também — disse Lucy. — É o trabalho dos sonhos. — Ela continuou olhando para Jane por mais um tempo, depois virou-se para Ziggy e pôs as mãos nos ombros dele. Riu para o reflexo do menino no espelho. — Você não vai reconhecer sua mãe quando eu terminar.

—

Samantha: Eu não reconheci Jane quando a vi na noite do concurso de perguntas. Ela estava com um corte de cabelo incrível e usava calça capri preta, camisa branca com a gola levantada e sapatilhas. Puxa vida. Coitadinha dela. Parecia tão feliz no começo da noite!

Celeste realmente parecia doente, pensou Madeline ao acompanhar os gêmeos até dentro de casa. Ela estava usando uma camiseta masculina branca e calça de pijama xadrez e seu rosto estava de um tom branco cadavérico.

— Nossa, será que é alguma virose? Veio tão depressa! — comentou Madeline. — Você estava ótima na reunião hoje de manhã.

Celeste deu uma risadinha estranha e pôs a mão na nuca.

— É, veio do nada.

— Por que não levo os meninos para ficarem um pouco na minha casa? Perry pode ir buscá-los quando estiver voltando do trabalho — sugeriu Madeline.

Olhou para o seu carro no acesso de veículos. O farol quebrado a fitava de forma crítica e cara. Ela deixara Abigail chorando no banco do carona e Fred e Chloe brigando atrás (e também notou que o menino coçava desesperadamente a cabeça, e soube por deplorável experiência própria o que aquilo significava. Seria mesmo uma maravilha se ela além de tudo também tivesse que lidar com um surto de piolho naquele momento).

— Não, não, você é muito gentil, mas estou bem — disse Celeste. — Nas tardes de sexta-feira, deixo eles verem quanta TV quiserem. Vão me ignorar. Muito obrigada mesmo por buscá-los na escola.

— Você acha que vai estar bem para a noite do concurso de perguntas amanhã? — perguntou Madeline.

— Ah, tenho certeza de que vou — disse Celeste. — Perry está doído para ir.

— Está bem, bom, é melhor eu ir andando. Abigail e eu estávamos gritando uma com a outra e ainda bati na traseira do carro de Renata.

— Não! — Celeste levou a mão ao rosto.

— Sim, eu estava gritando porque Abigail está leiloando a própria virgindade on-line para impedir o casamento infantil — continuou Madeline.

Celeste era a primeira pessoa para quem ela pudera contar. Estava

desesperada para conversar sobre aquilo.

— Ela o *quê*?

— É por uma boa causa — reforçou Madeline, fingindo indiferença.

— Então, por mim tudo bem, é claro.

— Ah, Madeline.

Celeste pôs a mão em seu braço e a amiga achou que poderia chorar.

— Dê uma olhada — pediu Madeline. — O site é www.compreminhavirgindadeparaimpedircasamentoinfantileescravidãoosexu — continuou Madeline. — Abigail se recusa a tirar a página do ar, mesmo que as pessoas estejam escrevendo as coisas mais nojentas sobre ela.

Celeste fez uma careta.

— Acho que é melhor do que se prostituir para financiar um vício em drogas.

— Pelo menos isso — disse Madeline.

— Ela está fazendo um daqueles grandes gestos simbólicos, não está? — refletiu Celeste. Tornou a pressionar a nuca com a mão. — Da mesma forma quando aquela americana atravessou a nado o estreito de Bering entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a Guerra Fria.

— *Do que* você está falando?

— Foi nos anos 1980. Eu estava na escola na época. Eu me lembro de pensar que parecia muito bobo e inútil nadar em águas geladas, mas aparentemente o gesto surtiu efeito, sabe?

— Então você acha que eu devia ir em frente e deixá-la vender a virgindade? Essa virose está fazendo você delirar?

Celeste piscou. Pareceu perder o equilíbrio e pôs a mão na parede para se firmar.

— Não, claro que não. — Fechou os olhos rapidamente. — Só acho que você devia se orgulhar dela.

— Humm — disse Madeline. — Bom, acho que você devia se deitar. — Deu um beijinho de despedida na bochecha de Celeste. — Espero que melhore logo, e, quando melhorar, deveria verificar a cabeça dos meninos para ver se acha lêndas.

OITO HORAS ANTES DO CONCURSO DE PERGUNTAS

Chovera sem parar a manhã inteira, e no caminho de volta para

Pirriwee, a chuva ficou tão forte que Jane teve que aumentar o volume do rádio e pôr os limpadores de para-brisa no modo rápido, de pânico.

Ela voltava depois de ter deixado Ziggy na casa dos pais, onde ele iria dormir para Jane poder ir ao concurso de perguntas à noite. Haviam planejado aquilo dois meses antes, quando chegaram os convites e Madeline ficara toda empolgada em planejar as fantasias e a mesa que montaria, fazendo a mistura ideal de conhecimento acumulado.

Aparentemente seu ex-marido era conhecido por suas habilidades em concursos de perguntas de pub (“Nathan já passou tempo demais nos pubs, entende”) e era muito importante para ela que sua mesa vencesse a dele. “E, é claro, também seria bom vencer a mesa de Renata”, dissera Madeline. “Ou a de qualquer um com filho superdotado, porque sei que secretamente todos eles acham que os filhos herdaram o cérebro genial dos pais.”

Madeline dissera que ela mesma era um caso perdido em concurso de perguntas, e Ed não sabia nada do que tinha acontecido depois de 1989. “Meu trabalho vai ser lhes trazer bebidas e esfregar seus ombros”, dissera ela.

Com todos os acontecimentos da semana anterior, Jane dissera a seus pais que não iria. Por que se obrigar a passar por aquilo? Além do mais, seria um favor não ir. As organizadoras da petição veriam nisso uma boa oportunidade para recolher mais assinaturas. Se ela fosse, alguma infeliz poderia acabar passando pela situação constrangedora de lhe perguntar se gostaria de assinar uma petição pleiteando a suspensão do próprio filho.

No entanto, naquela manhã, após uma excelente noite de sono, ela acordara com o barulho da chuva e um estranho otimismo.

Nada estava resolvido ainda, mas com o tempo tudo se acertaria.

A Srta. Barnes respondera ao seu e-mail, e elas ficaram de se encontrar antes da aula, segunda-feira de manhã. Depois de ir ao salão na véspera, Jane mandara uma mensagem para Celeste perguntando se a amiga queria se encontrar com ela para tomar um café, mas ela respondera que estava de cama. Jane não conseguia decidir se tentava lhe contar sobre Max antes de segunda-feira. (A coitada estava doente. Não precisava receber más notícias.) Talvez não fosse necessário. Celeste era muito legal para deixar aquilo afetar a amizade das duas. Ficaria tudo bem. A petição iria desaparecer discretamente. Quando a notícia se espalhasse, talvez alguns pais até pedissem desculpas a Jane. (Ela seria magnânima.) Isso não era impossível, era? Ela não queria passar seu título de péssima mãe para a amiga, mas as pessoas reagiriam diferente se soubessem que o filho de Celeste era o verdadeiro responsável pelo bullying. Não haveria petição pleiteando a suspensão de Max. Gente rica e bonita não era convidada a se retirar de lugar nenhum. Seria difícil para Celeste e Perry, mas Max teria a ajuda de que precisava. Tudo se acalmaria. Era só uma tempestade em copo d'água.

Ela poderia ficar em Pirriwee, continuar trabalhando no Blue Blues e tomando o café de Tom. Daria tudo certo.

Sabia que era propensa a loucos acessos de otimismo como aquele. Se uma voz estranha dizia “Sra. Chapman?” ao telefone, a primeira coisa que lhe vinha à mente era algo absurdo e impossível, como: *Vai ver ganhei um carro!* (Embora ela nunca participasse de concursos.) Sempre gostara bastante desse traço específico de sua personalidade, mesmo quando seu otimismo louco se provava infundado mais uma vez, como invariavelmente acontecia.

“Acho que vou à noite do concurso de perguntas no final das contas”, dissera ela à mãe ao telefone.

“Que bom”, respondera sua mãe. “Vá de cabeça erguida.”

(A mãe de Jane vibrara quando soubera das revelações de Ziggy sobre Max. “Eu sempre soube que não era Ziggy!”, exclamara ela, mas de um jeito tão feliz que ficou óbvio que, no fundo, devia ter suas dúvidas.)

Os pais de Jane iam passar a tarde montando um quebra-cabeça novo do *Star Wars* com Ziggy, na esperança de passar para o neto a paixão por quebra-cabeças. Pela manhã, Dane ia levá-lo para fazer uma escalada *indoor*, e o traria de volta no fim da tarde.

“Tire um tempo para você”, dissera a mãe de Jane. “Relaxe. Você merece.”

Jane planejava lavar toda a roupa suja, pagar umas contas pela internet e fazer uma faxina no quarto de Ziggy sem ele ali para bagunçar o que ela arrumava. Mas quando chegou mais perto da

praia, resolveu parar no Blue Blues. O local estaria quentinho e aconchegante. Tom teria acendido a estufa. Ela se deu conta de que passara a considerar o Blue Blues seu lar.

Estacionou em uma vaga sem parquímetro perto do calçadão. Não havia carros em volta. Todo mundo estava em casa. Toda a prática de esportes das manhãs de sábado teria que ser cancelada. Jane olhou para o chão do banco do carona onde ela normalmente deixava um guarda-chuva dobrável e se deu conta de que o largara no apartamento. A chuva batia tão forte no para-brisa que era como se alguém estivesse despejando baldes de água. Parecia uma chuva cheia de determinação, muito molhada e fria, o tipo que a faria suprimir um grito.

Ela pôs a mão na cabeça, pensando. Pelo menos não tinha cabelo para molhar. Essa era mais uma coisa responsável pelo seu bom humor. Seu novo corte de cabelo.

Puxou o retrovisor para observar o rosto.

“Adorei”, dissera à filha da Sra. Ponder na véspera. “Adorei mesmo.”

“Diga a todo mundo que você encontrar que fui eu quem cortou seu cabelo”, pedira Lucy.

Jane não conseguia acreditar em como aquele corte curto havia transformado seu rosto, realçando suas maçãs e aumentando seus olhos. A nova cor mais escura combinava com sua pele.

Pela primeira vez desde a noite no hotel, quando aquelas palavras entraram feito vermes malévolos em sua cabeça, ela se olhou no espelho e sentiu um prazer simples. Na verdade, não conseguia parar de se olhar, rindo encabulada e virando a cabeça de um lado para outro.

Era vergonhoso quanta felicidade sincera algo tão superficial estava lhe causando. Mas talvez fosse natural. Normal, até. Talvez não houvesse nenhum problema em curtir a própria aparência. Quem sabe ela não precisasse fazer uma análise mais profunda daquilo, nem pensar em Saxon Banks e na obsessão da sociedade por beleza, juventude, magreza e modelos retocadas por Photoshop criando esperanças irrealistas e em como a autoestima das mulheres não devia se basear na aparência, pois era o que havia dentro de cada um que interessava, e blá-blá-blá... Chega! Ela estava com um corte de cabelo novo que lhe caía bem e isso a deixava feliz.

(“Ah!”, dissera sua mãe quando a vira entrar em casa, e tapara a boca com a mão como se fosse desatar a chorar. “Não gostou?”, perguntara Jane, pondo, inibida, uma das mãos na cabeça, sentindo-se insegura de repente, e sua mãe respondera: “Jane, sua boba, você está *deslumbrante*”).

Ela pôs a mão na chave na ignição. Devia ir para casa. Era um

absurdo sair na chuva.

Mas estava com uma vontade tão grande do Blue Blues e de tudo o que havia ali: o cheiro, o aquecimento, o café. E também queria que Tom visse seu corte de cabelo novo. Gays reparavam em cortes de cabelo.

Ela respirou fundo, abriu a porta e correu.

Celeste acordou tarde com o barulho de chuva e de música clássica. A casa cheirava a ovos e bacon. O que queria dizer que Perry estava lá embaixo na cozinha com os meninos de pijama, sentados na bancada, as pernas balançando, os rostinhos felizes. Adoravam cozinhar com o pai.

Uma vez, ela lera um artigo sobre como toda relação tinha a sua “conta do amor”. Fazer alguma coisa boa para o cônjuge era como fazer um depósito. Um comentário negativo era um saque. A ideia era manter a conta com saldo positivo. Bater a cabeça da esposa na parede era um saque alto. Levantar cedo com as crianças e preparar ovos com bacon era um depósito.

Ela se endireitou e pôs a mão na parte de trás da cabeça. Estava dolorida, mas bem. Era incrível a rapidez com que o processo de sarar e esquecer recomeçava. O ciclo era interminável.

Chegara o dia do concurso de perguntas. Ela e Perry se vestiriam de Audrey Hepburn e Elvis Presley. Perry encomendara sua fantasia de Elvis pela internet de um fornecedor excepcional em Londres. Se o príncipe Harry quisesse se vestir de Elvis, provavelmente compraria a fantasia no mesmo local. O resto das pessoas usaria poliéster e acessórios da loja de um e noventa e nove.

Perry iria para o Havaí no dia seguinte. Seria uma boca-livre, ele confessara. Perguntara-lhe havia alguns meses se ela queria ir junto, e, por um momento, Celeste pensara seriamente no assunto. Umas férias tropicais! Coquetéis e tratamentos em um spa. Longe do estresse da vida do dia a dia! O que poderia dar errado? (Muitas coisas poderiam dar errado. Certa vez, Perry lhe batera em um hotel cinco estrelas porque ela caçara dele por causa da forma como pronunciara uma palavra. Ela nunca esqueceria a expressão de horror e humilhação quando ele se deu conta de que passara a vida toda pronunciando errado uma palavra.)

Enquanto estivesse no Havaí, ela se mudaria com os meninos para o apartamento em McMahons Point. Marcaria uma consulta com um

advogado de família. Isso seria fácil. O universo jurídico não lhe assustava. Ela conhecia muita gente. Daria certo. Seria horrível, claro, mas daria certo. Ele não iria *matá-la*. Celeste era sempre muito dramática depois que os dois tinham uma briga. Parecia uma grande bobagem usar uma palavra como “matar” enquanto seu suposto “assassino” estava lá embaixo fritando ovos com as crianças.

Seria terrível por algum tempo, mas depois tudo daria certo. Os meninos ainda poderiam preparar o café da manhã com o pai quando passassem o fim de semana com ele.

Ontem tinha sido a última vez que ele a machucara.

Era o fim.

— Mamãe, a gente fez o seu café da manhã!

Os meninos vieram correndo e subiram na cama ao lado dela como caranguejinhos ávidos.

Perry apareceu à porta equilibrando um prato com a ponta dos dedos, feito um garçom em um restaurante fino.

— Oba! — exclamou Celeste.

— Eu sei o que fazer — disse Ed.

— Não sabe, não — retrucou Madeline.

Eles estavam sentados à mesa da sala de jantar, ouvindo a chuva e comendo melancolicamente os muffins de Jane. (Era terrível como ela continuava *dando* muffins para Madeline, como se estivesse em uma missão para aumentar as medidas da amiga.)

Abigail estava no quarto, deitada no sofá-cama que eles haviam colocado para substituir sua bela cama de quatro colunas. Estava com fones de ouvido, enroscada em posição fetal.

O site continuava no ar. A virgindade de Abigail ainda estava disponível para ser comprada em qualquer parte do mundo.

Madeline sentia-se suja e exposta, com a impressão de que os olhos do mundo estavam espiando pelas janelas, como se homens estivessem espionando em seu corredor com o objetivo de olhar lascivamente para sua filha e zombar dela.

Na véspera, Nathan fora lá, e ele e Madeline passaram mais de duas horas sentados com Abigail: pedindo, argumentando, tentando seduzir, gritando, chorando. Fora Nathan quem, por fim, havia chorado de frustração, e a menina ficara visivelmente chocada, mas a cabeça-dura mesmo assim não queria ceder. Não daria a senha. Não tiraria o site do ar. Poderia ou não prosseguir com o leilão, mas essa não era realmente a questão, dissera ela. Eles precisavam parar de “ficar obcecados com a parte do sexo”. Ela estava mantendo o site no ar para conscientizar as pessoas da questão porque era “a única voz que aquelas menininhas tinham”.

O *egocentrismo* dela, como se as organizações internacionais estivessem sentadas à toa enquanto a pequena Abigail Mackenzie na Península de Pirriwee fosse a única tomando uma atitude. Ela disse que nem ligava para os horríveis comentários sexuais. Aquela gente não significava nada para ela. Aquilo era totalmente irrelevante. As pessoas viviam escrevendo comentários maldosos na internet.

— Nem pense em chamar a polícia — disse Madeline a Ed. — Eu realmente não...

— Entramos em contato com o escritório australiano da Anistia

Internacional — contou Ed. — Não querem o nome deles associado a uma coisa dessas. Se a organização que realmente representa os direitos daquelas crianças disser para fechar o site, ela vai ouvir.

Madeline apontou um dedo para ele.

— Isso é bom. Poderia funcionar.

Ouviam-se batidas e estrondos no corredor. Fred e Chloe não reagiam bem ao confinamento dentro de casa em dias chuvosos.

— Devolva! — gritou Chloe.

— De jeito nenhum! — berrou Fred.

Eles entraram correndo na sala, os dois segurando uma folha de papel velha.

— Por favor, não me diga que estão brigando por causa de um papel — disse Ed.

— Ele não está dividindo! — gritou Chloe. — *Compartilhar é amar!*

— Agradeça pelo que tem sem chorar pelo que não vem! — berrou Fred em resposta.

Em circunstâncias normais, aquilo teria feito Madeline rir.

— É o meu avião de papel — disse Fred.

— Eu desenhei os passageiros.

— Não desenhou, não!

— Bem, pode parar de se preocupar.

Madeline se virou e viu Abigail encostada na porta.

— O quê? — perguntou Madeline.

Abigail disse algo que ela não conseguiu ouvir com a gritaria de Fred e Chloe.

— Que inferno! — Madeline arrancou o papel da mão do filho e dividiu-o ao meio, entregando metade a cada um. — Agora sumam da minha frente! — esbravejou ela.

Eles saíram correndo.

— Tirei o site do ar — disse Abigail, suspirando de cansaço.

— Por quê?

Madeline resistiu ao impulso de jogar os braços para o alto e correr em círculos como Fred fazia quando marcava um gol.

Abigail entregou-lhe a cópia impressa de um e-mail.

— Recebi isso.

Ed e Madeline leram o e-mail juntos.

Para: Abigail Mackenzie

De: Larry Fitzgerald

Assunto: Lance do leilão

Cara Srta. Mackenzie,

Meu nome é Larry Fitzgerald e é um prazer conhecê-la.

Provavelmente você não deve ter contato com muitos homens de

oitenta e três anos que moram do outro lado do mundo, em Sioux Falls, Dakota do Sul. Minha querida esposa e eu fomos para a Austrália muitos anos atrás, em 1987, antes de você nascer. Tivemos o prazer de visitar a Opera House (sou arquiteto, já aposentado, e sempre foi meu sonho conhecer a Opera House). O povo da Austrália foi muito gentil e carinhoso conosco. Infelizmente, minha bela esposa faleceu ano passado. Sinto falta dela todos os dias. Srta. Mackenzie, quando me deparei com seu site, fiquei comovido com sua paixão visível e seu desejo de chamar atenção para a situação daquelas crianças. Eu não gostaria de comprar sua virgindade, porém, gostaria de dar um lance. Minha proposta é esta: se você encerrar já o leilão, farei imediatamente uma doação de cem mil dólares para a Anistia Internacional. (Eu lhe enviarei um recibo, é claro.) Já passei muitos anos fazendo campanha contra a violação dos direitos humanos, e, portanto, admiro o que está tentando conseguir, mas você também é uma criança, Srta. Mackenzie, e não posso em sã consciência cruzar os braços e vê-la levar este projeto até o fim. Aguardo ansiosamente para saber se meu lance foi aceito.

Cordialmente,

Larry Fitzgerald

Madeline e Ed se entreolharam e depois viraram para Abigail.

— Achei cem mil dólares uma doação bem grande — comentou Abigail. Estava diante da geladeira aberta enquanto falava, puxando potes, abrindo tampas e espiando o que havia dentro. — E a Anistia provavelmente poderia, sabe, fazer bastante coisa com esse dinheiro.

— Tenho certeza de que poderia — disse Ed, em um tom neutro.

— Já respondi a ele dizendo que tirei o site do ar — contou Abigail.

— Se não mandar o recibo, vou reativar a página.

— Ah, claro — murmurou Ed. — Ele tem que cumprir o prometido.

Madeline sorriu para o marido e depois de novo para Abigail. Dava para ver o alívio percorrendo o corpo jovem de sua filha. Seus pés descalços faziam uma dancinha enquanto ela estava diante da geladeira. Abigail tinha se metido em uma enrascada, e o maravilhoso Larry Fitzgerald de Dakota do Sul lhe dera uma saída.

— Isso é espaguete à bolonhesa? — perguntou a menina, segurando um pote Tupperware. — Estou morrendo de fome.

— Pensei que agora você fosse vegana — disse Madeline.

— Não quando estou aqui — respondeu Abigail, levando o pote para o micro-ondas. — É muito difícil ser vegana aqui.

— Então me conte — disse a mãe. — Qual era a sua senha?

— Posso mudar de novo — disse Abigail.

— Eu sei.

— Você nunca vai adivinhar.

— Eu sei — disse Madeline. — Seu pai e eu tentamos tudo.

— Não — retrucou Abigail. — É isso. Essa é a minha senha. “Você nunca vai adivinhar.”

— Inteligente — elogiou Madeline.

— Obrigada. — Abigail sorriu para ela. O micro-ondas apitou, a menina abriu a porta e pegou o pote.

— Você sabe que terá, hã, consequências por tudo isso — disse Madeline. — Quando seu pai e eu lhe pedirmos expressamente para fazer alguma coisa, não pode nos ignorar e pronto.

— Sim — concordou Abigail, em tom alegre. — Faça o que tiver que fazer, mãe.

Ed pigarreou, mas Madeline balançou negativamente a cabeça para ele.

— Posso comer enquanto vejo TV? — Abigail levantou o prato fumegante.

— Claro — disse sua mãe.

Ela saiu saltitando.

Ed se recostou na cadeira com as mãos cruzadas na nuca.

— Crise evitada.

— Tudo graças ao Sr. Larry Fitzgerald. — Madeline pegou a cópia do e-mail. — Que sorte foi...

Parou por um instante e tamborilou um dedo no lábio. Até que ponto tinha sido mesmo sorte?

Havia um aviso dizendo FECHADO na porta do Blue Blues. Jane grudou as palmas das mãos na porta de vidro, sentindo-se desconsolada. Não se lembrava de já ter visto um aviso de FECHADO no Blue Blues.

Ela se encharcara toda, absurda e extravagantemente à toa.

Tirou as mãos da porta e xingou. Certo. Bem. Ela iria para casa e tomaria uma ducha. Se ao menos a água quente do seu apartamento durasse mais do que dois minutos e vinte e sete segundos... Dois minutos e vinte e sete segundos não davam nem para se esquentar. Durava o suficiente para ser cruel.

Ela deu meia-volta para ir até o carro.

— Jane!

A porta se abriu.

Tom estava usando camisa branca de mangas compridas e calça jeans. Estava com uma aparência extremamente seca, quente e deliciosa. (Em sua cabeça, Tom era sempre associado a café gostoso e comida saborosa, então Jane tinha uma reação pavloviana só de olhar para ele.)

— Está fechado — disse ela, com tristeza. — Você nunca fecha.

Tom pôs a mão seca em seu braço molhado e puxou-a para dentro.

— Estou aberto para você.

Jane baixou o olhar para se ver melhor. Estava com os sapatos encharcados. Quando andava, fazia barulho. A água escorria pelo seu rosto feito lágrimas.

— Desculpe — disse ela. — Eu não tinha guarda-chuva, e achei que se corresse depressa...

— Não se preocupe com isso. Acontece toda hora. As pessoas enfrentam incêndios e inundações pelo meu café — disse Tom. — Vamos lá nos fundos que eu lhe dou umas roupas secas. Decidi que seria melhor fechar e ver TV. Não aparece cliente nenhum há horas. Cadê o meu amigo Ziggy?

— Minha mãe e meu pai estão com ele para eu ir ao concurso de

perguntas à noite — respondeu Jane. — Noite de farra.

— Provavelmente vai ser — disse Tom. — Os pais de Pirriwee adoram tomar umas e outras. Eu vou, sabia? Madeline me botou na mesa de vocês.

Jane atravessou o café atrás dele, deixando pegadas molhadas, até chegarem à porta com a placa de PRIVADO. Ela sabia que Tom morava nos fundos, mas nunca passara daquela porta.

— Ah — disse quando Tom abriu a porta para ela. — Emocionante!

— Sim — assentiu Tom. — Você é uma felizarda.

Ela olhou em volta e viu que o conjugado dele parecia uma extensão do café: mesmo piso de tábuas polido e as mesmas paredes brancas toscas, prateleiras cheias de livros de segunda mão. As únicas diferenças eram a prancha de surfe e a guitarra encostadas na parede, a pilha de CDs e o aparelho de som.

— Não acredito — disse Jane.

— O quê? — perguntou Tom.

— Você gosta de quebra-cabeça — observou, surpresa, apontando para um montado pela metade na mesa. Olhou para a caixa. Era um da pesada (como seu irmão diria), duas mil peças representando uma foto em preto e branco de Paris na época da guerra. — Nós montamos quebra-cabeça — revelou Jane. — A minha família. Somos meio maníacos.

— Gosto sempre de ter um em andamento — disse Tom. — Acho um jogo meio meditativo.

— Exatamente — concordou Jane.

— Vamos combinar o seguinte: eu lhe dou umas roupas e você pode tomar sopa de abóbora comigo e me ajudar a montar o quebra-cabeça.

Ele pegou uma calça esportiva e um moletom com capuz em uma cômoda, e ela entrou no banheiro e deixou suas roupas ensopadas, até a lingerie, na pia. As roupas secas tinham o cheiro de Tom e do Blue Blues.

— Estou me sentindo o Charlie Chaplin — comentou ela, com as mangas pendendo dos punhos e puxando o cós das calças.

— Aqui — disse Tom, dobrando as mangas do moletom acima dos punhos para ela. Jane se sujeitou a isso como uma criança. Sentia-se inexplicavelmente feliz. Acarinhada.

Sentou-se à mesa, e ele trouxe tigelas com sopa de abóbora e uma colherada de creme azedo e pão fermentado com manteiga.

— Tenho a sensação de que você está sempre me alimentando — disse Jane.

— Você precisa comer — disse Tom. — Raspe o prato.

Ela tomou um bocado da sopa doce e picante.

— Já sei o que tem de diferente em você! — exclamou ele de repente. — Cortou o cabelo! Está ótimo.

Jane riu.

— Eu estava pensando no caminho para cá que um gay notaria de cara que eu tinha cortado o cabelo. — Ela pegou uma peça do quebra-cabeça e descobriu onde se encaixava. Parecia que estava em casa, comendo e montando quebra-cabeça. — Desculpe. Sei que isso é um clichê horrível.

— Hum — disse Tom.

— O quê? — perguntou Jane. Olhou para ele. — É aí que a peça se encaixa. Olha. É a quina do tanque. Essa sopa é incrível. Por que não está no cardápio?

— Eu não sou gay.

— Ah, é sim — retrucou Jane, alegre. Presumia que ele estivesse fazendo uma piada de mau gosto.

— Não — respondeu Tom. — Não sou, não.

— O quê?

— Sei que gosto de quebra-cabeça e faço uma sopa de abóbora incrível, mas sou hétero mesmo.

— Ah! — exclamou Jane. Ela podia sentir seu rosto enrubescendo.

— Desculpe. Pensei... não pensei, eu sabia! Como eu sabia? Alguém me contou. *Madeline* me disse há séculos. Mas eu me lembro. Ela me contou essa história toda de como você terminou com seu namorado e ficou péssimo e passava horas chorando e surfando...

Tom riu.

— Tom O'Brien — disse ele. — Era dele que ela estava falando.

— Tom O'Brien, o cara da oficina de lanternagem?

Tom O'Brien era alto, forte e tinha uma barba preta cerrada. Ela provavelmente nunca registrara direito que os dois tinham o mesmo nome, mas eram muito diferentes.

— Isso é perfeitamente compreensível — disse ele. — Pareceria mais provável que o Tom do café fosse gay do que o Tom grandalhão da oficina. Ele está feliz agora, por sinal, apaixonado por outra pessoa.

— Hum — disse Jane, refletindo. — Os recibos dele eram mesmo cheirosos. — Tom bufou. — Espero não ter, hã, ofendido você.

Ela não fechara completamente a porta do banheiro quando trocara de roupa. Deixara-a entreaberta, como teria feito se Tom fosse uma mulher, para continuarem conversando. Ela estava sem calcinha e sutiã. Tinha conversado tão *à vontade*. Sempre se sentira muito à vontade com ele. Se soubesse que ele era hétero, ela teria escondido uma parte sua. Havia se permitido se sentir atraída por ele porque era gay, então não contava.

— Claro que não — respondeu Tom.

Seus olhares se encontraram. O rosto dele, tão querido e conhecido depois de tantos meses, de repente pareceu estranho. Tom estava corando. Os dois estavam corando. Ela sentiu um frio na barriga como

se estivesse no alto de uma montanha-russa. Ai, *calamidade*.

— Acho que aquela peça é naquele canto ali — indicou Tom.

Jane olhou para a peça do quebra-cabeça e a encaixou. Esperava que o tremor em seus dedos parecesse falta de jeito.

—

Carol: Eu vi Jane tendo uma conversa muito, vamos dizer, *íntima* com um dos pais na noite do concurso de perguntas. Eles estavam com o rosto bem pertinho assim, e tenho quase certeza de que ele estava com a mão no joelho dela. Fiquei um pouquinho chocada, para ser sincera.

Gabrielle: Não era um pai da escola. Era só *Tom*! O barista! E ele é gay!

MEIA HORA ANTES DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— Você está linda, mamãe — elogiou Josh.

Ele estava à porta do quarto, olhando para Celeste. Ela usava um vestido preto sem manga, luvas compridas pretas e o colar de pérolas que Perry lhe trouxera da Suíça. Tinha até prendido o cabelo em um coque razoável estilo Audrey Hepburn e bem naquele instante encontrara um antigo pente com diamantes. Estava bem bonita. Madeline ficaria satisfeita.

— Obrigada, Joshie — disse Celeste, mais sensibilizada do que se lembrava de já ter ficado com um elogio. — Venha me dar um abraço.

Ele correu para a mãe, que sentou-se na beirada da cama e deixou-o se aninhar em seu colo. Ele nunca fora tão carinhoso quanto Max, então, quando precisava de um abraço, ela fazia questão de não ter pressa. Pressionou os lábios no cabelo dele. Tomara mais analgésicos, embora não tivesse certeza de estar realmente precisando disso, e sentia-se distante e aérea.

— Mamãe — chamou Josh.

— Hã?

— Preciso lhe contar um segredo.

— Hã. O que é?

Ela fechou os olhos e abraçou-o mais.

— Eu não quero contar — revelou Josh.

— Não precisa me contar — disse Celeste de um jeito sonhador.

— Mas isso está me deixando triste — confessou ele.

— O que está lhe deixando triste?

Celeste levantou a cabeça e se obrigou a prestar atenção.

— Tudo bem. Então, Max não está mais machucando Amabella — disse Josh. — Mas aí, ontem, ele empurrou de novo a Skye na escada perto da biblioteca. Falei que ele não devia fazer isso, e a gente brigou feio porque eu disse que ia contar.

Max empurrou Skye.

Skye. A filhinha de Bonnie e Nathan que parecia uma menor abandonada. Max tinha empurrado Skye *de novo* na escada. A ideia de

seu filho machucando aquela criança frágil fez Celeste sentir-se mal instantaneamente.

— Mas por quê? — perguntou ela. — Por que ele faria isso? — Sua nuca começou a doer.

— Sei lá. — Josh deu de ombros. — Por nada.

— Espere um minuto — disse Celeste. Seu celular estava tocando em algum lugar lá embaixo. Ela pressionou um dedo na testa. Estava difícil raciocinar. — Você disse “Max não está mais machucando Amabella”? Do que está falando? O que você quer dizer?

— Eu atendo! — gritou Perry.

Josh ficou impaciente.

— Não, não, mamãe. *Escute!* Ele não chega mais perto da Amabella. É a *Skye*. Ele está fazendo maldade com a *Skye*. Quando não tem mais ninguém olhando, só eu.

— Mamãe! — Max chegou correndo. Estava em êxtase. — Acho que o meu dente está mole. — Pôs o dedo na boca.

Ele era tão fofinho. Tão meigo e inocente. Ainda tinha aquele rosto rechonchudo de bebê. Estava desesperado para perder um dente porque havia ficado obcecado com a Fada do Dente.

Quando os meninos fizeram três anos, Josh pedira um trator de brinquedo e Max, uma boneca. Ela e Perry tinham gostado de vê-lo embalando a boneca, cantando canções de ninar para ela, e Celeste adorara o fato de o marido não ter se importado que o filho estivesse agindo de forma tão pouco masculina. Naturalmente, ele logo trocara as bonecas por sabres de luz, mas ainda era o seu filho carinhoso, o mais amoroso dos gêmeos.

Mas andava perseguindo as garotinhas quietas da turma e machucando-as. Seu filho fazia bullying. “Como a violência afeta seus filhos?”, perguntara Susi. “Não afeta”, respondera ela.

— Ah, *Max* — disse Celeste.

— Sente só! — pediu o menino. — Não estou inventando! Está mole mesmo! — Ele olhou para o pai, que entrava no quarto. — Você está engraçado, papai! Ei, papai, olha o meu dente! Olha, olha!

Perry estava quase irreconhecível com aquela peruca preta luzidia ajustada com perfeição, óculos de aviador dourados e, claro, o icônico macacão branco de Elvis com reluzentes pedras preciosas. Segurava o celular de Celeste.

— Caramba! Está solto mesmo dessa vez? — perguntou. — Deixa eu ver!

Ele deixou o telefone na cama ao lado da esposa e de Josh e ajoelhou-se na frente de Max, empurrando os óculos até a ponta do nariz para enxergar.

— Tenho um recado para você — disse, olhando para Celeste. Pôs o dedo no lábio inferior de Max. — Deixa eu ver, amigão. De Mindy.

— Mindy? — perguntou Celeste, distraída. — Não conheço ninguém chamada Mindy.

Ela estava pensando em Jane e Ziggy. Na petição que devia conter o nome de Max. Precisava contar à escola. Será que devia ligar imediatamente para a Srta. Barnes? Será que devia ligar para Jane?

— A sua gestora de propriedades — informou Perry.

Celeste sentiu um frio na barriga. Deixou Josh sair de seu colo.

— Aposto que seu dente não está solto! — exclamou Josh ao irmão.

— Talvez um pouquinho solto — disse Perry. Ele bagunçou o cabelo de Max e endireitou os próprios óculos. — Estão instalando novos detectores de fumaça no seu apartamento e querem saber se podem ir segunda-feira de manhã. Mindy perguntou se nove horas estaria bom para você. — Ele agarrou os dois meninos pela cintura e os levantou até a altura dos seus quadris, onde se seguraram confortavelmente feito macacos, com expressões exultantes. Perry inclinou a cabeça para Celeste. Deu um sorriso branco de Elvis. — É conveniente para você, amor?

A campainha tocou.

Stu: Assim que a pessoa entrava pela porta, lhe entregavam um daqueles coquetéis borbulhantes cor-de-rosa de mulherzinha.

Samantha: Eram *divinos*. O único problema foi que as professoras do sexto ano meio que calcularam mal as quantidades, e cada drinque correspondia a uns três shots de destilado. São essas pessoas que estão ensinando matemática aos nossos filhos, aliás.

Gabrielle: Eu estava faminta porque economizei todas as minhas calorias para aquela noite. Bebi meio coquetel e... pimba!

Jackie: Vou a muitos eventos a trabalho com gente que sabe beber, mas vou contar uma coisa, nunca vi um grupo de pessoas ficar bêbado tão depressa quanto na noite do concurso de perguntas da escola.

Thea: O carro do bufê quebrou, então todo mundo estava com fome e bebendo aqueles drinques alcoólicos muito fortes. Pensei: *Isso é uma receita para o desastre*.

Srta. Barnes: Não é de bom tom uma professora se embriagar em festas escolares e eu sempre tomo apenas um drinque, mas aquele coquetel! Tipo, nem sei direito o que eu estava dizendo para as pessoas.

Sra. Lipmann: No momento estamos revendo nosso protocolo em relação a servir bebida alcoólica em eventos escolares.

—

A NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— Coquetel? — Uma Audrey Hepburn loura estendeu uma bandeja.

Jane aceitou a bebida cor-de-rosa oferecida e olhou em volta da sala de reunião da escola. Todas as Louras de Corte Chanel deviam ter tido uma reunião para decidir que usariam gargantilhas de pérolas idênticas, vestidos pretinhos básicos e cabelo preso. Talvez a filha da Sra. Ponder tivesse feito um preço especial para grupos.

— Você é nova na escola? — perguntou a Loura de Corte Chanel.

— Acho que não a conheço.

— Sou mãe do jardim — disse Jane. — Estou aqui desde o começo do ano. Nossa, esse drinque está *bom*.

— Sim, foi uma criação das professoras do sexto ano. Elas estão chamando isso de “Não em dia de semana” ou alguma coisa assim. — A Loura de Corte Chanel olhou com mais atenção. — Ah, conheço você, sim! Cortou o cabelo. É, hã, Jane, não é?

Sim. Sou eu. A mãe do praticante de bullying. Só que na verdade não é ele.

A Loura de Corte Chanel largou-a como se fosse uma batata quente.

— Uma ótima noite para você! — desejou ela. — Tem uma planta das mesas para aquele lado. — Acenou com a mão para nenhum lado específico, dispensando-a.

Jane foi até a aglomeração, passando por grupos de Elvis animados e Audreys dando risadinhas, todos virando em um único gole os coquetéis cor-de-rosa. Olhou ao redor à procura de Tom, porque sabia que ele gostaria de analisar com ela exatamente o que havia naquela bebida para deixá-la tão gostosa.

Tom é hétero. A ideia sumia e depois reaparecia em sua cabeça como um boneco de mola em uma caixa surpresa. Toin! Tom não é gay! Toin! Toin! Tom não é gay! Toin!

Era hilário, maravilhoso e assustador.

Ela deu de cara com Madeline, toda em cor-de-rosa: vestido cor-de-rosa, bolsa cor-de-rosa e drinque cor-de-rosa na mão.

— Jane!

Seu vestido de seda era tacheado de pedrinhas de *strass* verdes e tinha um enorme laço cor-de-rosa amarrado na cintura. Quase todas as mulheres na sala estavam de preto, mas Madeline, claro, sabia exatamente como se sobressair em uma multidão.

— Você está deslumbrante — disse Jane. — É a tiara da Chloe que está usando?

Madeline tocou na tiara com pedras cor-de-rosa de plástico.

— É, tive que pagar a ela um aluguel exorbitante por isso. Mas é você quem está deslumbrante! — Ela pegou o braço de Jane e a fez girar devagar. — Seu cabelo! Você nunca me disse que ia cortar! Está perfeito! Foi Lucy Ponder que fez isso? E a roupa! Está uma gracinha!

Ela tornou a girar Jane para que a amiga ficasse de frente para ela, e levou a mão à boca.

— Jane! Você está de *batom*! Estou tão, tão... — Sua voz tremia de emoção. — Estou tão *feliz* de ver você de *batom*!

— Quantos desses drinques cor-de-rosa bonitinhos você já tomou? — perguntou Jane. Ela deu outro grande gole no seu.

— Esse é só o segundo — respondeu Madeline. — Estou com uma TPM horrorosa. Pode ser que eu mate alguém até o fim da noite.

Mas... está tudo bem! Tudo ótimo! Abigail tirou o site dela do ar. Ah, espere, você nem sabe sobre isso, sabe? Tanta coisa aconteceu! *Tantas* catástrofes calamitosas! Ah! Como foi ontem? A consulta com você sabe quem?

— Que site Abigail tirou do ar? — perguntou Jane. Deu mais uma longa sugada no canudo e observou o líquido cor-de-rosa desaparecer. Estava lhe subindo direto à cabeça. Ela se sentia maravilhosa e muito feliz. — A consulta com a psicóloga correu bem. — Ela baixou o tom de voz. — Não foi Ziggy quem machucou Amabella.

— Claro que não foi — disse Madeline.

— Acho que já acabei esse — observou Jane.

— Você acha que tem álcool nesses drinques? — perguntou ela. — Têm um gostinho de infância, de uma coisa espumante e divertida. Gosto de tarde de verão, de primeiro beijo, de...

— Ziggy está com piolho — contou Jane.

— Chloe e Fred também — revelou Madeline, desanimada.

— Ah, e tenho muita coisa para contar também. Ontem, o marido de Harper deu uma de Tony Soprano para cima de mim. Disse que se eu chegasse perto de Harper outra vez ele faria com que eu sentisse todo o peso da lei. Ele é sócio de um escritório de advocacia, parece.

— *Graeme?* — perguntou Madeline. — Ele é tributarista, pelo amor de Deus.

— Tom pôs os dois para fora do café.

— Sério? — Madeline parecia muito animada.

— Com minhas próprias mãos — disse uma voz atrás delas.

Jane deu meia-volta e viu Tom parado à sua frente, de calça jeans e camisa social xadrez. Ele segurava um dos onipresentes drinques cor-de-rosa.

— *Tom!* — exclamou Jane, tão exultante quanto se ele fosse um soldado que tivesse acabado de voltar da guerra. Sem querer, se aproximou, e recuou depressa quando seu braço roçou no dele.

— Estão lindas — disse Tom, mas seus olhos estavam em Jane.

— Você não está nada parecido com Elvis — censurou Madeline.

— Não gosto de me fantasiar — confessou Tom. Puxou a camisa bem passada, parecendo pouco à vontade. — Desculpe. — A camisa não caía muito bem nele. Ficava muito melhor com as camisetas pretas que usava no café. Imaginar Tom com o peito despido naquele pequeno conjugado, passando cuidadosamente a camisa que não o favorecia, encheu Jane de ternura e desejo. — Ei, você consegue sentir gosto de hortelã nisso? — perguntou Tom a Jane.

— É isso — disse ela. — Então é polpa de morango, champanhe...

— ...e acho que vodka — falou Tom. Deu outro gole. — Muita vodka.

— Você acha? — questionou Jane.

Seus olhos estavam nos lábios dele. Ela sempre soubera que Tom era bonito, mas nunca analisara por quê. Possivelmente era a boca. Tinha uma linda boca, quase feminina. Aquele era um dia muito triste para a comunidade gay.

— Arrá! — disse Madeline. — *Arrá!*

— O que foi? — perguntou Tom.

— Como vai, Tom? — Ed apareceu ao lado de Madeline e pôs o braço em volta de sua cintura. Ele estava com uma roupa de Elvis preta e dourada com pelerine e uma gola enorme. Era impossível olhar para ele sem rir. — Por que Tom não tem que se vestir de idiota? — Sorriu para Jane. — Pare de rir, Jane. Você está um arraso, por sinal. Fez alguma coisa no cabelo?

Madeline deu um sorriso idiota para Jane e Tom, virando a cabeça de um para outro como se estivesse em uma partida de tênis.

— Olha, querido — disse ela a Ed. — *Tom e Jane.*

— É — disse Ed. — Estou vendo. Acabei de falar com eles, aliás.

— Isso é tão *óbvio!* — exclamou Madeline, os olhos brilhando, a mão no peito. — Não acredito que eu nunca...

Para imenso alívio de Jane, ela parou, olhando para trás deles.

— Olhem quem está aqui. O rei e a rainha do baile.

Perry não falou nada durante o curto trajeto até a escola. Eles ainda iam ao concurso de perguntas. Celeste não podia acreditar que estivessem indo, mas, por outro lado, é *claro* que iam. Os dois nunca cancelavam. Às vezes ela precisava mudar o que planejava vestir, outras vezes precisava ter uma desculpa pronta, mas o show tinha que continuar.

Perry já postara no Facebook uma foto deles fantasiados. Isso faria com que parecessem pessoas bem-humoradas, engraçadas e divertidas que não se levavam muito a sério e se interessavam por sua escola e comunidade. Complementava perfeitamente outros posts mais glamorosos sobre viagens ao exterior e eventos culturais caros. Uma noite de concurso de perguntas na escola era ótimo para a imagem deles.

Ela olhava fixo para os limpadores de para-brisa funcionando energicamente. O para-brisa estava igualzinho aos ciclos sem fim de sua mente. Borrão. Limpa. Borrão. Limpa. Borrão. Limpa.

Celeste observou as mãos dele no volante. Mãos competentes. Ternas. Cruéis. Perry era apenas um homem fantasiado de Elvis levando-a a um evento da escola. Ele era um homem que acabara de descobrir que a esposa estava planejando abandoná-lo. Um homem ferido. Traído. Furioso. Mas apenas um homem.

Borrão. Limpa. Borrão. Limpa.

Quando Gwen chegara para ficar com os meninos, Perry acionara seu charme como se fosse uma questão de vida ou morte. Foi fria com Perry a princípio, mas, no fim das contas, Elvis era o ponto fraco de Gwen. Ela começou a contar uma história sobre como fora uma das “garotas de ouro” quando o Cadillac de ouro de Elvis fez uma excursão pela Austrália, até Perry interrompê-la, como se fosse um cavalheiro tirando uma mulher dos braços do homem com quem ela dançava em um baile.

A chuva amainou quando eles entraram na rua da escola. Estava lotada de carros, mas havia uma vaga esperando por Perry perto da

entrada, como se a tivesse reservado. Ele sempre encontrava vaga. Os sinais abriam para ele. O dólar aumentava e abaixava obedientemente para ele. Talvez por isso se enfurecesse tanto quando as coisas não davam certo.

Desligou o motor.

Nenhum deles se mexeu nem falou. Celeste viu uma das mães do jardim de infância passando apressada diante do carro com um vestido longo que a obrigava a dar passinhos curtos. Carregava um guarda-chuva infantil de bolinhas. *Gabrielle*, pensou Celeste. A que falava sem parar sobre o próprio peso.

Celeste virou-se para olhar o marido.

— Max anda maltratando Amabella. A filhinha de Renata.

Perry continuou olhando para a frente.

— Como você sabe?

— Josh me contou — disse Celeste. — Logo antes de sairmos. Ziggy anda levando a culpa por isso.

Ziggy. O filho do seu primo.

— É pela suspensão dele que os pais estão fazendo uma petição. — Ela fechou os olhos por um instante ao pensar em Perry batendo a cabeça dela na parede. — Deviam estar fazendo uma petição pela suspensão de *Max*, não de *Ziggy*.

Perry virou-se para olhá-la. Parecia um estranho com aquela peruca preta. A cor realçava o brilho de seus olhos azuis.

— Vamos falar com as professoras — afirmou.

— *Eu* vou falar com as professoras — corrigiu Celeste. — Você não vai estar aqui, lembra?

— Certo — concordou Perry. — Vou falar com Max amanhã, antes de ir para o aeroporto.

— O que você vai dizer? — perguntou ela.

— Não sei.

Havia uma enorme e pesada dor alojada no peito dela. Seria infarto? Fúria? Desgosto? Seria o peso da responsabilidade?

— Você vai dizer a ele que isso não é maneira de tratar uma mulher? — perguntou ela, e isso foi como saltar de um precipício. Nunca dizer uma palavra. Não daquela forma. Ela violara uma regra inviolável. Será que era por ele estar parecido com Elvis Presley e nada ser real ou por ele saber do apartamento e tudo ser mais real do que antes?

A expressão de Perry mudou, ficou mais franca.

— Os meninos nunca...

— Eles *já* — gritou Celeste. Ela fingira tanto, por tanto tempo e, além disso, não havia ninguém ali a não ser os dois. — Na véspera da festa do ano passado, Max saiu da cama, ele estava parado ali na porta...

— É, tudo bem — disse Perry.

— E teve aquela vez na cozinha, quando você, quando eu...

Ele estendeu a mão.

— Está bem, está bem.

Ela parou.

Após um instante, ele falou:

— Então você alugou um apartamento?

— Aluguei — respondeu Celeste.

— Quando vai sair de casa?

— Semana que vem — disse ela. — Acho que semana que vem.

— Com os meninos?

É nesse momento que você deve sentir medo, pensou ela. Não foi desse jeito que Susi disse que aquilo devia ser feito. Cenários. Planos. Rotas de fuga. Ela não estava agindo com cautela, mas passara anos tentando agir com cautela e sabia que não fazia a menor diferença, afinal.

— Claro que com os meninos.

Ele respirou fundo, como se tivesse sentido uma dor súbita. Apoiou o rosto nas mãos e inclinou-se para a frente pressionando a testa no volante, sacudindo-se todo como se estivesse tendo uma convulsão.

Celeste ficou olhando e, por um instante, não conseguiu entender o que ele estava fazendo. Estava passando mal? Rindo? Sentiu um nó no estômago e pôs a mão na maçaneta do carro, mas então ele levantou a cabeça e virou-se para ela.

Seu rosto estava riscado de lágrimas. Sua peruca de Elvis entortara. Parecia transtornado.

— Eu vou procurar ajuda — disse ele. — Prometo a você que vou procurar ajuda.

— Não vai nada — retrucou ela baixinho.

A chuva estava diminuindo. Ela viu outras Audreys e outros Elvis andando apressados pela rua, encolhidos embaixo de guarda-chuvas, e ouviu seus gritos e suas risadas.

— Vou. — Os olhos dele se iluminaram. — Ano passado recebi uma indicação do Dr. Hunter para consultar um psiquiatra. — Sua voz adquiriu um tom de triunfo diante da lembrança.

— Você contou ao Dr. Hunter sobre... a gente?

O clínico geral deles era um avô amável e refinado.

— Conteí a ele que achava que estava sofrendo de ansiedade — disse Perry. Viu a expressão dela. — Bem, o Dr. Hunter nos conhece! — continuou ele, na defensiva. — Mas eu ia consultar um psiquiatra. Ia contar a ele. Só não tive tempo, e depois passei a achar que eu mesmo podia resolver o problema. — Ela não podia julgá-lo por isso. Sabia como a mente dava voltas e voltas inúteis. — Acho que a indicação expirou. Mas vou conseguir outra. Fico muito... Quando me

irrito... Não sei o que acontece comigo. Parece loucura. Como uma fúria irreprimível... E eu nunca decido... Simplesmente acontece, e toda vez, não consigo acreditar, e penso: nunca mais vou deixar isso acontecer de novo, mas ontem... Celeste, estou me sentindo mal por ontem.

Os vidros do carro estavam embaçando. Ela passou a mão na janela do seu lado, desembacando-a para poder olhar para fora. Perry estava falando como se fosse realmente a primeira vez que dissesse aquelas coisas, como se fosse uma informação completamente nova.

— Não podemos criar os meninos assim.

Ela olhou para a rua chuvosa e escura, que todas as manhãs letivas ficava cheia de crianças alegres e barulhentas de chapéus azuis.

Celeste se deu conta, com um pequeno choque, de que, se não fosse pela revelação de Josh sobre o comportamento de Max, provavelmente ainda assim não teria saído de casa. Teria se convencido de que estava sendo dramática, de que não fora tão ruim, de que qualquer homem poderia ter se enfurecido se tivesse sido humilhado do jeito que ela fizera com Perry na frente de Madeline e Ed.

Os meninos sempre haviam sido o motivo pelo qual ela ficara, mas no momento, pela primeira vez, eram sua razão para ir embora. Ela permitira que a violência se tornasse algo normal na vida deles. Nos últimos cinco anos, a própria Celeste havia desenvolvido uma espécie de insensibilidade e de aceitação em relação à violência que lhe permitia revidar e às vezes até bater primeiro. Ela arranhava, chutava e estapeava. Como se fosse normal. Odiava isso, mas fazia. Se ficasse, *o legado que deixaria para os filhos seria esse*.

Ela virou-se e olhou para Perry.

— Acabou. Você precisa saber que acabou.

Ele estremeceu. Celeste o viu preparar-se para brigar, planejar a estratégia, vencer. Perry nunca perdia.

— Vou cancelar a próxima viagem — disse. — Vou pedir *demissão*. Passar os próximos seis meses sem fazer nada senão trabalhar na nossa relação... Não, *em mim*. Os próximos... Merda!

Ele levou um susto, os olhos fixos em alguma coisa atrás do ombro de Celeste. Ela se virou e suprimiu um grito. Havia um rosto colado na janela, parecendo uma gárgula.

Perry apertou um botão, e a janela de Celeste baixou. Era Renata, sorrindo alegremente ao colocar a cabeça para dentro do carro, segurando uma estola de tecido fino em volta dos ombros. Seu marido estava ao seu lado, protegendo-a da chuva com um enorme guarda-chuva preto.

— Desculpe! Não tive a intenção de assustar vocês! Precisam dividir o nosso guarda-chuva? Vocês dois estão o *máximo*!

Era como assistir à chegada de astros do cinema, pensou Madeline. Havia alguma coisa no modo de andar de Perry e Celeste, como se eles estivessem subindo em um palco. Os dois tinham posturas muito boas, seus rostos estavam prontos para a câmera. Usavam roupas parecidas com as de muitos convidados, mas era como se Perry e Celeste não estivessem fantasiados. Como se os *verdadeiros* Elvis e Audrey tivessem chegado. Todas as mulheres usando um vestido preto como em *Bonequinha de Luxo* levaram as mãos aos seus reles colares de pérolas. Todos os homens vestindo macacão branco como Elvis encolheram a barriga. Todos beberam de uma vez seus drinques espumantes cor-de-rosa.

— Nossa. Celeste está espetacular.

Madeline virou-se e viu Bonnie parada ao seu lado.

Como Tom, Bonnie obviamente não se fantasiava. Seu cabelo estava preso naquela trança caída no ombro. Nada de maquiagem. Ela parecia uma moradora de rua produzida: blusa de mangas compridas de um tecido fino desbotado escorregando do ombro (todas as suas roupas caíam no ombro daquele jeito irritante. Madeline tinha vontade de agarrá-la e endireitar tudo), saia longa sem forma, um cinto velho de couro na cintura e várias daquelas joias esquisitas de cigana maluca, cheias de caveiras, se é que se podia chamar aquilo de joia.

Se Abigail estivesse ali, olharia para a mãe e para a madrastra, e seria a roupa de Bonnie que ela admiraria, seria Bonnie que ela escolheria para imitar. E, tudo bem, porque nenhuma adolescente queria se parecer com a mãe, Madeline sabia disso, mas por que Abigail não podia admirar alguma celebridade qualquer viciada em drogas? Por que tinha que ser a maldita mulher do pai?

— Como vai, Bonnie?

Ela observou Tom e Jane sumirem na multidão. Alguém estava pedindo a Tom um café com leite de soja e achando a maior graça (pobre Tom), mas o barista não parecia incomodado. Seus olhos

ficavam voltando para Jane, e os de Jane para ele. Observar aquela óbvia atração mútua deixara Madeline com a sensação de estar assistindo a um acontecimento belo e extraordinário, mas corriqueiro, como o nascimento de um pintinho. Conversar com a esposa do ex-marido, porém, mesmo sob o agradável torpor do álcool, despertara sua TPM.

— Quem está tomando conta de Skye? — perguntou ela a Bonnie.
— Desculpe! — Bateu na própria testa. — Devíamos ter oferecido para Skye ficar lá em casa! Abigail está cuidando de Chloe e Fred para nós. Ela poderia ter ficado com todos os irmãos de uma vez.

Bonnie sorriu com cautela.

— Skye está com a minha mãe.

— Abigail poderia ter ensinado os irmãos a fazer sites! — exclamou Madeline ao mesmo tempo.

O sorriso de Bonnie desapareceu.

— Madeline, olha, sobre aquele...

— Ah, Skye está com a sua mãe! — continuou ela. — Que bom! Abigail tem uma “ligação especial” com a sua mãe, não tem?

Ela estava sendo uma megera. Era uma pessoa horrível. Precisava encontrar alguém com quem pudesse desabafar seus pensamentos maldosos, alguém que não a julgaria nem faria fofoca com o que ela falou. Onde estava Celeste? Era uma ótima amiga para isso. Observou Bonnie esvaziar o copo. Uma Loura de Corte Chanel chegou trazendo uma bandeja com mais drinques cor-de-rosa. Madeline pegou mais dois, para ela e Bonnie.

— Quando vamos começar o concurso de perguntas? — perguntou ela à Loura de Corte Chanel. — Está todo mundo ficando bêbado demais para se concentrar.

A mulher pareceu incomodada, como era de se esperar.

— Eu sei! Estamos bem atrasados. Era para o coquetel já ter acabado, mas o bufê está preso em um engarrafamento na rua Pirriwee. — Soprou um cacho louro dos olhos. — E Brett Larson é o mestre de cerimônias e está preso no mesmo engarrafamento.

— Ed pode ser o mestre de cerimônias! — disse Madeline alegremente. — Ele é um ótimo mestre de cerimônias.

Ela olhou em volta à procura de Ed e o viu se aproximando do marido de Renata, estendendo a mão e dando tapinhas nas costas dele, todo efusivo. Ótima escolha, querido. *Você está ciente de que sua mulher bateu no carro da esposa dele ontem à tarde, ocasionando uma competição pública para ver quem gritava mais?* Ed provavelmente achou que estava falando com Gareth, o que joga golfe, não Geoff, o observador de pássaros, e no momento estava perguntando a Geoff se ele andara jogando muito nos últimos tempos.

— Obrigada, mas Brett está com todas as perguntas do concurso.

Ele passou meses trabalhando nelas. Tem planejada toda uma apresentação multimídia — disse a Loura de Corte Chanel. — Então aguente mais um pouco! — Ela saiu andando com a bandeja de drinques.

— Esses drinques estão subindo à minha cabeça — comentou Bonnie.

Madeline não estava prestando atenção. Observava Renata cumprimentar Ed com um aceno de cabeça frio e rapidamente se virar para o lado e falar com outra pessoa. Ela se lembrou de repente da fofoca quente que ficara sabendo na véspera sobre o caso do marido de Renata com a babá francesa. Esquecera-se da novidade ao descobrir o site de Abigail. Sentiu-se culpada por ter respondido aos gritos quando Renata berrou com ela por ter batido em seu carro.

Bonnie cambaleou um pouco.

— Não bebo muito hoje em dia, então acho que tenho pouca tolerância...

— Com licença, Bonnie — pediu Madeline. — Preciso buscar o meu marido. Ele parece estar tendo uma conversa muito animada com um adúltero. Não quero que aprenda nenhuma ideia nova.

Bonnie virou a cabeça para ver quem estava falando com Ed.

— Não se preocupe — disse Madeline. — *O seu* marido não é o adúltero! Nathan é sempre monogâmico até abandonar a mulher com um bebê recém-nascido. Ah, mas espere, ele não abandonou *você* com um bebê recém-nascido. Isso foi só comigo!

Agir cordialmente para quê? Quem liga para esse tipo de coisa? A Madeline do dia seguinte se arrependeria de cada palavra que dissesse naquela noite, mas a Madeline daquele momento estava muito feliz por perder todas aquelas inibições chatas. Que maravilha deixar as palavras saírem com tanta facilidade.

— Cadê o meu querido ex-marido, aliás? — continuou Madeline. — Ainda não o vi essa noite. Nem lhe conto que *maravilha* é ir à noite do concurso de perguntas sabendo que vou esbarrar em Nathan.

Bonnie brincava com a ponta da trança e olhou para Madeline com os olhos ligeiramente fora de foco.

— Nathan largou você há quinze anos — afirmou ela.

Havia algo na voz dela que Madeline nunca ouvira. Uma aspereza, como se alguma coisa tivesse sido eliminada. Que interessante! *Sim, por favor, me mostre outro lado seu, Bonnie!*

— Ele fez uma coisa horrível, horrível, e nunca vai se perdoar por isso — continuou ela. — Mas talvez já esteja na hora de *você* pensar em perdoá-lo, Madeline. Perdoar faz bem para a saúde.

Madeline revirou os olhos mentalmente. Talvez externamente também. Por um instante, achara que estava prestes a ver a verdadeira Bonnie, mas ela continuava falando aquelas bobagens fantasiosas.

Bonnie olhou para ela com seriedade.

— Pela minha experiência...

Ouviram-se súbitos gritinhos de prazer de um grupo de pessoas atrás de Bonnie. Alguém exclamou: “Estou tão feliz por você!” Uma mulher recuou, esbarrando em Bonnie, que, ao ser empurrada para a frente, derramou sem querer o drinque no vestido cor-de-rosa de Madeline.

—

Gabrielle: Foi um acidente. Davina estava abraçando Rowena. Ela havia acabado de anunciar uma coisa. Acho que tinha conquistado sua meta de peso.

Jackie: Rowena tinha acabado de anunciar que havia comprado um Thermonix. Ou um Vitamix. Não sei direito. Eu tenho vida. Então, claro, Davina a abraçou. *Porque ela tinha comprado um novo eletrodoméstico de cozinha.* Não estou inventando isso.

Melissa: Não, não, nós estávamos falando sobre o último surto de piolho, e Rowena perguntou a Davina se ela havia conferido a própria cabeça, e então o marido de alguém fingiu ver alguma coisa andando no cabelo de Davina. A coitada ficou louca e esbarrou em Bonnie.

Harper: O quê? Não! Bonnie *jogou* o drinque dela em Madeline de propósito. Eu vi!

A noite do concurso de perguntas já rolava havia mais de uma hora sem comida nem concurso. Jane sentia uma movimentação ondulante suave, como se estivesse em um navio. O lugar foi ficando mais quente. Fizera frio mais cedo, e a calefação estava ligada a uma temperatura muito elevada. Rostos iam ficando cor-de-rosa. A chuva apertou de novo e batia no telhado, por isso as pessoas tinham que levantar o tom de voz para serem ouvidas. As risadas se propagavam pela sala. Correu um boato de que alguém havia encomendado pizza. As mulheres começavam a pegar os petiscos de emergência nas bolsas.

Jane observou um corpulento Elvis oferecer doar quinhentos dólares à escola em troca das batatas chips com sal e vinagre de Samantha.

— Claro — concordou ela, mas seu marido, Stu, tirou as batatas da mão dela antes que o negócio pudesse ser concluído. — Sinto muito, cara, preciso mais disso do que as crianças precisam de quadros interativos.

Ed disse a Madeline:

— Por que você não tem um lanche na bolsa? Que tipo de mulher você é?

— Isso é uma *clutch*! — disse Madeline, brandindo sua bolsinha de paetê. — Pare com isso, Bonnie. Estou bem! — Enxotou a mulher, que estava andando atrás dela, tentando secar seu vestido com um punhado de toalhas de papel.

Duas Audreys e um Elvis discutiam apaixonadamente em um tom de voz elevado sobre testes padronizados.

— Não há provas que sugiram...

— Eles ensinam para o teste! Tenho certeza *absoluta* de que ensinam para o teste!

Louras de Corte Chanel corriam de um lado para outro com celulares colados no ouvido.

— O bufê vai chegar em cinco minutos! — repreendeu uma quando viu Stu comendo as batatas chips com sal e vinagre.

— Sinto muito — respondeu ele, estendendo o saco. — Quer uma?

— Ah, está bem. — A mulher pegou uma batata e foi embora depressa.

— Não tem capacidade de organizar nem suruba. — Stu balançou a cabeça tristemente.

— Shhhh — sibilou Samantha.

— Por acaso as noites do concurso de perguntas da escola são sempre assim tão... — Tom parecia não achar a palavra certa para concluir sua pergunta.

— Não sei — disse Jane.

Tom sorriu para ela. Jane retribuiu o sorriso. Eles pareciam estar sorrindo muito um para o outro aquela noite, como se compartilhassem uma piada interna.

Querido Deus, por favor não me deixe estar imaginando isso.

— Tom! Cadê o meu capuccino grande com leite desnatado? Rá rá!

Ele arregalou os olhos minimamente para Jane enquanto era arrastado para outra conversa.

— Jane! Estava procurando você! Como vai?

A Srta. Barnes surgiu, mais alta do que de costume, equilibrando-se com dificuldade em saltos altíssimos. Usava um chapéu gigantesco, um boá cor-de-rosa, e carregava uma sombrinha. Não estava nada parecida com Audrey Hepburn pelo que Jane sabia. Pronunciava as palavras muito devagar e com bastante cuidado para não deixar ninguém notar que estava bêbada.

— Como estão as coisas? — perguntou, como se Jane tivesse perdido um ente querido recentemente, e, por um momento, Jane se esforçou para lembrar quem havia morrido. Ah, a petição, claro. A escola toda achava que seu filho fazia bullying. Isso. Tanto faz. *Tom não é gay!* — Vamos conversar antes da aula segunda-feira de manhã, certo? — confirmou a Srta. Barnes. — Imagino que seja sobre... aquilo.

Ela disse a palavra “aquilo” fazendo sinal de aspas com as mãos.

— Vamos — disse Jane. — Preciso lhe contar uma coisa. Mas não vou falar sobre isso agora.

Ela observava Celeste com o marido ao longe, mas ainda nem tinha conseguido cumprimentá-los.

— Aliás, estou vestida de Audrey Hepburn em *Minha Bela Dama* — disse a Srta. Barnes com ressentimento. Apontou para a própria roupa.

— Ela fez outros filmes além de *Bonequinha de Luxo*, sabe.

— Sabia exatamente que personagem você era — disse Jane.

— Enfim, essa história de bullying já saiu de controle — comentou a Srta. Barnes. Ela parou de tentar articular cada sílaba e deixou as palavras fluírem em um jorro engrolado e meloso. — *Todo dia* eu recebo e-mails de pais preocupados com bullying. Acho que tem uma

lista deles. É constante. “Precisamos ter certeza de que nossos filhos estão em um ambiente seguro”, e alguns agem de forma passivo-agressiva: “Sei que você não tem os recursos necessários, Srta. Barnes, então será que precisa de mais pais voluntários? Estou disponível para ir à escola às quartas-feiras às treze horas.” E aí, se eu não respondo imediatamente, “Srta. Barnes, não recebi notícias suas sobre a minha oferta”, e é óbvio que estão mandando as porras desses e-mails com cópia para Sra. Lipmann. — A Srta. Barnes sugou o canudo de seu copo vazio. — Desculpe o palavrão. Professoras do jardim de infância não deviam dizer palavrão. Nunca digo na frente das crianças. Para o caso de você estar pensando em fazer uma reclamação oficial.

— Você não está trabalhando — disse Jane. — Pode dizer o que quiser.

Recuou um pouco porque o chapéu da Srta. Barnes ficava esbarrando em sua cabeça enquanto conversavam. Onde estava Tom? Lá estava ele, cercado por um grupo de Audrey devotas.

— Não estou trabalhando? Nunca paro de trabalhar. Ano passado, meu ex-namorado e eu fomos para o Havaí. Ao entrarmos no saguão do hotel ouço uma vozinha fofa chamando “Srta. Barnes! Srta. Barnes!”, e desanimo. Era o garoto que me dera mais dor de cabeça no trimestre anterior inteiro, e *ele estava hospedado no mesmo hotel!* E eu precisava fingir estar feliz de vê-lo! E brincar com ele na porra da piscina! Os pais ficavam deitados nas espreguiçadeiras, sorrindo com benevolência, como se estivessem me fazendo um grande favor! Meu namorado e eu terminamos durante as férias e eu culpo aquele garoto. Não conte a ninguém que eu disse isso. Aqueles pais estão aqui hoje. Ai, meu Deus, prometa que nunca vai contar a ninguém que eu disse isso.

— Eu juro — falou Jane. — Por tudo que é mais sagrado.

— Enfim, o que eu estava dizendo? Ah, sim, os e-mails. Mas isso não é tudo. Eles vivem *aparecendo!* — continuou a Srta. Barnes. — Os pais! O dia inteiro! Renata tirou licença do trabalho para ir ver a qualquer hora como Amabella está, embora a gente tenha uma professora auxiliar que não faz nada *senão* observar a filha dela. Quer dizer, justiça seja feita, nunca vi o que estava acontecendo, e me sinto péssima por isso. Mas não é só Renata! Estou no meio de alguma atividade com as crianças e de repente olho e lá está uma mãe ou um pai na porta, só me *observando*. É assustador. Parece que estou sendo vigiada.

— Isso está me parecendo assédio — disse Jane. — Epa... Cuidado. Pronto. — Ela delicadamente empurrou o chapéu da Srta. Barnes para afastá-lo de seu rosto. — Quer outro drinque? Pela sua cara um outro drinque cairia bem.

— Passei na farmácia de Pirriwee no fim de semana — prosseguiu a

Srta. Barnes —, porque estava com uma infecção urinária horrível... É que conheci um cara novo, enfim, me desculpe, muita informação... E estou diante do balcão, esperando, e de repente Thea Cunningham surge do meu lado, e, sinceramente, nem a ouvi me cumprimentar antes de começar a contar a história de como Violet ficou muito chateada depois da escola outro dia, porque Chloe disse a ela que suas presilhas de cabelo não combinavam. Ora, *não* combinavam mesmo. Quer dizer, pelo amor de Deus, isso não é bullying! É coisa de criança! Mas, não, Violet ficou muito magoada com isso, e será que eu podia fazer o favor de explicar à turma inteira que todos devem falar direito com o outro, e... me desculpe, acabei de ver a Sra. Lipmann me lançando um olhar mortal. Com licença. Acho que vou jogar água gelada no rosto.

A Srta. Barnes virou-se tão depressa que seu boá bateu no rosto de Jane.

Jane deu meia-volta e encontrou Tom mais uma vez.

— Estenda a mão — pediu ele. — Depressa.

Ela obedeceu e ele lhe deu um punhado de *pretzels* salgados.

— Aquele Elvis grande e assustador ali achou um saco disso na cozinha — explicou Tom. Ele estendeu a mão de novo e tirou alguma coisa rosa do cabelo dela. — Pluma — disse.

— Obrigada — disse ela, comendo um *pretzel*.

— Jane.

Ela sentiu uma mão fria em seu braço.

Era Celeste.

— Olá — cumprimentou Jane, alegre.

Celeste estava muito linda aquela noite. Era um prazer simplesmente olhar para ela. Por que Jane ficava sempre tão esquisita com gente bonita? Quem era bonito não podia deixar de ser bonito, e era um colírio para os olhos. Além disso, Tom tinha acabado de lhe trazer *pretzels*, corado um pouquinho ao tirar a pluma do seu cabelo e ele não era gay. Aqueles coquetéis espumantes cor-de-rosa eram maravilhosos, e ela adorava noites de concurso de perguntas nas escolas, eram mesmo engraçadas e divertidas.

— Posso falar com você um minuto? — perguntou Celeste.

— Vamos para a varanda? — perguntou Celeste a Jane. — Tomar um pouco de ar?

— Claro.

Jane parecia muito jovem e despreocupada, pensou Celeste. Uma adolescente. A sala dava uma sensação de claustrofobia e estava quente demais. Gotas de suor escorriam pelas costas de Celeste. Um de seus sapatos estava roçando a pele do seu calcanhar, formando uma pequena bolha sanguinolenta horrível, como ela imaginava que uma escara seria. Aquela noite não terminaria nunca. Ela ficaria ali para sempre, sendo agredida por trechos maldosos de conversa.

— Então eu disse, isso é inaceitável...

— Totalmente incompetente, eles têm o dever de proteger.

— São uns fedelhos mimados, só comem porcaria, então...

— Já disse, se você não consegue controlar seu filho, então...

Celeste deixara seu marido conversando com Ed sobre golfe. Perry estava sendo encantador, seduzindo todo mundo com seu olhar “ninguém poderia estar mais fascinante que você”, mas estava bebendo muito mais do que o normal, e ela viu seu humor se alterando, quase imperceptivelmente, como a lenta mudança de curso de um transatlântico. Ela via isso no enrijecimento de sua mandíbula e no brilho vidrado de seus olhos.

Na volta para casa, o homem desconsolado e soluçante do carro teria desaparecido. Ela sabia muito bem que seus pensamentos estariam dando voltas e se retorcendo como as raízes de uma velha árvore. Normalmente, após uma “discussão” feia como a da véspera, ela ficaria a salvo por semanas, mas a descoberta de seu apartamento tinha sido uma traição a Perry. Um desrespeito. Uma humilhação. Ela escondera aquilo dele. No fim da noite, nada mais importaria a não ser que Celeste o enganara. Seria como se a questão se resumisse àquilo, como se eles fossem muito bem casados e a esposa tivesse feito algo desconcertante e bizarro. Bem, ela bolara um plano secreto para abandoná-lo. Era desconcertante e bizarro. Ela merecia o que estava por vir.

Não havia mais ninguém na enorme varanda que se estendia ao

longo de todo o comprimento do salão. Ainda chovia, e embora a varanda fosse coberta, o vento trazia um chuvisco fino, deixando os ladrilhos úmidos e escorregadios.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia — disse Celeste.

— Não, foi sim — retrucou Jane. — Estava ficando muito barulhento lá dentro. Saúde. — Ela brindou com a amiga e as duas beberam. — Esses coquetéis estão fantásticos.

— Estão um absurdo — concordou Celeste.

Ela estava no terceiro. Sentia como se todos os seus sentimentos — até seu gigantesco medo — estivessem bem vestidos por uma camada macia de algodão.

Jane respirou fundo.

— Acho que a chuva está finalmente parando. Está um cheiro gostoso. Salgado e fresco.

Ela foi até a beira da varanda e pôs a mão no parapeito molhado. Observou a noite chuvosa. Parecia entusiasmada.

Para Celeste, o cheiro era úmido e desagradável.

— Tenho que lhe contar uma coisa — disse Celeste.

Jane ergueu as sobrancelhas.

— Está tudo bem?

Ela usava batom vermelho, notou Celeste. Madeline ficaria muito animada.

— Logo antes de sairmos hoje à noite, Josh veio me dizer que é Max quem anda fazendo maldades com Amabella, não Ziggy. Fiquei horrorizada. Eu sinto muito, muito mesmo.

Ela viu Harper indo para a varanda, remexendo na bolsa. Olhou na direção delas e rapidamente levou o toque-toque de seus passos para a outra ponta, fora do alcance da audição, onde acendeu um cigarro.

— Eu sei — disse Jane.

— Você sabe?

Celeste deu um passo para trás e quase escorregou no ladrilho.

— Ziggy me contou ontem — revelou ela. — Aparentemente, Amabella comentou com ele e pediu que não contasse a ninguém. Não se preocupe com isso. Está tudo bem.

— Não está tudo bem! Você teve que aguentar aquela petição horrível, e gente feito ela. — Celeste fez um gesto de cabeça na direção de Harper. — E o pobrezinho do Ziggy e os pais dizendo que os filhos não podiam brincar com ele. Vou contar a Renata hoje à noite, à Srta. Barnes e à Sra. Lipmann. Vou contar para todo mundo. Talvez eu até faça um anúncio público: *Vocês pegaram a criança errada.*

— Não precisa fazer isso — retrucou Jane. — Está tudo bem. Tudo vai se resolver.

— Eu lhe peço mil desculpas — disse Celeste de novo, com a voz tremendo. Ela estava pensando em Saxon Banks.

— Ei! — exclamou Jane, colocando a mão no braço da amiga. — Está tudo bem. Tudo vai se resolver. A culpa não é sua.

— Não, mas de certa forma é.

— Não tem como ser — afirmou Jane com firmeza.

— Podemos nos juntar a vocês?

A porta corrediça de vidro se abriu. Eram Nathan e Bonnie. Ela estava com a aparência de sempre, e Nathan vestia uma versão menos cara da roupa de Perry, só que havia tirado a peruca preta e a girava no punho como se fosse um fantoche.

Celeste sabia que tinha obrigação de não gostar de Nathan e Bonnie por causa de Madeline, mas às vezes era difícil. Ambos pareciam tão inofensivos e ansiosos para agradar, e Skye era um doce de menina.

Ai, meu Deus.

Ela havia esquecido. Josh dissera que Max tinha empurrado Skye na escada *de novo*. Ele mudara de vítima. Ela precisava dizer alguma coisa.

— Descobri hoje à noite que meu filho Max anda fazendo maldades com algumas meninas da turma dele. Acho que talvez tenha empurrado a sua filha na escada, hum, mais de uma vez — disse ela. Podia sentir as bochechas ardendo. — Lamento muitíssimo, eu só...

— Tudo bem — disse Bonnie com calma. — Skye me contou. Nós discutimos algumas estratégias sobre o que fazer se esse tipo de coisa acontecer de novo.

Estratégias, pensou Celeste sombriamente. *Ela parece Susi falando, como se Skye fosse uma vítima de violência doméstica*. Observou Harper apagar o cigarro no parapeito molhado da varanda e depois embrulhá-lo cuidadosamente em um lenço de papel, antes de voltar depressa para a sala, ostensivamente evitando olhar na direção deles.

— Na verdade, mandamos um e-mail para a Srta. Barnes para contar a ela — revelou Nathan com seriedade. — Espero que você não se incomode, mas Skye é terrivelmente tímida e tem dificuldade de se impor, então nós queríamos que a Srta. Barnes ficasse de olho. E, é claro, cabe à professora resolver essas coisas. Acho que essa é a política da escola. Deixar os professores lidarem com a situação. Nós nunca teríamos abordado você para tratar disso.

— Ah! — exclamou Celeste. — Bem, obrigada. Mais uma vez, sinto muitíssimo...

— Não precisa! Nossa! Eles são crianças! — disse Nathan. — Têm que aprender essas coisas todas. A não bater nos amigos. A se defender. A ser adultos.

— A ser adultos — repetiu Celeste, trêmula.

— Ainda estou aprendendo, claro! — comentou Nathan.

— Isso tudo faz parte do desenvolvimento emocional e espiritual deles — acrescentou Bonnie.

— Tem um livro sobre isso, não tem? — perguntou Jane. — Algo como *Tudo que precisa saber você aprendeu no jardim de infância: não seja malvado, brinque direito, compartilhe seus brinquedos*.

— Compartilhar é amar — citou Nathan, e todos riram da fala conhecida.

—

Detetive Adrian Quinlan: Oito pessoas, incluindo a vítima, estavam na varanda na hora do incidente. Sabemos quem são. Elas sabem quem são e o que viram. Dizer a verdade é a coisa mais importante que uma testemunha tem que fazer.

Madeline estava presa em uma animada conversa com um casal

de pais do segundo ano sobre reformas de banheiro. Ela gostava muito dos dois, e sabia que havia acabado de deixar o marido entediado enquanto ela e a mulher conversavam energicamente sobre os tipos de vestido envelope que mais favoreciam as pessoas, então devia um pouco de atenção ao pobre homem.

O problema é que ela realmente nada tinha a dizer sobre reformas de banheiro, e embora concordasse que devia ter sido horrível quando eles ficaram sem ladrilhos, e que aquela linha específica havia sido descontinuada, e que só precisavam de *mais três ladrilhos* para terminar, ela teve certeza de que provavelmente tudo tinha se resolvido no final, e podia ver Celeste e Jane lá fora na varanda, rindo com Bonnie e Nathan, o que era inaceitável. Celeste e Jane eram amigas dela.

Olhou em volta à procura de outra pessoa para ocupar o seu lugar e agarrou Samantha. Seu marido era bombeiro hidráulico. Ela sem dúvida devia querer ouvir sobre reformas de banheiro.

— Você tem que escutar essa história! — disse. — Dá para imaginar? Eles, hã, ficaram sem ladrilhos!

— Ah, não! Essa mesmíssima coisa aconteceu comigo! — comentou Samantha.

Bingo. Madeline a deixou ouvindo com atenção e esperando avidamente a sua vez de contar a própria história de desastre com reforma de banheiro. Santo Deus. Era um mistério para ela como alguém podia achar aquele assunto mais interessante que vestidos envelope.

Quando atravessou a multidão, passou por um grupo de quatro Louras de Corte Chanel tão juntinhas que era óbvio que estavam compartilhando um babado fortíssimo. Ela parou para ouvir:

— A babá francesa! Aquela garota de aparência engraçada!

— Renata a demitiu?

— Sim, porque ela foi incapaz de notar que Amabella estava sendo

maltratada por aquele tal de Ziggy.

— Como anda a petição, por falar nisso?

— Vamos entregar à Sra. Lipmann segunda-feira.

— Vocês já viram a mãe essa noite? Ela cortou o cabelo. Está saracoteando por aí como se não tivesse qualquer preocupação na vida. Se o *meu* filho fizesse bullying, eu não sairia na rua. Ficaria em casa, com ele, dando a atenção de que obviamente precisa.

— Uma boa palmada, é do que ele precisa.

— Ouvi dizer que ela ia levar o menino com piolho para a aula ontem.

— Estou boba que a escola tenha deixado isso continuar por tanto tempo. Hoje em dia, quando há tanta *informação* sobre bullying....

— Certo, certo, mas o fato é que a babá de Renata está tendo um caso com Geoff.

— Por que ela ia querer ter um caso com *Geoff*?

— Sei disso por fonte segura.

Madeline sentiu raiva por causa de Jane, e, estranhamente, por causa de Renata também. Embora Renata aprovasse a petição.

— Vocês são pessoas horríveis — disse, bem alto. As Louras de Corte Chanel ergueram o olhar. Seus olhos e suas bocas formaram pequenos círculos de surpresa. — São pessoas horríveis, horríveis.

Ela continuou andando sem esperar para ouvir a reação das mulheres. Ao abrir a porta para chegar na varanda, reparou que Renata estava logo atrás.

— Só quero pegar um pouco de ar puro — disse Renata. — Está ficando muito abafado aqui dentro.

— Está mesmo — concordou ela. — E parece que parou de chover.

— As duas saíram juntas para o ar da noite. — Já entrei em contato com o seguro, por sinal. Sobre o carro.

Renata contorceu o rosto.

— Desculpa ter feito aquele escândalo todo ontem.

— Bem, sinto muito por ter batido no seu carro. Eu estava gritando com Abigail.

— Levei um susto — confessou Renata. — Quando me assusto, eu ataco. É um defeito.

Elas andaram em direção ao grupo perto do parapeito.

— É mesmo? — perguntou Madeline. — Que chato para você. Eu sou sempre muito calma.

Renata bufou.

— Maddie! — exclamou Nathan. — Ainda não tinha visto você hoje. Como está? Soube que minha mulher derramou a bebida dela em você.

Ele também deve estar um pouquinho bêbado, pensou Madeline. Ele normalmente não se referiria a Bonnie como “minha mulher” na

frente dela.

— Por sorte foi um drinque cor-de-rosa, então combinou com o meu vestido — observou Madeline.

— Ando comemorando o final feliz do pequeno drama da nossa filha — comentou Nathan. — Um brinde a Larry Fitzgerald de Dakota do Sul, hein? — Ele ergueu o copo.

— Humm — disse Madeline. Seus olhos estavam fixos em Celeste. — Estou com uma sensação engraçada de que esse “Larry Fitzgerald” talvez na verdade more mais perto do que imaginamos.

— Hã? — indagou Nathan. — O que está querendo dizer?

— Vocês estão falando do site de Abigail? — perguntou Celeste. — Ela tirou do ar?

A mentira tinha sido contada com tanta perfeição, pensou Madeline, que foi isso que a traiu. Em geral, Celeste era evasiva, como se tivesse algo a esconder. Mas, no momento, estava totalmente calma e serena, e fitava Madeline nos olhos. Quando mentia, a maioria das pessoas evitava encarar a outra. No caso de Celeste, ela mantinha contato visual.

— Você é o Larry Fitzgerald de Dakota do Sul, não é? — indagou Madeline à amiga. — Eu sabia! Bem, não tinha certeza, mas estava com essa impressão. Foi tudo conveniente demais.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — disse Celeste.

Nathan virou-se para ela.

— Você doou cem mil dólares para a Anistia? Para nos ajudar? Meu Deus.

— Você realmente não devia ter feito isso — afirmou Madeline. — Nunca vou poder retribuir.

— Nossa — disse Renata. — O que foi?

— Eu não sei do que você está falando — insistiu Celeste. — Mas não se esqueça de que você salvou a vida de Max, Madeline, então essa é uma dívida que realmente não pode ser paga.

Ouviam-se vozes falando alto do lado de dentro.

— O que está havendo? — perguntou Nathan.

— Ah, talvez eu tenha provocado pequenos incêndios — comentou Renata com um sorrisinho sarcástico. — Meu marido não é o único que acha que está apaixonado pela nossa babá. Juliette encontrou muitas distrações em Pirriwee. Qual é a palavra em francês para isso? *Polyamour*. Descobri que ela tem uma queda por certo tipo de homem. Ou, melhor dizendo, por certo tipo de conta bancária.

— Renata — chamou Celeste. — Descobri essa noite que...

— Não — interrompeu Jane.

— ...meu filho Max é que estava machucando Amabella — revelou Celeste.

— Seu filho? — repetiu Renata. — Mas tem certeza? Porque, no dia da orientação, Amabella apontou para Ziggy.

— Tenho certeza absoluta — afirmou Celeste. — Ela escolheu Ziggy ao acaso porque estava com medo de Max.

— Mas... — Renata não parecia entender. — Tem certeza?

— Tenho certeza absoluta. Sinto muito.

Renata levou a mão à boca.

— Amabella não queria que eu convidasse os gêmeos para a festa do A — disse ela. — Fez um alvoroço por causa disso, e eu simplesmente não dei bola. Achei que ela estava sendo boba.

Olhou para Jane, que retribuiu o olhar com firmeza. Jane realmente estava maravilhosa naquela noite, pensou Madeline com satisfação, e se deu conta de que o constante mascar de chiclete havia cessado nas últimas semanas sem que ela percebesse.

— Eu lhe devo um grande pedido de desculpas — disse Renata.

— Deve — respondeu Jane.

— E a Ziggy — acrescentou Renata. — Devo a você e a seu filho um pedido de desculpas. Sinto muito. Vou... Bem, não sei o que vou fazer.

— Eu aceito — disse Jane, erguendo o copo. — Aceito seu pedido de desculpas.

A porta de vidro se abriu outra vez, e Ed e Perry apareceram.

— As coisas estão ficando meio fora de controle lá dentro — contou Ed. Ele pegou uns bancos de bar que estavam enfileirados perto da porta e os levou até o grupo. — Vamos nos acomodar? Olá, Renata. Sinto muito pelo pé de chumbo da minha mulher no acelerador ontem.

Perry também pegou alguns bancos.

— Perry — disse Renata. Madeline reparou que ela não estava mais tão obsequiosa depois de saber que o filho dele andara maltratando sua filha. Na verdade, havia uma nítida rispidez em sua voz. — Bom ver você por aqui.

— Obrigado, Renata. Bom ver você também.

Nathan estendeu a mão.

— Perry, é? Acho que não nos conhecemos. Sou Nathan. Pelo que sei temos uma grande dívida com você.

— É mesmo? — perguntou Perry. — Como?

Ai, caramba, Nathan, pensou Madeline. Cale a boca. Ele não sabe. Aposto que ele não sabe.

— Perry, essa é Bonnie — interrompeu Celeste. — E essa é Jane. Ela é mãe do Ziggy.

Madeline encontrou os olhos de Celeste. Sabia que estavam pensando no primo de Perry. O segredo pairava no ar entre as duas como uma nuvem amorfa nociva.

— Prazer em conhecê-las.

Perry apertou as mãos delas e, com gestos cavalheirescos, ofereceu assentos às mulheres.

— Aparentemente você e sua esposa doaram cem mil dólares à Anistia Internacional para ajudar nossa filha a sair de uma situação complicada — Nathan continuava tagarelado. Girava a peruca de Elvis na mão e, de repente, ela voou por cima do parapeito da varanda e caiu na escuridão. — Ai, merda! — Ele olhou da varanda. — Vou perder o depósito na loja.

Perry tirou sua peruca preta de Elvis.

— Isso dá um pouco de coceira, sim, depois de um tempo — disse. Ajeitou o cabelo com a ponta dos dedos, ficando com uma aparência despenteada de um jeito juvenil, e sentou-se de costas para o parapeito. Parecia muito alto no banco, com o céu ficando mais limpo às suas costas, nuvens iluminadas por trás pela luz de uma lua cheia que despontava como um disco de ouro mágico. De alguma maneira as pessoas tinham formado um semicírculo em torno de Perry, como se ele fosse o líder. — Que história é essa de doar cem mil dólares? — perguntou. — Esse é mais um dos segredos da minha esposa? Ela é uma mulher surpreendentemente misteriosa. Muito misteriosa. Olhem só a expressão de Mona Lisa dela.

Madeline olhou para Celeste, que estava sentada no banco com as pernas compridas cruzadas, as mãos entrelaçadas no colo. Completamente imóvel. Parecia feita de pedra, uma escultura de uma bela mulher. Tinha se virado um pouquinho e desviado o olhar de Perry. Será que estava respirando? Estava bem? Madeline sentiu o coração acelerar. Algo estava se encaixando. Peças de um quebra-cabeça formando uma imagem. Respostas a perguntas que ela não sabia que tinha.

O casamento perfeito. A vida perfeita. Só que Celeste estava sempre muito nervosa. Um pouquinho irrequieta. Um pouquinho tensa.

— Ela também parece achar que temos recursos financeiros ilimitados — acrescentou Perry. — Não ganha um centavo sequer, mas sem dúvida sabe gastar.

— Ei, o que está dizendo? — perguntou Renata, incisiva, como se estivesse repreendendo uma criança.

— Acho que já nos conhecemos — disse Jane a Perry.

Ninguém a ouviu, a não ser Madeline. Jane permanecera de pé enquanto todos os outros estavam encarapitados nos bancos. Ela parecia pequena no meio deles, como uma criança se dirigindo a Perry. Precisava inclinar a cabeça para trás. Seus olhos estavam muito arregalados.

Ela pigarreou e tornou a falar:

— Acho que já nos conhecemos.

Perry olhou para ela.

— É mesmo? Tem certeza? — Ele virou a cabeça de um jeito charmoso. — Desculpe, não me lembro.

— Tenho certeza — afirmou Jane. — Só que você disse que se chamava Saxon Banks.

De início, sua expressão ficou completamente neutra; simpática, com uma indiferença educada. Ele não a reconhecera. *Nunca a vi mais gorda!* A expressão jovial surgiu de forma inadequada em sua cabeça. Algo que sua mãe diria.

Mas no instante em que ela disse “Saxon Banks”, houve uma mudança, não porque ele a reconhecesse, ainda não fazia a menor ideia, sequer se dava o trabalho de procurá-la em meio a suas lembranças, mas porque entendeu quem ela devia ser, o que ela representava. Era uma de muitas.

Ele mentira seu nome. Nunca passara pela cabeça dela que ele faria isso. Como se o nosso nome não pudesse ser inventado, embora conseguíssemos alterar nossa personalidade, nossa atenção.

— Sempre achei que poderia esbarrar em você — disse ela.

— Perry? — chamou Celeste.

Ele virou-se para a esposa.

Estava inexpressivo de novo, que nem no carro, como se algo tivesse sido arrancado dele. Desde a primeira vez que Madeline mencionara o nome de Saxon na noite do clube do livro, havia algo incomodando Celeste, uma lembrança de antes do nascimento das crianças. Antes da primeira vez que ela apanhou de Perry.

Essa lembrança ia se encaixando. Estava totalmente intacta. Como se só estivesse aguardando ser recuperada.

Era o casamento do primo de Perry. Aquele em que Saxon e Perry haviam voltado à igreja para buscar o celular de Eleni. Eles estavam sentados a uma mesa redonda. Com toalhas brancas engomadas. Laços gigantescos amarrados nas cadeiras. Luz batendo nas taças de vinho. Saxon e Perry estavam contando histórias. Histórias de uma infância em comum no subúrbio: karts construídos em casa, a vez que Saxon salvou Perry dos garotos que faziam bullying na escola, ou quando

Perry descaradamente roubou um picolé de banana do freezer da loja que vendia peixe e fritas, e o grego grandalhão e assustador agarrou-o pelo cangote com sua enorme mão gorda, perguntando: “Como é o seu nome?” e Perry respondeu: “Saxon Banks.” O dono da loja de peixe e fritas ligou para a mãe de Saxon e disse: “Seu filho me roubou”, a mãe dele respondeu: “Meu filho está aqui”, e desligou na cara do homem.

Tão engraçado. Tão cara de pau. Como eles tinham rido enquanto tomavam champanhe.

— Isso não significou nada — disse Perry a Celeste.

Havia um ruído oco em seus ouvidos, como se ela estivesse embaixo d’água.

Jane observou Perry se virar para olhar a esposa, descartando-a na mesma hora sem nem se dar o trabalho de se lembrar dela ou cumprimentá-la. Ela nunca existira realmente para ele. Era irrelevante em sua vida. Ele era casado com uma bela mulher. Jane tinha sido pornografia. Tinha sido o filme pornô que não apareceria na conta do hotel. Ela era pornografia da internet, em que cada fetiche podia ser satisfeito. Tem fetiche por humilhar moças gordas? Digite o número do seu cartão de crédito e clique aqui.

— Foi por isso que me mudei para Pirriwee — contou Jane. — Para o caso de você estar aqui.

O elevador que parecia uma bolha de vidro. O quarto de hotel silencioso, mal-iluminado.

Ela se lembrou de como olhara ao redor do quarto — despreocupada e com prazer — à procura de mais indícios do tipo de homem que ele era, mais indícios do seu dinheiro e do seu estilo, mais indícios de que seria um caso maravilhoso de uma noite só. Não havia muito para ver. Um laptop fechado. Uma mala em pé no canto. Ao lado do computador havia um panfleto de imobiliária. À VENDA. Uma foto de uma vista do mar. LUXUOSA RESIDÊNCIA COM VISTA PARA A DESLUMBRANTE PENÍNSULA DE PIRRIWEE.

“Você vai comprar essa casa?”, perguntara ela.

“Provavelmente”, respondera ele, servindo champanhe.

“Tem filhos?”, indagara ela, burra, sem pensar nas consequências.

“Parece uma boa casa para crianças.” Não perguntou pela esposa dele. Nenhuma aliança. Não havia aliança.

“Nada de filhos”, dissera ele. “Um dia, eu gostaria de ter.”

Ela vira algo em seu rosto: uma tristeza, um desejo desesperado, e julgara, com sua ingenuidade imbecil, saber exatamente o que aquilo significaria. Ele tinha acabado de passar por um rompimento. Claro que tinha. *Estava igualzinho a ela*, de coração partido. Desesperado

para encontrar a mulher certa e formar uma família, e talvez ela até tenha sido imbecil o bastante para achar, enquanto ele dava aquele sorriso tão atraente e lhe entregava a taça de champanhe, que, no fim das contas, *ela* poderia ser essa mulher. Coisas mais estranhas já haviam acontecido!

E então coisas mais estranhas aconteceram, sim.

Ao longo dos anos seguintes, ela reagia visceralmente às palavras “Península de Pirriwee” em conversas ou na imprensa. Mudava de assunto. Virava a página.

Então, um dia, de uma hora para outra, fez exatamente o contrário. Disse a Ziggy que iam à praia e foram de carro à deslumbrante Península de Pirriwee. Durante toda a viagem, ela tentou fingir que nem se lembrava do panfleto da imobiliária, mesmo que não parasse de pensar naquilo.

Brincaram na praia e ela olhava por cima do ombro do filho à procura de um homem saindo da água com um belo sorriso. Aguçou a audição para ouvir alguma esposa gritando o nome “Saxon”.

O que ela queria?

Vingança? Reconhecimento? Mostrar a ele que estava magra? Bater nele, machucá-lo, dar queixa? Dizer todas as coisas que deveria ter dito em vez daquele “tchau” impassível? Para de alguma maneira informá-lo de que ele não saía impune, embora obviamente não fosse verdade?

Ela queria que ele visse Ziggy.

Queria que ele se maravilhasse com o filhinho lindo, sério e enérgico que tinha.

Não fazia sentido. Era um desejo tão idiota, estranho, esquisito e errado, que ela se recusava a reconhecê-lo direito, e às vezes negava-o taxativamente.

Porque como funcionaria esse instante de maravilhamento mágico da sensação de paternidade? “Olá! Lembra-se de mim? Eu tive um filho! Aqui está ele! Não, não, *claro* que não quero ter uma relação com você, mas quero, sim, que fique aí um *minuto* e se maravilhe com seu filho. Ele adora abóbora. Sempre adorou abóbora! Não é incrível? Que criança gosta de abóbora? Ele é tímido, corajoso e tem um equilíbrio excelente. Então pronto. Você é um filho da mãe, um escroto e odeio você, mas olhe para o seu filho só um instantinho, afinal, não é engraçado? Dez minutos de depravação criaram uma coisa perfeita.”

Ela disse a si mesma que havia levado Ziggy para passar o dia em Pirriwee e que tinha visto um apartamento para alugar e, “por capricho”, decidira se mudar para a região. Fingiu tanto que quase acreditou, e conforme os meses se passaram e pareceu cada vez menos provável Saxon Banks morar ali, isso se tornou verdade. Ela parou de

procurá-lo.

Quando contou a Madeline a história da noite no hotel com Saxon, não lhe ocorrera dizer que aquilo fazia parte do motivo de sua mudança para Pirriwee. Era ridículo e constrangedor. “Você *queria* esbarrar com ele?”, perguntaria Madeline, se esforçando ao máximo para entender. “Você queria encontrá-lo?” Como Jane poderia explicar que queria e não queria vê-lo? Enfim, ela havia esquecido tudo sobre aquele folheto da imobiliária! *Tinha* se mudado para Pirriwee por capricho.

E Saxon obviamente não estava naquele lugar.

Mas ali estava ele. O marido de Celeste. Já devia ser casado com ela na época em que conheceu Jane.

“A gente teve muita dificuldade para engravidar dos meninos”, lhe contara Celeste durante uma de suas caminhadas. Por isso ele ficou com um ar triste quando ela mencionara filhos.

Jane sentiu o rosto ficar vermelho e quente de humilhação sob o ar frio da noite.

—

— Ela não significou nada — repetiu Perry para a esposa.

— Significou alguma coisa para *ela* — disse Celeste.

Foi aquele dar de ombros que causou tudo. O movimento de dar de ombros quase imperceptível que queria dizer: *Quem se importa com ela?* Ele achou que o problema fosse a infidelidade. Achou que tivesse sido flagrado no clássico caso de uma noite só de um executivo viajando em outro estado. Pensou que não tivesse nada a ver com Jane.

— Achei que você fosse...

Ela não conseguia falar.

Achava que ele fosse bom. Que ele fosse uma pessoa boa de gênio ruim. Pensava que a violência dele fosse algo íntimo e pessoal *entre os dois*. Que ele não fosse capaz de fazer crueldade à toa. Ele sempre falava com muita delicadeza com garçonetes, mesmo com as incompetentes. Ela julgava conhecê-lo.

— Vamos conversar em casa — disse Perry. — Não vamos lavar roupa suja aqui.

— Você não está olhando para ela — sussurrou Celeste. — Nem está olhando para ela.

Celeste jogou o conteúdo de sua taça meio cheia de coquetel a base de champanhe nele. O líquido o acertou bem no rosto.

A mão direita de Perry se ergueu instantaneamente, de um jeito instintivo, em um movimento gracioso. Era como se ele fosse um atleta agarrando uma bola, só que não agarrou nada.

Acertou Celeste com as costas da mão.

A mão dele se curvou em um arco perfeito, preciso, brutal, que jogou a cabeça dela para trás e arremessou seu corpo para o outro lado da varanda, onde ela caiu de lado no chão duro.

Madeline ficou sem ar.

Ed levantou-se em um pulo tão depressa que seu banco virou.

— Ei! Ei!

Madeline correu para o lado da amiga e se ajoelhou.

— Meu Deus, meu Deus, você...

— Eu estou bem — disse Celeste. Pressionou a mão no rosto e meio que se sentou. — Estou ótima.

Madeline olhou para o grupo na varanda. Ed estava com os braços estendidos, um para o alto com a mão erguida, como se fizesse um sinal de pare para Perry, o outro para o lado de forma protetora na frente de Celeste.

O copo de Jane escorregou de sua mão e espatifou-se a seus pés.

Renata revirou a bolsa.

— Estou chamando a polícia — avisou ela. — Estou chamando a polícia. Isso é uma agressão. Acabei de testemunhar você agredindo sua mulher.

Nathan levou a mão ao cotovelo de Bonnie, mas ela se soltou dele. Era como se um fogo houvesse acendido dentro dela.

— Você já fez isso — afirmou ela para Perry.

Ele ignorou Bonnie. Seus olhos estavam em Renata, que colocara o celular no ouvido.

— Tudo bem, não vamos tomar atitudes precipitadas — disse ele.

— É por isso que seu filho anda machucando menininhas — observou Bonnie. Era a mesma voz com um tom áspero que Madeline a ouvira usar mais cedo aquela noite, só que naquele momento o tom era pronunciado de forma ainda mais marcante. Ela soava tão... bom, soava como se morasse no “lado errado da cidade”, como diria a mãe de Madeline. Como alguém que bebia. Que fumava. Que lutava. Soava como uma pessoa de verdade. Era estranhamente maravilhoso ouvir aquela voz gutural e furiosa saindo da boca de Bonnie: — Porque ele já viu o que você faz. Seu filhinho já viu você fazer isso, não foi?

Perry suspirou.

— Olha, não sei o que você está insinuando. Meus filhos não “viram” nada.

— Seus filhos veem! — gritou Bonnie. Seu rosto estava contorcido em uma expressão de fúria. — A gente está vendo! A gente *está vendo*, porra!

Ela o empurrou, as mãos abertas em seu peito.
Ele caiu.

Se Perry fosse só uns centímetros mais baixo.

Se o parapeito da varanda fosse só uns centímetros mais alto.

Se o banco estivesse em um ângulo diferente.

Se não estivesse chovendo.

Se ele não tivesse bebido.

Mais tarde, Madeline não conseguia parar de pensar em todas as maneiras que aquilo poderia ter acontecido de outra forma.

Mas aconteceu do jeito que aconteceu.

Celeste viu a expressão de Perry quando Bonnie gritou com ele. Era a mesma fisionomia ligeiramente divertida de quando Celeste perdia a cabeça com ele. Perry gostava que as mulheres se zangassem com ele. Gostava de provocar uma reação. Achava que era bonitinho.

Ela observou a mão dele tentar agarrar o parapeito e escorregar.

Ela o viu cair para trás, as pernas no alto, como se estivesse brincando na cama com os meninos.

E então ele sumiu sem fazer barulho.

Um espaço vazio onde ele estivera antes.

Tudo aconteceu muito depressa. Jane estava em estado de choque. Enquanto tentava entender, percebeu que havia uma comoção dentro da sala: gritos, batidas, baques.

— Santo Deus! — exclamou Ed.

Ele se debruçara no parapeito da varanda, segurando-se na beira com as mãos enquanto olhava, sua capa dourada de Elvis esticada para trás parecendo asinhas ridículas.

Bonnie se deixara desabar de cócoras, e estava toda encolhida, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, como se aguardasse a explosão de uma bomba.

— Não, não, não, não.

Nathan deu passinhos agitados, hesitando em volta da esposa, abaixando-se para tocar nas costas dela e depois se endireitando e pressionando as têmporas com as mãos.

Ed deu meia-volta.

— Vou ver se ele...

— Ed! — chamou Renata. Deixou cair a mão que segurava o celular. A luz da varanda refletia em seus óculos.

— Chame uma ambulância! — gritou Ed.

— Está bem — disse Renata. — Vou chamar. Estou chamando. Mas, hã... Não vi o que aconteceu. Eu não o vi cair.

— *O quê?* — perguntou Ed.

Madeline continuava ajoelhada ao lado de Celeste. Jane notou que ela olhava para o ex-marido atrás de Ed. O cabelo de Nathan estava todo molhado de suor por causa da peruca e grudado na testa. Ele fitou Madeline com olhos desconsolados, suplicantes. Madeline observou Celeste, que encarava catatonicamente o lugar onde Perry estivera sentado.

— Acho que eu também não vi — disse Madeline.

— Madeline — começou Ed. Puxou a fantasia com raiva, como se quisesse arrancá-la. A purpurina estava grudando em suas mãos, deixando as palmas douradas. — Não...

— Eu estava olhando para o outro lado — revelou Madeline. Sua voz estava mais forte. Ela ficou de pé, segurando a bolsinha *clutch* na sua frente, as costas retas e o queixo empinado, como se estivesse prestes a entrar em um salão de baile. — Eu estava olhando lá para dentro. Não vi.

Jane pigarreou.

Pensou no jeito que Saxon — Perry — dissera “Ela não significou nada”. Olhou para Bonnie, encolhida perto de um banco virado. Sentiu a raiva líquida esfriar de repente e endurecer, transformando-se em algo forte e inflexível.

— Nem eu — falou. — Também não vi nada.

— Parem com isso. — Ed olhou para ela e de novo para Madeline. — Parem com isso todas vocês.

Celeste estendeu o braço para pegar a mão de Madeline e se levantou com elegância. Endireitou o vestido e pressionou a mão no rosto, no local em que Perry a acertara. Observou por um momento o vulto encolhido de Bonnie.

— Eu não vi nada — falou, e sua voz soou quase tranquila.

— Celeste.

O rosto de Ed se franziu como se ele estivesse apavorado. Pressionou as mãos com força nas têmporas, e depois as deixou cair. Sua testa tinha brilhos dourados.

Celeste foi até a beira da varanda e tocou o parapeito. Olhou para Renata e disse:

— Chame a ambulância já.

Então começou a gritar.

Era fácil depois de tantos anos fingindo. Celeste era uma boa atriz.

Mas pensou nos filhos e não precisou mais fingir.

Stu: Àquela altura já estava armada a maior confusão. Dois caras brigavam por causa de uma francesa, e do nada aquele fuinha parte para cima de mim porque eu disse que a mulher dele não tinha capacidade de organizar nem suruba e com isso ofendi a honra dela ou coisa assim. Quer dizer, fala sério, é só uma expressão.

Thea: Foi a discussão sobre a padronização das provas que ficou meio alterada. Tenho quatro filhos, então declaro que sou, sim, um pouco experiente no assunto.

Harper: Thea estava gritando como se estivesse em uma feira.

Jonathan: Eu estava com uns pais do quarto ano e começamos a discutir a legalidade e a moralidade daquela maldita petição. Ouviam-se algumas vozes exaltadas. Talvez um empurra-empurra. Olha, não me orgulho de nada disso.

Jackie: Prefiro lidar com uma aquisição corporativa difícil.

Gabrielle: Eu estava considerando canibalismo àquela altura. Carol parecia deliciosa.

Carol: Eu estava limpando a cozinha quando ouvi o grito mais assustador de todos.

Samantha: Ed veio correndo procurando a escada e gritava alguma coisa sobre Perry White ter caído da varanda e queria que alguém chamasse uma ambulância, pelo amor de Deus. Olhei para a varanda e vi dois pais do quinto ano engalfinhados saírem pela porta aberta e se estabacarem no chão.

— Houve um acidente — disse Renata ao celular. Ela enfiara um dedo no ouvido para escutar a pessoa do outro lado da linha mesmo com os gritos de Celeste. — Um homem caiu. Da varanda.

— Foi ele? — Madeline pegou o braço de Jane e puxou-a para perto. — Foi *Perry* que...

Jane ficou olhando para o contorno dos lábios de Madeline, feito com batom. Estava perfeito.

— Você acha que ele...

Ela nunca terminou a frase porque nesse momento dois Elvis de seda branca atracados como se estivessem dando um abraço apaixonado se estabacaram em Jane e Madeline, e cada uma delas voou para um lado.

Jane tentou aparar a queda com a mão e sentiu algo se quebrar de

um jeito muito errado perto do seu ombro quando aterrissou de lado.

Os ladrilhos da varanda junto ao rosto de Jane estavam molhados. Os gritos de Celeste se misturavam às sirenes distantes das ambulâncias e ao barulho suave do choro de Bonnie. Jane sentia gosto de sangue na boca. Fechou os olhos.

Ai, calamidade.

—

Bonnie: A briga passou para a varanda, e foi então que as coitadas de Madeline e Jane se machucaram muito. Eu não vi Perry White cair... Eu... Você me dá licença só um minutinho, Sarah? Espere, é Sarah, não é? Não, Susan. Me deu um branco. Desculpe, Sarah. Sarah. Que nome lindo. Significa “princesa”, acho. Olha, Sarah, preciso ir buscar minha filha agora.

Detetive Adrian Quinlan: Estamos conferindo todas as imagens disponíveis do circuito fechado de TV, retratos tirados naquela noite e fotos de celular. Obviamente, vamos estudar as provas periciais quando estiverem disponíveis. Por enquanto estamos interrogando cada um dos cento e trinta pais que compareceram ao evento. Nós *vamos* descobrir a verdade sobre o que aconteceu ontem à noite, nem que eu tenha que acusar todos eles.

A MANHÃ SEGUINTE À NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— **A**cho que eu não posso fazer isso — disse Ed, baixinho. Estava sentado em uma cadeira ao lado da cama de hospital de Madeline. Ela fora para um quarto particular, mas Ed ficava olhando nervosamente por cima do ombro. Parecia estar mareado.

— Não estou lhe pedindo para fazer nada — retrucou Madeline. — Se quiser contar, conte.

— *Contar.* Pelo amor de Deus. — Ed revirou os olhos. — Não é uma questão de dedurar os coleguinhas para a professora! Isso é infringir a lei. É mentir sob... Você está bem? Está com dor?

Madeline fechou os olhos e contorceu o rosto. Estava com o tornozelo quebrado. Aconteceu quando os dois pais do quinto ano esbarraram nela e Jane. Primeiro pensou que não fosse cair, mas depois, parecia que estava acontecendo em câmera lenta, uma de suas pernas escorregou atrás da outra na varanda molhada como se ela estivesse fazendo um passo de dança complicado. Tinha sido o tornozelo bom, não o que sempre falseava. Ela teve que ficar deitada ali na varanda molhada sentindo uma dor terrível pelo que pareceram horas enquanto Celeste dava aquele grito medonho e interminável, Bonnie chorava, Nathan praguejava e Jane estava deitada de lado com o rosto ensanguentado e Renata gritava: “Cresçam, pelo amor de

Deus”, para os pais do quinto ano que se atracavam.

A cirurgia de Madeline estava marcada para a tarde. Ela ficaria de quatro a seis semanas com gesso, e depois precisaria fazer fisioterapia. Passaria um bom tempo sem poder usar salto agulha.

Não era a única que havia ido parar no hospital. Pelo que Madeline entendeu, a contagem da noite do concurso de perguntas terminara em um tornozelo quebrado (a contribuição de Madeline), uma clavícula quebrada (pobre Jane), um nariz quebrado (o marido de Renata, Geoff — menos do que ele merecia), três costelas fissuradas (o marido de Harper, Graeme, que também andara dormindo com a babá francesa), três olhos roxos, dois cortes feios que precisaram de pontos e noventa e duas dores de cabeça de rachar.

E uma morte.

A cabeça de Madeline girava com um carrossel violento de imagens da véspera. Jane, com aquele batom vermelho-vivo, parada na frente de Perry dizendo: “Você disse que se chamava Saxon Banks.” De início, Madeline achara que Jane estava confundindo os dois, que Perry devia ser parecido com o primo, até que ele disse: “Ela não significou nada.” A expressão de Celeste depois de Perry ter batido nela. Surpresa nenhuma. Só vergonha.

Que tipo de amiga estúpida e egocêntrica fora Madeline para não ter percebido aquilo? Só porque Celeste não andava por aí com olho roxo e lábios machucados não significava que não tivesse havido pistas, se ela houvesse se dado o trabalho de reparar. Será que alguma vez Celeste havia tentado lhe fazer confidências? Madeline provavelmente falara sem parar sobre creme para os olhos ou algo tão superficial quanto e não lhe dera chance. Talvez a tivesse *interrompido*! Ed vivia chamando a atenção dela por isso. “Deixa eu terminar”, dizia ele, levantando a mão. Só três palavrinhas. *Perry me bate*. E Madeline nunca dera à amiga os três segundos necessários para dizê-las. Porém, Celeste sempre escutava Madeline enquanto ela falava sem parar sobre tudo, desde como detestava o treinador de futebol dos menores de sete anos até seus sentimentos sobre a relação de Abigail com o pai.

— Ela trouxe uma lasanha vegetariana para a gente hoje — disse Ed.

— Quem? — perguntou Madeline. O arrependimento a estava deixando nauseada.

— Bonnie! Pelo amor de Deus, Bonnie. A mulher que, pelo visto, estamos protegendo. Ela estava bizarramente normal, como se nada tivesse acontecido. Ela é mesmo pirada. Já andou falando hoje de manhã com “uma jornalista muito simpática chamada Sarah”. Só Deus sabe o que ela disse.

— Foi um acidente — afirmou Madeline.

Ela se lembrou do rosto de Bonnie desfigurado pela raiva quando

gritou com Perry. Aquela voz gutural estranha. *A gente está vendo! A gente está vendo, porra!*

— Eu sei que foi um acidente — disse Ed. — Então por que não nos limitamos a dizer a verdade? A contar à polícia exatamente o que aconteceu. Não entendo. Você nem gosta dela.

— Isso não é relevante — retrucou Madeline.

— Foi Renata quem começou — lembrou ele. — E então todo mundo embarcou nessa. “Eu não vi nada. Eu não vi nada.” A gente nem sabia se o homem estava morto ou vivo e já estava planejando encobrir o crime! Quer dizer, caramba, Renata ao menos *conhece* Bonnie?

Madeline achava que entendia por que Renata dissera aquilo. Era porque Perry tinha traído Celeste, como Geoff a traiu. Madeline vira a expressão de Renata ao ouvir as palavras de Perry: “Ela não significou nada.” Quando ele falou isso, a própria Renata sentira vontade de empurrá-lo da varanda. Bonnie simplesmente chegara lá primeiro.

Se Renata não houvesse dito: “Eu não o vi cair”, talvez a cabeça de Madeline não tivesse funcionado com rapidez suficiente para sequer considerar as consequências para Bonnie, mas tão logo ela dissera aquilo, Madeline pensara na filha de Bonnie. As várias piscadelas que Skye dava, o jeito como sempre se escondia atrás da saia da mãe. Se havia uma criança que precisava da mãe, era Skye.

E talvez tenha sido mais do que isso.

Talvez tenha sido um acordo tácito instantâneo entre as quatro mulheres na varanda. *Nenhuma mulher deve pagar pela morte acidental daquele homem.* Talvez fosse uma reação automática, decorrente de milhares de anos de violência contra a mulher. Talvez tenha sido por todos os estupros, todas as bofetadas violentas, todos os Perrys que existiram antes daquele.

— Bonnie tem uma filhinha — disse Madeline.

— Perry tinha dois filhinhos. E daí? — Ed fitou o vazio acima da cama dela. Seu rosto parecia acabado sob a luz áspera. Madeline conseguia ver o velho que ele se tornaria um dia. — Não sei se consigo viver com isso, Madeline.

Ele fora o primeiro a chegar até Perry. Fora ele quem vira o corpo quebrado e retorcido do homem com quem apenas minutos antes rira conversando sobre golfe. Era pedir muito dele. Ela sabia disso.

— Perry não era boa pessoa — reforçou Madeline. — Foi ele que fez aquelas coisas com Jane. Você entendeu isso? Ele é o pai de Ziggy.

— Isso não é relevante — retrucou Ed.

— Você é quem sabe — disse Madeline. Ed estava certo. Claro que sim, ele sempre estava, mas às vezes fazer a coisa errada também era certo. — Acha que ela teve intenção de matá-lo?

— Não — respondeu Ed. — Mas e daí? Não sou juiz nem júri. Não

cabe a mim...

— Acha que ela vai voltar a fazer isso? Acha que ela é um perigo para a sociedade?

— Mas, de novo, e daí? — Ele lhe lançou um olhar sincero de angústia. — Acho que não posso mentir em uma investigação policial.

— Você já não mentiu?

Madeline sabia que Ed tinha falado rapidamente com a polícia na noite passada antes de ir para o hospital, quando ela foi levada em uma das três ambulâncias que haviam estacionado na área na frente da escola onde era permitido apenas embarque e desembarque de passageiros.

— Não oficialmente — disse Ed. — Um policial fez algumas anotações e eu falei... Nossa, não sei direito o que falei, eu estava bêbado. Não mencionei Bonnie, eu sei, mas já concordei em ir à delegacia hoje à uma da tarde dar um depoimento *oficial*. Eles vão gravar, Madeline. Terão dois policiais sentados em uma sala, olhando para mim enquanto minto sabendo que estou mentindo. Precisarei assinar uma declaração. Isso me torna cúmplice...

— Olá.

Era Nathan, entrando no quarto com um passo decidido, um grande buquê de flores e um grande sorriso parecido com o de uma celebridade, como se fosse um palestrante motivacional subindo em um palco.

Ed deu um pulo.

— Nossa, Nathan, você quase me matou de susto.

— Desculpe, cara — disse ele. — Como vai, Maddie?

— Estou bem — respondeu ela. Era um pouco desconcertante ter o marido e o ex-marido parados um ao lado do outro, olhando para você enquanto se estava deitada na cama. Era esquisito. Ela queria que ambos saíssem.

— Para você! Coitadinha! — Nathan largou as flores no colo dela.

— Soube que vai ficar andando de muletas por um bom tempo.

— Sim, bem...

— Abigail já disse que vai se mudar de volta para ajudar você.

— Ah — disse Madeline. — Ah. — Ela tocou as pétalas cor-de-rosa.

— Bem, vou conversar com ela sobre isso. Eu vou ficar bem. Ela não precisa tomar conta de mim.

— Não, mas acho que ela quer voltar para casa — contou Nathan.

— Está procurando uma desculpa.

Madeline e Ed se entreolharam. Ele deu de ombros.

— Sempre achei que a novidade ia passar — confessou Nathan. — Ela sentia falta da mãe. Nós não somos a vida real dela.

— Certo.

— Então. Eu vou indo — disse Ed.

— A gente pode conversar rapidinho, cara? — perguntou Nathan. Seu grande sorriso otimista havia desaparecido, e ele estava parecendo um homem que provocara uma batida de carro. — Eu gostaria de falar com vocês dois... sobre, hã, sobre o que aconteceu ontem à noite.

Ed fez uma careta, mas puxou uma cadeira próxima e colocou-a ao lado da sua, fazendo um gesto para Nathan se sentar.

— Ah, obrigado, *obrigado*, cara. — Nathan parecia pateticamente agradecido quando se sentou.

Houve uma longa pausa.

Ed pigarreou.

— O pai de Bonnie era violento — disse Nathan sem preâmbulos. — Muito violento. Acho que não sei nem metade das coisas que ele fez. Não com Bonnie. Com a mãe dela. Mas Bonnie e a irmã caçula viam tudo. Elas tiveram uma infância muito difícil.

— Não tenho certeza se eu devia... — começou Ed.

— Nunca conheci o pai dela — continuou Nathan. — Ele morreu do coração antes de eu começar a namorar com ela. Enfim, Bonnie é... bem, um psiquiatra a diagnosticou com transtorno de estresse pós-traumático. Ela fica bem na maior parte do tempo, mas tem pesadelos horríveis e, só, hã, algumas dificuldades às vezes.

Ele olhou inexpressivamente para a parede atrás da cabeça da ex-mulher. Nathan tinha o olhar vazio enquanto considerava todos os segredos que existiam, Madeline agora se dava conta, em seu casamento complicado.

— Você não precisa nos contar nada disso — disse Madeline.

— Ela é uma boa pessoa, Maddie — afirmou Nathan de um jeito desesperado. Não estava olhando para Ed. Seus olhos se fixaram em Madeline. Ele estava se referindo à história dos dois. Estava se referindo às antigas lembranças e ao amor do passado. Embora a tivesse largado, estava lhe pedindo para esquecer tudo e se lembrar do tempo em que eram obcecados um pelo outro, quando acordavam sorrindo como bobos. Era loucura, mas ela sabia que era isso o que ele estava pedindo. Estava pedindo um favor à Madeline de vinte anos. — Ela é uma mãe maravilhosa — continuou. — A melhor. E, juro, ela nunca quis que Perry *caísse*. Acho que quando o viu bater em Celeste...

— Ela perdeu a razão — acrescentou Madeline.

Ela visualizou a mão de Perry descrevendo aquele arco elegante, preciso. Ouviu a voz gutural de Bonnie. Ocorreu-lhe que havia muitos níveis de maldade no mundo. Maldades pequenas como suas palavras maldosas. Como não convidar uma criança para uma festa. Maldades maiores como abandonar a mulher e a filha recém-nascida ou dormir com a babá do filho. E havia o tipo de maldade que Madeline não vivenciara: crueldade em quartos de hotel, violência em lares de classe média e menininhas sendo vendidas como mercadoria, destruindo

corações inocentes.

— Eu sei que você não me deve nada — disse Nathan —, porque obviamente o que fiz com você quando Abigail ainda era bebê foi totalmente imperdoável e...

— Nathan — interrompeu Madeline.

Aquilo era loucura e não fazia sentido porque ela não o perdoava, escolhera nunca perdoá-lo, e ele a tiraria do sério pelo resto da vida. Um dia ainda levaria Abigail ao altar enquanto Madeline estaria rangendo os dentes, mas mesmo assim ele era da família, ainda tinha um lugar na sua cartolina com a árvore genealógica.

Como ela poderia explicar a Ed que não gostava muito de Bonnie, nem a entendia, mas que no fim das contas estava preparada para mentir por ela do mesmo jeito que mentiria automaticamente por Ed, seus filhos, sua mãe? No fim das contas, por mais estranho e improvável que parecesse, Bonnie também era da família.

— Nós não vamos dizer nada à polícia — afirmou Madeline. — Não vimos o que aconteceu. Não vimos nada.

Ed levantou-se, fazendo a cadeira arranhar o chão ao ser empurrada subitamente, e saiu do quarto sem olhar para trás.

—

Detetive Adrian Quinlan: Alguém não está dizendo a verdade sobre o que aconteceu na varanda.

O policial parecia um simpático jovem pai que levava o filho para praticar esporte, mas havia algo calmo e perspicaz em seus olhos verdes cansados. Estava sentado ao lado da cama de hospital de Jane com uma caneta equilibrada no bloco amarelo.

— Deixe-me esclarecer: você estava na varanda, mas olhando lá para dentro?

— Isso — confirmou Jane. — Por causa de toda aquela barulheira. Tinha gente jogando coisas.

— E então você ouviu Celeste White gritar?

— Acho que sim — disse Jane. — É tudo muito confuso. Tudo está embaralhado. Aqueles coquetéis...

— Sim. — O policial suspirou. — Aqueles coquetéis. Já ouvi falar bastante deles.

— Todo mundo estava muito bêbado — afirmou Jane.

— Onde você estava posicionada em relação a Perry White?

— Hã, acho que mais ou menos para um lado.

A última enfermeira que aparecera dissera que alguém iria buscá-la em breve para tirar um raio X. Seus pais estavam a caminho com Ziggy. Ela olhou para a porta do quarto e desejou que alguém, qualquer pessoa, chegasse para salvá-la daquela conversa.

— Qual era a *sua* relação com Perry? Vocês eram amigos?

Jane pensou no momento em que ele tirara a peruca e virara Saxon Banks. Ela nunca conseguira lhe contar que ele tinha um filho chamado Ziggy que gostava de abóbora. Nunca recebeu um pedido de desculpas. Fora para isso que ela tinha vindo para Pirriwee? Por que queria o remorso dele? Ela achara mesmo que conseguiria o remorso dele?

Fechou os olhos.

— Nós só nos conhecemos ontem à noite. Eu tinha acabado de ser apresentada a ele.

— Acho que você está mentindo — disse o policial. Ele pousou o bloco. Jane estremeceu diante daquela súbita mudança de tom. Sua

voz tinha a implacabilidade, o peso e a violência de uma martelada.
— Está mentindo?

— Tem alguém aqui que quer ver você — disse a mãe de Celeste.

Celeste olhou do sofá onde estava sentada entre os filhos, assistindo a desenhos animados. Ela não queria se levantar. Os meninos eram pesos reconfortantes e quentes encostados em seu corpo.

Não sabia o que os dois estavam pensando. Eles haviam chorado quando ela lhes contara sobre o pai, mas Celeste se perguntava se choravam porque Perry prometera levá-los para pescar na piscina natural naquela manhã e isso não ia mais acontecer. Ela desconfiava de que naquele momento as cabecinhas deles estivessem vazias e atordoadas como a dela e que aquelas cores vivas e bruxuleantes das personagens dos desenhos animados fossem as únicas coisas que pareciam reais.

— Não é outra jornalista, é? — perguntou ela.

— O nome dela é Bonnie — contou a mãe. — Diz que é uma das mães da escola e só queria falar uns minutinhos com você. Diz que é importante. Ela trouxe isso. — A mãe levantou uma panela. — Diz que é uma lasanha vegetariana. — A mãe ergueu uma sobancelha para indicar sua opinião sobre uma lasanha *vegetariana*.

Celeste ficou de pé, delicadamente levantando os meninos e deixando-os cair de lado no sofá. Eles fizeram breves murmúrios de protesto, mas não tiraram os olhos da TV.

Bonnie a aguardava em pé na sala de estar, completamente imóvel, olhando para o mar com aquela trança comprida caída no meio das costas retas de professora de ioga. Celeste parou na porta e a observou por um instante. Aquela era a mulher responsável pela morte do seu marido.

Bonnie virou-se devagar e sorriu com tristeza.

— Celeste.

Não dava para imaginar aquela mulher plácida de pele brilhosa gritando: “*A gente está vendo! A gente está vendo, porra!*” Não dava para imaginá-la xingando.

— Obrigada pela lasanha — agradeceu Celeste, falando sério. Ela sabia que logo sua casa ficaria cheia de parentes enlutados de Perry.

— Bem, isso foi o mínimo... — Uma expressão de pura angústia

distorceu momentaneamente o rosto tranquilo de Bonnie. — “Eu sinto muito” não é o suficiente para o que fiz, mas eu precisava vir aqui dizer isso.

— Foi um acidente — observou Celeste vagamente. — Você não teve intenção de jogá-lo.

— Seus filhinhos — começou Bonnie. — Como eles...

— Acho que ainda não entenderam muita coisa — respondeu ela.

— Não — disse Bonnie. — Eles não entenderiam. — Ela soltou um longo suspiro deliberado pela boca como se estivesse demonstrando como respirar em uma aula de ioga. — Estou indo à polícia agora. Vou depor e contar exatamente como aconteceu. Não precisa mentir por mim.

— Já contei a eles ontem à noite que não vi nada.

Bonnie levantou a mão.

— Eles vão voltar para pegar um depoimento seu. Então, simplesmente diga a verdade a eles. — Ela respirou longa e lentamente outra vez. — Eu ia mentir. Já tenho muita prática, sabe. Sei mentir. Quando era pequena, eu mentia o tempo todo. À polícia, às assistentes sociais. Eu tinha que guardar grandes segredos. Até deixei uma jornalista me entrevistar hoje, e me saí bem, mas aí, sei lá. Fui buscar minha filhinha na casa da minha mãe, e, quando entrei, me lembrei da última vez que vi meu pai bater na minha mãe. Eu tinha vinte anos. Era adulta. Tinha ido passar uns dias em casa, e aquilo começou. Mamãe fez alguma coisa. Não lembro o quê. Ela não pôs molho de tomate suficiente no prato dele. Ela riu errado. — Bonnie fitou os olhos de Celeste. — Você sabe.

— Eu sei — concordou ela com a voz rouca. Colocou a mão no sofá onde Perry já havia imprensado sua cabeça.

— Sabe o que eu fiz? Corri para o meu antigo quarto e *me escondi embaixo da cama*. — Bonnie deu uma risadinha amarga de incredulidade. — Porque era o que a minha irmã e eu sempre fazíamos. Nem pensei. Eu me limitei a correr. E fiquei ali deitada de bruços, o coração acelerado, olhando para aquele tapete peludo verde, esperando aquilo terminar, e então, de repente, pensei: “Meu Deus, o que estou fazendo? Sou uma mulher adulta me escondendo embaixo da cama.” Então eu saí e chamei a polícia.

Bonnie puxou a trança por cima do ombro e reajustou o elástico na ponta.

— Eu não me escondo mais embaixo da cama. Não guardo mais segredos, e não quero que as pessoas guardem meus segredos. — Ela tornou a jogar a trança para trás. — Enfim, a verdade vai vir à tona. Madeline e Renata conseguirão mentir para a polícia. Mas Ed definitivamente não. Nem Jane. E provavelmente nem meu pobre marido. Acho que Nathan vai ser o pior de todos.

— Eu mentiria por você — disse Celeste. — Sei mentir.

— Eu sei que você sabe. — Os olhos de Bonnie estavam brilhando.

— Acho que você deve ser muito boa nisso também. — Ela deu um passo para a frente e pôs a mão no braço de Celeste. — Mas agora você pode parar.

Bonnie vai dizer a verdade.

Era uma mensagem de texto de Celeste.

Madeline se atrapalhou com o celular ao digitar o número de Ed. De repente, parecia que o futuro de seu casamento dependia de ela conseguir falar com o marido antes que ele saísse para dar o depoimento.

O telefone tocou sem parar. Era tarde demais.

— O que foi? — A voz dele estava seca.

O alívio a inundou.

— Onde você está?

— Acabei de estacionar o carro. Estou quase entrando na delegacia.

— Bonnie vai confessar — disse Madeline. — Você não precisa mentir por ela.

Ficaram em silêncio.

— Ed? — chamou. — Você me escutou? Pode dizer a eles exatamente o que você viu. Pode contar a verdade.

Parecia que ele estava chorando. Ele nunca chorava.

— Você não devia ter pedido aquilo de mim — disse ele asperamente. — Foi pedir demais de mim. Aquilo foi por ele. Você estava me pedindo para fazer aquilo pelo seu maldito ex-marido.

— Eu sei — reconheceu Madeline. Ela também estava chorando. — Sinto muito. Sinto muito mesmo.

— Eu ia mentir.

Não ia, não, meu querido, pensou ela enquanto limpava as lágrimas com as costas da mão. *Não ia, não.*

Querido Ziggy,

Não sei se você se lembra disso, mas ano passado, no dia da orientação do jardim de infância, não fui muito legal com você. Achei que tivesse machucado minha filha e agora sei que isso não era verdade. Espero que você me perdoe e que sua mãe perdoe. Eu agi muito mal com os dois e sinto muito.

Amabella vai dar uma festa de despedida antes de nos mudarmos para Londres, e ficaríamos muito honradas se você viesse como nosso convidado muito especial. O tema é Star Wars. Amabella disse para você levar seu sabre de luz.

Cordialmente,

Renata Klein (mãe de Amabella)

QUATRO SEMANAS APÓS A NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

— Ela chegou a tentar falar com você? — perguntou Jane a Tom.
— Aquela jornalista que está entrevistando todas as pessoas por aí?

Estava no meio da manhã de um belo dia de inverno. Eles estavam juntos no calçadão em frente ao Blue Blues. Havia uma mulher sentada à uma mesa perto da janela, franzindo a testa enquanto transcrevia anotações para o laptop de um Dictafone ligado ao seu ouvido por um único fone.

— Sarah? — questionou Tom. — Sim. Acabei de dar a ela uns muffins de cortesia e disse que não tenho nada para falar. Estou torcendo para ela mencionar os muffins na matéria.

— Essa mulher anda entrevistando todo mundo desde a manhã depois da noite do concurso de perguntas — contou Jane. — Ed acha que ela está tentando conseguir um contrato para um livro. Pelo que sei, até Bonnie falou com ela antes de ser acusada. Deve ter muito material.

Tom acenou para a jornalista, que acenou de volta, erguendo o café em uma saudação.

— Vamos — chamou ele.

Eles estavam levando sanduíches para comer no promontório em um almoço antecipado. Jane tirara no dia anterior a tipoia da clavícula que quebrara. O médico lhe dissera que ela poderia começar a fazer exercícios leves.

— Tem certeza de que Maggie pode cuidar do café? — perguntou Jane, referindo-se à única empregada de meio expediente de Tom.

— Claro. O café dela é melhor que o meu — disse Tom.

— Não é, não — retrucou Jane fielmente.

Eles subiram a escada onde Jane costumava encontrar Celeste para suas caminhadas após deixar as crianças na escola. Pensou na amiga correndo para encontrá-la, nervosa e preocupada porque estava atrasada de novo, alheia a um homem de meia-idade que quase dera

de cara com uma árvore tentando dar mais uma olhadela nela.

Mal vira Celeste desde o enterro.

A pior parte do enterro havia sido os menininhos, com aqueles cabelos louros penteados para o lado, aquelas camisas sociais brancas e calças pretas, as expressões sérias. Houve a carta que Max escrevera ao pai e colocara em cima do caixão. “Papai”, em garranchos irregulares com um desenho de dois bonecos palitos.

A escola tentara apoiar os pais do jardim de infância enquanto eles decidiam se levavam ou não os filhos ao enterro. Mandaram um e-mail com links úteis de artigos escritos por psicólogos: “Devo levar meu filho a um enterro?”

Os pais que não permitiram que os filhos fossem achavam que as crianças presentes teriam pesadelos e ficariam um pouco traumatizadas para o resto da vida, pelo menos o suficiente a ponto de afetar seus resultados para o ingresso na universidade. Os pais que permitiram tinham esperanças de que seus filhos aprendessem lições valiosas sobre o ciclo da vida e o apoio dado aos amigos nos momentos difíceis e que ficassem mais “resilientes”, o que seria bom para eles na adolescência, tornando-os menos propensos a cometer suicídio ou se viciar em drogas.

Jane deixara Ziggy ir porque ele quisera, e também porque era o enterro do pai dele, embora o menino não soubesse disso, e não haveria uma segunda chance de deixá-lo assistir ao enterro do pai.

Será que ela um dia contaria a ele? *Lembra que quando era pequeno você foi a um enterro pela primeira vez?* Mas ele tentaria atribuir algum significado àquilo. Procuraria algo que Jane finalmente entendera que não existia. Nos últimos cinco anos ela andara procurando em vão um significado para uma noite horrível de infidelidade bêbada, mas não havia nenhum.

A igreja ficara lotada de parentes enlutados de Perry. A irmã dele (a tia de Ziggy, dissera Jane a si mesma enquanto estava sentada no fundo da igreja com os outros pais da escola que não conheciam Perry muito bem) montara um pequeno filme para comemorar a vida dele. Fora produzido de modo tão profissional que parecia um filme de verdade, e fez a vida de Perry parecer mais vibrante, rica e substancial do que as das pessoas que estavam ali na congregação. Havia fotos nítidas e claras dele ainda um bebê rechonchudo de cabelo claro, um garoto gorducho, de repente um adolescente bonito, um noivo deslumbrante beijando sua mulher deslumbrante, um orgulhoso pai de primeira viagem de gêmeos com um bebê em cada braço. Havia vídeos dele dançando rap com os filhos, soprando velas, esquiando com os meninos entre as pernas.

A trilha sonora estava linda e perfeitamente sincronizada para provocar o máximo de impacto emocional e, no fim, até os pais da

escola que mal conheciam Perry choraram copiosamente, e um homem bateu palmas sem querer.

Desde o enterro, Jane ficava se lembrando daquele filme. Parecia uma prova irrefutável de que Perry tinha sido um bom homem. Bom marido e bom pai. Suas lembranças dele no quarto de hotel e na varanda — a violência inesperada com que tratava Celeste — pareciam inconsistentes e improváveis. O homem com dois menininhos no colo, rindo em câmera lenta para alguém fora do enquadramento da câmera, não poderia ter feito aquelas coisas.

Forçar-se a se lembrar do que ela sabia ser verdade sobre Perry parecia inútil e pedante, quase de forma maldosa. Era mais educado recordar aquele filme agradável.

Jane não vira Celeste chorar no enterro. Seus olhos estavam inchados e injetados, mas não a vira chorar. Ela parecia estar trincando os dentes, como se esperasse algo chegar ao fim, alguma dor terrível passar. A única hora em que pareceu que ela talvez fosse cair no choro foi quando Jane a vira fora da igreja, consolando um homem alto e bem-apeadoado que mal conseguia andar de tão abatido pelo sofrimento.

Jane achou ter ouvido Celeste dizer: “Ah, *Saxon*”, quando deu o braço a ele, mas talvez isso fosse sua mente lhe pergando peças.

— Você vai falar com ela? — perguntou Tom ao alcançarem o topo da escadaria.

— Com Celeste? — perguntou Jane.

Elas não tinham se falado, ou pelo menos não direito. A mãe de Celeste estava lhe fazendo companhia, ajudando-a com os meninos, e Jane sabia que a família de Perry também estava tomando muito do tempo dela. Jane tinha a sensação de que ela e Celeste nunca fariam sobre Perry. Por um lado, havia muito a dizer, mas por outro, não havia nada. Madeline contou que Celeste estava se mudando para um apartamento em McMahons Point. O belo casarão ia ser posto à venda.

— Com Celeste, não. — Tom lhe lançou um olhar esquisito. — Com aquela jornalista.

— Ah — disse Jane. — Nossa, não. Não falei, não, e nem vou falar. Ed me aconselhou que quando ela ligasse eu deveria dizer não, obrigada, com uma voz firme e educada e desligar depressa, do mesmo jeito que a gente faz com telemarketing. Ele falou que as pessoas têm essa noção estranha de que precisam falar com jornalistas, mas claro que não precisam. Jornalista não é igual a polícia.

Ela não queria falar com a jornalista. Muitos segredos. Só de pensar no policial interrogando-a no hospital ficava sem ar.

— Você está se sentindo bem? — Tom parou e pôs a mão em seu

braço. — Não estou andando depressa demais?

— Estou bem. Só fora de forma.

— Vamos fazer você recuperar sua forma atlética.

Ela lhe deu um peteleco no peito.

— Cale a boca.

Tom sorriu. Ela não conseguia ver seus olhos porque ele estava de óculos escuros.

O que eles eram agora? Grandes amigos que mais pareciam irmãos? Amigos que flertavam, sabendo que nunca levariam a relação adiante? Ela sinceramente não sabia dizer. A atração mútua na noite do concurso de perguntas fora como uma florzinha perfeita que precisava ser regada com ternura, ou pelo menos precisava de um primeiro beijo embriagado encostado em um muro do estacionamento da escola. Só que todas aquelas coisas aconteceram. O brotinho deles foi pisoteado por uma grande bota negra: morte, sangue, ossos quebrados, polícia e uma história que ela ainda não lhe contara sobre o pai de Ziggy. Parecia que não conseguiriam voltar ao que tinham antes. Havia perdido o ritmo.

Na semana anterior eles haviam saído para ir ao cinema e jantar fora. Tinha sido agradabilíssimo, muito natural. Eles já eram amigos próximos graças à quantidade de tempo que passaram conversando quando ela ia trabalhar no Blue Blues. Mas nada acontecera. Nem chegou perto.

Parecia que Tom e Jane estavam fadados a ser amigos. Isso era ligeiramente decepcionante, mas não devastador. Amizades podiam durar a vida inteira. As estatísticas eram melhores do que para relacionamentos amorosos.

Naquela manhã ela recebera uma mensagem do primo de sua amiga, perguntando se queria sair para tomar um drinque. Ela respondera: *Sim, vamos*.

Tom e Jane andaram até o banco do parque com a placa dedicando-o a VICTOR BERG, QUE AMAVA ANDAR EM VOLTA DESTA PROMONTÓRIO. *Aqueles que amamos não se vão, sentam-se ao nosso lado todos os dias*. Isso sempre fazia Jane pensar em vovô, que nasceu no mesmo ano que Victor.

— Como vai Ziggy? — perguntou Tom quando eles se sentaram e começaram a desembulhar os sanduíches.

— Vai bem — disse Jane. Ela olhou para a extensão de azul. — Ótimo.

Ziggy tinha feito amizade com um menino novo na escola que acabara de voltar para a Austrália depois de dois anos morando em Cingapura. Ziggy e Lucas de repente se tornaram inseparáveis. Os pais do menino, um casal na faixa dos quarenta anos, haviam convidado Jane e Ziggy para jantar em sua casa. Queriam apresentá-la ao tio de

Lucas.

Tom de repente pôs a mão no braço dela.

— Ai, meu Deus.

— O quê? — perguntou Jane. Ele estava olhando para o mar, como se tivesse visto algo.

— Acho que estou recebendo uma mensagem. — Ele pôs um dedo na têmpora. — Sim! Estou, sim. É de Victor.

— Victor?

— Victor Berg, que adorava andar em volta deste promontório! — respondeu Tom com impaciência. Ele apontou para a placa. — Vic, cara, o que foi?

— Nossa, você é um bocó — disse Jane afetuosamente.

Tom olhou para ela.

— Vic disse que se eu não beijar logo essa garota, sou realmente uma besta quadrada.

— Ah! — exclamou Jane. Ficou toda arrepiada. Sentiu um frio na barriga, eufórica, como se tivesse ganhado um prêmio. Ela andava tentando se consolar com pequenas mentiras. Meu Deus, é *claro* que estava desapontada por não estar acontecendo nada. Ela estava muito, muito desapontada. — É mesmo? É isso que ele...

Mas Tom já estava beijando-a, uma das mãos em seu rosto, a outra tirando o sanduíche de seu colo e colocando-o ao lado no banco, e acabou que aquela plantinha não tinha sido esmagada afinal, e que um primeiro beijo não necessariamente exige escurinho e bebida alcoólica, podia acontecer ao ar livre, com o sol quente batendo no rosto e tudo ao redor sincero, real, de verdade, e graças a Deus ela não estava mascando chiclete porque teria precisado engoli-lo rapidinho e poderia não ter reparado que Tom tinha exatamente o gosto que ela sempre desconfiou que tivesse: de açúcar, canela, café e de mar.

— Eu estava preocupada achando que estávamos fadados a ser amigos — confessou ela quando pararam para respirar.

Tom afastou uma mecha de cabelo da testa dela e a colocou atrás da orelha.

— Está brincando? Além do mais, eu já tenho muitos amigos.

Samantha: Então terminamos? Você tem tudo de que precisa? Uma saga e tanto, hein. Já voltamos ao normal, só que todos nós, pais, estamos sendo extremamente *gentis* uns com os outros. É bem engraçado.

Gabrielle: Cancelaram o baile de primavera. Agora só teremos barraquinhas de bolo. Era só o que me faltava. Já engordei cinco quilos por causa do estresse de toda essa história.

Thea: Renata está se mudando para Londres. O casamento dela acabou. Eu teria me esforçado mais, mas isso sou só eu. Não tenho escolha, preciso considerar meus filhos em primeiro lugar.

Harper: É claro que nós vamos visitar Renata em Londres ano que vem! Quando ela já estiver acomodada, é claro. Ela diz que talvez demore um pouco. Sim, estou dando uma segunda chance a Graeme. Uma babazinha vagabunda não vai destruir meu casamento. Não se preocupem. Ele está pagando. Não só com aquelas costelas quebradas. Vamos todos assistir a *O Rei Leão* hoje à noite.

Stu: O maior mistério é: por que aquela francesa nunca deu em cima de mim?

Jonathan: Ela na verdade deu em cima de mim, mas isso fica só entre nós.

Srta. Barnes: Não tenho ideia do que aconteceu com a petição. Ninguém tocou no assunto depois da noite do concurso de perguntas. Mal podemos esperar pelo próximo trimestre e um novo começo. Achei que poderíamos criar um módulo especial sobre solução de conflitos. Parece adequado.

Jackie: Tomara que as crianças agora possam ser deixadas em paz para aprender a ler e escrever.

Sra. Lipmann: Acho que talvez todos nós acabamos aprendendo a ser mais *gentis* uns com os outros. E a documentar tudo. *Tudo*.

Carol: Então parece que o clube do livro de Madeline na verdade não tinha nada a ver com ficção erótica! Foi tudo uma brincadeira! Elas se revelaram umas pudicas! Mas o engraçado é que, ontem mesmo, uma amiga da igreja mencionou que fazia parte de um Clube Cristão do Livro Erótico. Já estou no terceiro capítulo do nosso primeiro livro, e não vou mentir, é bem engraçado e realmente bastante, bem, qual é a

palavra? *Picante!*

Detetive Adrian Quinlan: Pensei que tinha sido a esposa, para ser sincero. Todos os meus instintos me diziam que tinha sido a esposa. Eu teria apostado dinheiro nisso. O que mostra que a gente nem sempre pode confiar nos instintos. Então pronto. É isso. Você já deve ter tudo de que precisa, não é? Está desligando o aparelho? Porque eu estava me perguntando, não sei se isso é adequado, mas eu estava me perguntando se você gostaria de um drin...

UM ANO APÓS A NOITE DO CONCURSO DE PERGUNTAS

Celeste estava sentada atrás de uma mesa comprida com uma toalha branca, aguardando seu nome ser chamado. Seu coração palpitava. Sua boca estava seca. Ela pegou o copo d'água à sua frente e observou sua mão tremer. Rapidamente tornou a pousar o copo, pois não tinha certeza se conseguiria levá-lo em segurança até a boca sem derramá-lo.

Ela recentemente falara em juízo algumas vezes, mas aquilo era diferente. Não queria chorar, embora Susi lhe tivesse dito que não tinha problema, era compreensível, até provável.

— Você vai falar sobre experiências muito íntimas, muito dolorosas — disse Susi. — É uma coisa importante que estou lhe pedindo.

Celeste olhou para a pequena plateia de homens e mulheres de roupas sociais. Seus rostos estavam neutros, profissionais, alguns até meio entediados.

“Eu sempre escolho uma pessoa na plateia”, contara-lhe Perry uma vez quando estavam conversando sobre falar em público. “Alguém que parece simpático bem no meio do público, e quando me levanto, falo para ele ou ela como se fôssemos só nós dois.”

Ela se lembrava de ter ficado admirada ao saber que Perry precisava de algumas técnicas. Ele sempre parecera absolutamente confiante e relaxado quando falava em público, como um astro carismático de Hollywood em um programa de entrevistas. Mas esse era Perry. Em retrospectiva, parecia que ele na verdade passara a vida inteira em um perpétuo estado de medo de baixa intensidade: medo de ser humilhado, medo de perdê-la, de não ser amado.

Por um instante, ela desejou que ele estivesse ali para vê-la falar. Não pôde deixar de pensar que ele se orgulharia dela, apesar do tema. O verdadeiro Perry se orgulharia dela.

Era uma fantasia? Provável que sim. Ela era especialista em fantasias atualmente ou talvez sempre tenha sido.

A coisa mais difícil ao longo do último ano fora questionar cada pensamento e emoção. Toda vez que ela chorava a morte de Perry era uma traição a Jane. Era insensato, equivocado e *errado* chorar por um homem que fizera o que ele fez. Era errado chorar pelas lágrimas dos seus filhos quando havia outro menininho que nem sabia que Perry era pai dele. As emoções certas eram ódio, fúria e arrependimento. Era assim que ela devia estar se sentindo, e ficava feliz quando sentia todas aquelas coisas, o que acontecia com frequência, porque eram pensamentos adequados, racionais, mas então ela se via sentindo saudades dele, ansiosa para que voltasse de uma de suas viagens, e sentia-se idiota de novo ao se lembrar de que Perry a havia traído, provavelmente várias vezes.

Em seus sonhos, gritava com ele: *Como você se atreve, como você se atreve?* Ela batia nele repetidas vezes. Acordava com lágrimas ainda no rosto.

“Eu ainda o amo”, dizia ela a Susi, como se estivesse confessando algo repulsivo.

“Você pode continuar gostando dele.”

“Estou enlouquecendo”, dizia-lhe ela.

“Você está trabalhando nisso”, respondia Susi, e ouvia pacientemente enquanto Celeste explicava, no que deveriam ser os mínimos detalhes, cada deslize pelo qual Perry a havia punido. “Sei que eu devia ter obrigado os meninos a arrumar os Legos naquele dia, mas eu estava cansada”, “Eu não devia ter dito o que disse”, “Eu não devia ter feito o que fiz”. Por alguma razão, ela precisava esmiuçar sem parar até os acontecimentos mais banais dos últimos cinco anos e tentar esclarecer tudo em sua mente.

“Isso não foi justo, foi?”, ela ficava perguntando a Susi, como se a terapeuta fosse a juíza e Perry estivesse lá ouvindo aquele árbitro independente.

“Você acha que foi justo?”, perguntava Susi, como uma boa terapeuta devia perguntar. “Você acha que merecia isso?”

Celeste observou o homem sentado à sua direita pegar o copo d’água. Suas mãos tremiam ainda mais que as dela, mas ele continuou levando o copo à boca, embora as pedras de gelo batessem e a água respingasse em sua mão.

Era um homem alto de aparência agradável e rosto fino na faixa dos trinta anos, usando uma gravata por baixo de um suéter vermelho de caimento ruim. Devia ser outro terapeuta, como Susi, mas um com fobia de falar em público. Celeste teve vontade de pôr a mão no braço dele para confortá-lo, mas não queria envergonhá-lo, pois, afinal, ele era o profissional.

Ela olhou para baixo e notou que a calça preta do homem havia subido. Ele estava usando meias soquetes marrom-claras com um bem engraxado sapato social. Era o tipo de pecado fashion que faria Madeline dar um ataque. Celeste deixara a amiga ajudá-la a escolher uma blusa de seda nova para usar naquele dia, com uma saia lápis e escarpins pretos. “Nada de dedo de fora”, dissera Madeline quando ela experimentara o traje com a sua opção de sandália. “Dedo de fora não é correto para esse evento.”

Celeste aquiescera. Andara deixando Madeline fazer muita coisa para ela naquele último ano. “Eu devia ter *percebido*”, ficava dizendo Madeline. “Eu devia ter percebido pelo que você estava passando.” Por mais que Celeste lhe garantisse que não haveria como ela ter notado, que nunca teria *permitido* que ela soubesse, Madeline continuara lidando com uma culpa sincera. Tudo que Celeste podia fazer era deixar que ela finalmente lhe desse apoio.

Celeste procurou um rosto simpático na plateia e escolheu uma mulher na faixa dos cinquenta, com uma expressão alegre e feições de pássaro, que ficou balançando a cabeça de um jeito encorajador durante a apresentação de Susi.

Celeste achou que ela lembrava um pouco a professora do primeiro ano dos meninos na nova escola pertinho do seu apartamento. Marcara uma reunião para conversar com ela antes de começarem as aulas. “Eles idolatravam o pai, e desde a morte dele, os dois andam tendo alguns problemas de comportamento”, contara-lhe Celeste em sua primeira reunião.

“É claro”, dissera a Sra. Hooper. Parecia que nada a surpreenderia. “Vamos ter uma reunião semanal para trabalharmos nisso.”

Celeste resistira ao impulso de jogar os braços em volta dela e chorar em sua linda blusa floral.

Os gêmeos não haviam lidado bem com a situação no decorrer do último ano. Estavam tão acostumados com longos períodos de ausência de Perry que custaram muito a entender que ele não ia mais voltar para casa. Reagiam como o pai fazia quando as coisas davam errado: com raiva e violência. Todo dia um tentava matar o outro, mas toda noite os dois acabavam na mesma cama, a cabeça no mesmo travesseiro.

Ver o sofrimento deles era como um castigo para Celeste, mas por quê? Por ter ficado com o pai deles? Por *desejar* que Perry morresse?

Bonnie não precisou cumprir pena na cadeia. Foi condenada por homicídio culposo devido a um ato ilícito e perigoso e sentenciada a prestar duzentas horas de serviço comunitário. Ao proferir a sentença, o juiz alegou que a culpabilidade da ré era mínima para aquele tipo de delito. Ele considerou o fato de Bonnie não ter antecedentes criminais, estar visivelmente cheia de remorso e, embora pudesse ser previsível,

a queda da vítima não tinha sido intencional.

Ele também levava em conta o testemunho de especialistas que afirmaram que o parapeito da varanda estava abaixo da altura mínima exigida pelo código atual de construção civil, os bancos não eram próprios para serem usados na varanda, e que entre os outros fatores que contribuíram para o acidente estavam o clima, o consequente estado escorregadio do parapeito e a embriaguez tanto da ré quanto da vítima.

Segundo Madeline, Bonnie realizava o serviço comunitário com grande prazer, com Abigail sempre ao seu lado.

Houve troca de cartas entre companhias de seguro e advogados, mas o incidente parecia ser algo que envolvia todos eles. Celeste deixara claro que não queria dinheiro nenhum da escola e que doaria quaisquer pagamentos que recebesse dos seguros, valores muito altos em consequência do acidente.

A casa e os outros imóveis foram vendidos, e ela se mudara para o pequeno apartamento em McMahons Point e voltara a trabalhar três vezes por semana em um escritório de advocacia familiar. Gostava de pensar em outra coisa durante horas.

Seus filhos eram beneficiários do fundo fiduciário, mas não eram esses fundos que iriam defini-los. Ela estava empenhada em fazer com que Max e Josh um dia aprendessem a se virar sozinhos.

Ela também fez um fundo fiduciário do mesmo valor para Ziggy.

— Você não precisa fazer isso — disse Jane, quando ela lhe contou, enquanto almoçavam em uma cafeteria perto do apartamento de Celeste. Pareceu horrorizada, quase enjoada. — Não quero o dinheiro dele. O seu dinheiro, quer dizer.

— É o dinheiro de Ziggy. Se soubesse que era filho dele, Perry ia querer que ele fosse tratado da mesma maneira que Max e Josh — disse Celeste. — Perry era...

Mas ela se viu incapaz de continuar, porque como poderia dizer a *Jane* que Perry era mais que generoso e escrupulosamente justo? Seu marido sempre fora muito justo, menos naqueles momentos em que era monstruosamente injusto.

Mas Jane esticara o braço na mesa da cafeteria, pegara sua mão e dissera:

— Sei que era. — Quase como se entendesse, sim, tudo que Perry era e não era.

Susi estava de pé no púlpito. Estava bem naquele dia. Reduzira a quantidade de maquiagem nos olhos, graças a Deus.

— As vítimas de violência doméstica muitas vezes não têm o aspecto que vocês esperam — disse Susi. — E suas histórias nem sempre soam preto no branco como seria de imaginar.

Celeste procurou a pessoa simpática que escolhera na plateia de

médicos de pronto-socorro, enfermeiras de triagem, clínicos gerais e terapeutas.

— E é por isso que convidei essas duas pessoas encantadoras aqui hoje... Elas muito generosamente abriram mão do seu tempo para dividir suas experiências com vocês.

Susi ergueu a mão para abarcar Celeste e o homem sentado ao seu lado. Ele colocara a mão na coxa para tentar conter a perna que balançava de nervoso.

Meu Deus, pensou Celeste. Piscou para conter uma onda súbita de lágrimas. *Ele não é terapeuta. É alguém como eu. Isso aconteceu com ele.*

Ela virou-se para olhar para o homem, que sorriu para ela, os olhos movendo-se como peixinhos miúdos.

— Celeste — chamou Susi.

Ela se levantou. Tornou a olhar para o sujeito de suéter, e de novo para Susi, que balançou a cabeça de um jeito encorajador. Então Celeste subiu os poucos degraus para se posicionar atrás do púlpito de madeira.

Examinou a plateia em busca daquela mulher simpática. Sim. Lá estava ela, sorrindo, movendo ligeiramente a cabeça em um gesto afirmativo.

Celeste respirou fundo.

Concordara em ir naquele lugar como um favor a Susi, e porque, claro, queria fazer a sua parte para garantir que os profissionais de saúde soubessem quando fazer mais perguntas, quando não deixar as coisas despercebidas. Ela andara planejando lhes dar os fatos, mas sem abrir o coração. Manteria a dignidade. Manteria uma pequena parte sua resguardada.

Mas de repente se viu tomada por um desejo apaixonado de contar tudo, dizer a verdade nua e crua, não guardar nada. Foda-se a dignidade.

Ela queria dar àquele homem apavorado do suéter brega a confiança para compartilhar a verdade nua e crua dele. Queria que ele soubesse que pelo menos uma pessoa naquele lugar entendia todos os erros que ele havia cometido pelo caminho: as vezes que revidara, as vezes que ele ficara quando devia ter ido embora, as vezes que dera mais uma chance à mulher, as vezes que ele a contrariara deliberadamente, que deixara os filhos verem coisas que não deveriam. Queria lhe dizer que sabia todas as pequenas mentiras perfeitas que ele contara a si mesmo durante todos aqueles anos, porque ela contara as mesmas para si. Queria envolver as mãos trêmulas dele com as suas e dizer: “Eu entendo.”

Ela segurou as laterais do púlpito e inclinou-se para o microfone. Havia uma coisa bem simples e no entanto muito complicada que ela precisava que aquelas pessoas entendessem.

— Isso pode acontecer...

Parou. Afastou-se ligeiramente do microfone e pigarreou. Viu Susi de pé em um lado da sala prendendo a respiração com a expressão de uma mãe cujo filho está se apresentando em público pela primeira vez. Tinha as mãos ligeiramente levantadas, como se estivesse pronta para correr, segurar Celeste e levá-la para algum lugar seguro.

Celeste aproximou mais a boca do microfone e sua voz soou alta e clara:

— Isso pode acontecer com qualquer um.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, agradeço a todas as pessoas maravilhosas e talentosas da Amy Einhorn Books, com um agradecimento especial à própria incrível Amy Einhorn, bem como a Liz Stein e Katie McKee.

Agradeço à minha agente Faye Bender, e às minhas editoras pelo mundo afora, especialmente Cate Paterson, Celine Kelly e Maxine Hitchcock.

Agradeço imensamente a Cherie Penney, Marisa Vella, Maree Atkins, Ingrid Bown e Mark Davidson por generosamente abrirem mão de seu tempo para que eu pudesse me beneficiar de suas áreas de especialização.

Tenho o péssimo hábito de vasculhar as conversas à procura de material. Obrigada a Mary Hassal, Emily Crocker e Liz Frizell por me permitirem tomar emprestados pedacinhos da vida de vocês para fins ficcionais. Aqui parece um bom local para deixar claro que os pais da maravilhosa escola onde meus filhos estudam não têm *nada* a ver com os da Escola Pública de Pirriwee, e comportam-se decepcionantemente bem nas festas escolares.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, a Kati, Fiona, Sean e Nicola, com um agradecimento especial à minha irmã, a brilhante autora Jaclyn Moriarty, que tem sido e sempre será a minha primeiríssima leitora.

Obrigada a Anna Kuper por facilitar muito a minha vida de tantas maneiras.

Agradeço a colegas autoras e amigas Ber Carroll e Dianne Blacklock por transformarem turnês literárias em fins de semana de viagem entre amigas. (Ber até consegue tornar divertida a atividade de *fazer compras*.) Nós produzimos um boletim informativo em conjunto chamado *Book Chat*. Para assinar, visite o meu site: www.lianemoriarty.com.

Agradeço a Adam, George e Anna por tornarem meu mundo completo. E meio barulhento e louco.

No fim, este romance acabou se tornando uma história sobre

amizade, então dedico-o à minha amiga Margaret Palisi, com quem compartilho trinta e cinco anos de lembranças.

Os seguintes livros me foram úteis para escrever: *Not to People Like Us: Hidden Abuse in Upscale Marriages*, de Susan Weitzman (2000), e *Surviving Domestic Violence: Voices of Women Who Broke Free*, de Elaine Weiss (2004).

SOBRE A AUTORA



© Uber Photography

Liane Moriarty é autora do best-seller *O segredo do meu marido* e de outros cinco livros. Ela mora em Sydney, na Austrália, com o marido e os dois filhos pequenos e barulhentos.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA AUTORA



O segredo do meu marido

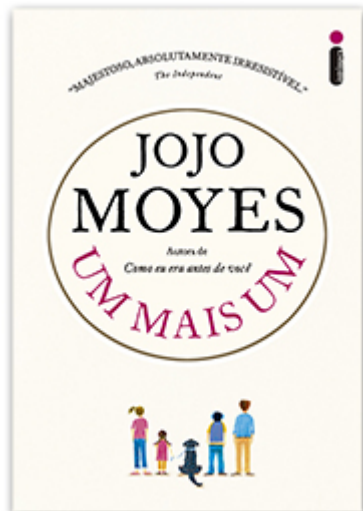
LEIA TAMBÉM



Tigres em dia vermelho
Liza Klaussmann



Garota exemplar
Gillian Flynn



*Um mais um
Jojo Moyes*